

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ALMIR ALMEIDA DE OLIVEIRA

**PROCESSOS DE PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES EM
MACEIÓ**

Maceió - Alagoas

2017

ALMIR ALMEIDA DE OLIVEIRA

**PROCESSOS DE PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES EM
MACEIÓ**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGLL/UFAL, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Aldir Santos de Paula.

Maceió - Alagoas

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

O48p Oliveira, Almir Almeida de.
 Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió /Almir Almeida de Oliveira. –2017.
 247f. : il.

Orientadora: Aldir Santos de Paula.
Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 239-245.
Anexos: f. 246-247.

1. Fonologia. 2. Geometria de traços. 3. Sociolinguística. 4. Variação linguística. 5. Palatalização. I. Título.

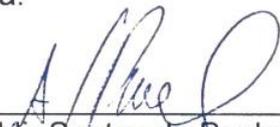
CDU: 81'342.52

TERMO DE APROVAÇÃO
ALMIR ALMEIDA DE OLIVEIRA

Título do trabalho: "A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES EM MACEIÓ"

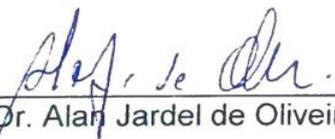
Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

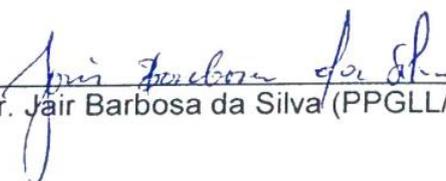


Prof. Dr. Alcir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Examinadores:



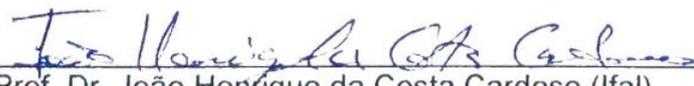
Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira (PPGLL/Ufal)



Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGLL/Ufal)



Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (Ufal)



Prof. Dr. João Henrique da Costa Cardoso (Ufal)

Maceió, 06 de abril de 2017.

Aos meus pais,
Maria José de Oliveira e
Augusto Almeida de Oliveira,
inspiração e afeto de toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Este momento de agradecimento é o mais exorável de toda produção acadêmica por ser o instante de agradecer e homenagear pessoas importantes na minha vida e na produção desta tese, embora também seja um momento ingrato, já que, infelizmente, não vou conseguir lembrar de todos que caminharam comigo até aqui, de modo que ausências prevalecerão...

Agradeço inicialmente a Deus por me proporcionar forças para superar cada etapa de minha vida e a cada dia adquirir mais certeza de seu amor;

Agradeço principalmente a papai por ter sido meu primeiro professor e, mesmo com toda simplicidade de um homem do campo, através de brincadeiras e com muita ternura, ter me alfabetizado em casa, antes mesmo de ir à escola, sendo ele, portanto, meu maior incentivador dessa luta acadêmica;

À mamãe por tantas orações e por sempre ter sido meu porto seguro e de aconchego – a minha fortaleza – cujo colo ainda hoje busco quando os pilares estremecem;

À minha mãedrinha Alteniza que sempre foi exemplo de serenidade e discernimento, me puxando à razão e me incentivando nos momentos mais críticos;

Agradeço e sempre serei grato, à Luciana Luz, por ter dividido comigo os momentos mais delicados da vida acadêmica e a quem peço perdão pelos momentos de infortúnios;

Ao meu orientador, amigo e, às vezes, pai, Prof. Dr. Aldir Santos de Paula por me adotar durante esses últimos quatro anos;

Aos professores Dr. João Henrique, Dra. Elyne Vitório e Dr. Alan Jardel pelas valiosíssimas contribuições dadas à produção desta tese;

Às amigas Edna Porangaba, Jeylla Salomé, Dariana Nunes, Thamires Marques e Andressa Kaline, pelas leituras prévias desta tese.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante o período de desenvolvimento desta pesquisa.

A todos que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho acadêmico.

A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil, dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.

MARROQUIM, Mário.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os processos fonéticos/fonológicos de palatalização das oclusivas alveolares produzidos no Português Brasileiro falado em Maceió sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), contrapondo os dados linguísticos coletados com variáveis externas (idade, sexo e escolaridade) e internas (contexto anterior, contexto seguinte, acento, tamanho da palavra, vozeamento e fronteira lexical), a fim de identificar possíveis condicionantes de uso das variantes. A pesquisa busca analisar os processos de palatalização considerando os contextos mais produtivos, o regressivo, bastante comum nas comunidades de fala do Sul e do Sudeste do Brasil em palavras do tipo “[d₃]ia” e “den[t_j]e”, e o progressivo, presente, até agora, em algumas localidades do Nordeste (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012). Nesta cidade, o uso mais recorrente é o da palatalização progressiva, em que o elemento fonológico que dispara o processo encontra-se em posição precedente às oclusivas alveolares, em palavras como “pei[t_j]o”, “doi[d₃]o” e “gos[t_j]o” e são condicionadas principalmente pela escolaridade do colaborador. Utilizo como referencial teórico a perspectiva autosegmental da geometria dos traços fonológicos de Clements (1999 [1985]) e Clements e Hume (1996), a partir da qual será apresentada uma proposta lógica de análise da palatalização realizada nessa comunidade de fala. Deste modo, parto do pressuposto que os traços fonológicos distintivos se organizem em uma hierarquia passível de representação arbórea que obedece a critérios específicos de constrição. Assim, a partir do método hipotético-dedutivo, defendo a hipótese de que certos traços fonológicos funcionam como gatilhos deste processo, autorizando a palatalização das oclusivas alveolares.

Palavras-chaves: Sociolinguística Variacionista; Palatalização; Fonologia; Geometria de traços; Maceió.

ABSTRACT

This work aims to investigate the phonetic/phonological processes of palatalization of the alveolar stop produced in Brazilian Portuguese spoken in Maceió in the Variationist Sociolinguistics perspective (LABOV, 2008 [1972]), comparing linguistic data collected with external variables (age, sex and schooling), and internal variables (previous context, following context, accent, word size, voicing and lexical border), aiming to identify possible conditionings of use of the linguistic variants. In this way, this research intends to analyze processes of palatalization considering the most productive contexts, the regressive, quite common in the communities of Brazil's South and Southeastern as words of type "[dʒ]ia" e "den[tʃ]e", and the progressive, current, so far, in some localities of the Northeast (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE, HORA, 2012). In this city, the use of progressive palatalization is recurrent, in which the phonological element that allows the process is in a precedent position to the alveolar stop, as in words like "pei[tʃ]o", "doi[dʒ]o" e "gos[tʃ]o" and are mainly conditioned by the collaborator's schooling. To this end, I will use as a theoretical framework the geometry autosegmental perspective of phonological traits from Clements, (1999 [1985]) and Clements & Hume (1996), from which I will present a logical proposal of palatalization analysis held in that speech community. It is assumed in this way, that the distinctive phonological traits are organized in a hierarchy that can be represented by a tree that obeys a specific criterion of constriction. Thus, from the hypothetical-deductive method, I defend the hypothesis of phonological traits as triggers of this process, authorizing a palatalization of alveolar.

Keywords: Sociolinguistic Variationist; Palatalization; Phonology; Geometry feature; Maceió.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Regra de palatalização das oclusivas alveolares	72
Figura 2 – Regra de palatalização das oclusivas alveolares a partir de traços fonético/fonológicos.....	73
Figura 3 – Representação arbórea tridimensional.....	76
Figura 4 – Representação arbórea tridimensional com traços	77
Figura 5 – Estrutura arbórea autossegmental	78
Figura 6 – Fiada de esqueleto ou linha prosódica.....	79
Figura 7 – Representação arbórea autossegmental	80
Figura 8 – Assimilação de traços	82
Figura 9 – Espreadimento de traços	82
Figura 10 – Princípio de contorno obrigatório.....	83
Figura 11 – Traços de articulação oral das oclusivas /t/ e /d/.....	85
Figura 12 – Traços de articulação oral	86
Figura 13 – Segmento complexo.....	87
Figura 14 – Segmentos de contorno	88
Figura 15 – Palatalização das oclusivas alveolares como segmento de contorno	89
Figura 16 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “dói muito” do colaborador 1BAF.	157
Figura 17 – Oscilograma das consoantes africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ]. ...	158
Figura 18 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “tem esse direito” do colaborador 1MCF.....	159
Figura 19 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “ter cuidado” do colaborador 1MBF.....	159
Figura 20 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “manifestação” do colaborador 1BAF	160
Figura 21 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “quase todo dia” do colaborador 1BEAF	161
Figura 22 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “mas depois eu” do colaborador 1FCM.....	161
Figura 23 – Processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo.....	231

Figura 24 – Resultado do processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo	232
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Peso relativo dos tipos de vogal realizada em Pagotto (2004)	97
Gráfico 2 – Produto Interno Bruto de Maceió (Valor Adicionado).....	139
Gráfico 3 – Distribuição das variantes palatalizadas pelos níveis de escolaridade em um modelo de variação categórica.....	167
Gráfico 4 – Distribuição das variantes palatalizadas pela escolaridade em modelo de variação linear	168
Gráfico 5 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre as variáveis sociais sexo e idade	175
Gráfico 6 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre as variáveis sociais sexo e escolaridade.....	176
Gráfico 7 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre as variáveis sociais idade e escolaridade (continua)	178
Gráfico 8 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística contexto seguinte	181
Gráfico 9 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística acento	183
Gráfico 10 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística fronteira lexical	184
Gráfico 11 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística vozeamento.....	185
Gráfico 12 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística tamanho da palavra.....	186
Gráfico 13 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística contexto anterior às oclusivas	187
Gráfico 14 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre idade e escolaridade no modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas (continua)	192
Gráfico 15 – Palatalização das oclusivas alveolares e a interação entre sexo e escolaridade no modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas	195
Gráfico 16 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto seguinte em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas	196

Gráfico 17 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável acento em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas	199
Gráfico 18 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas	201
Gráfico 19 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a fricativa /S/ em posição de gatilho	202
Gráfico 20 – Palatalização das oclusivas alveolares e a interação entre idade e escolaridade em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	209
Gráfico 21 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	211
Gráfico 22 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto seguinte em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	213
Gráfico 23 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	214
Gráfico 24 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	216
Gráfico 25 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tamanho de palavra em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	217
Gráfico 26 – Comparação da interação entre idade e escolaridade nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho (continua)	219
Gráfico 27 – Comparação do contexto seguinte nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho	222
Gráfico 28 – Comparação da fronteira lexical nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho.....	224
Gráfico 29 – Comparação do vozeamento nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho.....	225

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A palatalização de /k,p,f/	27
Quadro 2 – Composição dos traços distintivos	70
Quadro 3 – Assimilação de coronais em uma sequência oclusiva	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução diacrônica da palatalização na Língua Portuguesa	24
Tabela 2 – Evolução diacrônica da palatalização nas línguas latinas	26
Tabela 3 – Palatalização na posição de semivogal em línguas latinas	27
Tabela 4 – Traços fonéticos da palavra “oito”	71
Tabela 5 – Variável segundo sexo e faixa etária em Pagotto (2004)	99
Tabela 6 – Relação da faixa etária com o estilo em Mota e Rolomborg (1997)	111
Tabela 7 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em Henrique e Hora (2012)	120
Tabela 8 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável escolarização em Henrique e Hora (2012).....	120
Tabela 9 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em Henrique e Hora (2012)	121
Tabela 10 – Contextos palatalizáveis investigados em Maceió (continua).....	162
Tabela 11 – Palatalização progressiva e regressiva	163
Tabela 12 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto fonético seguinte em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas (continua)	198
Tabela 13 – Palatalização das oclusivas alveolares e variável acento em um modelo com a fricativa /S/ em posição de gatilho	200
Tabela 14 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em um modelo com a fricativa /S/ em posição de gatilho	201
Tabela 15 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas	203
Tabela 16 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	212
Tabela 17 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto seguinte em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	213
Tabela 18 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	215
Tabela 19 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas	216

SUMÁRIO

1.	EMPUNHANDO A MÁQUINA DE FOTOGRAFIA	18
2.	ORIGEM E EVOLUÇÃO DA FOTOGRAFIA	22
2.1	História da Língua Portuguesa.....	22
2.2	Evolução diacrônica da palatalização	25
3.	O QUE FOTOGRAFAR.....	29
3.1	Desenvolvimentos sociolinguísticos	30
3.2	Sociolinguística Variacionista.....	37
3.2.1	As faces da variação	39
3.2.1.1	Variáveis e variantes	41
3.2.1.2	Varição diastrática	45
3.2.1.2.1	Fator idade.....	47
3.2.1.2.2	Fator escolaridade	52
3.2.1.2.3	Fator Sexo	55
3.2.2	Comunidade de fala.....	57
4.	AJUSTANDO A CÂMERA.....	62
4.1	Teorias fonológicas	68
4.1.1	Modelo linear	68
4.1.2	Fonologia não linear	73
4.1.2.1	Fonologia Autossegmental	74
5.	ESCOLHENDO O ÂNGULO	91
5.1	Região Sul.....	91
5.1.1	Bisol (1991)	92
5.1.2	Pagotto (2004).....	95
5.1.3	Battisti et al (2007).....	100
5.1.4	Dutra (2007).....	102
5.2	Sudeste	105

5.2.1	Carvalho (2002).....	105
5.3	Nordeste.....	107
5.3.1	Hora (1990)	108
5.3.2	Mota e Rolemberg (1997).....	109
5.3.3	Souza Neto (2014).....	112
5.3.4	Henrique e Hora (2012)	117
5.3.5	Santos (1996)	122
5.4	Sumário da Palatalização das oclusivas alveolares no Brasil	127
6.	UMA IMAGEM A FOTOGRAFAR	134
6.1	Geografia de Maceió.....	134
6.2	História de Maceió.....	136
6.3	Economia de Maceió.....	138
7.	FOTOGRAFANDO	141
7.1	Metodologia.....	141
7.1.1	Coleta de dados.....	143
7.1.2	Tratamento dos dados.....	145
7.1.3	Variáveis sociais	146
7.1.3.1	Idade.....	147
7.1.3.2	Sexo	148
7.1.3.3	Escolaridade	149
7.1.4	Variáveis linguísticas	150
7.1.4.1	Contexto anterior	151
7.1.4.2	Contexto seguinte	152
7.1.4.3	Acento.....	152
7.1.4.4	Tamanho da palavra.....	153
7.1.4.5	Fronteira lexical	153
7.1.4.6	Vozeamento.....	154
8.	REVELANDO AS FOTOGRAFIAS.....	155

8.1	A fala de Maceió	155
8.1.1	Análise acústica.....	156
8.1.2	Análise estatística dos dados	162
8.1.2.1	Programa R	164
8.1.2.2	Modelo de Regressão Logística	165
8.1.2.3	Descrição e Análise dos resultados.....	170
8.1.2.4	Análise dos dados com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.....	188
8.1.2.5	Análise dos dados com a semivogal [j] no contexto anterior às oclusivas.....	203
8.1.2.6	Contrastes entre os modelos com a fricativa alveolar /S/ e a semivogal [j] em contexto anterior às consoantes oclusivas alveolares	218
9.	COMO INTERPRETAR ESSAS FOTOGRAFIAS	226
9.1	Implicações fonológicas dos dados.....	227
9.2	Uma proposta de análise	228
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	234
	REFERÊNCIAS.....	240

1. EMPUNHANDO A MÁQUINA DE FOTOGRAFIA

Eu começo este trabalho explicando ao leitor a ousadia metafórica apresentada no sumário de, em uma tentativa quase artística/literária, expor o árduo trabalho do pesquisador, desde a escolha do objeto, às pesquisas bibliográficas, à coleta e ao tratamento dos dados, à análise, até chegar aos resultados finais, como arte/profissão análoga à do fotógrafo.

O profissional da fotografia, antes do *click*, deve ter claro qual objeto será registrado em sua máquina, se pessoas – como o fotógrafo de eventos –, se pessoas para peças publicitárias, se animais para registro enciclopédico, alimentos para ilustração de livros, esportes, o universo submarino, etc. Dependendo do tipo de fotógrafo e qual o alvo de sua fotografia, o profissional deve estar previamente consciente do que está fazendo, para poder selecionar o melhor equipamento e fazer os necessários ajustes, ir a campo, escolher os melhores ângulos, clicar – de preferência várias vezes – e voltar ao laboratório para, com ajuda da tecnologia digital ou de uma série de substâncias químicas, revelar as fotos, selecionar as que ficaram boas e que trazem a essência do que foi fotografado e a visão do fotógrafo.

Com o advento da fotografia no final do século XVIII, as pessoas achavam que a pintura estava com os dias contados, pois aparentemente não havia mais sentido esperar dias até um pintor fazer uma reprodução de uma imagem, se o fotógrafo conseguia fazer isso em poucas horas e com extrema exatidão. Na verdade, até hoje a foto tem esse aspecto de exatidão, de mostrar a realidade, independentemente de argumentos. É de tal modo que a foto ainda é uma das provas mais almejadas pelos agentes do Direito como uma forma de mostrar o fato sem ter que passar pela falseabilidade dos depoimentos.

Embora realmente possa mostrar uma imagem estática real, há uma interferência humana e casual fundamental para se chegar a esse enquadramento da realidade, que vai desde às intenções do fotógrafo ao escolher o alvo da fotografia, o ângulo, a luz e diversas interferências naturais. Ou seja, a fotografia não é isenta, ao menos completamente, de passionalidades, mas revela um autor e suas intenções.

Ainda fazendo uma analogia das atividades do fotógrafo com o trabalho do pesquisador, se todos os fotógrafos resolvessem utilizar as mesmas configurações da máquina fotográfica, limitaria bastante a potencialidade de revelações fotográficas e poderia ao menos uma das vertentes do fotógrafo, que é o aspecto criativo e artístico.

Embora o fotógrafo não tenha obrigação, em si, de revelar a verdade, principalmente quando se trata de um fotógrafo artístico, o pesquisador, por outro lado, tem e deve sempre buscar por esta, mesmo sabendo que todas as suas escolhas nesse processo de pesquisa de algum modo vão interferir nos resultados finais. E, para mim, concordando com o princípio racionalista cartesiano, o principal modo de se chegar ao resultado mais exato e verdadeiro é esquecer as idiosincrasias postas e passar a desconfiar de tudo que está ao redor, principalmente do que é inquestionável.

E, quanto ao equívoco mais recorrente de nossos sonhos, que consiste em nos representarem vários objetos tal como fazem nossos sentidos exteriores, não importa que ele nos dê a oportunidade de desconfiar da verdade de tais ideias, porque estas também podem nos enganar repetidas vezes, sem que estejamos dormindo, como ocorre quando os que têm icterícia veem tudo da cor amarela, ou quando os astros ou outros corpos extremamente distantes de nós se nos afiguram muito menores do que são. Pois, enfim, quer estejamos despertos, quer dormindo, *jamaiz devemos nos deixar convencer exceto pela evidência de nossa razão*. (DESCARTES, 2001, p. 45, itálico meu)

Com a pesquisa científica também é assim. Desde o século XVIII, o conhecimento científico ganhou um extraordinário espaço no meio social, de modo que as outras formas de conhecimento, como o popular, o religioso e o filosófico foram gradativamente perdendo espaço, outorgando à ciência um aparente monopólio de verdades, justamente por sua natureza racional.

Sem dúvidas, o que permitiu à ciência este espaço de relevância foi a exatidão de seu conhecimento e uma aparente ausência da interferência humana. Reverberando sobre o positivismo comtiano, a ciência obteve êxito nos últimos séculos justamente por propor uma estruturação e um tratamento das verdades que dispensassem os achismos e sentimentos humanos, mas revelasse as verdades intactas e, por isso, passíveis de maior credibilidade. Afinal, “tudo o que é positivo, isto é, fundado em fatos bem constatados, é certo – não há distinção a esse respeito”. (COMTE, 1978 p. 35)

No entanto, com o advento do pós-modernismo e os avanços da física quântica, o que se pode ver é que não existe nenhum tipo de conhecimento isento das paixões humanas, mas, ao contrário, todo conhecimento é recheado de sua presença e revelador de verdades parciais (se pensarmos filosoficamente a verdade como algo imutável e livre de contradições), que necessitam de interpretações para serem compreendidas. Os fatos nunca falam por si só, mas são sempre lidos pelo homem,

que, por sua vez, é indissociável de sua história e, conseqüentemente, de suas paixões.

É pensando a ciência desta forma que realizo a minha pesquisa e escrevo esta tese, tendo a consciência de que todos os resultados aqui apresentados sofrem uma grande interferência das minhas visões de mundo, dos meus anseios, da minha história, das minhas leituras e até do meu estilo pessoal de escrita, de modo que pretendo um texto tão exato e verdadeiro como uma fotografia, mas que consiga ser o registro claro de uma pesquisa científica.

Num primeiro momento, elucubro o tipo de fotógrafo que estarei sendo neste trabalho (de eventos, esportes, animais, submarino, de paisagens, etc.). Vejo, portanto, que a minha filiação à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) determina que tipo de fotógrafo serei, como tratarei os dados e os interpretarei.

Reflito sobre alguns conceitos fundamentais da Sociolinguística, mas ainda cabíveis de discussões e que são fundamentais para o tratamento dos dados, como a noção de variante e variável, comunidade de fala e identidade, tentando deixar nítido o caminho teórico que trilho para a realização desta pesquisa.

Por se tratar de um fenômeno fonético/fonológico, faço uso da perspectiva autossegmental da geometria dos traços fonológicos (CLEMENTS; HUME, 1999 [1985]) para compreender como se comportam os segmentos linguísticos envolvidos no processo ao permitirem a palatalização das oclusivas alveolares no português falado em Maceió.

Busco descrever este fenômeno como uma característica histórica em línguas latinas, averiguando a valoração social que há por trás desse fenômeno no português moderno falado na capital alagoana e como os fatores linguísticos e extralinguísticos se relacionam com os processos de palatalização, condicionando seus usos, inclusive observando se a variação é estável ou se trata de uma mudança em curso.

Desse modo, no capítulo seguinte, o capítulo 2º, intitulado **Origem e evolução da fotografia**, apresento um breve histórico do surgimento e da evolução da língua portuguesa, desde o latim clássico até os dias atuais, dando uma maior ênfase à palatalização, processo tão comum nas línguas neolatinas, principalmente no português, e que é objeto de análise desta tese.

No capítulo 3º, **O que fotografar**, apresento algumas particularidades da sociolinguística em seu aspecto macroestrutural, destinando maior atenção à

Sociolinguística Variacionista e aos termos e conceitos desta importante corrente teórica que vem fornecer, principalmente, as bases metodológicas desta pesquisa.

No capítulo 4º, **Ajustando a câmera**, exponho as peculiaridades das teorias fonológicas utilizadas na análise dos dados, precisamente a Fonologia não linear e a Geometria de traços fonológicos, que vão servir de base para a sustentação da tese principal deste trabalho.

Em **Escolhendo o ângulo**, no capítulo 5º, faço uma contraposição com outros importantes estudos realizados em todo o país acerca da palatalização das oclusivas alveolares, destacando particularidades desses processos fonéticos/fonológicos em cada uma das regiões do país em que acontece.

Em **Uma imagem a fotografar**, no capítulo 6º, descrevo um pouco da geografia e da história de Maceió, bem como as características basilares da economia local, fundamentais para compreender a construção da sociedade maceioense e, conseqüentemente, da comunidade de fala analisada.

No capítulo 7º, **Fotografando**, descrevo os caminhos percorridos durante o período de coleta de dados, considerando a estratificação dos colaboradores, a duração e a codificação dos áudios, as transcrições dos áudios e o tratamento das variáveis investigadas.

No capítulo 8º, **Revelando as fotografias**, aponto as particularidades da palatalização das oclusivas alveolares realizadas em Maceió através de análise estatística dos dados, revelando como as variáveis sociais estão correlacionadas às variáveis linguísticas, bem como também apresento os resultados de breve análise acústica dos áudios.

E, no capítulo 9º, **Como interpretar essas fotografias**, proponho uma interpretação dos resultados obtidos, refletindo as particularidades fonéticas/fonológicas dos processos de palatalização das oclusivas alveolares realizados em Maceió.

2. ORIGEM E EVOLUÇÃO DA FOTOGRAFIA

Assim como para o fotógrafo é imprescindível compreender os aspectos evolutivos da fotografia, inclusive conhecer as tendências estéticas do momento, entender os movimentos contemporâneos que envolvem a arte de fotografar, etc., para o linguista, a realidade é a mesma, pois, para fazer o tratamento teórico adequado da palatalização, é necessário considerar os aspectos evolutivos destes processos e como ele tem surgido e modificado a língua no decorrer do tempo, desde o latim até os dias atuais, passando pelo galego-português e estendendo-se às variações produzidas em Maceió.

2.1 História da Língua Portuguesa

O português falado no Brasil surgiu como uma variedade do português falado em Portugal, que, por sua vez, se originou da Latim Vulgar, que já era uma variação do Latim Clássico, de modo que não seria exagero dizer que hoje se fala Latim no Brasil. Essa nomenclatura só não é possível porque a definição de língua não se refere ao conjunto linguístico em si, mas ao momento histórico em que é realizada, considerando as suas particularidades variacionais (Cf. VASCONCELOS, 2010).

Por isso, é natural, ao observar os processos diacrônicos da língua portuguesa, notar que estes geralmente resultam de comportamentos estruturais comuns dentro das línguas latinas, podendo ocorrer naturalmente em outras línguas. Assim, para melhor compreender a palatalização das oclusivas alveolares que se realiza em Maceió, faz-se mister investigar os processos evolutivos da língua desde o latim até os dias atuais, a fim de observar certas tendências de variação e mudança linguísticas no interior da língua.

O latim nasceu na região do Lácio, onde hoje se localiza a Itália, próximo ao rio Tibre, e se tornou uma das línguas mais importantes da humanidade, senão a mais importante, sendo levada pelo Império Romano a praticamente todo território europeu, inclusive à região da Península Ibérica, onde hoje estão localizadas Portugal e Espanha, tornando-se a língua oficial do cristianismo romano, o que deu a esta língua um poder social e religioso imenso.

Devido às dimensões que o Império Romano adquiriu, no contato linguístico com línguas bárbaras, bem como a outros fatores sociais, o latim sofreu diversas variações por onde chegou, originando o chamado latim vulgar que seria a língua falada pelas pessoas comuns em suas ações diárias. De modo que não é exagero falar em latins vulgares, levando em consideração que em cada região, em cada lugar que chegou, o latim sofreu diferentes influências, o que permitiu o surgimento de línguas como Português, Espanhol, Francês, Romeno, Italiano, entre outras,

O latim chegou à Península Ibérica por volta do século II a.C, período das guerras púnicas, entre romanos e cartagineses, povos que habitavam a região Sul da península. Em seguida, toda a região ibérica foi conquistada e o latim imposto como língua oficial nas transações comerciais e nos atos oficiais, passando a funcionar como veículo de acesso a uma cultura mais avançada, de modo que, por volta do século V d.C., a península já estava completamente romanizada, pertencendo politicamente ao Império Romano e falando latim, como assevera Assis (2011, p. 116):

A romanização da Península Ibérica não se deu de maneira uniforme, mas gradativamente, o latim foi se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas. Há vestígios apenas na área do vocabulário. Quando ocorreu a queda do Império Romano, a Península Ibérica estava totalmente latinizada (século I d.C.).

Com a queda do Império Romano, a situação política da península ficou instável, o que resultou em diversas invasões de povos bárbaros, como os suevos, os vândalos, os alanos e os visigodos. Os povos suevos e visigodos foram os que mais resistiram ao tempo, consolidando vastos reinos, mas mantendo as características linguísticas do latim vulgar em sua versão hispano-românica, bem como a religião cristã.

Com a chegada dos mouros à Península Ibérica, a língua árabe é imposta como língua oficial, mas a população – talvez por questões mais religiosas que políticas – continuou a falar o romance ou galego. Por séculos, os mulçumanos e cristãos mantiveram uma guerra religiosa, que teve início por volta do ano 718 no Norte da Península, na chamada Reconquista, e estendeu-se pelo Sul até o final do século XV.

De acordo com Teyssier (1982), os primeiros textos encontrados em Língua Portuguesa datam do século XIII, em uma época que ainda não há distinções com o galego, que é falado também na Província da Galícia, onde hoje se localiza a Espanha. Nesse momento, o galego-português já apresenta marcas particulares que

o distingue do latim, como, por exemplo, a palatalização nos grupos *ci*, *ce*, *gi*, *ge*, produzidos no latim como as iniciais das palavras “quilo”, “queda”, “guizo” e “guerra”, que eram pronunciadas no galego como africadas [tʃ] e [dʒ]:

Tabela 1 – Evolução diacrônica da palatalização na Língua Portuguesa

Latim	Galego	Português atual
Ciuitatem	[tʃ]ivitate	cidade
Centum	[tʃ]entu	cento
Regina	re[dʒ]ina	rainha
Frigidum	fri[dʒ]idu	frio

Fonte: Teyssier (1982, p. 12)

Datam do século IX os primeiros documentos oficiais não latinos da região, escritos em galego, bem como textos literários e peças de utilidade jurídica, como testamentos, que já apresentavam características estruturais e fonéticas bem distintas do latim, configurando-se como uma nova língua.

O romance galego-português, também conhecido como *galaico-português* ou *português antigo*, consolidou-se como língua falada e escrita da Lusitânia. Simultaneamente aos avanços dos cristãos para o sul, os dialetos do norte interagem com os dialetos moçárabes do sul, começando o processo de diferenciação do português em relação ao galego-português. (ASSIS, 2011, p. 127)

A distinção entre o português e o galego se deu com a separação de Portugal, no século XII, da Província de Galícia, de modo que as principais barreiras entre o português e o galego eram muito mais de cunho político que linguístico, levando em consideração que, naquele momento, a identidade nacional estava diretamente relacionada com a necessidade de uma língua pátria, o que motivou quase todos os países da Europa a assumirem suas particularidades linguísticas e desenvolverem suas próprias línguas nacionais.

Com a colonização do Brasil, no século XVI, pelos portugueses, a Língua Portuguesa entra em contato com as diversas línguas já faladas aqui pelos povos indígenas e, mais tarde, com as línguas africanas trazidas pelos escravos. Os portugueses encontraram no Brasil uma terra repleta de povos indígenas, com suas

particularidades, culturas e línguas, chegando, de acordo com Rodrigues (2005), a cerca de 1,2 mil línguas indígenas faladas no território brasileiro naquele momento.

Por séculos, o contato dos portugueses com os nativos se deu através de línguas gerais, que seria uma língua de base indígena com grande influência estrutural do português. Havia, até o século XIX, indícios de duas línguas gerais faladas no Brasil, a *abanheenga*, língua geral paulista e a *nheengatu*, língua geral amazônica. “Todos os grupos étnicos – índios de diversas tribos, europeus e africanos – sabiam se comunicar usando esse sistema tupi, sem dúvida com conhecimentos mais ou menos profundos, segundo as circunstâncias individuais de cada um” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 28).

Os africanos escravizados trazidos para o Brasil até o século XVIII vinham principalmente de duas regiões distintas, uma de procedência sudanesa, de origem lorubá, que tinha como destino mais comum a região Nordeste, através de Salvador; e outra oriunda da região Sul da África, de origem Banto, pertencente à família linguística Quimbundo, que tinha destino mais provável o Sul e Sudeste do Brasil, chegando através do porto do Rio de Janeiro.

As línguas africanas também foram absorvidas pelo Português, possivelmente deixando suas marcas de influência (Cf. LUCCHESI, 2000), mas o predomínio da língua lusitana se tornou oficialmente determinada com a “Lei do Diretório”, instituída pelo Marquês de Pombal, em 1757, proibindo o uso da língua geral, bem como de qualquer outra língua que não fosse o Português.

Hoje, apesar de haver cerca de 180 línguas indígenas no Brasil (Cf. RODRIGUES, 2005), vestígios de línguas crioulas e comunidades imigrantes que mantêm suas origens linguísticas – principalmente na Região Sul do Brasil – o uso da Língua Portuguesa é predominante em todo território brasileiro, sendo falado por cerca de 200 milhões de pessoas.

2.2 Evolução diacrônica da palatalização

Algumas inovações linguísticas que ocorreram no latim vulgar se estenderam ao português e a demais línguas neolatinas, como a palatalização. De acordo com Teyssier (1982, p. 11), “entre as inovações fonéticas do latim imperial, algumas terão consequências importantíssimas. É o caso da palatalização”.

Tem-se como processo evolutivo fonético do latim peninsular e marca própria do galego, o surgimento de fonemas palatalizados em [tʃ] em palavras do tipo “preço”, “praça” e “faço”, etc. que evoluíram para hoje serem pronunciadas em português com a fricativa alveolar /S/.

Na verdade, é interessante observar a aparente transformação natural de sons oclusivos no latim para sons fricativos nas línguas neolatinas, conforme pode ser verificado nesta tabela de Ilari (1999):

Tabela 2 – Evolução diacrônica da palatalização nas línguas latinas

Lat. vulg. (cláss.)	sardo	rom.	it.	fr.	esp.	port.
*cinque [quinque]	chimbe	cinci	cinque	cinq	cinco	cinco
	[k]	[tʃ]	[tʃ]	[s]	[θ]	[s]
cera	chera	ceara	cera	cire	cera	cera
	[k]	[tʃ]	[tʃ]	[s]	[θ]	[s]
carru	carru	car	carro	char	carro	carro
				[ʃ]		
colore	colore	culoare	colore	couleur	color	cor

Fonte: Ilari (1999, p. 79)

Em quase todas as regiões da Romênia surge a presença da africada [tʃ], inclusive na região oriental – o que inclui a parte sul e o centro da Itália – local em que se mantém relativamente intacta, enquanto nas regiões ocidentais, onde estão localizados França, Espanha e Portugal, essa africada tenha evoluído para [ts] e depois para [s], conforme é falado nos dias atuais na maior parte das línguas neolatinas.

A palatalização ocorre em diversos contextos fonéticos/fonológicos no processo evolutivo das línguas latinas, como na posição de semivogal em palavras do tipo *iugu*, conforme pode ser visualizado na tabela 3:

Tabela 3 – Palatalização na posição de semivogal em línguas latinas

lat. vulg. [cláss.]	sardo	rom.	it.	fr.	esp.	port.
<i>lugu</i>	<i>juu</i> [j]	<i>juk</i> [dʒ]	<i>giogo</i> [dʒ]	<i>joug</i> [ʒ]	<i>vugo</i> [j]	<i>jugo</i> [ʒ]

Fonte: Ilari (1999, p. 81)

Em Língua Portuguesa, a palatalização consiste em um processo autônomo e caracterizador, pois tem garantido uma série de particularidades linguísticas adquiridas historicamente – se comparadas com outras línguas, inclusive línguas neolatinas –, uma vez que há um conjunto de fonemas que não havia no latim, tendo, em sua maioria, surgido na época do galego e mantendo-se como marca característica do português.

Pelo processo de palatalização, a fonologia do português integra consoantes palatais, as quais não pertenciam à fonologia do latim. Os segmentos palatais /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ç/, na evolução da língua portuguesa, surgiram, ao que muitos estudos indicam, pela mesma motivação, ou seja, pela presença de um segmento vocálico palatal. (NEUSCHRANK; MATZENAUER, 2012, p. 20)

Historicamente, a palatalização mantém algumas particularidades de realização, como a presença de segmento vocálico com minudências palatais, que devem funcionar como gatilho do processo. É o que também acontece com o grupo de fonemas latinos /k/, /p/ e /f/, que também passaram pelo processo da palatalização em seu decurso de evolução para as línguas neolatinas:

Quadro 1 – A palatalização de /k,p,f/

<p>/k,p,f/ + /i/ > /k,p,f/ + /j/ > /tʃ/ > /ʃ/</p> <p>Logo,</p> <p>[klave] > [kjave] > [tʃave] > [ʃave]</p>
--

Fonte: Williams (1973, p. 34)

Williams (1973) também dá o exemplo de como, em alguns contextos fonéticos/fonológicos, a consoante oclusiva alveolar /t/ seguida da vogal anterior alta /i/ e precedida de consoante no latim sofreu o processo de palatalização, chegando

ao português apenas como uma fricativa simples: *fortiam* > força. A palatalização tem se comportado diacronicamente como um fenômeno comum nas línguas neolatinas e em português sempre tem surgido para dar lugar a sons simples, conforme pode ser ratificado por Teyssier, (1982, p. 11):

Em várias outras palavras um i ou um e não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados *yod* em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tsy] e [dsy], [lh] e [nh]. Para os grupos [ky], [gy], ex.: *facio*, *spongia*, a palatalização chega inicialmente a [tšy] e [džy], mas os resultados definitivos serão complexos, pois dependerão da posição na palavra e do caráter mais ou menos popular dessa palavra. Ter-se-á, por exemplo, *pretium* > port. *preço*, *pretiare* > port. *prezar*, *platea* > port. *praça*, *hodie* > port. *hoje*, *medium* > port. *meio*, *video* > port. *vejo*, *facio* > port. *faço*, *spongia* > port. *esponja*. Em galego-português medieval as letras c, z e j representavam, respectivamente, em todas estas palavras, as africadas [ts], [dz] e [dž]. Na origem destas transformações fonéticas há sempre, em latim imperial, uma palatalização.

Daí a importância da palatalização como fenômeno linguístico evolutivo da Língua Portuguesa, pois a sua presença foi fundamental para o estabelecimento de determinadas regras fonéticas/fonológicas conhecidas e produzidas hoje nesta língua, do mesmo modo que ainda pode fornecer pistas dos processos evolutivos que o português sofre no momento, bem como dos prováveis estabelecimentos linguísticos futuros, apontando para as possíveis mudanças decorrentes da atual variação linguística.

Por isso, conhecer um pouco do comportamento diacrônico deste fenômeno linguístico pode facilitar o tratamento dos dados coletados na cidade de Maceió e clarear as possíveis interpretações, no sentido de compreender que caminhos essa variável linguística pode tomar daqui para a frente, pois sendo este um recurso recorrente na história da Língua Portuguesa, torna-se lógico pensar a palatalização como processos que caminham para dar origem novamente a sons simples, como tem ocorrido normalmente no decorrer da evolução linguística, que veio desde o latim e deu lugar ao português contemporâneo.

3. O QUE FOTOGRAFAR

Com o advento da câmera fotográfica no início do século passado, muitos pensamentos desesperados surgiram agourando o fim da arte da pintura, uma vez que agora se tinha uma imagem real que dispensasse a intersubjetividade daquele que vê a realidade e a pinta. Evidentemente, se confirmou com o tempo, que isto não é verdade, pois o olhar artístico ou realístico da fotografia vai depender dos objetivos daquele que impunha a máquina, bem como de seus aspectos estilísticos individuais.

Embora a máquina fotográfica possa ser do mesmo modelo para diferentes fotógrafos, estes podem utilizá-la para distintos modos de fotografia, ou seja, todos os fotógrafos não são iguais, mas se classificam de acordo com o que fotografam. É primordial que eles determinem que tipo de fotógrafos são para poder ficar evidente o trabalho que realizam. Sem dúvida, um fotógrafo jornalista que faça fotos de um casamento de famosos as fará de modo completamente diferente do fotógrafo de eventos que deve fotografar a cerimônia para fazer um *book* para os noivos. Ou seja, mudam as intenções, mudam-se os procedimentos e a leitura sobre o mesmo fato.

O tratamento dado pelo pesquisador aos fenômenos linguísticos, de modo semelhante, depende bastante das intenções daquele que faz a análise, por isso a necessidade de, neste espaço, deixar claro o tipo de pesquisador que serei e de como estarei me posicionando para analisar os dados.

Os dados da minha pesquisa, por exemplo, dariam um fértil terreno para trabalhar com discurso, uma vez que entrevistei boa parte dos participantes interrogando-os, principalmente, sobre suas opiniões acerca das manifestações populares que começaram a surgir no Sudeste do país em agosto de 2013 e se espalharam por todo o país, com uma dimensão que poucos poderiam prever. As falas são ricas de opiniões e, com certeza, poderiam fomentar discussões calorosas sobre a formação política do Brasil e a participação ativa da população. No entanto, os mesmos dados serão analisados por mim tendo como único objetivo identificar as realizações das formas oclusivas ou palatalizadas de /t/ e /d/ e descobrir as possíveis regularizações desses usos em seus contextos fonéticos de produção.

Assim, deixo claro que a minha filiação teórica está enraizada na Sociolinguística Variacionista, nascida com Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]) e Labov (1972 [2008]), que buscam dar um tratamento quantitativo e estatístico às realizações variáveis da língua.

Segundo Labov (2008 [1972]; 1991, 1994; 2001), a língua deve ser aceita como um sistema amplo e heterogêneo em um processo contínuo de mutação sumariamente relacionado com o meio social que o rodeia, de modo que a variação é inerente à língua e se dá sempre na interdependência dos fatores externos da língua, como idade, sexo, escolaridade, classe social, local de residência e outros, com os fatores internos à língua, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe, etc. A inovação da perspectiva variacionista de Labov (2008 [1972]) é defender que os processos de variação não são aleatórios e afetam todo o sistema linguístico, comportando, necessariamente, a correlação entre os aspectos linguísticos e sociais.

Para tanto, alguns princípios básicos da teoria variacionista são assumidos: a) a variação linguística, a difusão e propagação das mudanças linguísticas e suas possíveis regularidades compõem os problemas básicos a serem investigados pela sociolinguística; b) algumas formas variáveis são recorrentes e podem se difundir a ponto de contrastarem com formas linguísticas mais antigas; c) o desenvolvimento da variação e mudança linguística estão diretamente relacionadas à vida social da comunidade de fala em que ocorrem; e d) as formas linguísticas se difundem conforme adquirem determinados valores sociais de prestígio.

Utilizando essa base teórica como sustentáculo da pesquisa, trago no decorrer deste capítulo algumas discussões acerca da natureza variacional da língua e das origens dos estudos da variação e mudança linguística, refletindo a relação entre variáveis e variantes, entre as variáveis linguísticas e variáveis sociais, os tipos de variação, os processos de mudança linguística, as definições de comunidade de fala, as noções sociais de valor, etc.

Desse modo, pretendo fazer um recorte teórico suficiente para analisar a correlação entre as variáveis sociais e linguísticas com o processo palatalização das oclusivas alveolares, a fim de encontrar regularidades de realização desse fenômeno dentro da comunidade de fala maceioense.

3.1 Desenvolvimentos sociolinguísticos

A Sociolinguística Variacionista, que surgiu na década de 1960, teve como principais expoentes Weinreich, Labov e Herzog, (2006 [1968]), ao tratarem das forças sociais que direcionam os processos de mudança linguística, e Labov (1972 [2008]),

que buscou traçar as limitações teóricas e metodológicas do tratamento das variáveis no estudo linguístico, bem como apresentar análises quantitativas dos processos de variação. Assim, após a década de 1970, todos os principais trabalhos preocupados em refletir os processos de variação e mudança linguística no mundo ocidental, ao menos, tiveram que considerar as contribuições da Sociolinguística Variacionista.

No entanto, a Sociolinguística Variacionista teve sua gênese com os estudos dialetológicos do século XIX, ainda na Europa, a partir da preocupação da evolução social da língua que surgia com as comparações entre línguas. Embora naquele momento ainda não houvesse uma metodologia de coleta de dados orais, nem uma teoria que desse conta dos processos fonéticos/fonológicos, os comparatistas já observavam como a língua sofre determinadas modificações no decorrer do tempo, dependendo dos aspectos sociais do grupo que a utiliza, das condições geográficas e da própria natureza da língua.

No século XIX, alguns dialetólogos europeus, entre eles Gilliéron, passaram a questionar certos preceitos metodológicos dos trabalhos comparatistas, que geralmente preferiam informações provenientes de documentos escritos, na tentativa de reconstruir língua antigas. Surgia a percepção que dependendo da região geográfica, o falante, dotado de certa criatividade, apresentava diferente comportamento linguístico e que, conseqüentemente, cada grupo social interferia diretamente nos rumos gramaticais da língua. Destarte, Gilliéron foi um dos primeiros estudiosos da língua a apresentar um modo de investigação de dados orais, que consistia em perguntar aos falantes as diferentes pronúncias de diferentes palavras.

Os estudos de Gilliéron foram sobretudo importantes pelas descobertas a que levaram, que obrigaram de certo modo a abandonar definitivamente a concepção comparatista segundo a qual a dialeção do latim teria resultado sem outras complicações de um tratamento fonético diferenciado que as expressões do latim vulgar teriam recebido em cada região. Gilliéron mostrou que essa perspectiva era infundada, e que além da evolução fonética operou crucialmente na formação dos dialetos românicos a criatividade dos falantes, particularmente ativa toda vez que se tornava necessário desfazer colisões homonímicas e salvar palavras foneticamente pouco consistentes, ou toda vez que a etimologia popular alterou a forma de uma palavra para relacioná-la a algum paradigma conhecido. (ILARI, 1999, p. 26)

Assim, surgem os primeiros estudos linguísticos que partem de uma realidade de língua em uso e que buscam descrever as diferentes formas de fala de cada grupo

social, fazendo surgir os primeiros Atlas Linguísticos. Um dos mais ambiciosos exemplos é o Atlas Linguístico da França, o ALF, iniciado por Jules Gillieron e concluído por Edmond Edmont. Outro importante trabalho dialetológico foi o Atlas Linguístico da Península Ibérica, o ALPI, interrompido pela guerra civil na Espanha, na primeira metade do século XX. Demais atlas linguísticos foram produzidos em toda parte da Europa, na Itália, na Suíça, na Alemanha e na Holanda.

Os resultados das pesquisas de dialeto muitas vezes são plotadas em mapas, proporcionando, assim, um atlas, que, em vez de mostrar características topográficas como montanhas e planícies, mostra como a pronúncia das palavras do falante muda conforme seu movimento no espaço físico. A distribuição de diferentes formas – pronúncias ou padrões de frases – pode ser mostrado com diferentes símbolos sobrepostos em um mapa da região, que traça cada ponto levantado^{1 2}. (MEYERHOFF, 2006, p. 11)

Neste contexto, importantes personagens ganham relevância, como Max Weinreich, que teve uma especial preocupação com o lídiche, língua falada na Alemanha da época. Max Weinreich foi um dos primeiros estudiosos a se preocupar com as questões de bilinguismo e multilinguismo.

Além de dialetologia, nós também podemos ter que reconhecer um particular tipo de abordagem para linguagem em geral e para as questões da mudança linguística que é sociológica na orientação. Finalmente, podemos tomar consciência do influxo um pouco depois do trabalho em bi e multilinguismo – e, bem mais recentemente, as questões de contato linguístico, planejamento linguístico e conflitos linguísticos – para a pesquisa sociolinguística³. (KOERNER, 2002, p. 260)

Assim, os trabalhos dialetológicos de Max Weinreich já despertam para a importância dos aspectos geográficos e sociais na evolução da língua, bem como nas escolhas dos falantes, e mostram como diferentes línguas, através do contato linguístico, podem sofrer influências diversas e tomar rumos divergentes.

¹ Todas as traduções desta tese são de minha inteira responsabilidade.

² No original: The results of dialect surveys are often plotted on maps, thus providing an atlas which, instead of showing topographical features like mountains and plains, shows how speakers' pronunciation of words changes as you move across physical space. The distribution of different forms – pronunciations or sentence patterns – can be shown with different symbols superimposed on a map of the region which plots every point surveyed.

³ No original: So in addition to dialectology, we may also have to recognize a particular kind of approach to language in general and to questions of language change that is sociological in orientation. Finally, we may become aware of the influx somewhat later of work on bi and multilingualism – and, much more recently, issues of language contact, language planning, and linguistic conflicts – into sociolinguistic research.

Ao chegar aos EUA, no final da primeira metade do século XX, Max Weinreich se interessou pela diversidade linguística ali encontrada – pois, além do inglês, língua oficial, existiam várias línguas nativas – embora, ainda não houvesse estudos detalhados sobre as línguas indígenas, nem sobre o contato do inglês com as línguas dos vários imigrantes que, naquele momento, principalmente motivados pela Segunda Guerra Mundial, chegavam aos Estados Unidos.

É fácil imaginar que, após a chegada dos Weinreichs no continente norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial, e dadas as situações multiculturais que eles devem ter encontrado em Nova Iorque, seus interesses em plurilinguismo e língua de contato teria aumentado⁴. (Ibid., p. 269)

Evidentemente, os rumos dos trabalhos de Max Weinreich e seu filho Uriel Weinreich são modificados ao chegarem aos EUA, pois no continente americano havia uma realidade linguística completamente diferente da Europa, com a existência de milhares de línguas indígenas, sem nenhuma tradição escrita, e heranças de línguas africanas faladas pelos negros escravizados, que viviam em contato direto com as línguas europeias que ali tinham chegado com a colonização.

O convívio dessas diferentes línguas num mesmo espaço torna-se um campo extremamente fértil para investigações linguísticas, de modo que, a partir de Uriel Weinreich, há uma busca pela compreensão de como os processos externos interferem nos mecanismos de mudança linguística, quais forças sociais direcionam as mudanças e como isso modifica a dinâmica entre as línguas e seus falantes. É justamente por esse trabalho que Uriel Weinreich ganha destaque nos estudos linguísticos na segunda metade do século passado e vem tornar-se, junto com seus alunos William Labov e Marvin Herzog, um dos pioneiros dos estudos sobre mudança linguística.

É particularmente interessante observar a formação intelectual de Uriel Weinreich e a influência que tem no desenvolvimento dos trabalhos de Labov. Além de ser filho de um famoso dialetólogo alemão, ele teve como orientador André Martinet, um importante dialetólogo que pesquisou os dialetos naturais dos prisioneiros de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. Este, por sua vez, foi

⁴ No original: It is easy to imagine that following the arrival of the Weinreichs on North American continent during World War II, and given the multicultural situations that they must have encountered in New York City, their interest in plurilingualism and language contact would have increased.

orientado por Antoine Meillet, um dos mais expressivos alunos de Saussure e de quem herdou o aspecto estrutural de organizar os elementos linguísticos.

Saussure, por sua vez, recebeu forte influência de William Whitney, um dos mais reconhecidos dialetólogos do século XIX. Desse modo, se for traçada uma linha de influência nos estudos sociais da língua desde Whitney a Labov tem-se: Whitney → Saussure → Meillet → Martinet → Uriel Weinreich → Labov. Assim, ficam evidentes os percursos intelectuais percorridos desde o século XIX, a partir da Linguística Comparativa, até chegar a William Labov, nos EUA, o precursor da Sociolinguística Variacionista.

Enquanto a conexão dialetologia-sociolinguística parece bastante óbvia, a ligação que existe entre certas tradições no trabalho de linguística histórica e a sociolinguística talvez não. [...] Portanto, não é surpreendente que, percebendo de onde ele [Labov] tenha vindo, nós possamos encontrar a conexão entre a sociolinguística e os primeiros trabalhos sobre mudança linguística reconhecidos no trabalho de Labov⁵. (KOERNER, 2002, p. 265, inserção minha)

Considerando os diversos caminhos que os estudos linguísticos têm percorrido no decorrer dos tempos e como esses estudos chegaram aos EUA, é notório compreender a influência que Labov sofreu e sua importância para os estudos da variação linguística no século XX, pois é somente a partir dos anos 1960, nos EUA, que a Sociolinguística surge de fato e tem como proposta a análise da covariação linguística e social (ALKMIM, 2011).

A realização de um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), em 1964, organizado por William Bright, representa o ponto norteador das pesquisas sociolinguísticas sob as diversas tendências que esta corrente linguística adquiriria. É nesse contexto que surgem os principais nomes da investigação social da língua no século XX.

Neste evento realizado na UCLA ficaram evidentes dois caminhos distintos na investigação sociolinguística: a) um disposto a investigar as relações entre a sociedade e a língua de forma ampla, ou seja, preocupado com os aspectos macros da variação; b) e outro qualitativo, voltado para os aspectos micros, abordando a

⁵ No original: While the dialectology-sociolinguistics connection seems rather obvious, the link that exists between certain traditions in historical linguistic work and sociolinguistics perhaps not. [...] It is therefore not surprising that, realizing where he had come from, we can find the connection between sociolinguistics and early work on language change acknowledged in the work of Labov.

influência dos aspectos sociais nas estruturas linguísticas. O primeiro, também chamado de 'correlacional' ou 'variacionista', tem como principal preocupação a estrutura da língua e busca quantificar os dados variáveis linguísticos, relacionando-os com aspectos sociais como idade, sexo, profissão, etc. Já a sociolinguística qualitativa, também 'funcional' e 'interpretativa', em suas diferentes abordagens, postula que os fatos sociais e o comportamento linguístico determinam-se reciprocamente.

William Bright e Joshua Fishman incorporam os aspectos sociológicos nas descrições linguísticas e propõem que as dimensões dos usos linguísticos estão condicionadas às identidades sociais e contextuais de produção do indivíduo. Eles criam a **Sociologia da linguagem**, cujo principal objeto de trabalho é o tratamento sociológico dos fenômenos linguísticos. Para Fishman (1968), a língua se configura não apenas como um instrumento de comunicação, mas um princípio formador de identidade, demarcando as fronteiras coletivas e individuais. A língua é o conteúdo, o meio e a mensagem, pois revela as relações entre indivíduos e as suas classes sociais.

Desde que as línguas funcionem normalmente em uma matriz social e desde que as sociedades dependam muito da língua como meio (se não como símbolo) de interação, é certamente adequado esperar que suas manifestações observáveis, como o comportamento da língua e o comportamento social, sejam sensivelmente relacionados em muitos modos legítimos⁶. (FISHMAN, 1968, p. 06)

Fishman (1968) apresenta uma preocupação maior em compreender os valores sociais que direcionam a cultura do grupo e, por consequência, as regras linguísticas que propriamente explicam a relativização da variação linguística. A língua, dessa maneira, acaba se embrincando com a cultura e os costumes da sociedade que a usa, de modo que se transforma em um objeto sociológico de estudo, movimentando-se no espaço através das interações individuais e coletivas dentro do grupo social.

Dell Hymes (1972), por sua vez, teve maior interesse antropológico pelas questões de língua, o que o levou a propor uma **investigação etnográfica da fala** que visava explicar a participação do indivíduo nas comunidades linguísticas. Ele

⁶ No original: Since languages normally function in a social matrix and since societies depend heavily on language as medium (if not as symbol) of interaction, it is certainly appropriate to expect that their observable manifestations, language behavior and social behavior, will be appreciably related in many lawful ways.

“procura descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural, definindo as funções da linguagem a partir da observação e das regras sociais próprias de cada comunidade”. (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 15). Este modelo pretende descrever e interpretar o comportamento linguístico realizado no contexto cultural de cada grupo social, procurando definir, a partir da observação das regras sociais e da fala, os comportamentos linguísticos adequados.

Na proposta de Hymes, o papel atribuído à influência do contexto social/cultural sobre os usos linguísticos parece apontar para a direção do que se poderia chamar de um certo determinismo social – originado pelo contexto. (SEVERO, 2004, p. 137)

John Gumperz (1996), por outro lado, tentou explicar a variação a partir da interação contextual entre falantes, o que originou uma **Sociolinguística interacional**, buscando analisar as variações individuais de acordo com contexto de interação, a hierarquia social e a identidade individual.

[...] se os significados residem em práticas interpretativas e estão localizadas em redes sociais nas quais o indivíduo está socializado, então as unidades “cultura-” e “língua-” não são as nações, os grupos étnicos ou algo parecido... mas redes de indivíduos em interação⁷. (GUMPERZ, 1996, p. 11)

Os interesses da Sociolinguística interacional se configuram com objetivos e interesses diferentes da sociolinguística laboviana, pois os objetos de investigação resultam de práticas interpretativas que revelam as inter-relações individuais dentro de uma mesma comunidade, reforçando a ideia de redes sociais como unidade de análise, ao contrário da preferência pela comunidade de fala e sua possível homogeneização. Desse modo, os fenômenos linguísticos variáveis são trabalhados a partir dos diversos contextos sociais e dos desempenhos individuais em cada ato interacional, o que exige um tratamento qualitativo dos dados.

Dentro dessa mesma linha metodológica, a pesquisa em Sociolinguística Interacional ou Análise de Discurso, de linha teórica anglo-americana, conta com os métodos de gravação de conversa, transcrição e análise de texto, próprios da Análise da Conversa, e com a observação participante, anotações de campo e a narrativa descritiva. (LADEIRA, 2007, p. 44)

⁷ No original: [...] if meaning resides in interpretative practices, and these are located in the social networks one is socialized in, then the “culture-“ and “language-“ bearing units are not nations, ethnic groups or the like... but rather networks of interacting individuals”

É apenas com Uriel Weinreich e Labov que surgiu uma particular preocupação com os aspectos de variação e mudança linguísticas sob um aspecto quantitativo, através do qual se buscou analisar a relação entre a estratificação social e as escolhas linguísticas dos falantes, fazendo notar que dependendo da classe social, da idade, do sexo, da escolaridade, etc., os usos linguísticos podem sofrer modificações homogêneas, o que caracteriza as comunidades de fala, em um determinado sentido, e contraria a flutuação fonética como única responsável pela variação linguística.

3.2 Sociolinguística Variacionista

Os estudos sociolinguísticos de Labov (2008 [1972]) têm como método relacionar os fenômenos linguísticos à estratificação social a fim de descobrir e descrever quantitativamente as forças e os valores sociais responsáveis pelos processos de variação e mudança linguística dentro de uma comunidade de fala, o que o faz observar que a língua, ao contrário do que pregava Saussure (2008 [1916]), não é homogênea e estável, mas heterogênea e instável.

Para Labov (2008 [1972]), a língua se mostra heterogênea devido à possibilidade de se identificar dentro do universo da língua alguns pequenos grupos distintos entre si, mas que em seu interior apresentam certa homogeneidade e estabilidade. “Os membros de uma comunidade de fala compartilham, sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225). Em contrapartida, “tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala”. (Ibid. p. 238).

O princípio de que a língua é um objeto de heterogeneidade ordenada, a partir da homogeneização partidária pelas comunidades de fala, impõe um tratamento de análise que localize especificamente as forças sociais condicionantes da variação linguística.

Numa comunidade de fala, a língua constitui-se pela complexa relação entre seus elementos a partir da reconstituição de estágios anteriores e da combinação de formas do passado com novas formas, condicionadas às dimensões sociais e espaciais. Uma investigação que se propõe a identificar e a descrever as diferenças de uma língua deverá atentar para as suas

dimensões externas e internas e considerá-las em sua complexidade, dinamicidade e integração. (BUSSE, 2012, p. 91).

Desse modo, Labov (2008 [1972]) busca realizar análises correlativas entre os aspectos linguísticos de algumas comunidades de fala, como Nova Iorque ou a ilha de Martha's Vineyard, no intuito de identificar as forças sociais condicionantes dos processos linguísticos. Para esse fim, ele relacionou as variáveis internas – os condicionantes linguísticos – com as variáveis externas – os condicionantes sociais – sexo, idade, escolaridade, classe social, profissão, etc., o que lhe possibilitou traçar estatísticas de realização linguística de cada comunidade de fala, bem como notar a força dos valores sociais atribuídos às diferentes variantes linguísticas, condicionando, desta forma, as escolhas linguísticas dos falantes.

O tratamento que a sociolinguística variacionista dispensa à língua permite a investigação de uma ampla gama de fenômenos linguísticos, sejam fonéticos/fonológicos, sintáticos, morfológicos ou discursivos, os quais podem ser correlacionados variavelmente com os aspectos sociais, ou seja, qualquer problema de ordem da língua pode ser explicado a partir das forças externas correlacionadas. Os fenômenos linguísticos são contrapostos estatisticamente com as variáveis internas e externas a fim de revelar as formas variáveis da língua e suas relações com os estratos sociais que as condicionam.

Como o objetivo da sociolinguística é estudar a língua em uso – o vernáculo –, o pesquisador deve buscar dados da fala usual, ou não – dependendo de seus objetivos de estudo –, mas que revelem os contrastes significativos das escolhas linguísticas, pois os falantes de uma comunidade de fala apresentam certa homogeneidade no comportamento linguístico e compartilham traços de valores diferentes de outros grupos sociais (Cf. LABOV, 1972 [2008]).

Ao surgir uma nova variante linguística, esta entra em conflito com as demais formas já existentes na língua e – a partir dos valores sociais que venham a ser atribuídos – vai criar uma fricção linguística no plano sincrônico da língua, podendo provocar uma mudança linguística com o decorrer do tempo.

Mesmo que as mudanças linguísticas sejam apenas percebidas em seus aspectos históricos, constante e diariamente tem-se uma verdadeira luta de valores das variantes nos seus diferentes níveis. Não há como prever qual variante vai prevalecer ou cair em desuso, mas pode-se observar que as formas que ganham prestígio tendem a prevalecer.

Estas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória, ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. A maioria destas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, em uma segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de uso. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas triunfa, e a regularidade é alcançada. (LABOV, 2008 [1972], p. 19)

O êxito de uma variante não depende, necessariamente, do apagamento de uma outra equivalente, mas dos valores sociais que lhes são atribuídos. Assim, a proposta de investigação da Sociolinguística Variacionista que surge a partir dos anos 1960, nos EUA, busca explicar os fenômenos de variação e mudança linguísticas, correlacionando os aspectos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, entre outros) com aspectos sociais (idade, sexo, escolaridade, etc.).

É desse lugar e assumindo este perfil sociolinguístico que realizo a coleta, a interpretação e a análise dos dados, buscando encontrar e explicar possíveis regularizações linguísticas nos processos de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ na fala de moradores nativos de Maceió.

3.2.1 As faces da variação

A Sociolinguística Variacionista, que é uma das mais importantes correntes linguísticas surgidas no século passado, fortemente influenciada pelas teorias sociológicas, busca explicar de modo quantitativo e estatístico os fenômenos da variação linguística – até então tratadas apenas como especulações, não havendo, por exemplo, nenhuma metodologia que desse conta das aparentes inconsistências dos processos sociais de produção da língua.

No entanto, a maior empreitada de Labov (2008 [1972]) não foi apenas relacionar quantitativamente os aspectos internos da língua com fatores externos – até porque apenas números não dão uma explicação efetiva às questões basilares –, mas notar que todos os dados estatísticos resultantes dessa relativização social-linguística apontavam para o fator abstrato da identidade. É justamente a partir da noção de prestígio, que está intrinsecamente relacionado com a ideia de identidade, que se dá

o jogo de valores influenciando na decisão sobre o que permanece na língua e o que é descartado.

Foi isto que ficou evidente quando Labov (2008 [1972]) pesquisou os falantes nativos da ilha de Martha's Vineyard, quando observou que os falantes que mantinham a alta centralização da vogal /a/ eram justamente as pessoas mais velhas e/ou aquelas que demonstravam um sentimento de maior apego à ilha e se identificavam com ela, preservando hábitos e costumes locais.

De modo semelhante, a pesquisa feita por Labov (1972 [2008]) com os funcionários das lojas de departamento de Nova Iorque mostrou que a presença ou ausência do /r/ em final de palavras estava diretamente relacionada com o público a que a loja atendia; se de classe alta, o funcionário produzia a variante de prestígio; se de classe trabalhadora, a variante estigmatizada, o que sugere uma identificação do funcionário com aquela classe social com a qual se relaciona – o que ele chamou de estilo. Um fato importante que ratifica esta posição é a decisão de alguns trabalhadores de não reivindicarem aumento salarial em função da garantia de permanência naquele local de prestígio. Pois, conforme atesta Labov (2008 [1972], p. 68): “alguns incidentes refletem uma disposição dos vendedores a aceitar salários muito mais baixos da loja com maior prestígio”.

Sem dúvida, a percepção de prestígio e estigma que rodeia as variantes linguísticas condiciona as escolhas do falante, dependendo do *status* social ao qual está almejando e do grupo social ao qual compartilha traços de identificação pessoal.

Já no escopo propriamente sociolinguístico, o prestígio pode ser mensurado com base na ocupação (prestígio do indivíduo, atributos de sua reputação e de seu posto social) e na atitude (prestígio como conduta, abalizado pelo uso de formas e posturas social e culturalmente valorizadas e conferido a partir da interação entre membros de distintos grupos). Nesse domínio, distingue-se também entre prestígio vertical ou externo (entre classes ou grupos sociais, influenciando, por exemplo, a imitação de condutas de classes mais altas por aquelas de classes mais baixas) e horizontal ou interno (no interior de cada classe ou grupo social, influenciando, por exemplo, a propagação de inovações ou mudanças linguísticas). (RONCARATI, 2008, p. 47)

Eis evidentemente um ponto, embora crucial para os desenvolvimentos da sociolinguística variacionista, bastante delicado: pois, do ponto de vista da exatidão científica – que predomina no modelo positivista de produzir conhecimento –, como mensurar a identificação do falante, e conseqüentemente a percepção de prestígio ou estigma, com as formações sociais que o circunda?

Não há como construir uma escala exata de identificação do sujeito com os grupos e práticas sociais que estão ao seu redor, nem como determinar todas as relações de poder capazes de se fazerem presentes em seu contexto diário, havendo apenas especulações teóricas que levam a determinadas conclusões. Só se pode saber, por exemplo, se uma forma linguística é ou não de prestígio por observar como os falantes agem em relação a ela, o que está diretamente relacionado à noção de classe e valor social.

A variação sociolinguística é o meio principal pelo qual o social está inserido na linguagem. Para entender como a variação funciona, temos de nos preocupar com a natureza do significado social que ela traz e com os mecanismos pelos quais a variação passa a ser dotada de significado. Mais particularmente, precisamos examinar o uso da variação de perto, para entender como (e em que medida) ela é usada para expressar sentidos locais e pessoais⁸. (ECKERT, 2004, p. 51)

A negociação ativa da relação de um indivíduo com as estruturas sociais é que fornece os valores sociais de identidade, na medida em que essa negociação é sinalizada através da linguagem e de outros meios semióticos. Fatores como sexo, origem, idade, ser brasileiro, argentino, etc. devem ser considerados como construções sociais, de modo que os indivíduos devem ser vistos como agentes inscritos em uma gama de práticas sociais através das quais constroem suas identidades.

3.2.1.1 Variáveis e variantes

Para Labov (2008 [1972]), a língua é inerentemente heterogênea, o que significa dizer que ela se realiza na e através da variação. A variação linguística é definida pela correlação entre elementos variáveis – sendo estes tratados sob um aspecto interno e externo – que dizem respeito, respectivamente, ao conjunto de informações linguísticas que caracteriza uma regra e à estratificação social, tal como idade, sexo, escolaridade, etc.

⁸ No original: Sociolinguistic variation is a central means by which the social is embedded in language. To understand how variation works, we have to concern ourselves with the nature of the social meaning it carries and the mechanisms by which variation comes to be endowed with meaning. Most particularly, we need to examine the use of variation up close, to understand how (and to what extent) it is used to express very local and personal meanings.

Assim, uma das primeiras tarefas do pesquisador é delimitar a dimensão das variáveis de sua investigação, deixando claro qual a variável linguística dependente – geralmente de natureza binária – e as variáveis internas e externas que possivelmente interfiram nos processos de variação, condicionando o comportamento linguístico. Refletindo justamente acerca das propriedades que uma variável linguística deve ter para o pesquisador, Labov (2008 [1972], p. 26) afirma:

Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.

Correspondendo as orientações de Labov (2008 [1972]), os processos de palatalização das oclusivas alveolares segue seus passos na definição da variável dependente, ao ter seu uso oral suficientemente reiterado a ponto de, em conversas simples e espontâneas, ser coletado. A escolha das demais variáveis linguísticas, como contexto fonético anterior e seguinte, acento, tamanho da palavra e outras servem justamente para aferir até que ponto a variável dependente tem uma variação estrutural e, conseqüentemente, um condicionamento linguístico. E por fim, a estratificação social da regra de variação, que geralmente é sensível a aspectos sociais como idade, sexo, escolaridade e etc.

A variável linguística em estudo deve ser composta por possibilidades variantes, o que significa a existência de formas linguísticas alternativas capazes de manter a mesma carga semântica em um mesmo contexto de uso, expressando, apesar da variação, o mesmo significado, como a alternância entre as formas palatalizada ou não palatalizada das oclusivas alveolares /t/ e /d/, que, embora apresentem uma distinção fonética, não comprometem a capacidade significativa. Afinal, de acordo com Watt (2007, p. 3): “a escolha entre duas ou mais formas distintas, mas linguisticamente equivalentes representa a existência de uma variável linguística⁹.”

⁹ No original: A choice between two or more distinct but linguistically equivalent variants represent the existence of a linguistic variable.

Kay e McDaniel (1979) ao abordarem os processos de variação nos estudos linguísticos, definem a natureza matemática de uma regra variável como:

Uma família de modelos matemáticos que ditam restrições probabilísticas sobre possíveis distribuições de variantes linguísticas em uma comunidade de fala e um método estatístico para derivar medidas da importância relativa de diferentes fatores determinantes a partir de uma matriz de variação linguística observada¹⁰. (KAY; McDANIEL, 1979, p. 70)

As variantes linguísticas são sempre partes naturalmente possíveis de compor uma regra variável, pois duas variantes jamais ocorrem ao mesmo tempo e têm sua escolha condicionada pelos fatores sociais externos, como a idade, por exemplo, uma vez que há a possibilidade de cada faixa etária estratificada pelo pesquisador apresentar um comportamento distinto na escolha das variantes, daí as restrições probabilísticas previstas por Kay e McDaniel (1979).

Labov (2008 [1972]) se refere à capacidade alternativa que algumas formas linguísticas permitem, como a alternância entre as formas palatalizada ou oclusiva da consoante /d/ em contexto fonológico regressivo em palavras tipo “doi[d]o” ou “doi[dʒ]o”, que abstratamente podem ocupar o mesmo espaço formal da língua portando a mesma carga semântica. No entanto, duas formas linguísticas distintas, seja quão menor for essa distinção, jamais se tornarão idênticas e o fato de uma sobressair à outra prova justamente isto, pois a forma vitoriosa prevalece porque carrega em seu interior uma carga valorativa maior que a excluída, pois “nenhuma mudança acontece no vácuo social” (LABOV, 1972 [2008], p. 21).

A inovação laboviana foi perceber nessas variantes linguísticas valores externos condicionantes, capazes de direcionar o curso natural da evolução e da mudança das línguas. Para Labov (1972 [2008]), o modo mais simplificado de conceituar a variável linguística é tê-la como duas ou mais formas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade.

As variáveis internas podem se realizar em diferentes níveis de análise linguística, com valor fonológico, morfológico, sintático, entre outros. As variáveis externas, por sua vez, dizem respeito aos fatores sociais aos quais são contrapostas à variável linguística dependente, pois é através da correlação de fatores sociais às

¹⁰ No original: A family of mathematical models that dictate probabilistic constraints on possible distributions of linguistic variants in a speech community and a statistical method for deriving measures of the relative importance of different determining factors from a matrix of observed linguistic variation.

regras linguísticas que o pesquisador encontra as regularidades de ocorrências e afere as circunstâncias e os valores sociais que interferem na produção linguística do falante.

E é justamente para identificar essas forças valorativas sociais que atuam sobre a língua e direcionam os processos de variação e mudança linguística que se realiza a sociolinguística variacionista. A correlação quantitativa entre as variáveis internas e externas com a variável dependente permite ao pesquisador notar quais forças sociais são atuantes no curso da variação.

Tagliamonte (2006) apontando os caminhos metodológicos para lidar com a variação linguística argumenta:

A fim de estudar a variável linguística, uma de duas etapas no processo metodológico é necessário; em primeiro lugar, a identificação de duas ou mais variantes de expressões de uma forma comum subjacente; segundo, um método responsável por decidir todas as variantes possíveis e os contextos em que ocorrem; terceiro, a fonte dos dados deve ser responsável também, representando dados autênticos em uma diversidade de contextos.¹¹ (TAGLIAMONTE, 2006, p. 72).

A pesquisa sociolinguística deve se originar da identificação das variantes linguísticas a partir de um método de coleta de dados que possa extrair informações linguísticas em seus contextos reais e efetivos de uso, – somente assim pode-se investigar as causas e consequências da variação e/ou mudança linguística –, possibilitando ao pesquisador trabalhar com uma língua viva e orgânica capaz de lhe dar subsídios teóricos e práticos para explicar as forças ativas na língua.

Para a realização desta pesquisa, será considerada a regra variável da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ – variável dependente – seja em contexto fonológico progressivo, como em palavras do tipo “dia” e “dente”, ou regressivo, em formas linguísticas como “doido” e “oito”, que se realizam com as formas oclusivas [t] e [d] e ou palatalizadas [tʃ] e [dʒ]. A fim de verificar as regras de realização das variantes linguísticas, serão observadas as variáveis internas: o contexto fonético anterior às oclusivas; contexto fonético posterior às oclusivas; acentuação; tamanho da palavra; vozeamento das oclusivas; fronteira lexical; e contexto anterior ao gatilho.

¹¹ No original: In order to study the linguistic variable a two-step methodological process is required; first, identification of two or more variant expressions of a common underlying form; second, an accountable method for deciding all the possible variants and the contexts in which they occur; third, the source of the data must be accountable too, representing authentic data in a diversity of contexts.

Daí a necessidade de se trabalhar com dados estatísticos quantitativos para correlacionar as variantes linguísticas com os aspectos da vida social dos falantes, pois, desse modo, é possível mensurar adequadamente as forças que estão em jogo nos processos dinâmicos da língua. Pois, ainda de acordo com Tagliamonte (2006, p. 73):

[...] métodos estatísticos podem ser utilizadas para avaliar e comparar diferentes efeitos de contexto, bem como para detectar e mensurar tendências ao longo do tempo. As técnicas estatísticas também permitem que correlações sejam feitas entre as características sociais e linguísticas¹².

O objetivo desta tese é descobrir as correlações existentes entre a variável dependente – a palatalização das oclusivas alveolares – com as variáveis internas e externas, com o intuito de observar os possíveis condicionamentos das variantes linguísticas e identificar os valores sociais que são estabelecidos a cada uma das variantes. Pois, segundo Labov (1972 [2008]), são os valores sociais que condicionam as formas linguísticas, promovendo a variação e a possível mudança linguística.

3.2.1.2 Variação diastrática

A variação diastrática se dá através das diferentes formas linguísticas produzidas em relação à classe social e marca, geralmente, as formas de prestígio ou de estigma no interior da comunidade de fala, de modo que este tipo de variação é sensível aos demais estratos sociais que podem produzir hierarquias de valores, como escolaridade, idade, sexo, profissão, local de residência, etc.

Este estudo mostra claramente uma relação direta entre a variação linguística e a associação de castas. Se sabemos certas coisas sobre um, podemos prever certas coisas sobre o outro. São apenas tais conexões ou correlações que interessam aos sociolinguistas que trabalham com a variável linguística¹³ (WARDHAUG, 2006, p. 147).

¹² No original: [...] statistical methods can be used to evaluate and compare different contextual effects as well as to detect and measure tendencies over time. Statistical techniques also permit correlations to be made among social and linguistic features.

¹³ No original: This study quite clearly shows a direct relationship between linguistic variation and caste membership. If we know certain things about one, we can predict certain things about the other. It is just such connections or correlations that interest sociolinguists working with the linguistic variable.

O fator classe social é o mais complicado na estratificação dos dados, pois se trata de um conceito abstrato que não está conectado em uma relação biunívoca com o salário do informante ou o tamanho de seu patrimônio, mas com as relações subjetivas que este informante tem com demais membros de sua comunidade. Geralmente, a estratificação social é analisada em conjunto com a profissão dos informantes e, conseqüentemente, com o prestígio social dessa na comunidade estudada. “Os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em status ou prestígio por acordo geral”. (LABOV, 1972 [2008], p. 64).

No Brasil, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) utiliza como critério de definição de classe social o potencial de consumo do indivíduo, o que inclui questões como quantidade de veículos ou de imóveis em sua posse, a quantidade de banheiros na residência, a presença de equipamentos eletrodomésticos ou empregados domésticos, etc. e não necessariamente a partir da profissão que este indivíduo exerce, ou de seus rendimentos, uma vez que é bastante possível que pessoas que têm salários e profissões iguais, por opção, tenham um comportamento de consumo distinto.

É evidente que este método de conceituação utilizado pelo IBGE também não garante uma exatidão de pertencimento do indivíduo a esta ou àquela classe social, pois é bastante tênue uma escala de medição que considera o nível de consumo da pessoa como critério de classificação de classe social.

O fato é que, embora sejam complexas a discussão e a conceituação do que é classe social, as pesquisas sociolinguísticas desde Labov (2008 [1972]) já mostram como a noção subjetiva de classe social interfere nos usos linguísticos dos falantes, inclusive sendo um dos fatores de prestígio que atribuem valores às variantes linguísticas, sendo comum que as variantes utilizadas pelos membros das classes mais altas carreguem uma marca positiva e sejam consideradas, portanto, como corretas, ao passo que as variantes empregadas pelos membros das classes sociais inferiores padeçam de valores negativos e sejam taxados de erros. (Cf. CALVET, 2009)

Investigar como a classe social afeta a variação linguística não é uma tarefa simples e enfrenta dificuldades de ordem teórica, como em definir as fronteiras de uma classe social para outra, bem como barreiras metodológicas que envolvem a coleta de dados, uma vez que encontrar voluntários das classes sociais mais elevadas

dispostos a contribuir com a pesquisa é mais difícil. Para mitigar esses problemas, e considerando que a contribuição de classe social para os estudos linguísticos se dá justamente em como as variantes “vinda de cima” e as variantes “vindas de baixo” são incorporadas no meio social da comunidade, é pertinente considerar que outros fatores sociais apontam indícios dessa valoração social das formas linguísticas, como a escolaridade – uma vez que os falantes de maior tempo de escolarização tendem a usar as formas cultas da língua, evidenciando uma escolha linguística das classes sociais mais elevadas. (Cf. LABOV, 1994; CASTILHO; PRETI, 1986; MOTA; ROLEMBERG, 1994).

Sendo a escolaridade, bem como a idade, o sexo e demais fatores sociais elementos diastráticos, é possível detectar sutilezas valorativas no comportamento linguístico do falante a partir de sua estratificação social. De modo que é indispensável a estratificação social dos informantes da pesquisa, a fim de se obter a correlação entre variáveis linguísticas e seus possíveis condicionadores sociais.

Uma vez que uma variável linguística foi identificada, a próxima questão torna-se a coleta de dados relativos a suas variantes, de tal forma que podemos tirar algumas conclusões sobre a distribuição social dessas variantes. Para extrair conclusões como essas, temos de ser capazes de relacionar as variantes de alguma forma para fatores quantificáveis na sociedade, por exemplo, pertencimento de classe social, gênero, idade, etnia, etc.¹⁴ (WARDHAUG, 2006, p. 147).

Assim, na pesquisa sociolinguística, identificadas as variáveis linguísticas, o passo seguinte deve ser no sentido de analisar como a variação linguística está correlacionada com os fatores externos, como idade, sexo, escolaridade, idade, etc., e, conseqüentemente, quais valores sociais estão em jogo.

3.2.1.2.1 Fator idade

A variável diageracional ou fator idade tem como utilidade aferir a disposição das variantes no tempo, o que pode determinar se uma forma linguística está caminhando para estabilização, sobreposição ou extinção, uma vez que o comportamento

¹⁴ No original: Once a linguistic variable has been identified, the next issue becomes that of collecting data concerning its variants in such a way that we can draw certain conclusions about the social distribution of these variants. To draw such conclusions, we must be able to relate the variants in some way to quantifiable factors in society, e.g., social-class membership, gender, age, ethnicity, and so on.

linguístico de pessoas mais jovens tende a se distanciar do comportamento dos mais velhos.

A mudança linguística envolve uma perturbação da relação forma/significado uma vez que as pessoas afetadas pela mudança já não sinalizem o significado da mesma forma que outras pessoas não afetadas – pessoas mais velhas na mesma comunidade ou pessoas da mesma idade em comunidades vizinhas. O resultado é uma perda de compreensão através de dialetos e, em última caso, ininteligibilidade mútua¹⁵. (LABOV, 1994, p. 09)

O distinto comportamento das pessoas de maior e de menor idade revela pistas de possíveis mudanças linguísticas em curso, já que, como a expectativa é de que as pessoas jovens envelheçam e os mais velhos morram, a tendência é que as formas linguísticas utilizadas pelos jovens os acompanhem pela vida adulta, levando a uma sobreposição geracional.

A variável idade pode ser analisada em tempo real de duas maneiras – em pesquisa do tipo painel ou do tipo tendência. A pesquisa painel acontece quando a coleta de dados se dá com os mesmos falantes nas mesmas condições contextuais em dois momentos cronológicos distintos que devem ser separados por pelo menos vinte anos, o que garante a mudança de uma faixa etária para outra, ou seja, uma coleta de dados com duas décadas de distância da primeira permite que o informante jovem já seja adulto, enquanto também permite que o informante originalmente adulto já possa ser idoso.

Labov (1994), ao tratar deste tipo de pesquisa afirma que “um estudo de tipo painel tenta localizar os mesmos indivíduos que foram os sujeitos do primeiro estudo, e monitorar quaisquer mudanças em seu comportamento submetendo-os ao mesmo questionário, entrevista ou experimento¹⁶” (p. 76).

Esse tipo de pesquisa não é fácil e tem algumas complicações estruturais, como garantir os mesmos contextos sociais dos mesmos informantes no decorrer do tempo, pois, como a língua é uma das peças em movimento na sociedade, a profissão exercida, a mudança de classe social, a mudança de residência, o matrimônio, etc.

¹⁵ No original: Language change involves a disturbance of the form/meaning relationship so that people affected by the change no longer signal meaning in the same way as others not affected – older people in the same community, or people of the same age in neighboring communities. The result is a loss of comprehension across dialects and ultimately, mutual unintelligibility.

¹⁶ No original: A panel study attempts to locate the same individuals that were the subject of the first study, and monitors any changes in their behavior by submitting them to the same questionnaire, interview, or experimente.

podem interferir individualmente na produção linguística do falante no decorrer do tempo e não garantir uma informação linguística autêntica de sua comunidade de fala no momento atual. Outra grande dificuldade desta metodologia de coleta de dados é encontrar os mesmos falantes, ou pelo menos a maioria deles, pois é comum, com um intervalo de tempo tão grande, que as pessoas tenham se mudado para outros lugares, tenham morrido ou mesmo não queiram mais contribuir para pesquisa.

A pesquisa de tipo painel também pode acontecer a partir de comparações de áudios gravados em diferentes momentos da vida do informante, conforme atesta Labov (op. cit., p. 77):

Outro modo de acompanhar o mesmo falante ao longo do tempo é pelo uso de gravações. Em seu estudo do dialeto de Copenhague, Brink e Lund (1975) alcançaram uma considerável representatividade de tempo coletando registros fonográficos de falantes anteriores; O falante mais antigo gravado nasceu em 1816. Além disso, eles foram capazes de obter gravações dos mesmos falantes em diferentes períodos de suas vidas – em um caso, após um intervalo de 50 anos. Estes são dados inestimáveis para o estudo de mudanças na comunidade, e para estudos de mudança ou ausência de mudança em sistemas individuais¹⁷.

Já o estudo em tempo real do tipo tendência consiste no retorno do pesquisador à comunidade de fala outrora investigada munido dos mesmos recursos metodológicos utilizados na primeira pesquisa, sem a obrigação de entrevistar os falantes do primeiro momento. Labov (1994) alerta que para a realização de pesquisa do tipo tendência é importante que a comunidade de fala investigada não tenha sofrido grandes alterações no decorrer do tempo, como um grande crescimento demográfico, acidentes climáticos, guerras, etc., mas que permaneça de modo mais ou menos estável, a fim que se possa aferir seu desenvolvimento linguístico natural.

Evidentemente, a pesquisa em tempo real pode proporcionar ao pesquisador maior confiança em afirmar o direcionamento tomado pelas variáveis linguísticas no decorrer do tempo, pois, como se trata dos mesmos falantes ou ao menos da mesma comunidade de fala em momentos cronológicos distintos, pode-se perceber com maior fidedignidade como as forças sociais afetam a língua.

¹⁷ No original: Another way of following the same speaker across time is by the use of recordings. In their study of the Copenhagen dialect, Brink and Lund (1975) gained considerable time depth by collecting phonograph records of earlier speakers; the oldest recorded speaker was bom in 1816. More-over, they were able to obtain recordings of the same speakers at different periods in their lives - in one case, after an interval of 50 years. These are invaluable data for the study of changes in the community, and for studies of change or the absence of change in individuals systems.

Porém, é mais comum que as pesquisas que considerem o fator idade como variável de análise se realizam em tempo aparente, o que consiste em coletar dados de pessoas de distintas faixas etárias pertencentes à mesma comunidade, a fim de verificar como a variante linguística em estudo se comporta diante das diferentes faixas etárias. “Nós enumeramos a população geral da mesma forma, selecionamos a amostra da população da mesma forma, obtemos os dados e os analisamos da mesma forma – mas x anos depois¹⁸”. (Ibid., p. 76)

Esse tipo de pesquisa pode revelar se uma variante está caindo em desuso ou está em expansão, pois se for constatado que as pessoas de maior faixa etária produzem em maior número uma determinada variante linguística que o público mais jovem, isto pode indicar que tal variante esteja caindo em desuso, uma vez que as pessoas mais jovens a evitam; por outro lado se tal variante for mais usada por jovens, pode ser um indício de que ela está em expansão.

A ideia é que, porque as noções básicas de sistema fonológico do falante foram estabelecidas em sua juventude, quando ouvimos falantes que tem 75 anos de idade, hoje temos uma ideia sobre como as normas da comunidade eram quando eles eram crianças (70 anos atrás). Da mesma forma, quando ouvimos falantes que tem 45 anos de idade hoje, temos uma ideia sobre o que as normas comunitárias foram quando eram crianças (40 anos atrás). E assim por diante. Desta maneira, sociolinguistas modelam a passagem do tempo.¹⁹ (MEYERHOFF, 2006, p. 134)

Investigar a sensibilidade das variáveis linguísticas aos estratos etários dos informantes pode fornecer pistas das forças sociais atuantes na variação linguística, podendo determinar possíveis mudanças e suas condições no interior da comunidade de fala. Afinal, as mudanças linguísticas são condicionadas tanto pela estrutura linguística quanto pela estrutura social, de modo que estabelecer correlações subjetivas entre sociedade e língua é identificar as forças sociais atuantes nos processos de variação (Cf. WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006).

É possível que a distribuição das variantes em relação a faixa etária dos falantes seja monotônica – com clara linearidade de produção entre os diferentes grupos

¹⁸ No original: We enumerate the general population in the same way, draw the sample population in the same way, obtain the data and analyze them in the same way - but x number of years later.

¹⁹ No original: The idea is that, because the basics of a speaker's phonological system have been laid down in their youth, when we listen to speakers who are 75 years old today we get an idea about what the community norms were when they were children (70 years ago). Similarly, when we listen to speakers who are 45 years old today, we get an idea about what the community norms were when they were children (40 years ago). And so on. In this way, sociolinguists model the passage of time.

etários –, como também pode ter comportamento irregular, não fornecendo dados suficientes para o pesquisador assumir a variação como um processo de mudança em progresso ou um comportamento típico de determinada faixa etária com tendência passageira, o que caracteriza uma gradação etária – *age grading*. (Cf. LABOV, 1994, 2001).

O termo "gradação etária" tem sido aplicado com maior frequência a um subconjunto de casos em que o indivíduo responde às pressões do mercado de trabalho favorecendo a língua padrão, marcando a transição para a idade adulta média com padrões de fala mais conservadores do que anteriormente empregados quando adolescentes e jovens adultos²⁰. (WAGNER, 2012, 379).

Assim, os estudos em Sociolinguística Variacionista observam que diferentes comportamentos linguísticos em relação às faixas etárias dos falantes, nem sempre representam uma marca classificadora da comunidade de fala – podendo apresentar indícios de mudança em curso –, mas pode apenas representar uma maior sensibilidade social de determinado grupo etário em relação às formas mais prestigiosas da língua, o que geralmente acontece com grupo etário que se encontra inserido no mercado de trabalho.

De acordo com Labov (1994), esse comportamento atípico dos falantes desse grupo etário é passageiro, não acompanhando o falante por toda sua vida, mas representando somente uma particular sensibilidade à valoração social em relação às formas linguísticas, comum aos membros de determinada faixa etária. Afinal, “Num estágio de socialização, dependendo do *status* da classe social, as crianças aprendem que as variantes favorecidas na fala informal estão associadas com um status social mais baixo na comunidade em geral²¹” (LABOV, 2001, p. 437).

Como a língua é a principal ferramenta de socialização entre os homens, é de se esperar que essa seja afetada pelo conjunto geral da ordem social, bem como o influencie, pois, a língua só pode ser usada na sociedade, onde ganha utilidade funcional. Assim, explicar como as forças sociais heterogêneas interferem no

²⁰ No original: The term ‘age grading’ has been most frequently applied to a subset of cases in which the individual responds to the pressures of the standard language market by marking the transition to middle adulthood with more conservative speech patterns than they had previously employed as adolescents and young adults.

²¹ No original: At some stage of socialization, dependent on class status, children learn that variants favored in informal speech are associated with lower social status in the wider community.

funcionamento da língua – que também é naturalmente heterogênea – requer a compreensão de como a língua está inserida no meio social.

Língua e sociedade estão inquestionavelmente entrelaçadas, de modo que para estudar a história do ser humano é necessário compreendê-lo no interior de uma sociedade organizada e detentor de um sistema de comunicação linguística. Afinal,

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Deste modo, a língua e a sociedade estão indubitavelmente entrelaçadas, afetando mútua e constantemente uma a outra. Saber como pessoas de diferentes faixas etárias se comportam em relação às possibilidades variáveis da língua permite compreender como a heterogeneidade social a afeta – bem como é afetada por ela – apontando indícios de estabilização, expansão ou extinção da disputa variável.

Com este intuito, portanto, utilizarei, nesta tese, a pesquisa em tempo aparente, em que considero três faixas etárias que devem contemplar jovens, adultos e idosos nascidos e vividos em Maceió; elas vão de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 a 80 anos. Com isto, busco descobrir os caminhos que os processos de palatalização das oclusivas alveolares está tomando na comunidade de fala maceioense.

3.2.1.2.2 Fator escolaridade

A variável escolaridade fornece dupla informação social, a influência do nível de escolarização na escolha linguística do colaborador e indícios de sua classe social, uma vez que a tendência é que o nível social do colaborador acompanhe seu desenvolvimento escolar. Afinal, segundo Cregan (2008, p. 12), “como as escolas usam as estruturas linguísticas, padrões de autoridade e currículos da cultura dominante (isto é, das classes média e alta), há um alinhamento natural entre as famílias de classe média e a cultura da escola²²”.

²² No original: Because schools use the linguistic structures, authority patterns, and curricula of the dominant culture (i.e. that of the middle and upper classes), there is a natural alignment between middle-class families and the culture of the school.

Aferir a relação existente entre a escolaridade e as variáveis linguísticas é verificar de perto a influência da valoração social nos usos linguísticos dos falantes, pois o ambiente educacional contribui com o fomento das formas cultas da língua, à medida em que estigmatiza as demais formas concorrentes, atribuindo-lhes valores negativos.

Pois, de acordo com Labov (1994, p. 345), “o sistema escolar seria logicamente o principal instrumento de um programa social para reverter as fusões²³”, que expressam os diferentes comportamentos linguísticos, uma vez que “a maior parte dos esforços educacionais para influenciar a pronúncia está relacionada com a ortografia²⁴” (Ibid.), que, por sua vez, talvez seja um dos níveis linguísticos mais sensíveis à valoração e indentificação social.

Por isso é comum que, no decorrer de sua escolarização, o falante substitua, aos poucos, as possíveis variantes estigmatizadas que produza pelas formas cultas da língua. Afinal, “as escolas às vezes dedicam considerável tempo e esforço – muitas vezes desperdiçado – na tentativa de erradicar as variantes não padrão das variáveis estáveis²⁵” (WARDHAUG, 2006, p. 194). Assim, a escola tem se mostrado uma das maiores controladoras dos avanços linguísticos, restringindo a proliferação das formas estigmatizadas.

Pois, de acordo com Maybin, (2007, p. 157):

Ao considerar o papel da língua na educação, é importante lembrar que a língua nas escolas e faculdades não é apenas um veículo para ensino acadêmico e aprendizagem, mas também é simultaneamente envolvida na expressão ou nos desafiantes tipos particulares de relações, posições de valores e identidades.²⁶

Um problema em considerar a variável escolaridade na realidade brasileira é que, devido à diversidade cultural, geográfica e social do país, a generalização dos padrões educacionais nem sempre podem se aplicar eficazmente, pois, o informante que tem realizado o ensino médio em escolas públicas nas regiões periféricas da

²³ No original: The school system would logically be the major instrument for a social program to reverse mergers.

²⁴ No original: most educational efforts to influence pronunciation are related to spelling.

²⁵ No original: Schools sometimes devote considerable time and effort – very often wasted – in attempts to eradicate nonstandard variants of stable variables.

²⁶ No original: When considering the role of language in education, it is important to remember that language in schools and colleges is not only a vehicle for academic teaching and learning, but is also simultaneously involved in expressing or challenging particular kinds of relationships, value positions and identities.

cidade, possivelmente não terá o mesmo nível de instrução de quem tem o mesmo nível de escolaridade realizado em uma instituição pública federal, só para exemplificar.

No entanto, mesmo que essa generalização não possa ser contemplada em sua plenitude, a escolaridade do indivíduo interfere substancialmente em sua realidade social, pois o falante que tenha o ensino médio cursado seja em que escola for, terá um nível de instrução maior que qualquer pessoa que jamais tenha estudado e, mesmo que a escola pública no Brasil tenha seus problemas estruturais pedagógicos, o indivíduo que entra na escola não sai como entrou.

Cabe destacar e atribuir à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola. (VOTRE, 2003, p. 56).

Votre (2003) defende a necessidade de investigação da dinâmica que envolve a escolarização e o uso da língua, permitindo a valoração social às formas linguísticas como atribuição de prestígio, estigmatização ou imunização; sendo a educação, um dos instrumentos sociais mais influenciadores nas escolhas linguísticas dos falantes, geralmente, favorecendo as formas “vindas de cima” e rechaçando as demais.

Influenciando as escolhas linguísticas da fala ou da escrita “[...] a escola incute gostos, normas, padrões éticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever” (VOTRE, 2003, p. 51), geralmente favorecendo as formas cultas e mais prestigiadas da língua. Daí a importância dos estudos linguísticos que consideram a estratificação social da escolaridade.

Um problema metodológico no trabalho com a variável escolaridade é tratar o colaborador não escolarizado – o que pode, em teoria, fornecer informações relevantes sobre o papel da escola quanto ao uso das variantes linguísticas – uma vez que este indivíduo não escolarizado não necessariamente é analfabeto ou não tem contato com o mundo da língua escrita. O conceito de analfabetismo é delicado, uma vez que do ponto de vista legal o simples fato de o indivíduo reconhecer as letras que compõem o alfabeto já é considerado como prova de sua alfabetização, mesmo que ele não saiba escrever ou ler qualquer coisa (Cf. BRASIL, 2004). Uma das estratégias utilizadas pelo IBGE é a autodefinição, em que o próprio colaborador se diz analfabeto ou não. Assim, uma solução que se encontra para esse problema é

estratificar os dados da pesquisa a partir da baixa escolaridade, o que inclui o colaborador completamente analfabeto, o analfabeto funcional, o não analfabeto que nunca frequentou a escola e aquele que chegou a frequentar a escola, mas não concluiu os primeiros anos do ensino fundamental.

A fim de verificar se há algum condicionamento das ocorrências das variantes linguísticas sensível ao nível de educação dos falantes maceioenses, estabeleço quatro faixas de coleta de dados a partir da escolarização dos colaboradores: baixa escolaridade, que deve considerar os colaboradores que cursaram até os quatro primeiros anos do ensino fundamental; ensino fundamental, que estratifica os colaboradores que tem escolaridade entre o quinto e o nono anos do ensino fundamental; ensino médio, que agrupa os colaboradores que tenham o ensino médio, concluído ou não; e ensino superior, para todos os colaboradores que já terminaram ou estejam cursando o ensino superior.

3.2.1.2.3 Fator Sexo

Ao se considerar a variação diagenérica, ou a variação de sexo, a primeira regra que entra em jogo é a premissa que mulheres têm comportamento linguístico pró-norma e tendem a utilizar as variantes linguísticas de maior prestígio e evitar as formas estigmatizadas, enquanto homens apresentam comportamento inverso, não apresentando tanta sensibilidade quanto ao prestígio das formas linguísticas.

Foi assim que aconteceu com os estudos sobre /r/ realizados por Labov (2008 [1972]) na cidade de Nova Iorque e tem se repetido em uma série de pesquisas realizadas no decorrer dos últimos cinquenta anos (Cf. ECKERT; EDWARDS; ROBINS, 1985; ECKERT, 1989; CHESHIRE, 2003 e outros), de modo que quando se trabalha com esta variável comumente se busca perceber quais as formas variantes gozam de maior ou menor prestígio dentro do grupo social investigado. “Entre os resultados consistentes mais claros da pesquisa sociolinguística na comunidade de fala estão os achados relativos à diferenciação linguística de homens e mulheres²⁷.” (LABOV, 1991, p. 205).

Outra premissa presente na variação diagenérica é que as mulheres apresentam uma maior produtividade das variantes linguísticas inovadoras que caminham para a

²⁷ No original: Among the clear stand most consistent results of sociolinguistic research in the speech community are the findings concerning the linguistic differentiation of men and women.

mudança linguística, ao ponto de em uma concorrência de variantes, assume-se que aquela que tiver maior uso pelas mulheres esteja em ascensão, e a outra menos utilizada, esteja em declínio, o que demonstra um cenário de possível mudança linguística. “Os homens usam mais as formas não padrão, menos influenciados pelo estigma social dirigido contra elas; ou, inversamente, as mulheres usam mais as formas padrões, respondendo ao prestígio evidente associada com elas²⁸.” (Ibid., p. 210).

Há algumas discussões acerca da ideia de gênero em detrimento a sexo, uma vez que o gênero não se retém à limitação biológica e dá conta das construções sociais acerca da sexualidade de cada indivíduo, o que é bastante pertinente de acordo com as intenções da pesquisa. “Na pesquisa variacionista, as ideias sobre sexo e gênero têm sido tensionadas a seguir este desenvolvimento, embora o que poderia ser chamado de uma modificação de abordagem essencialista permanece dominante em muitos trabalhos”²⁹ (CHESHIRE, 2003, p. 01). Pois, quando o objetivo do trabalho não tem uma preocupação necessariamente com a sexualidade do indivíduo, mas com a estratificação social em busca da identificação das formas de prestígio e de estigma, é esperado que se opte pela variável sexo, que é justamente o que faço com este trabalho. Segundo o preceito laboviano:

Um viés biológico não é evitado por cair na categoria de homens e mulheres como variáveis independentes, mas sim traçando o comportamento diferencial entre homens e mulheres através de uma ampla variedade de fatores sociais. É somente esta informação que irá permitir o desenvolvimento de categorias interpretativas que comandarão um acordo geral.³⁰ (LABOV, 1991, p. 242)

Concordando com Labov (1991), no surgimento da variante linguística, a diferenciação sexual parece ser independente dos fatores sociais, o que sugere um processo mecânico para todas as classes sociais. “Os mais claros e consistentes

²⁸ No original: Men use more nonstandard forms, less influenced by the social stigma directed against them; or, conversely, women use more standard forms, responding to the overt prestige associated with them.

²⁹ No original: In variationist research, ideas about sex and gender have also tended to follow this development, although what could be termed a modified essentialist approach remains dominant in much work.

³⁰ No original: A biological bias is not avoided by dropping the category of men and women as independent variables, but rather by tracing the differential behavior of men and women through a wide variety of social factors. It is only this information that will permit the development of interpretive categories that will command general agreement.

resultados de mais de 30 anos de pesquisa sociolinguística na comunidade de fala concerne na diferenciação linguística ente homens e mulheres³¹” (LABOV, 1991, p. 205). O sexo parece ser decisivo nas escolhas linguísticas a partir do momento que a variante começa a interagir com outros fatores sociais e desperta a noção de prestígio do falante acerca das variantes, revelando diferentes mecanismos sensitivos de perceber a variação linguística entre homens e mulheres.

3.2.2 Comunidade de fala

Desde o surgimento da Teoria da variação, a noção de comunidade de fala se faz presente, embora não seja consensual a definição de seu conceito, uma vez que há algumas controvérsias, logo de origem, no que tange ao possível estabelecimento de fronteiras geográficas e sociais e aos critérios demarcadores de uso individual das regras linguísticas, o que motiva o surgimento de abordagens teóricas macroestruturais – com ênfase nas questões mais sociais que nas linguísticas – e microestruturais – mais preocupadas com as particularidades individuais dos falantes no interior da comunidade –, de modo que o termo comunidade de fala pode referir-se a grupos grandes, como cidades inteiras, e pequenos, do tipo bairros ou subgrupos de pessoas (divididos por estratificação como idade e sexo, por exemplo).

Utilizado, inicialmente para definir as relações linguísticas entre os grupos sociais distintos que se encontravam na Ilha de Martha’s Vineyard, o conceito de comunidade de fala permitiu a Labov (2008 [1972]) explicar os princípios de variação e mudança linguística que permeavam o campo subjetivo da identidade.

O curioso é observar que a identidade, neste nível, apresenta características bilaterais, pois ao mesmo tempo em que o falante, a partir de suas escolhas linguísticas, revela uma identidade individual de acordo com a comunidade de fala a qual pertence, define os traços que podem identificar essa mesma comunidade.

Em Martha’s Vineyard, Labov (2008 [1972]) investigou a centralização fonética da vogal /a/ nos ditongos [ay] e [aw], observando que os altos índices de centralização da vogal estavam intrinsecamente ligados aos sentimentos que os habitantes da ilha mantinham sobre ela, de modo que quanto maior a identidade do sujeito falante com

³¹ No original: The clearest and most consistent results of more than 30 years of sociolinguistic research in the speech community concern the linguistic differentiation of women and men.

o local, maior a realização do fonema centralizado; já quem menos nutria sentimentos patrióticos com a ilha eram justamente os que apresentavam os menores números de centralização, aproximando-se dos veranistas, que eram aquelas pessoas que não moravam na ilha, mas mantinham casas de verão e geralmente pertenciam a uma classe social mais alta que os habitantes nativos da ilha.

Quando um homem diz [rait] ou [raus], está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence. Nesse sentido, a centralização não é diferente de nenhum dos outros traços subfônicos de outras regiões que são distinguidas por seu dialeto local. (LABOV, 2008 [1972], p. 57).

As realizações subjetivas de identidade que os falantes nativos da ilha mantinham com o grupo social a qual pertenciam é que condicionavam as escolhas linguísticas que faziam, ao mesmo tempo que delimitavam as fronteiras linguísticas da comunidade de fala da ilha, a qual foi definida de acordo com as realizações da centralização da vogal /a/, o que conseqüentemente perpassou as questões de identidade.

O grande problema em trabalhar com comunidade de fala é justamente a dificuldade em estabelecer fronteiras claras e firmes que a isole das demais comunidades (Cf. SEVERO, 2008). Uma pesquisa, por exemplo, que busque explicar um determinado fenômeno linguístico que se realize no Brasil, em relação aos demais países de língua portuguesa, deve considerar toda a comunidade de falantes no Brasil como uma comunidade de fala, embora seja claro e evidente que ao se isolar um fenômeno linguístico qualquer produzido no português do Brasil, ele pode apresentar diferentes usos em diferentes regiões geográficas do país; e mesmo ao diminuir os espaços de pesquisa para uma cidade como Maceió, sem dúvida, pode-se encontrar diferentes comunidades de fala em diferentes bairros da cidade e assim por diante.

As delimitações de uma comunidade de fala perpassam, dessa forma, as intenções do pesquisador ao estabelecer fronteiras no seu campo de estudo, o que é indispensável para as investigações sociolinguísticas, uma vez que a pesquisa variacionista não consegue explicar satisfatoriamente os processos de variações e mudanças existentes na língua, sem antes considerar a fragmentação teórica de grupos linguísticos. É o olhar do investigador que vai determinar, de acordo com a variação a ser estudada e os seus objetivos de estudo, os limites da comunidade de

fala, pois apenas assim poderá trabalhar com um grupo homogêneo que lhe sustente a análise.

Labov (2008 [1972]) prega que é o valor atribuído pelo grupo de indivíduos a essa comunidade de fala que lhe confere certa homogeneidade, bem como sua identificação no âmbito das diversidades da língua. Assim, os falantes devem compartilhar traços linguísticos de valor que sejam diferentes dos outros grupos, ter uma alta frequência de comunicação entre si e apresentar as mesmas normas e atitudes em relação à linguagem.

Além de valores conscientes em relação à língua, os falantes de uma mesma comunidade de fala compartilham, inconscientemente, aspectos essenciais do sistema linguístico – as regras gramaticais –, sendo que os indivíduos adquirem tal sistema sem que eles possam escolher falar deste ou daquele jeito. (SEVERO, 2008, p. 08)

As pesquisas com comunidades de fala que seguem a orientação laboviana tendem a considerar os indivíduos de modo estratificado, através de categorias sociais dadas (incluindo escolaridade, sexo, idade, profissão, etc.) vinculadas à ideia de classes sociais.

Nessa perspectiva, a sociolinguística variacionista visa correlacionar fenômenos linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe e outros), contrapondo-os a fatos sociais (sexo, idade, escolaridade, etc.). Assim, a noção de comunidade de fala está intrinsecamente relacionada às escolhas e atitudes linguísticas de seus falantes, uma vez que “comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (LABOV, 1972 [2008], p. 150), o que significa que os membros de uma comunidade da fala não têm a obrigação de falarem as mesmas coisas do mesmo jeito, mas compartilharão as avaliações sociais dos elementos linguísticos – o que inclui a noção de prestígio e estigma social.

Portanto, para realização da pesquisa sociolinguística, “o linguista opta pela uniformidade das atitudes dos falantes em relação à língua para definir as fronteiras de uma comunidade de fala e, com isso, evitar certo tipo de variação” (VANIN, 2009, p. 148). Foi exatamente o que fez Labov (2008 [1972]) ao tratar da variação linguística da ilha de Martha’s Vineyard, considerando a comunidade local de modo uniforme, ao reconhecer que a ilha tinha um valor social para os seus membros.

A delimitação da comunidade de fala se torna, assim, fundamental para a realização de pesquisas variacionistas, pois um de seus pressupostos teóricos é a homogeneidade das variáveis dentro da comunidade, de acordo com os aspectos extralinguísticos como classe social, escolaridade, sexo, localidade geográfica, etc.

A comunidade de fala é, para Guy (2001), composta por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros grupos e apresentam relações comunicativas mais intensas com esses membros que com aqueles, o que atribui à comunidade de fala certa homogeneidade e leva os falantes de uma mesma comunidade de fala a compartilharem traços linguísticos de valores diferentes dos outros grupos sociais.

Qualquer nordestino, por exemplo, reconhece uma pessoa do Sul ou Sudeste do país por seus usos linguísticos (há também os fatores estereotípicos que ajudam nesta identificação, como vestimentas, gestuário e comportamentos sociais, entre outros), o que apenas é possível se se considerar que os falantes dessas regiões do país constituem uma comunidade de fala homogênea e estável.

A comunidade de fala, assim, pode ser melhor compreendida como resultante da negociação ativa da relação de um indivíduo com as estruturas sociais mais amplas, na medida em que essa negociação é sinalizada através da linguagem e de outros meios semióticos. Dessa forma, estabelece-se a identidade de uma comunidade de fala, bem como do falante que nela está conscientemente inserido. Aliás, Labov (2008 [1972]) reconhece que em nível de aquisição de linguagem há uma inconsciência por parte do falante que não escolhe por se inserir em uma língua ou qualquer uma de suas variações, mas defende que este falante tem consciência da comunidade de fala a qual participa e de seu prestígio social. Afinal, “os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em status ou prestígio por acordo geral”. (LABOV, 1972 [2008], p. 64)

Assim, a proposta de investigação da Sociolinguística Variacionista que surge a partir dos anos 1960, nos EUA, necessita de delimitação de uma comunidade de fala, que será feita de acordo com as intenções do pesquisador, a fim de explicar como os aspectos de variação linguística (fonéticos/fonológicos, morfológicos, sintáticos e discursivos) estão relacionados com aspectos sociais (idade, sexo, classe social, localidade, etc.) através do valor de prestígio que resulta dessa relação.

Neste caso, a minha proposta de investigação tem como comunidade de fala a cidade de Maceió, a partir da qual devo contrapor os dados fonéticos/fonológicos – precisamente acerca da palatalização das oclusivas alveolares – com os fatores diastráticos idade, sexo e escolaridade.

4. AJUSTANDO A CÂMERA

A escolha pelo *flash* da câmera fotográfica, por recursos de *zoom* ou por algum filtro de imagem – comum nos aparelhos digitais – interferem imensamente na qualidade da imagem fotografada, bem como no estilo de fotografia que se pretende fazer. Assim, no instante da fotografia, o profissional tem que estar ciente de suas intenções, da qualidade e possibilidades de configuração que a máquina lhe permite, do objeto a ser fotografado, do ambiente, etc., para poder fazer os ajustes necessários em seu equipamento e conseguir a fotografia desejada.

Com o pesquisador em Sociolinguística Variacionista, o cuidado é semelhante, afinal, para realizar uma pesquisa dessa natureza, deve-se estar evidente qual o objeto de pesquisa, qual fenômeno linguístico, quais os procedimentos metodológicos utilizados, para então, conseguir chegar aos dados e investigar os processos variacionistas. Deste modo, os ajustes teóricos são necessários para lidar com o fenômeno linguístico, que, no caso desta tese, será de natureza fonética/fonológica.

Os estudos sobre fonética e fonologia, embora se constituam de diferentes objetos, andam lado a lado. A fonética é uma área da ciência que está mais preocupada com os aspectos acústico-articulatórios dos sons, bem como suas particularidades históricas e evolutivas, e busca investigar os problemas acerca da materialidade dos sons da fala. A fonologia, por sua vez, encontra seu objeto de análise na estrutura linguística, buscando compreender e explicar as correlações existentes entre os aspectos físicos dos sons da fala humana e os sentidos resultantes.

A fonética é tão antiga quanto os estudos linguísticos, sendo motivo de investigação desde os gregos antigos. Já a fonologia nasceu com a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), de Saussure, e tinha como objetivo, naquele momento, explicar, de modo sincrônico, as regras do sistema sonoro da língua que permitiam a produção de sentido. Ademais, Saussure já observava que a estrutura linguística é composta apenas por diferenças, não importando as semelhanças, mas as distinções entre os fonemas:

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitam distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação. (SAUSSURE, 2006, p. 136)

Após o nascimento do estruturalismo, com a publicação do CLG, boa parte dos pesquisadores desenvolveu uma preocupação âmbra com os aspectos estruturais da língua, influenciando o surgimento das principais escolas linguísticas da Europa, como as escolas de Praga e Copenhague, bem como o Formalismo americano.

O círculo de Praga, fundado em 1926 por Mathesius, reuniu um conjunto de pesquisadores tchecos, como Havranek, além de contar com a colaboração de linguistas alemães, franceses e de outras nacionalidades, como os russos Roman Jakobson e Nicolai Trubetskoy, figuras dominantes nessa escola.

Trubetskoy (1969) cultiva uma preocupação especial com os aspectos fonológicos da língua. Partindo da premissa saussuriana da distinção linguística, ele apresenta alguns padrões de funcionamento da fonologia, mostrando como, de uma língua para outra, o comportamento das unidades mínimas das formas é capaz de se modificar, podendo ou não ser elemento distintivo.

É neste momento que se fixa claramente as fronteiras entre fonética e fonologia; sendo a fonética o estudo apenas dos sons, preocupada com zonas de articulação, com vozeamento, movimento da língua, etc. na produção de sons linguísticos. Por outro lado,

É tarefa da fonologia estudar quais as diferenças fônicas estão relacionadas com as diferenças de significado em uma determinada língua, de que modo os elementos de diferenciação (ou marcas) estão relacionados entre si, e segundo quais regras podem ser combinados em palavras ou frases³². (TRUBETSKOY, 1964, p. 10).

A fronteira que se estabelece entre fonética e fonologia é o limite da significação, pois a fonologia busca estudar como os sons estão estritamente relacionados aos sentidos. De modo superficial, pode-se afirmar que Trubetskoy (1969) aplica ao fonema a realidade do signo saussuriano, em que um apenas existe em oposição aos demais, valendo-se do princípio da distinção ao mesmo tempo em que carrega uma marca sonora, material, e uma unidade de sentido, significado. De modo que não há uma correspondência necessária entre os sons e os fonemas, podendo haver diferentes realizações sonoras para os mesmos fonemas, ou seja, os alofones, como,

³² No original: It is the task of phonology to study which differences in sound are related to differences in meaning in a given language, in which way the discriminative elements (or marks) are related to each other, and the rules according to which they may be combined into words and sentences.

por exemplo, o uso da oclusiva alveolar [t], em palavras como “tatu”, ou da africada alveopalatal [tʃ] em palavras como “oito”, realizadas em alguns lugares do Nordeste (Cf. SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014).

Outro conceito bastante importante levantado por Trubetskoy (1969) é o da neutralização das oposições, que pode ser um fato da estrutura de uma dada língua, ou contextual. Uma oposição estrutural diz respeito às posições que determinado som pode ocupar na língua, como, por exemplo, os fonemas [ʎi], que, embora possam aparecer no meio e no final de algumas palavras do português como “tolhido” e “entalhe”, etc., não aparecem no início de nenhuma palavra no português, com exceção dos empréstimos linguísticos do tipo “lhama”. “Isso quer dizer que nas posições nas quais o fonema é impossível, não há oposição distintiva possível com outro fonema. Portanto, o sistema fonológico geral dos fonemas é superposto por um sistema parcial específico a uma língua”. (PAVEAU, 2006, p. 129)

A neutralização contextual, por sua vez, pode ser assimilativa ou dissimilativa. A dissimilação implica a transformação de um fonema duas formas distintas ou que possuem um traço comum se estão na mesma vizinhança, o que pode ser percebido, em português, com os fonemas [a] e [ɛ] em palavras do tipo “raiva”, que pode ser produzida foneticamente como [rɛɪvɐ] em que há uma clara distinção entre cada fonema. No entanto, em algumas palavras, essa distinção é neutralizada, uma vez que “[...] a adição de uma linha de associação pode ser facilmente isolada como uma das características de regras fonológicas especialmente simples³³” (GOLDSMITH, 1996, p. 12), ou seja, acontece uma assimilação, que pode ser observada em português em formas do tipo “peteca” [pɛ'tɛkɐ] e “bolota” ['bɔlɔtɐ] e [gɔʃ.tɔ], cujas realizações assimilam os traços de abertura da vogal da sílaba seguinte (MATTOSO CÂMARA Jr., 2011).

Trubetskoy (1969) estabelece o estudo do que chamou de grupos de fonemas, que deveria dar conta das combinações fonéticas de cada língua particular, no interior de uma unidade significativa, como as combinações de fonemas consonantais e fonemas vocálicos:

³³ No original: [...] in that the addition of an association line could be easily isolated as one of the characteristics of especially simple phonological rules.

É claro que, em tal estudo, as posições no interior do quadro em questão (posição inicial, mediana e final), por um lado, e as três formas básicas de combinações de fonemas (ou seja, combinações de fonemas de vogais uns com os outros, fonemas consonantais com uns aos outros, fonemas vocálicos com fonemas consonantais), por outro, devem ser tratadas separadamente³⁴. (TRUBETSKOY, 1969, p. 250).

O estudo do grupo de fonemas deve investigar quais os fonemas, em uma dada língua, podem se agrupar em uma determinada posição contextual ou que fonemas se auto excluem nessa posição, bem como deve indicar o número de cada grupo de fonemas admitidos em uma determinada posição da palavra.

Contrariando, a princípio, uma possível dicotomia entre sincronia e diacronia, Trubetskoy (1969) acredita que apenas na observação da evolução fonética é possível descrever o funcionamento adequado das estruturas fonéticas de uma língua, afinal todo fenômeno linguístico, como qualquer fato social, tem sua gama de acontecimentos sociais cuja compreensão é necessária para se ter noção das forças atuais que estão em vigor. Para Trubetskoy (1964), o sistema fonológico evolui dentro de um sistema geral que exclui algumas combinações e favorece outras, de modo que cada evolução no sistema fonológico se direciona a um fim específico.

Com Trubetskoy, surgiu uma das primeiras tentativas de análise taxonômica das propriedades fonéticas distintivas presentes nas línguas, baseada em uma classificação dos contrastes entre os fonemas. Em 1952, junto com Fant e Halle, Trubetskoy lança o livro *Preliminaries to Speech Analysis* (PSA), no qual apresenta pela primeira vez um modelo de traços distintivos. A partir de um número limitado de cerca de 15 traços, os autores propuseram um sistema universal de representação dos contrastes existentes nas línguas, prevendo apenas as marcas distintivas que pudessem ser encontradas (Cf. PAVEAU, 2006).

Outro teórico muito importante para os estudos da fonologia é Bloomfield. Fortemente influenciado pelas teorias psicológicas behavioristas, Bloomfield recusa a concepção mentalista do significado (a solução saussuriana do significado como conceito) e adota um modelo mecanicista de aquisição de linguagem baseado no princípio de estímulo e resposta. Para ele, o elemento fundante da língua é o som, que através de um conjunto de processos sociais de condicionamentos são

³⁴ No original: It is clear that in such a study the positions within the particular frames (initial, medial, and final position), on the hand, and the three basic forms of phoneme combinations (i.e., combinations of vowel phonemes with each other, consonantal phonemes with each other, ad vowel phonemes with consonantal phonemes), on the other, must be treated separately.

memorizados pelo falante, de modo que “as formas linguísticas são as unidades de sinal que, pronunciadas pelos locutores, suscitam respostas a uma situação” (PAVEAU, 2006, p. 152).

As formas linguísticas podem ser classificadas como formas lexicais – a combinação dos fonemas com os sentidos – e formas gramaticais ou táticas, a menor unidade da forma. As unidades da forma são os chamados taxemas, um traço de disposição gramatical que pode ser tratado como elemento autônomo. “O segmento *Corra!*, por exemplo, resulta da combinação do dois taxemas, a exclamação e o infinitivo, que podem ser descritos e isolados separadamente” (Ibid., p. 152).

As formas linguísticas que se repetem na língua são tratadas por Bloomfield (1956) como formas constituintes, como os fonemas, os morfemas e os lexemas, elementos comuns às formas complexas. A noção de inclusão de constituintes simples nas formas complexas é a base da concepção hierárquica da frase em constituintes. No caso da seleção de formas, ele reconhece que cada item linguístico se comporta diferentemente, de acordo com os outros elementos que o acompanham.

O constituinte é conhecido por ser *contido* (ou *incluído* ou *inserido*) nas formas complexas. Se uma forma complexa, ao lado da parte comum, contém um resíduo, tal como *cran-* em *cranberry*, o que não ocorre em qualquer outra forma complexa, esse resíduo também é uma forma linguística; é um componente único da forma complexa. As formas constituintes em nossos exemplos acima são: *John*, *correu*, *Bill*, *caiu*, *dança*, *preto*, *baga*, *palha*, *flor*, *cran-* (constituinte único em *cranberry*), *-y* (-forma constituinte em *Johnny*, *Billy*), *-ing* (-forma constituinte em *playing*, *dancing*). Em qualquer forma complexa, cada componente é conhecido por *acompanhar* outros constituintes³⁵ (BLOOMFIELD, 1956, p. 161, destaque do autor)

Nesse caso, a gramática se realiza através do arranjo das formas linguísticas, entre ordem, modulação e modificação fonética. A ordem diz respeito à sucessão de constituintes, ao funcionamento dos sintagmas, como a relação entre determinante e nome. A modulação trata da utilização daquilo que ele chamou de fonemas secundários, de ordem suprasegmental, como entonação e acento. A modificação

³⁵ No original: The constituent is said to be *contained in* (or to be *included* or to *enter into*) the complex forms. If a complex form, beside the common part, contains a remainder, such as the *cran-* in *cranberry*, which does not occur in any other complex form, this remainder also is a linguistic form; it is a *unique constituent* of the complex form. The constituent forms in our examples above are: *John*, *ran*, *Bill*, *fell*, *dance*, *black*, *berry*, *straw*, *flower*, *cran-* (unique constituent in *cranberry*), *-y* (bound-form constituent in *Johnny*, *Billy*), *-ing* (bound-form constituent in *playing*, *dancing*). In any complex form, each constituent is said to *accompany* other constituents.

fonética cuida da mudança de fonemas primários de uma forma, como, por exemplo, as mudanças fonéticas da flexão, que pode ser vista, em português, em palavras como fim e final.

As ideias de Bloomfield que nortearam a linguística americana estruturalista inspiraram um tratado de muito uso, sobretudo, na descrição de línguas indígenas, *Phonemics* de Pike (1947), um excelente método de levantamento de fonemas com base em traços articulatórios, que compreende três premissas básicas: a) Sons tendem a ser modificados pelo ambiente; b) Sons tendem a uma simetria fonética e c) Sons tendem a flutuar. (BISOL, 2006, p. 02)

O objetivo principal de Pike tem sido, em continuidade aos estudos de Bloomfield, fornecer subsídios para o tratamento fonológico de uma língua ágrafa, a fim de descobrir os seus fonemas e, então, poder propor uma escrita. Recurso que foi bastante utilizado por alguns linguistas americanos que tentaram descrever e normatizar algumas línguas nativas.

Deste modo, tem-se consolidado as diferenças teóricas entre Fonética e Fonologia (ou Fonêmica, na tradição americana), quanto aos significados distintivos que as unidades sonoras podem carregar, pois um fonema vem a ser um traço/segmento sonoro distintivo e não apenas uma unidade mínima de som, o que vem a ser o fone, objeto de estudo da fonética.

Os estudos fonéticos têm se aproximado mais das ciências exatas que a fonologia, pelo seu aspecto descritivista, que busca esmiunçar os processos e os mecanismos utilizados na produção do som. A fonética tem se subdividido de acordo com diferentes objetivos, de modo que se tem a fonética auditiva, focada no estudo da percepção da fala; a fonética acústica, que compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em conta a transmissão sonora que vai do falante ao ouvinte; a fonética instrumental, que leva em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais; e a fonética articulatória, preocupada com a produção dos sons da fala, do ponto de vista da fisiologia humana e articulatória. (Cf. CRISTÓFARO, 2001)

Geralmente, as pesquisas em fonologia acabam se utilizando dos recursos fonéticos – até para uma acertada descrição dos sons linguísticos – e, inversamente, os trabalhos em fonética também podem recorrer às contribuições da fonologia, de modo que, embora se tratem de distintas áreas de conhecimento, uma acaba servindo a outra (Cf. PAVEAU, 2006).

4.1 Teorias fonológicas

Durante todo o século XX, há o surgimento de diversos modelos teóricos que resplandecem o objetivo de correlacionar os níveis fonético – concreto e material – e fonológico – racional e abstrato –, bem como descrever a estrutura linguística dos sons da fala nas mais diversas línguas existentes. Pode-se afirmar que, dentre essas buscas teóricas, ao menos duas correntes ganharam mais respaldo: a que defende um modelo linear e a que se realiza através de um modelo não-linear.

O modelo linear acontece por considerar a estruturação dos sons da fala como combinação automática e linear de traços ou segmentos sonoros que se juntam para originar os fonemas nas mais diversas línguas.

Os modelos lineares ou segmentais analisam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos. (BISOL, 2005, p 13)

Os modelos não lineares, por sua vez, veem que os traços fonológicos de uma língua podem se organizar hierarquicamente em diferentes *tiers*, podendo ir além ou aquém de um segmento, apresentar conexões com outras unidades ou ter realização isolada.

4.1.1 Modelo linear

Ao se pensar a aplicação de um modelo fonológico linear vem à tona a proposta gerativa de Chomsky e Halle, em 1968, com a publicação de *The Sound Pattern of English* (doravante SPE). Aqui, a sonoridade da língua é tratada atenciosamente como o lugar da realização dos processos significativos que se dão na Estrutura Profunda, de modo que a realização fonológica é o ponto máximo da estrutura linguística e revela, enquanto estrutura superficial, os mecanismos abstratos condicionantes da língua.

O objetivo do estudo descritivo de uma língua é a construção de uma gramática. Podemos pensar a língua como um conjunto de sentenças, cada um com uma forma fonética ideal e uma interpretação semântica intrínseca

associada. A gramática da língua é o sistema de regras que especifica essa correspondência som-significado³⁶. (CHOMSY; HALLE, 1991 [1968], p. 03)

É notável como Chomsky e Halle (1991 [1968]) têm a descrição da língua e a construção de uma gramática como objetivo central de sua teoria, relacionando, portanto, o sistema fonético-fonológico à gramática da língua, sendo a sonoridade, em sua escala fonológica, o *input* da aquisição linguística, e o *output*, a sua materialidade fonética. “O componente fonológico aceita como *input* uma sequência estruturalmente analisada. Como *output*, ele provém da "representação fonética" desta sequência³⁷”. (CHOMSY; HALLE, 1991 [1968], p. 164)

Assim, todos os falantes, através dos processos biológicos de aquisição de linguagem, carregam informações fonológicas, subjacentes na estrutura profunda da língua, que apenas contém aquelas informações distintivas mantenedoras de significação e informações fonéticas que se realizam na estrutura visível e superficial. Isso quer dizer que nem sempre as particularidades da produção individual do falante, perceptível através de sua materialidade fonética, façam parte da estrutura da língua, ou seja, se realize de modo fonológico na estrutura profunda. É assim que se constituem, por exemplo, os alofones, que carregam suas marcas de prestígio e estilo sociais, mas não chegam a marcar distinções significativas no interior da língua. Nessa perspectiva, o fato de alguns falantes de Maceió utilizarem ou não a variante palatalizada das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em palavras como “muito” ou “doido” não caracteriza uma distinção fonológica e profunda, mas uma variação fonética, percebida apenas no nível superficial, uma vez que suas unidades semânticas não são afetadas.

Para o modelo linear de Chomsky e Halle (1991 [1968]), os traços fonéticos, em sua maioria de fundamento acústico ou articulatório, são as unidades mínimas da descrição fonológica. De modo que,

As características fonéticas podem ser caracterizadas como escalas físicas que descrevem independentemente aspectos controláveis do evento de fala, como vocalização, nasalidade, sonorização, glotalização. Há, portanto, tantos

³⁶ No original: The goal of the descriptive study of a language is the construction of a grammar. We may think a language as a set of sentences, each with an ideal phonetics form and an associated intrinsic semantic interpretation. The grammar of the language is the system of rules that specifies this sound-meaning correspondence.

³⁷ No original: The phonological component accepts as input a structurally analyzed string. As output, it provides the “phonetic representation” of this is string.

traços fonéticos como há aspectos sob controle parcialmente independente. É neste sentido que a totalidade dos traços pode ser usada para representar as capacidades de fala-produção do aparelho vocal humano. Vamos dizer que as representações fonéticas das duas unidades são distintas se eles diferem no coeficiente atribuído a pelo menos um traço, e as representações fonéticas de sequências de unidades são distintas se eles contêm unidades distintas ou se eles diferem em seu número ou ordem de unidades³⁸. (CHOMSY; HALLE, 1991 [1968], p. 297)

É pensando dessa forma que os Chomsky e Halle (1991 [1968]) propõem uma matriz binária de traços fonológicos que visa caracterizar todas as línguas humanas possíveis. Ao fazerem isto, fica claro como as distinções fonológicas atuam em um campo limitado, sendo esses limites necessários para o bom funcionamento da língua; na verdade, quanto mais limitações houver, será mais fácil a tarefa de identificar o sistema de uma língua qualquer. Ou seja, diante da imensidão de diferenças fonéticas, apenas algumas se tornam distintivas fonológicas, caracterizando uma língua.

No quadro 2, Chomsky e Halle (1991 [1968]) apresentam a matriz fonético/fonológica do inglês com todos os seus traços binários, que podem ser marcados como positivo (+) ou negativo (-):

Quadro 2 – Composição dos traços distintivos (Continua)

	ī	i	ū	ē	ō	ā	ā	ā	ō	i	u	e	ʌ	o	æ	ɔ	y	w	ε
vocalic	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-
consonantal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
high	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-
back	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	-	+	-	+	-
low	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-
anterior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
coronal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
round	-	-	+	-	+	-	-	+	+	-	+	-	-	+	-	+	-	+	-
tense	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
voice																			
continuant																			
nasal																			
strident																			

³⁸ No original: The phonetic features can be characterized as physical scales describing independently controllable aspects of the speech event, such as vocalicness, nasality, voicing, glottalization. There are, therefore, as many phonetic features as there are aspects under partially independent control. It is in this sense that the totality of phonetic features can be said to represent the speech-producing capabilities of the human vocal apparatus. We shall say that the phonetic representations of two units are distinct if they differ in the coefficient assigned to at least one feature, phonetic representations of sequences of units are distinct if they contain distinct units or if they differ in their number or order of units.

Quadro 2 – Composição dos traços distintivos (Conclusão)

r	l	p	b	f	v	m	t	d	θ	ð	n	s	z	c	č	j	š	ž	k	g	x	ŋ	h	k ^w	g ^w	x ^w	
+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+	+	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	
-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
+	+	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	
																				-	-	-			+	+	+
+	+	-	+	-	+	+	-	+	-	+	+	-	+	-	-	+	-	+	-	+	-	+	-	-	+	-	
+	+	-	-	+	+	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-	-	+	-	+	-	+	-	+	
-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	
-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	

Fonte: Chomsky e Halle (1991 [1968], p. 176)

Como pode ser visto, Chomsky e Halle (1991 [1968]) preveem que os sons do inglês, o que é generalizado para todas as línguas humanas, resultam da combinação de determinados traços. Para eles, cada entrada lexical de uma língua pode ser descrita como uma matriz de traços fonético-fonológicos. Se se considerar um item lexical em português como “oito”, pode-se, neste modelo, ter a seguinte matriz de representação fonética:

Tabela 4 – Traços fonéticos da palavra “oito”

Traços	Fonemas			
	o	i	t	u
consonantal	-	-	+	-
vocálico	+	+	-	+
altura	-	+	-	-
arredondado	+	-	-	+
recuado	-	-	-	+
anterior	-	-	+	-
coronal	-	-	+	-
vozeado	+	+	-	+

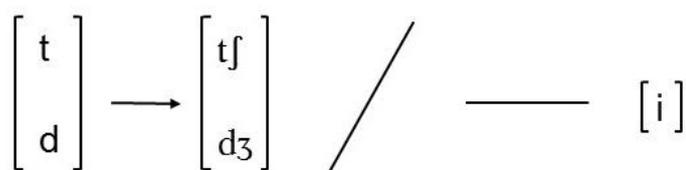
Fonte: Autor (2017)

Como se vê na tabela 4, cada segmento é tido como uma coluna de traços particulares marcados por sua presença ou ausência, o que permite que cada coluna seja obrigatoriamente diferente, em sua totalidade de traços, evidenciando como cada segmento fonético-fonológico é distinto dos demais. Assim, cada item lexical de qualquer língua é composto por segmentos que consistem em colunas ou sequências de colunas de traços fonético-fonológicos, não apresentando qualquer nível de ordenação ou hierarquia entre esses traços, de modo que as línguas são descritas como um conjunto de segmentos compostos por traços binários.

As principais vantagens deste modelo de análise é a sua capacidade de demonstrar com precisão e clareza o funcionamento dos diversos sistemas linguísticos, bem como permitir generalizações significativas. Ao se considerar a subdivisão de segmentos em traços distintivos dispostos em uma matriz é possível notar a distância entre determinados segmentos, como também descrever certos fenômenos a partir de aplicação de regras a classes de segmentos que se relacionam foneticamente.

Pode-se ver, por exemplo, como Bisol (2005) descreveu as regras de transformação da palatalização das oclusivas alveolares produzidas no Rio Grande do Sul:

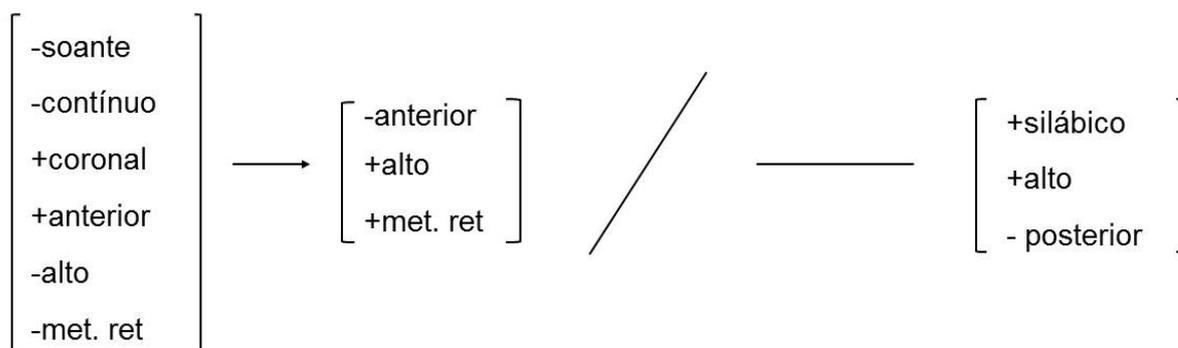
Figura 1 – Regra de palatalização das oclusivas alveolares



Fonte: Bisol (2005, p. 26)

A aplicação da regra na figura 1 determina que as oclusivas alveolares [t] e [d] sejam transformadas em africadas [tʃ] e [dʒ] através dos processos de palatalização sempre que forem antecidos pela vogal anterior alta /i/. Pensando a composição de segmentos como conjunto de traços, pode-se descrever a mesma regra do seguinte modo:

Figura 2 – Regra de palatalização das oclusivas alveolares a partir de traços fonético/fonológicos



Fonte: Bisol (2005, p. 25)

Na figura 2, é notório como os traços dispostos no primeiro conjunto de parênteses se referem a uma classe natural representada pelos fones [t] e [d], que são substituídas pela classe natural das africadas [tʃ] e [dʒ], quando em posição regressiva em relação a vogal anterior alta /i/, configurando a aplicação de uma regra à classe natural dos fonemas. Assim, a teoria de traços fonológicos permite algumas explicações e descrições racionais acerca do comportamento fonético-fonológico de processos linguísticos.

4.1.2 Fonologia não linear

A publicação do SPE serviu como ponto de partida para a formalização de teorias fonológicas baseadas na caracterização de traços distintivos, pois tinham um alto poder explicativo em relação a alguns fenômenos fonológicos, principalmente por conseguir demonstrar o comportamento generalizado de algumas classes naturais. Não obstante, a proposta do SPE continha algumas limitações teóricas, como a impossibilidade de correlação das consoantes labiais [p, m, b], que têm os traços [+ant, -cor] e [-arr], com consoantes labializadas do tipo [tʷ] e [kʷ], que possuem o traço [+arr]. (Cf. HYMAN, 1975). A própria binariedade, marca característica da teoria linear do SPE, é discutida por alguns teóricos como Hyman (1975), Wang (1968) e Ladefoged (1975), que notaram a incapacidade deste modelo dar conta de todos os fenômenos linguísticos, como a descrição da altura das vogais, que, de acordo com o

SPE, pode receber apenas três níveis de abertura a partir da combinação dos traços [+/- baixo] e [+/- alto]: [+alto, -baixo] para vogais altas, [-alto, -baixo] para as vogais médias e [-alto, +baixo] para as vogais baixas. O problema é que algumas línguas não apresentam apenas esses níveis de abertura, como o Dinamarquês e o Sueco (Cf. HYMAN, 1975), que possuem quatro níveis de abertura.

Os próprios autores do SPE observaram, por exemplo, que alguns traços não são suficientes para descrever determinados fenômenos linguísticos, como a caracterização dos traços [+/- consonantal] e [+/- vocálico], como meios de explicar a composição silábica, pois em uma sílaba formada por CVCV, não há como determinar qual deve ser o núcleo dessa sílaba, ou qual das vogais deve vir acentuada, de forma que foi sugerido a substituição do traço [vocálico] pelo traço [silábico], que deve marcar, exclusivamente, a possibilidade de a vogal preencher o espaço de núcleo da sílaba, de modo que três traços básicos passam a descrever as realizações dos fonemas nas línguas: [consonantal], que deve dar conta das consoantes plenas e oclusivas; [soante], todos os sons que não são obstruentes, o que inclui líquidas, nasais, vogais e semivogais; e [silábico], que deve marcar exatamente as vogais que podem ser núcleos silábicos.

Então, a partir dos problemas que a proposta teórica do SPE começou a apresentar, surgiram algumas alternativas não lineares, que desconsideram, por exemplo, a ordenação binária dos traços, como a fonologia Autossegmental; a Métrica; a Lexical; a da Sílaba e a Prosódica.

Neste trabalho em especial, optarei por descrever e utilizar a Fonologia Autossegmental, por considerá-la eficiente e suficiente para analisar os processos de palatalização das oclusivas alveolares, objeto de estudo desta tese.

4.1.2.1 Fonologia Autossegmental

A Fonologia Autossegmental (Cf. GOLDSMITH, 1976) se distingue dos demais modelos apresentados aqui por considerar que as línguas podem ser descritas não apenas por matrizes inteiras de traços binários, mas por segmentos desses traços e de partes dos sons, ou seja, a partir da autossegmentação.

Ficou claro que não há uma relação bijectiva entre os segmentos fonético/fonológicos das línguas e os conjuntos de traços que os representam, de

modo que a proposta da Fonologia Autossegmental é de que existe uma ordenação hierárquica entre os traços do segmento, uma vez que alguns traços podem funcionar isoladamente em determinadas regras fonológicas. Afinal, como já previra Goldsmith (1976, p. 100), ao descrever o comportamento tonal da língua Igbo sobre a natureza dos autossegmentos:

- (i) regras que inserem ou excluem segmentos em um nível autossegmental, mas não os outros;
- (ii) regras que adicionam ou apagam linhas de associação; e
- (iii) regras de funcionamento em um único nível autossegmental que seria inexprimível (e, portanto, em teoria, impossível), são os traços restantes não autossegmentalizados³⁹.

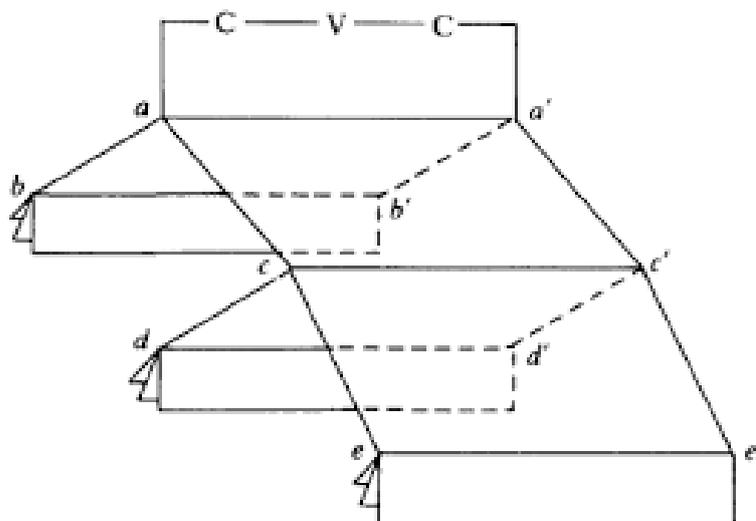
Como é visível em Goldsmith (1976), há diferentes realizações de regras fonológicas do Igbo – como a inserção ou o apagamento de algum dos traços do segmento que não corresponde ao apagamento completo deste segmento – que questionam a teoria da fonologia linear do SPE e apontam para a construção de uma nova teoria que dê conta de tais fenômenos. Ou seja, o nascimento da Fonologia Autossegmental significa que alguns traços do segmento podem atuar isoladamente em determinadas regras fonético-fonológicas ou em conjunto, sempre contribuindo para a expressão de classes naturais.

A Fonologia Autossegmental passa a analisar os segmentos linguísticos como organizado em *tiers*, o que quer dizer que o analista pode tomar partes dos sons e alguns traços isolados para explicar determinados fenômenos. Assim, uma regra fonológica pode se dar no *tier* [nasal], por exemplo, ou no *tier* [coronoal], sem afetar os demais traços do segmento.

No modelo da Geometria de traços desenvolvida por Clements (1999 [1985]), são adjacentes todos os traços do mesmo morfema que se organizam em uma representação tridimensional que permite diferenciar os *tiers* de raiz, da laringe, dos pontos de vogal e pontos de consoante, conforme representação da figura 3:

³⁹ No original: (i) rules that insert or delete segments on one autosegmental level, but not the others; (ii) rules that add or delete association lines; and (iii) rules operating on a single autosegmental level which would be inexpressible (and thus, in theory, impossible), were the remaining features not autosegmentalized.

Figura 3 – Representação arbórea tridimensional

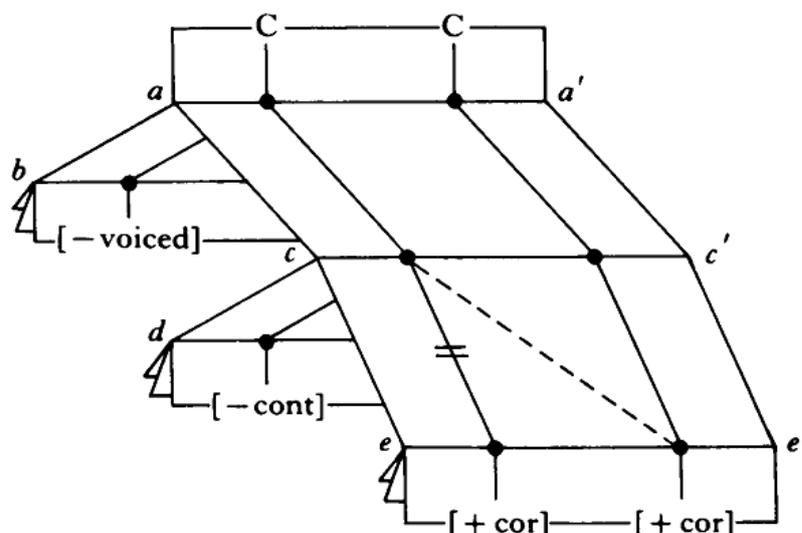


Fonte: Clements (1999 [1985], p. 204)

Conforme pode ser visto na figura 3, o plano aa' representa o nó de raiz, que equivale ao tempo de realização de cada segmento; o plano bb' dá conta do *tier* da laringe, representando os pontos de articulação dessa região; o plano cc' se refere ao *tier* acima da laringe, mas uma vez com suas ramificações que devem dar conta dos sons produzidos nessa área do trato oral; o dd' representa o modo de articulação e ee' o lugar dessa articulação.

Esse tipo de representação permite considerar que a realização lexical se dá num contínuo de um plano, com certa liberdade dos traços que compõem cada segmento e que qualquer alteração no segmento é, necessariamente, oriunda do processo que se inicia nos traços, que, por sua vez, mantêm comunicação com os demais traços dos outros segmentos. Pensar, por exemplo, uma modificação fonética-fonológica de um segmento permite uma representação abstrata da seguinte maneira:

Figura 4 – Representação arbórea tridimensional com traços



Clements (1999 [1985]), na figura 4, exemplifica a assimilação que as oclusivas [t, d, n] fazem do traço coronal das consoantes seguintes em palavras do inglês como “*eighth*”, “*hundredth*”, “*tenth*”, “*each*”, “*edge*”, “*enjoy*”, “*tree*”, “*dream*” e “*enrol*”, sendo estas palavras pronunciadas como interdentalis quando antecedidas de [θ] e pós-alveolares quando antecedidas de [s, z], ou ainda retroflexas, quando antecedidas pela fricativa [r].

Como se vê na figura 4, tem-se a descrição do processo fonético de assimilação, em que um segmento consonantal é afetado por apenas um dos traços do segmento seguinte na altura do *tier* acima da glote, havendo a modificação do traço [cont] para que se possam realizar as fricativas.

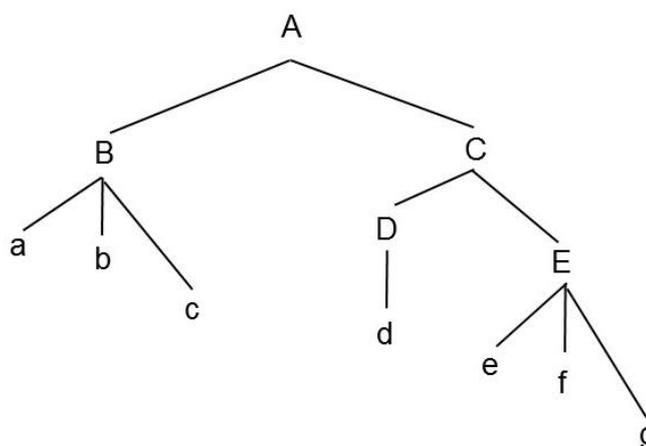
Na versão mais recente da geometria de traços proposta por Clements e Hume (1996), com o intuito de demonstrar como os traços fonético-fonológicos podem ser manipulados isoladamente, os autores defendem que os segmentos são representados por sua organização interna, que se ordenam hierarquicamente em nós terminais que seriam equivalentes a nós fonológicos e intermediários e a classes naturais de traços.

A perspectiva autosegmental se constitui, portanto, como um modelo abstrato que busca representar os processos fonológicos ocorrentes em qualquer língua, como a nasalização, a assimilação, etc. Ela se origina a partir da percepção de insuficiência da Fonética Gerativa Clássica em explicar fenômenos suprasegmentais, tais como sílaba, tom, duração e acento, presentes em uma dada língua.

Na perspectiva autosegmental, os traços podem atuar independentemente como autosegmentos, operando individualmente ou em conjunto na composição dos sons da fala, obedecendo, contudo, a uma hierarquia na composição desses sons. Da independência dos traços decorre que estes podem se estender para além ou aquém de um segmento; e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem. (SOUZA NETO, 2014, p. 66)

Por outro lado, a geometria de traços fonológicos defendida por Clements; Hume (1996) propõe uma organização das representações fonético-fonológicas das línguas. Supõe-se que os traços fonológicos distintivos se organizam em uma hierarquia passível de representação arbórea que obedece a critérios específicos de construção. Esses traços se organizam em camadas e se agrupam em **nós classe**; esses, por sua vez, dependem da **raiz**, onde os traços mais importantes estarão localizados; e a raiz se ligará ao **esqueleto**, correspondente a uma unidade abstrata de tempo, conforme podemos verificar na construção arbórea:

Figura 5 – Estrutura arbórea autosegmental



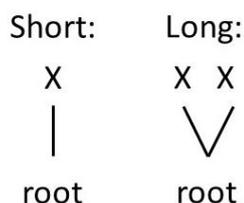
Fonte: Clements e Hume (1996, p. 181)

Na figura 5, A representa o nó de raiz, onde se inicia a ordenação dos traços fonológicos; B e C são os nós de classes, que aglomeram os traços característicos das classes naturais abaixo do trato oral; D e E são nós de classes que dão conta dos traços de realização do trato oral em que boa parte dos processos de assimilação e espriamento acontecem; as demais representações se referem aos traços particulares de cada nó.

Existe uma relação direta entre traços de modo de articulação e a raiz, pois é aqui que deve estar a informação acerca das classes de sons ([cons] e [soan]) e seus níveis de constrição; na raiz se encontram os traços de articulação ([lateral] e [nasal]); e os nós de classe que daí resultam estão ligados ao ponto de articulação e da possibilidade de vozeamento.

Há, também, uma estreita ligação entre o nó de raiz, que comanda todos os nós de classes, com a unidade de tempo ou unidade de peso, como foi realmente nomeada por Clements e Hume (1996), de modo que acima do nó de raiz deve-se considerar mais um nó determinante, que é essencial para explicar como determinados sons podem se realizar em uma fração de tempo. Esse nó, também chamado de fiada de esqueleto ou linha prosódica, é definido por sua biposicionalidade em representar as unidades de tempo, descrevendo como alguns sons são mais longos que outros.

Figura 6 – Fiada de esqueleto ou linha prosódica

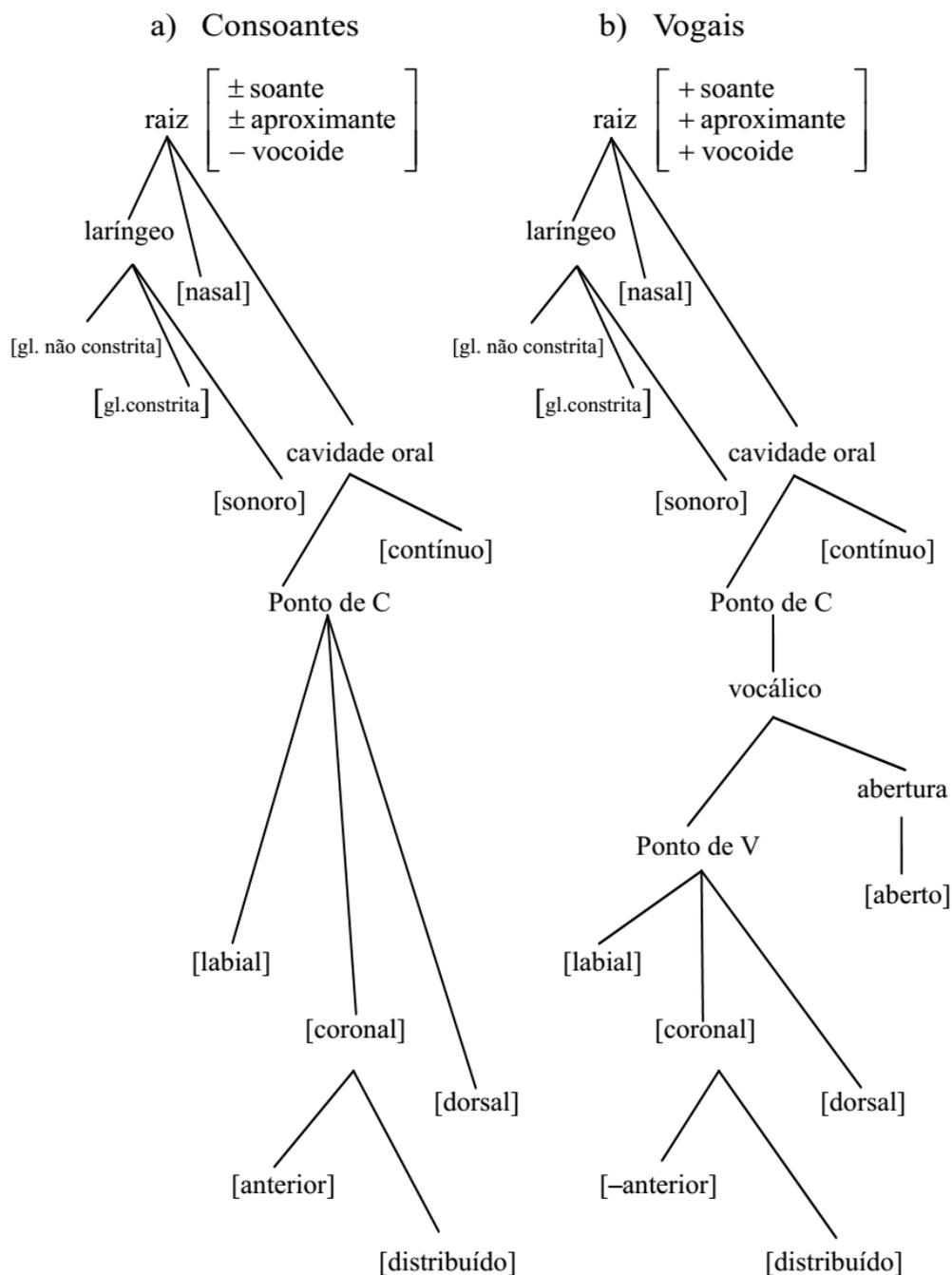


Fonte: Clements e Hume (1996, p.186)

Assim, pode-se ver, na figura 6, como é possível ter uma relação de um para um com o nó de raiz e o nó de tempo ou ter fones mais alongados que ocupam duas posições de tempo. É interessante observar como o segundo caso constitui um tipo de representação não linear, que não poderia ser expressa em outro modelo teórico.

Como a geometria de traços assume o princípio de que todas as regras fonológicas constituem uma única operação (Cf. CLEMENTS e HUME, 1996), na representação arbórea da figura 7, o nó de raiz representa o segmento propriamente dito, os nós laríngeo, nasal, cavidade oral, labial, coronal e dorsal representam os nós de classe que funcionam como classes fonológicas em regras fonológicas e os nós terminais glote não constricta, glote constricta, sonoro, anterior, distribuído e abertura vocálica representam os traços fonológicos:

Figura 7 – Representação arbórea autossegmental



Teoricamente, qualquer som da fala humana é passível de representação na nessa estrutura arbórea. Veja como alguns traços mantêm a binariedade, podendo ser representados pelos sinais de positivo (+) ou negativo (-), enquanto outros são monovalentes, sendo marcados apenas as suas presenças, como é o caso dos traços de ponto.

No nó Cavidade Oral, realizam-se os traços [contínuo] e os nós classe do ponto de articulação: labial, coronal e dorsal. Neste traço da cavidade oral, há de se verificar a possível realização de um som vocálico ou consonantal. Esta configuração arbórea tem uma estrutura interna de um segmento e tem base na fonética articulatória. Pois, conforme Clements; Hume (1996, p. 182):

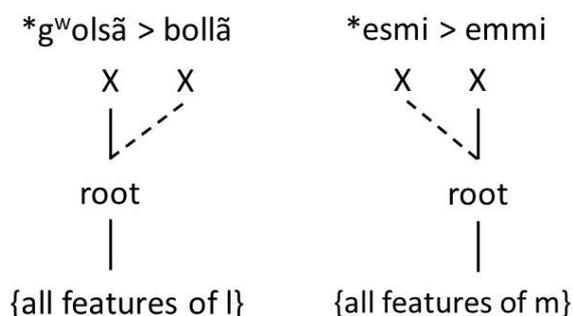
Central para o desenvolvimento atual da teoria de traços é a ideia de que a fala é produzida usando vários articuladores funcionando de forma independente. Estes articuladores – compreendendo os lábios, frente da língua, o corpo da língua, a raiz língua, o palato mole e a laringe – podem ser simples, na constrição primária no trato vocal, ou podem se combinar para produzir várias constrições ao mesmo tempo. Uma vez que os articuladores desempenham um papel fundamental na organização da estrutura do segmento, tem sido proposto que eles deveriam ser representados por nós de suas próprias representações fonológicas, arranjado em camadas separadas⁴⁰.

Essas delimitações formais do modelo de geometria de traços permitem analisar e explicar os principais fenômenos fonológicos pelos quais passam as línguas do mundo, como a palatalização das oclusivas alveolares – objeto de estudo desta tese – através de aplicação de regras como assimilação, dissimilação e neutralização, entre outras.

A assimilação, talvez a regra fonológica mais recorrente, consiste na cópia de traços de segmento por outro segmento das bordas vizinhas, acarretando uma associação ou espriamento de traços. A assimilação pode ser total, o que significa dizer que os traços de um segmento são espriados, em sua totalidade, para um dos segmentos vizinhos; parcial, quando apenas alguns traços do segmento são espriados; ou singular, quando somente um traço de um segmento é assimilado por outro.

⁴⁰ No original: Central to the current development of feature theory is the idea that speech is produced using several independently functioning articulators. These articulators – comprising the lips, the tongue front, the tongue body, the tongue root, the soft palate, and the larynx – may define a single, primary constriction in vocal tract, or may combine to produce several constrictions at the same time. Since the articulators play a fundamental role in the organization of segment structure, it has been proposed that they should be represented by nodes of their own in phonological representations, arrayed on separate tiers.

Figura 8 – Assimilação de traços

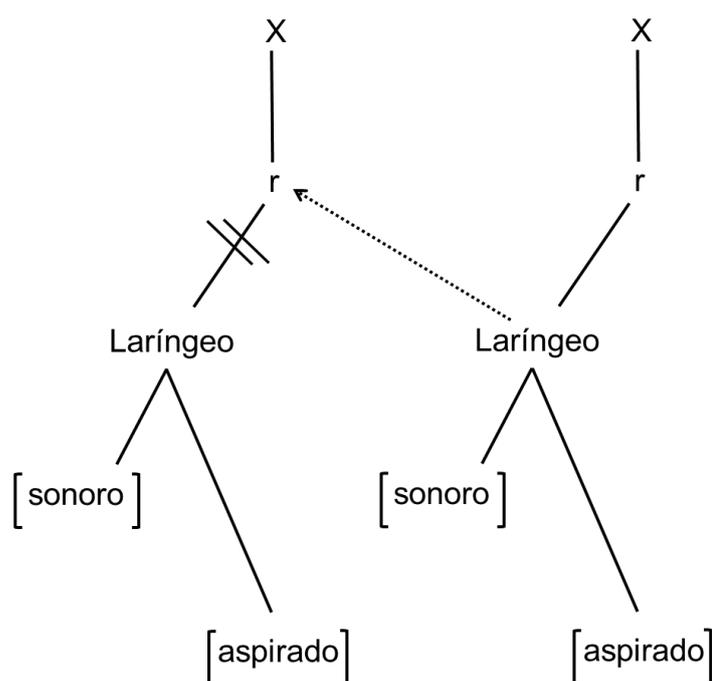


Fonte: Clements e Hume (1996, p. 188)

Como se vê nos exemplos apresentados por Clements e Hume (1996) na figura 8, no primeiro caso, há uma assimilação total, em que todos os traços da lateral [l] foram assimilados à direita pela fricativa [s] que se transformou, conseqüentemente, em um lateral idêntica à primeira. No segundo exemplo, a assimilação total se deu à esquerda, com a fricativa [s] se transformando em bilabial nasal [m].

A assimilação parcial é ilustrada por Bisol (2005) com dados do grego, que mostram como uma seqüência do tipo “bt” pode transformar-se em “pt”, através do espraçamento dos traços [sonoro] e [aspirado] da segunda consoante em direção à primeira, resultando em tal representação arbórea:

Figura 9 – Espraçamento de traços



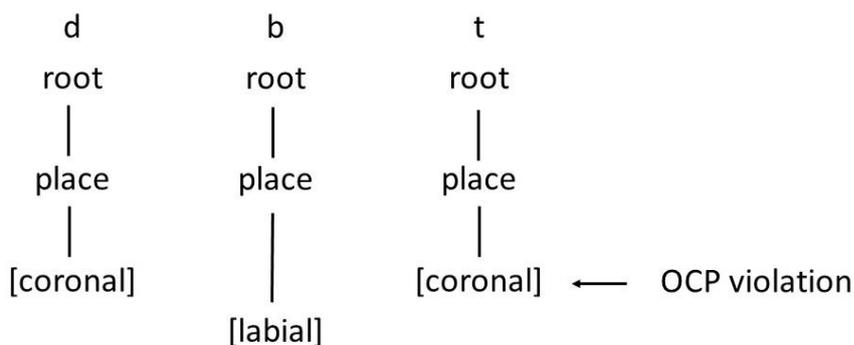
Fonte: Bisol (2005, p. 54)

Como se verifica na figura 9, os dois traços do nó laríngeo da segunda consoante foram assimilados pela primeira. Já a assimilação singular pode facilmente ser exemplificada em português com a nasalização das vogais que se encontram em contextos fonológicos anteriores a consoantes nasais, como “amparo”, “emprego”, “ímpeto”, etc.

A dissimilação, por sua vez, caminha em direção contrária e significa o desligamento de algum traço devido às características de seus segmentos vizinhos. A função da dissimilação é criar ou acentuar distinções entre fonemas vizinhos, mas não contíguos, o que tem explicado muitas evoluções linguísticas no decorrer da história, como a transformação da palavra latina *augustus* > *ogustus* > *agustus* > *agosto* ou *justitia* > *justicia* > *justiça*, pois, na maioria das vezes, a dissimilação pretende evitar a repetição desnecessária e incômoda de fonemas idênticos.

A dissimilação é motivada pelo Princípio de Contorno Obrigatório (do inglês – OCP) e proíbe a formação de sequências, dentro de um mesmo morfema, com traços ou nós idênticos adjacentes, motivando regras que suprimam essas violações, o que transforma a OCP num critério de boa formação, conforme a figura 10:

Figura 10 – Princípio de contorno obrigatório



Fonte: Clements e Hume (1996, p. 191)

Na representação da figura 10, há um caso de violação do OCP no Árabe, provocado pela presença idêntica do traço [coronal] em segmentos, embora não contíguos, no interior do morfema, de modo que se torna esperado que ocorra o processo de dissimilação, surgindo um novo traço ou se apagando um deles, para que volte a existir a distinção entre os fonemas.

Um outro processo fonológico bastante comum é a neutralização, que consiste na eliminação de dois ou mais traços de um segmento em determinados contextos fonológicos, podendo ocorrer em forma de debucalização (apagamento dos contrastes dos traços do trato oral); desvozeamento (perda da vibração das pregas vocais); deglotalização (apagamento das distinções dos traços laríngeos); redução da altura vocálica; ou apagamento de todos os contrastes do segmento.

A neutralização incide como mais um critério de organização de traços, destacando o fato que apenas os nós isolados podem subjazer desligamentos e que qualquer traço que seja apagado como grupo deve compor um nó sozinho na camada. Clements e Hume (1996) dão alguns exemplos do Coreano, em que apresentam três contextos fonológicos de contrastes nos planos do vozeamento, da aspiração e da glotalização com neutralizações das oclusivas em posição de coda silábica. Nesta língua, as coronais [t, t^h, t̚, č, č^h, č̚, s, s̚] são neutralizadas foneticamente em /t/ em diversos contextos, e quando se tem uma fala rápida mais casual, as coronais podem ser completamente assimiladas por uma sequência oclusiva em certos falantes, como pode ser verificado neste exemplo dos autores:

Quadro 3 – Assimilação de coronais em uma sequência oclusiva

	/-e/ “in”	/-kwa/ “and”		
		slower		faster
/pat ^h /	pat ^h -e	pat-k’wa	or	pak-k’wa “field”
/os/	os-e	ot-k’wa	or	ok-k’wa “clothes”
/čăč/	čăč-e	čăt-k’wa	or	čăk-k’wa “mother’s milk”
/k’oč ^h /	k’oč ^h -e	k’ot-k’wa	or	k’ok-k’wa “flower”

Fonte: Clements e Hume (1996, p. 192)

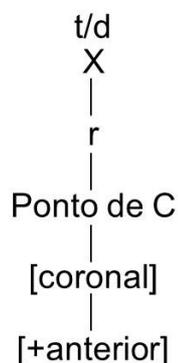
Como se pode ver no quadro 3, em uma fala mais rápida no coreano, a regra padrão é o espraiamento do nó de raiz da segunda consoante em direção à primeira posição do esqueleto, de modo que as regras de neutralização consistem também em critérios de organização de traços, o que acarreta o fato de que os traços de nós isolados que sejam desligados como grupo devam constituir um nó sozinho em seu *tier*.

Outros processos fonológicos são também ocorrentes, mas em pequeno número, como a deleção, o encurtamento ou o enfraquecimento, a fusão (merge) e a fissão, e devem, do mesmo modo, favorecer a caracterização de regras naturais em termos formais.

Como pode ser visto, na proposta da geometria de traços, os segmentos são compostos, ordenados e hierarquizados por traços de base prosódica e articulatória, que se dispõem em três tipos de associação, resultando em diferentes configurações segmentais: segmentos simples; segmentos complexos; e segmentos de contorno.

Um segmento será considerado como simples quando tiver apenas um nó de raiz e puder ser caracterizado por somente um traço de articulação oral. As consoantes oclusivas alveolares [t] e [d], objetos de estudo nesta tese, compõem um exemplo de segmentos simples, pois apresentam uma só articulação, pois como é visível na figura 11, as duas consoantes têm somente um ponto de articulação, neste caso representado pelo traço coronal:

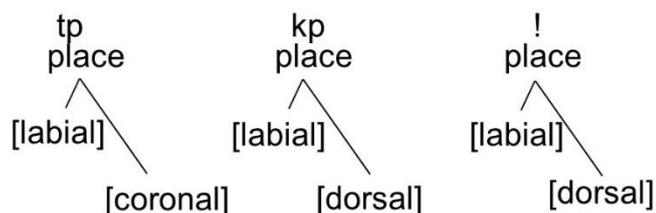
Figura 11 – Traços de articulação oral das oclusivas /t/ e /d/.



Fonte: Autor (2017)

Um segmento complexo, por sua vez, apresenta um nó de raiz caracterizado por mais de um traço de articulação oral, de modo que o segmento vai apresentar mais de uma constrição simultânea dos traços comuns do Ponto de C, podendo haver uma articulação complexa de segmentos envolvendo todos os pares possíveis de articulação oral, definidos pelos traços labial, coronal e dorsal, conforme a figura 12:

Figura 12 – Traços de articulação oral

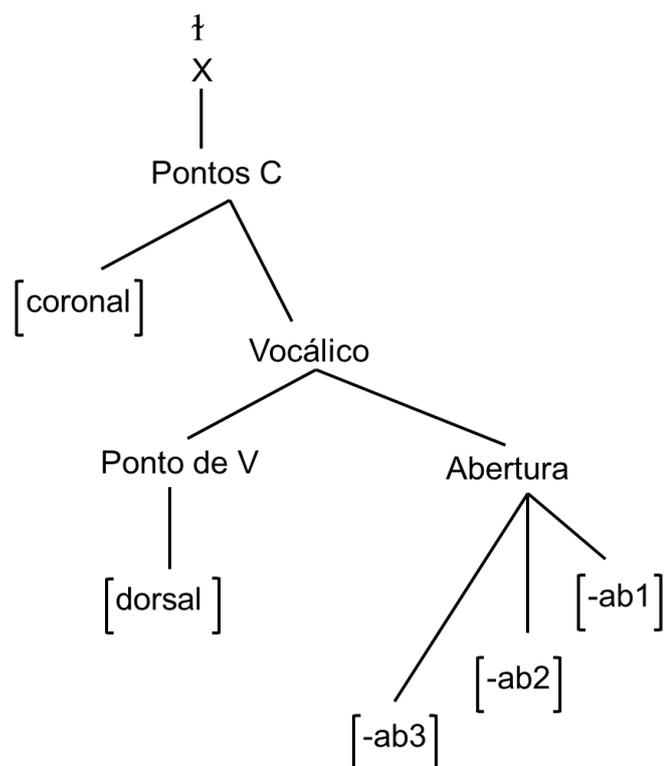


Fonte: Clements e Hume (1996, p. 184)

Clements e Hume (1996) apresentam os exemplos da língua Yeletnye, que possui uma oclusiva lábio-coronal [tp], formada simultaneamente pelo fechamento dos lábios e o posicionamento frontal da língua; da fricativa labiovelar [kp], comum ao lorubá, que simultaneamente apresenta o fechamento dos lábios e o alçamento do dorso da língua; e clique alveolar, típico de algumas línguas africanas como o Banto e Khoisan, que ao mesmo tempo movimenta o ápice da língua para a região frontal do trato oral e o dorso da língua para cima, conforme pode ser verificado na representação arbórea da figura 12.

Aqueles segmentos que suportam mais de uma articulação oral em diferentes níveis são considerados, igualmente, segmentos complexos; é o que acontece com a articulação secundária, como a labialização e alguns casos de velarização e palatalização, pois há a presença de traços vocálicos ligando um ao outro pelo nó Ponto de consoante, que implementa esse tipo de articulação, tal como ocorre com a lateral velarizada [ɭ], representada na figura 13:

Figura 13 – Segmento complexo



Fonte: Bisol (2005)

Nesta árvore, há uma distinção pela organização dos traços na hierarquia da estrutura, em que os traços de articulação primária, neste caso o traço coronal presente no Ponto de C, sempre ocupa o nó superior da estrutura, a articulação predominante, em detrimento ao traço de articulação secundária, o traço dorsal presente no Ponto de V.

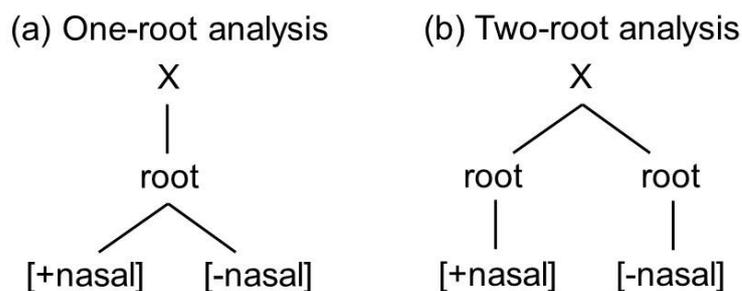
Um segmento de contorno, por sua vez, contém uma sequência ou um contorno de traços diferentes que se comporta em relação aos demais segmentos da vizinhança, de modo que um traço originalmente com valor positivo (+) pode se comportar como negativo (-), dependendo dos valores dos traços em sua borda de vizinhança.

A motivação clássica para reconhecer segmentos de contorno é a existência de "efeitos de bordas" fonológicas, segundo os quais um dado segmento se comporta como se tivesse a característica [+F] em relação aos segmentos de um lado e [-F] no outro⁴¹. (CLEMENTS; HUME, 1996, p. 184)

⁴¹ No original: The classical motivation for recognizing contour segments is the existence of phonological "edge effects," according to which a given segment behaves as though it bears the feature [+F] with regard to segments on one side and [-F] with regard to those on the other.

Os segmentos de contorno se caracterizam por sua oposição binária dos traços, em que uma borda do segmento apresenta um valor, seja positivo ou negativo, e a borda seguinte apresenta um valor exatamente contrário a primeira, conforme é possível visualizar na figura 14:

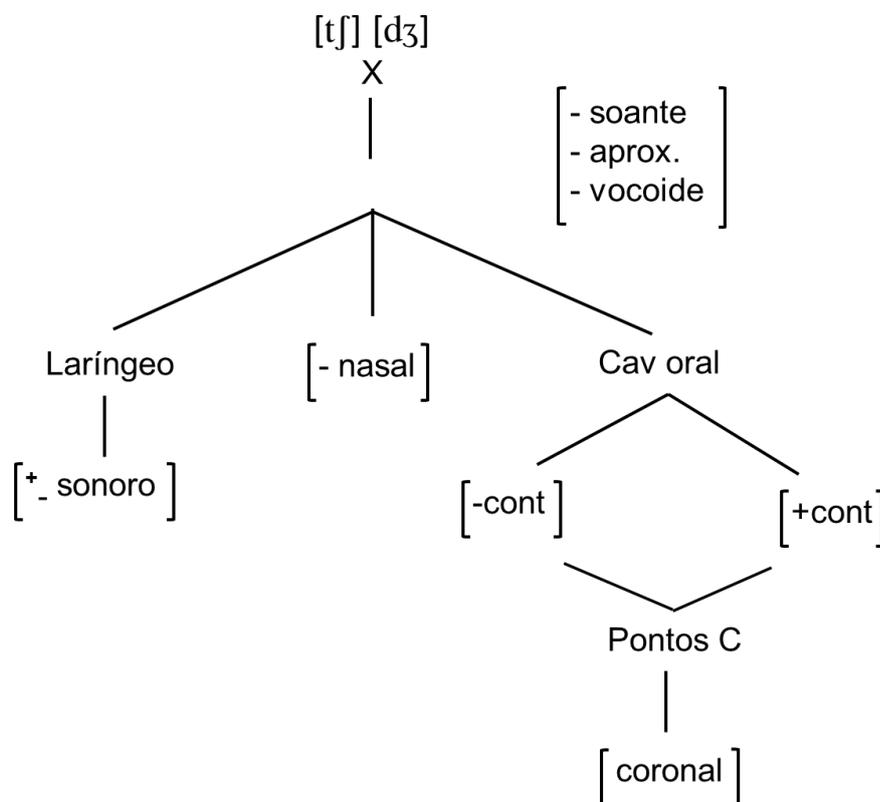
Figura 14 – Segmentos de contorno



Fonte: Clements e Hume (1996)

Os segmentos de contornos se caracterizam por apresentar uma sequência de traços opostos ligados por um único nó em posição mais alta, de modo que podem ser representadas, nessa estrutura, sequências fonológicas como a oclusiva pré-nasalizada [ʰd], marcadas pela oposição [+nasal] [-nasal], ou como as africadas palato-alveolares [tʃ] [dʒ], que pode ser representada como segmento de contorno por apresentar a sequência [-contínuo] [+contínuo], conforme pode ser verificado na representação arbórea da figura 15:

Figura 15 – Palatalização das oclusivas alveolares como segmento de contorno



Fonte: Autor (2017)

Em suma, as oclusivas pré-nasalizadas e pós-nasalizadas e as consoantes africadas são candidatas esperadas para este tipo de segmento (Cf. BISOL, 2005), em que apresentam dois nós de raiz, embora tenha apenas uma fiada de esqueleto ou nó de tempo. “Observe, no entanto, que mesmo com esta restrição, há um grande número teoricamente possível, mas não ocorrendo, de segmentos complexos, tendo tais sequências como [+vozeado] [-vozeado] ou [-distribuído] [+distribuído].⁴²” (CLEMENTS; HUME, 1996, p 184).

É possível notar na figura 15 que, embora o segmento apresente traços opostos na cavidade oral quanto à continuidade do segmento, eles compartilham o mesmo traço da articulação oral no Ponto de C, o coronal. Ou seja, a palatalização das oclusivas alveolares [tʃ] e [dʒ] se dá claramente como segmento de contorno, uma vez que compartilham em suas diferentes constrições o mesmo traço de articulação oral e apresentam, em uma das fiadas, oposição binária de traços, o que me leva a

⁴² No original: Notice, however, that even with this constraint, a large number of theoretically possible but nonoccurring, complex segments, bearing such sequences as [+voiced] [-voiced] or [-distributed] [+distributed].

acreditar que o traço compartilhado, o coronal, é o gatilho do processo que acarreta o espriamento do traço contínuo da cavidade oral, conforme explico com mais detalhes no capítulo 9º desta tese.

Dessa forma, a geometria de traços fonológicos visa dar conta das realizações sonoras vocálicas e consonantais de qualquer língua, preocupando-se com os fenômenos suprasegmentais das realizações fonológicas, como os processos de palatalização das oclusivas alveolares, fornecendo informações para dissecação e análise dos dados.

5. ESCOLHENDO O ÂNGULO

A fim de delimitar o espaço de discussões sobre os processos de palatalização das oclusivas alveolares no português falado no Brasil, precisamente a sua variedade maceioense, torna-se pertinente considerar outros trabalhos realizados com esta temática em outros lugares do Brasil, pois assim como as expressões estéticas de uma fotografia dependem necessariamente do local em que se encontra o fotógrafo no momento em que aperta o botão, delimitando, entre outras coisas, o seu ângulo de visão – o que, claro, tem perpassadas suas intenções conscientes e inconscientes –, o resultado de uma pesquisa sociolinguística depende do posicionamento assumido pelo pesquisador no momento da coleta e análise de seus dados, o que deve ser considerado, entre outras coisas, suas particularidades sociais e geográficas.

Este capítulo, assim, deve apresentar diferentes resultados de algumas pesquisas realizadas em distintos lugares do país, servindo como parâmetros para as escolhas teóricas e metodológicas em relação à coleta e à investigação dos dados, bem como provendo informações relevantes para fomentar sua discussão a partir de comparação e contraposição de resultados.

Serão vistos trabalhos realizados no Sul, no Sudeste e no Nordeste brasileiros, todos com suas particularidades metodológicas, mas que permitem uma consideração razoável acerca dos processos de palatalização das oclusivas alveolares no território brasileiro.

5.1 Região Sul

Inicialmente, serão apresentados resultados e particularidades metodológicas de algumas pesquisas realizadas na região Sul do Brasil. A primeira se dá na comparação entre as produções palatalizadas da cidade de Porto Alegre, da região de fronteira com o Uruguai e de duas comunidades estrangeiras – italiana e alemã – realizada por Bisol (1991); a segunda na cidade de Antônio Prado, no interior de Rio Grande do Sul, e é organizada por Battiste et al (2007). A terceira é realizada em Florianópolis por Pagotto (2004) e compara as produções palatalizadas do Centro Urbano da cidade com a região menos urbanizada do Ribeirão da Ilha; e por fim, a pesquisa realizada por Dutra (2007), que se dá na cidade fronteira de Chuí, também

no Rio Grande do Sul, com falantes bilíngues de português e espanhol, característica dos falantes da região.

5.1.1 Bisol (1991)

Bisol (1991) investiga o processo de palatalização das oclusivas dentais⁴³ no Rio Grande do Sul e realiza, para tanto, uma seleção metodológica de informantes que consiste em 15 (quinze) falantes de Porto Alegre, 15 (quinze) falantes da região de fronteira com o Uruguai, 15 (quinze) falantes bilíngues de colônia alemã e 15 (quinze) falantes, também bilíngues, de colônia italiana – todos com o nível de educação primário – e para grupo de controle, a pesquisadora selecionou 15 colaboradores da capital com ensino superior.

Bisol (1991) elegeu como variáveis sociais da investigação, a idade e o grupo étnico; e como variáveis linguísticas: sílaba, acento, contextos anterior e seguinte e conjuntura (a posição da consoante oclusiva na palavra).

Ao analisar a posição da oclusiva alveolar, Bisol (1991) constata que de todas os fatores do grupo (inicial, prefixal, final, haplologia ou clítico), o contexto de realização da consoante oclusiva em posição final, como em palavras do tipo “dente” e “pente”, demonstrou ser o mais produtivo no processo de palatalização, independente do grupo étnico ao qual pertence o falante, apresentando pesos relativos de 0.66 a 0.96, sendo, este contexto, categoricamente, favorecedor do processo de palatalização regressiva. A oclusiva realizada como clítico (de casa) também demonstrou favorecimento da regra de palatalização, mas não com o grupo da região fronteira, que apresentou peso relativo de apenas 0.27, inibindo a palatalização.

No contexto precedente, a atenção tem se voltado à presença das sibilantes [s, z] que surgem como inibidoras do processo de palatalização em todos os grupos étnicos. As nasais e as laterais têm apresentados valores probabilísticos próximos do ponto neutro, enquanto os demais contextos (vogal anterior [i], vogal posterior [o],

⁴³ Estou mantendo a nomenclatura utilizada pelos autores em relação a este tipo de consoante oclusiva, embora, nesta tese, eu prefira a definição “alveolar” por considerar que as oclusivas dentais só são produtivas em contexto regressivo.

vibrante múltipla [r] e zero (tio)) aparecem com diferentes valores, dependendo do grupo de falantes.

Quanto ao contexto seguinte, Bisol (1991) constatou que a lateral (dilema) e a palatal nasal (continha) favorecem a regra, independente de quaisquer que sejam os grupos de colaboradores. Enquanto a nasal bilabial (time), tende a inibir a aplicação de regra. A vibrante simples (arte) tem um comportamento bastante irregular, dependendo do grupo de falantes.

Bisol (1991) observa que o contexto fonológico mais produtivo é o da palatal nasal com peso relativo de 0.67 em favor da aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais com dados do grupo de controle de 15 falantes de Porto Alegre com ensino superior. Ao passo que o contexto fonológico que mais inibe a regra é o que tem as sibilantes [s, z], que surge com peso relativo de 0.33, definitivamente desfavorecendo a palatalização regressiva.

Os maiores contrastes apresentados nas falas dos diferentes grupos estão entre os dados dos falantes de Porto Alegre e dos falantes de origem étnica italiana, com a enorme distância entre os pesos relativos de 0.88 para os primeiros e 0.08 para falantes da área italiana. O grupo fronteiro e o grupo de origem alemã também apresentaram um favorecimento da regra com peso relativo de 0.72 e 0.60, respectivamente.

Ao contrapor os dados de palatalização com a variável social idade, Bisol (1991) constata que os falantes mais jovens estão produzindo mais as formas palatalizadas que os mais velhos em todas as comunidades, com exceção da região metropolitana. Isto indica que na época do estudo o processo estava aparentemente em expansão.

A autora chama a atenção para a característica inibidora das sibilantes [s, z] que restringem o processo de palatalização das consoantes oclusivas:

É, portanto, a característica [- alta], compartilhada por ambos, o que torna a oclusiva coronal mais forte, tendendo a impedir a assimilação da vogal alta que causou palatalização. Em outras palavras, há uma conexão fisicamente definível entre a oclusiva [t, d] e a fricativa [s, z] que motiva a retenção alveolar. É o comportamento neutro dos alvéolos completos [s, z] que se opõem ao levantamento e frontalização do corpo da língua, necessário para a articulação palatal, eliminando assim o esforço físico envolvido na articulação das africadas [tʃ, dʒ]. Trata-se, portanto, de um processo de minimização do esforço

articulatório, que é plenamente alcançado através da supressão da vogal interveniente⁴⁴. (BISOL, 1991, p. 113).

Assim, há a tendência nos dados coletados por Bisol (1991) à queda da vogal no contexto das sibilantes [z, s], dando origem a formas fonéticas como an[ts], [ds]culpe, me[ds]ina, entre outras. A hipótese é que a conservação da consoante oclusiva em contexto das sibilantes se dá pela ação conjunta dos traços comuns mais fortes nos segmentos [t, d, s, z] que leva ao apagamento da vogal e conseqüentemente à impossibilidade da palatalização.

Contrapondo o processo de palatalização à sílaba e ao acento, no dialeto metropolitano, a autora nota que a palatalização ocorre em sílabas fortes e fracas, reforçando uma preferência pela posição tônica e pretônica e que apenas haverá a palatalização em posição postônica se mesmo assim ainda estiver em sílaba forte. “A palatalização que converte uma oclusiva dental em uma africada palatal é um caso típico de aumento das propriedades fonéticas que se aplica de preferência em posições fortes, de acordo com os princípios que regulam os processos de reforço⁴⁵” (BISOL, 1991, p. 117).

Por outro lado, o fenômeno apresentou um comportamento inverso nas áreas de comunidade italiana e alemã, onde a palatalização é mais frequente nas sílabas mais fracas, o que vem ser explicado pelo processo de saliência fônica. A palatalização vem se mostrando um fenômeno inovador nas áreas de comunidade, sendo mais produtiva entre as pessoas mais jovens e com laços culturais mais distantes da origem europeia. De acordo com a autora, o critério de saliência atesta que as formas inovadoras em sílabas menos proeminentes tendem a ter mais sucesso que as inovações em sílabas fortes.

A regra incipiente mostra preferência por realizações sensíveis que passam despercebidas, isto é, para posições menos complexas na estrutura da sílaba,

⁴⁴ No original: It is, therefore, the feature [- high], shared by both, which makes the coronal stop stronger, tending to prevent the assimilation of the high vowel which caused palatalization. In other words, there is a physically definable connection between the stop [t,d] and the fricative [s,z] which motivates the retention of the alveolar. It is the neutral behavior of the full alveolars [s, z] which opposes the raising and fronting of the body of the tongue, necessary for the articulation of a palatal, thus eliminating the physical effort involved in the articulation of the affricates [tʃ, dʒ]. It is, therefore, a process of minimization of the articulatory effort, which is fully achieved through the deletion of the intervening vowel.

⁴⁵ No original: The palatalization which converts a dental stop into a palatal affricate is a typical case of increase in phonetic properties which applies preferably in strong positions, according to the principles which regulate the reinforcement processes.

ou para menor força prosódica, ou para segmentos fonológicos menos complexos e representações subjacentes menos abstratas. Diminuindo o efeito externo, isso impede a crítica de comportamento linguístico incomum, mais prejudicial para a expansão de uma regra e sua consequente generalização⁴⁶. (BISOL, 1991, p. 117)

Assim, a autora consegue explicar como o processo de palatalização das oclusivas dentais apresenta uma tendência de realização distinta dependendo do grupo investigado, sendo mais produtivo na área metropolitana – inclusive com maior uso com os falantes de maior idade – e apresentando-se com uma regra variável inovadora nas regiões de comunidade estrangeira, sendo mais empregada pelos falantes mais jovens. Isto indica que a palatalização é uma regra comum a mais tempo em Porto Alegre, se expandindo para as demais áreas do Rio Grande do Sul, onde o fenômeno aparece como inovador.

5.1.2 Pagotto (2004)

Pagotto (2004) fez um amplo estudo sobre a palatalização em três regiões de Florianópolis – Paraná. Ele investigou 8573 dados em contexto de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal alta /i/ na região urbana Central, na Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão. A sua variável dependente apresenta três variantes, as oclusivas dentais [t, d], as africadas alveolares [ts, dz] e as africadas palato-alveolares, [tʃ] e [dʒ].

Para a realização de sua pesquisa, Pagotto (2004) utilizou 63 entrevistas do Projeto Varsul – Variação Linguística da Região Sul – utilizando como variáveis externas de análise, a idade, o sexo, a escolaridade e a localidade de residência. Como variáveis linguísticas, ele investigou a posição da variável na palavra, a posição da variável em relação ao acento, a sonoridade da consoante, segmento antecedente, natureza do [i] que segue a variável, contexto seguinte à vogal [i], nível morfológico da variável e classe de palavra, além de outras variáveis que não apresentaram

⁴⁶ No original: The incipient rule shows preference for sensitive manifestations that go unnoticed, that is, for less complex positions in the syllable structure, or for less prosodic strength, or for less complex phonological segments and less abstract underlying representations. Lessening the external effect, it thus prevents criticism of unusual linguistic behavior, most harmful for the expansion of a rule and its consequent generalization.

significância estatística em função da variável dependente. Como se vê, Pagotto (2004) estabeleceu variáveis linguísticas de nível prosódico, articulatório e lexical.

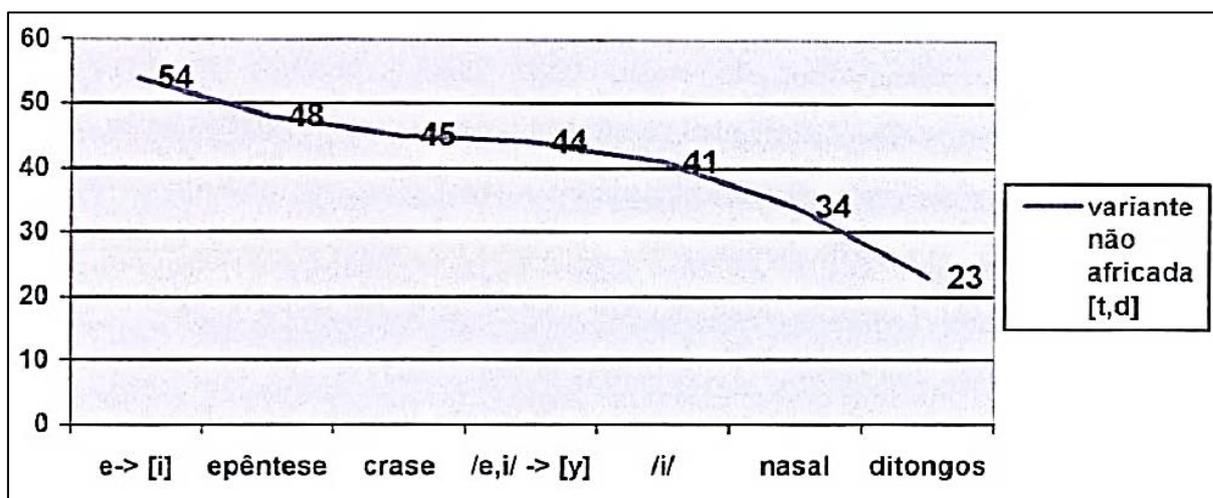
Ao analisar os efeitos da sonoridade no processo de palatalização, a pesquisa de Pagotto (2004) apresentou resultados previsíveis, uma vez que traz a constatação de que as variantes desvozeadas são estatisticamente mais realizáveis que suas concorrentes vozeadas, o que claramente favorece o processo.

O contexto anterior é investigado em quase duas dezenas de variantes e busca dar conta de todas as possibilidades fonéticas no ambiente anterior às oclusivas dentais, sendo os contextos mais significativos e favorecedores do processo de palatalização a presença da vogal anterior alta /i/, seja de natureza fonológica ou fonética, as vogais fechadas [u] e [o] e as fricativas alveolares /s/ e /z/. Aparentemente os traços [+altura] e [+coronal] atuam na palatalização, favorecendo o condicionamento do processo.

No contexto seguinte, Pagotto (2004) investiga a realização plena da vogal alta /i/, em palavras como “tipo” e “dia”; a vogal /i/ nasalizada, como em “tinha”; a ditongação, “de uma vez”; a presença de [i] fonético, “dente” e “grade”; a realização de [i] epentético como em “advogado” [adivo'gado]; consoante em ambiente de epêntese “administrar” [admini'f'trax]; consoante com queda da vogal que segue /s/ e /z/, como em “medicina” [me'dsina]; queda de vogal que não segue /s/ e /z/, como em “diferente” [dfe'reti]; crase no /i/, como “noite inteira”; e vogal com ditongo posterior, em palavras do tipo “índio” e “pediu”.

Os ambientes fonéticos mais favorecedores da palatalização em contexto seguinte foram os casos de crase de /i/, os casos de ditongação, a realização de /i/ fonológico, a presença de ditongos e a queda da vogal alta /i/ quando não segue a fricativa. Ao passo que os demais contextos demonstraram inibição à aplicação da regra ou se posicionaram próximo ao ponto neutro.

Gráfico 1 – Peso relativo dos tipos de vogal realizada em Pagotto (2004)



Fonte: Pagotto, (2004, p. 268)

Como se vê no gráfico 1, há uma clara linearidade na queda de uso das variantes não africadas, o que sugere, por outro lado, um aumento das formas palatalizadas que encontram ambiente favorável desde os casos de epêntese e tem sua maior realização com os ditongos seguintes.

Quanto à contribuição dessa variável para o processo de palatalização, o autor afirma que embora os casos de glide⁴⁷ apareçam favorecendo a aplicação da regra, não há evidências suficientes para defender que o contexto seguinte seja responsável, sozinho, pelo condicionamento do processo.

No contexto seguinte à vogal /i/, após verificar uma série de variantes que podem ocupar tal espaço, Pagotto (2004) destaca que o processo de palatalização das oclusivas dentais será mais produtivo no caso de nasais posteriores como em palavras do tipo “tinha” e “dinheiro”, que surgem peso relativo de 0.78. Esta regra também apresenta condicionamento com a presença das fricativas labiais /f/ e /v/, como nas palavras “difícil”, “divertido” e “patife”.

Ao investigar a quantidade de sílabas na palavra e o acento, Pagotto (2004) observou que a presença da oclusiva em sílaba final de palavra parece inibir a regra de palatalização. Por outro lado, o contexto de acento que mais condiciona o processo de palatalização é o que tem a oclusiva em posição postônica, principalmente quando ocupa a sílaba medial, como em palavras do tipo “médico” e “ortopédico”.

⁴⁷ Mantenho o termo empregado pelo autor, mas para esta tese prefiro a nomenclatura de “semivogal”.

Analisando uma possível interferência dos níveis morfológicos das classes de palavras no processo de palatalização regressiva, Pagotto (2004) nota que aparentemente os elementos clíticos, bem como o sufixo *-idade*, demonstram favorecer a aplicação da regra. Por outro lado, o contexto de juntura, como em “cento e dez”, parece inibir o processo. Porém, “como não se trata de um condicionamento muito forte, é preferível, no momento, não arriscar nenhuma afirmação conclusiva, ficando o tema aberto para futuras pesquisas” (ibid., p. 311).

Quanto a correlação entre a variável externa localidade e o processo de palatalização, a pesquisa revelou que há um favorecimento para a aplicação da regra somente na região urbana de Florianópolis, à medida que os falantes das regiões de Ribeirão da Ilha demonstraram inibição da regra de palatalização.

Com a variável idade, o fator que se revelou mais produtivo da palatalização foi a faixa etária dos jovens, que agrupados com idades entre 15 e 23 anos, favorecem a aplicação da regra. Há uma clara interferência linear, demonstrando que quanto maior a idade do colaborador, maior sua resistência às formas inovadoras das variantes palatalizadas.

Já com a variável escolaridade, há um favorecimento crescente da regra de palatalização conforme aumenta o tempo de instrução do colaborador, sendo a regra mais produtiva com os colaboradores com ensino superior. A influência do ensino superior é tão forte no processo de palatalização que ao fazer o cruzamento da idade com a escolaridade, Pagotto (op. cit., p. 321) observa que “a partir de 25 anos só se diferenciam quanto à escolaridade se considerarmos de um lado os universitários e de outro os demais níveis de escolaridade”. Ao passo que os falantes com até 23 anos de idade demonstram maior sensibilidade aos níveis de instrução, aumentando o uso das formas palatalizadas na proporção que aumentam o tempo de escolaridade.

Quanto ao uso das variantes palatalizadas em relação ao sexo do informante, o Pagotto (2004) destaca que, na maior parte das rodadas estatísticas, não houve diferenciação significativa entre cada um dos fatores.

Ao fazer o cruzamento entre a idade e sexo, como se observa na tabela 5, Pagotto (2004) verifica que as mulheres jovens apresentam os maiores valores de realização das formas palatalizadas, embora com as demais faixas etárias, os homens surjam com maior probabilidade de produção.

Tabela 5 – Variável segundo sexo e faixa etária em Pagotto (2004)

Idade	Feminino			Masculino		
	[t]	[ts]	[tʃ]	[t]	[ts]	[tʃ]
15-23 anos	36% (385/1080) p.r. .23	30% (329/1080)	34% (366/1080)	50% (422/847) p.r. .39	26% (222/847)	24% (204/847)
25-50 anos	66% (1371/2066) p.r. .55	18% (377/2066)	15% (318/2066)	65% (1086/1669) p.r. .53	17% (277/1669)	18% (306/1669)
Acima de 50 anos	69% (1139/1661) p.r. .58	20% (331/1661)	11% (191/1661)	69% (860/1250) p.r. .58	19% (235/250)	12% (155/1250)
Total	60% (2895/4807)	22% (1037/4807)	18% (875/4807)	63% (2368/3766)	19% (734/3766)	18% (644/3766)
Input .63						

Fonte: Pagotto (2004, p. 331)

Sintetizando e concluindo os resultados da pesquisa, Pagotto (2004) destaca o diferente comportamento linguístico entre os falantes da região urbana de Florianópolis em relação aos falantes de área não urbana, já que as variantes palatalizadas se mostram muito mais produtivas na área central da cidade e têm entrado na região de Ribeirão da Ilha (Freguesia e Sertão do Ribeirão) como formas inovadoras nascidas na região urbana central.

O alto índice de produção das formas palatalizadas pelos colaboradores com ensino superior permite afirmar que o processo de mudança se dá “de cima para baixo” e tem sua origem na classe média, tomando a escolaridade como divisor social.

A distinção de comportamento linguístico entre as diferentes faixas etárias também é uma evidência de mudança em curso, já que em todos os lugares investigados, os mais jovens apresentaram uma maior frequência de uso das formas palatalizadas, inclusive quando houve o cruzamento de dados da idade com escolaridade, demonstrando que os mais jovens são mais sensíveis aos efeitos da escolaridade sobre o processo de palatalização.

Por fim, embora o sexo não tenha apresentado aspectos distintivos claros, ao ser cruzado com a escolaridade, evidenciou que os falantes jovens do sexo feminino tendem a utilizar em maior proporção as formas palatalizadas das oclusivas dentais. A pesquisa de uma forma geral produz evidências que a palatalização das oclusivas

dentais está ganhando prestígio social e se encontra em expansão, caracterizando um processo de mudança em curso.

5.1.3 Battisti et al (2007)

Battisti et al (2007) investigaram o processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares “tia” [tʃia], “dia” [dʒia] na cidade de Antônio Prado, no interior do Rio Grande do Sul, e, para tanto, analisaram 26.600 contextos fonológicos extraídos de 48 colaboradores divididos entre sexo (masculino e feminino), idade (de 15 a 29 anos, de 30 a 49 anos, de 50 a 69 anos e acima de 70 anos) e moradia (zona rural e zona urbana).

De início, Battisti et al (2007) já destacam a baixa produtividade das variantes palatalizadas em Antônio Prado se comparadas com as variantes oclusivas simples, pois, do total de contextos analisados, houve apenas 30% de palatalizações.

Para averiguar as proporções de ocorrência desse fenômeno, Battisti et al (2007) consideraram como variáveis linguísticas o contexto fonológico seguinte e o precedente às oclusivas alveolares /t/ e /d/, o status da vogal alta /i/, a posição da sílaba na palavra e a tonicidade.

De todas as variáveis investigadas, mostraram-se satisfatórias para a aplicação da regra de palatalização os estratos sociais idade e local de residência e o contexto fonológico status da vogal alta. Quanto à idade, os dados revelaram que quanto mais jovem for o colaborador maior é o uso das variáveis palatalizadas, pois os dados oriundos de colaboradores entre 15 e 30 anos tiveram peso relativo de 0.76; os dados entre 31 e 50 anos obtiveram peso de 0.75; os dos falantes com idade entre 51 e 70 anos, peso de 0.46; e os falantes acima de 70 alcançaram um peso relativo de apenas 0.09, mostrando claramente que essa regra fonética é inovadora e está mais próxima da realidade dos jovens.

No entanto, Battisti et al (2007) não acreditam que a variação esteja caminhando para uma mudança em curso, pois, de acordo com eles, a frequência geral de uso das variáveis palatalizadas é de cerca de 30% e entre os jovens esses valores não ultrapassam os 40%, o que revela que embora esse processo seja mais popular entre os mais jovens, aparentemente ele está caminhando para uma estabilização e convivência harmoniosa com as variantes oclusivas simples.

A pesquisa também revelou que os habitantes da zona urbana favorecem a realização das variantes palatalizadas de /t/ e /d/, ao apresentarem um peso relativo de 0.61 em favor da aplicação da regra, enquanto que os dados originários de falantes de áreas rurais obteve um valor de peso relativo de 0.38, o que os torna desfavoráveis à realização deste processo de palatalização.

Battisti et al (2007) fazem uma breve correlação dos dados de Local de Residência com os níveis de escolaridade e mostram que há quase uma progressão inversa no sentido de que quanto maior o nível escolar, menor a presença na zona rural das formas palatalizadas, e quanto menor a escolarização maior a quantidade de pessoas de áreas rurais a produzirem tal processo. Isso revela, claramente, o prestígio que carrega este tipo de palatalização e como ele está atrelado aos estratos sociais escolaridade e local de residência.

Nesta pesquisa, há a consideração a dois tipos de vogais altas, a vogal anterior alta [i], propriamente dita e de sobrevida fonológica, presente em palavras como 'mentira', e a vogal alta [i] de existência fonética, resultado de uma derivação, comum em palavras do tipo 'gente'. Nos dados analisados pelos autores, a vogal anterior alta [i] de natureza fonológica obteve um peso relativo de 0.88 expressivamente superior à sua rival fonética, que obteve peso relativo de 0.24, o que revela que o status da vogal fonológica anterior alta [i] condiciona a ocorrência da regra de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/.

Os autores explicam essa particularidade de Antônio Prado alegando que, contrário ao que acontece na maior parte do país, os falantes desta cidade não elevam frequentemente a vogal média /e/ átona à posição alta de [i] em palavras do tipo 'idade', o que dispararia a palatalização. "Embora em vários falares brasileiros essa alteração seja muito frequente e assim crie contexto para a regra de palatalização, a redução não é alta em Antônio Prado". (BATTISTI et al, 2007, p. 17).

Assim, fica claro que em Antônio Prado, Rio Grande do Sul, a palatalização das oclusivas alveolares, apesar de não ser a forma predominante na cidade – pois apresenta valor percentual de cerca de 30% no contingente geral – está diretamente correlacionada com os fatores extralinguísticos Idade e Local de Residência, evidenciando que os mais jovens e moradores da zona urbana são os que mais favorecem a aplicação da regra, evidenciando uma marca de prestígio social na utilização desta variante.

5.1.4 Dutra (2007)

Dutra (2007), ao pesquisar a palatalização das oclusivas alveolares em Chuí, Rio Grande do Sul, entrevistou 24 falantes, todos falantes bilíngues, ativos ou passivos do Português-Espanhol, o que é uma característica comum nesta cidade fronteiriça. Os colaboradores obedeceram a seguinte estratificação: sexo, masculino e feminino; idade, com a primeira faixa entre 16 e 25 anos, a segunda com limites entre 26 e 49 anos e a terceira faixa com colaboradores acima de 50 anos; e escolarização, sendo 12 colaboradores com ensino fundamental e 12 com ensino médio.

Neste estudo, Dutra (2007) observou a ocorrência ternária das oclusivas alveolares /t/ e /d/, tendo além das realizações de oclusivas simples, como em [di]vertido e [di]stino, e palatalizadas, em formas lexicais do tipo [tʃ]ime e [dʒ]ia, a ocorrência da fricativa alveolar [ts], em palavras do tipo impotan[ts]e, mas esta com um percentual de ocorrência de apenas 0.06%, o que representa um valor inexpressivo para o condicionamento da variante. As variantes oclusivas [t] e [d], por outro lado, foram as mais produzidas neste contexto, com taxa percentual de 73% de realização. E as variantes palatalizadas de /t/ e /d/ tiveram cerca de 26% de ocorrências.

Para averiguação dos valores relevantes na pesquisa, Dutra (2007) investigou as variáveis linguísticas: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e tonicidade da sílaba. No contexto seguinte, Dutra (2007) analisa o comportamento da semivogal, em formas do tipo “de uma” [dʒjuma]; da vogal [i] derivada de /e/, em palavras como “dente” [dentʃi]; e da vogal não derivada, presente em palavras do tipo “dia” [dʒia].

Dutra (2007) percebe que o contexto fonológico seguinte da vogal derivada é o que mais favorece a realização das variantes palatalizadas de /t/ e /d/ e apresenta um peso relativo de 0.56. O contexto da semivogal se mostra inerte ao obter um peso de 0.50 não contribuindo para a realização de nenhuma das variantes. E, por fim, a vogal não derivada, ao apresentar um peso de 0.45 se mostra não favorável à regra de palatalização das oclusivas alveolares.

Quanto à tonicidade, o autor investigou seis posições, considerando a pretônica inicial “*dizer*”, a postônica não final “*reumática*”, a tônica “*tinha*”, a postônica final “*cidade*”, a pretônica clítica “*de noite*” e a posição pretônica não inicial “*particular*”.

Ao observar o contexto de tonicidade, foi verificado que a sílaba pretônica inicial e a sílaba tônica são os fatores mais significativos para a palatalização de /t/ e /d/, ao obterem pesos relativos de 0.61 e 0.57, respectivamente. O fator postônico mostrou-se irrelevante ao apresentar peso neutro de 0.50, não favorecendo, nem inibindo a aplicação da regra de palatalização. Já os fatores pretônico clítico, pretônico não inicial e postônica inicial se mostraram como os menos significativos para o processo de palatalização e surgiram com pesos relativos inferiores a 0.45.

Com o cruzamento das variáveis tipo da vogal e tonicidade da sílaba, a sílaba pretônica clítica com a semivogal [j] foi a que se mostrou mais favorável à palatalização e apresentou peso relativo de 0.82, seguida pela pretônica e vogal não derivada, que obteve peso relativo de 0.75. Também se mostraram produtivas as sílabas tônica e postônica não final com vogal [i] derivada, pois obtiveram peso de 0.66 e 0.62, respectivamente; e a sílaba pretônica não inicial com a semivogal, que apresentou peso relativo de 0.61. Esses dados levam Dutra (2007) a defender que, na região fronteira, a palatalização das oclusivas alveolares é motivada pelas sílabas fortes.

No momento em que Dutra (2007) analisa o contexto precedente, percebe que o ditongo decrescente [ɛj] é o que mais favorece a palatalização e apresenta peso relativo de 0.74 em função dessa regra. Também foram produtivos a vogal nasal [ã], a vogal média baixa [ɛ] e vogais e glides posteriores com pesos relativos de 0.64, 0.57 e 0.57, respectivamente. Por outro lado, as demais vogais médias foram as que menos favoreceram a palatalização, pois apresentaram pesos abaixo de 0.37.

Também é analisado o contexto seguinte, no qual se mostram favoráveis à palatalização o grupo de fonemas fricativos [g, ʃ, x, tʃ, dʒ] e [f], que apresentam, respectivamente, peso relativo de 0.64 e 0.62. As que menos favoreceram a regra foram os grupos de fonemas [t, d, s, l] e [u, ũ, e, ẽ, i, ĩ, w], que obtiveram peso 0.53 e 0.52, em respectiva.

Ao tratar da sonoridade, os dados confirmaram a hipótese esperada, que a palatalização da oclusiva alveolar desvozeada /t/ é mais produtiva que a sua equivalente vozeada /d/, pois apresentou peso de 0.58, enquanto aquela obteve peso de 0.43.

Tais diferenças de distribuição ou concentração de energia articulatória podem justificar a influência do traço [-voz] em relação à palatalização das oclusivas dentais, visto que, conforme Lahiri e Evers (1991), o processo de palatalização leva a uma grande concentração de energia na parte anterior da cavidade bucal e é justamente a articulação das consoantes [-voz] que propicia tal configuração articulatória. (DUTRA, 2007, p. 106)

O autor também verificou a aplicação da regra de palatalização de acordo com o tipo de sintagma, o que demonstrou que quanto mais elementos palatalizados houver no sintagma, maior será o favorecimento da regra. Ou seja, sequências do tipo “monte de dinheiro” é mais passível à aplicação de regra de palatalização que sintagmas do tipo “gente de linha”.

Quanto à correlação dos dados de palatalização das oclusivas alveolares com o fator social escolaridade, o ensino fundamental favorece a regra, pois apresentou um peso relativo de 0.75, ao passo que os dados oriundos de falantes com ensino médio alcançaram apenas 0.23 de peso relativo, evidenciando o quanto a escolaridade afeta diretamente a realização das variantes palatalizadas de /t/ e /d/.

Ao ser verificado o processo de palatalização em relação ao sexo, as mulheres, que geralmente se comportam produzindo as formas de maior prestígio, tiveram um peso relativo de apenas 0.25 em função da palatalização, ou seja, inibindo essas variantes. Os homens, por outro lado, tiveram peso relativo de 0.72, o que significa um aparente favorecimento deles para a aplicação da regra de palatalização.

Em se tratando da faixa etária, os dados mostram que a palatalização das oclusivas alveolares é inovadora, pois foi gradualmente mais produtiva em relação aos falantes mais jovens. Os dados de colaboradores entre 16 e 25 anos tiveram peso relativo de 0.71; com os colaboradores entre 26 e 50 anos, o peso relativo foi de 0.69; e com os dados de idade acima de 50 anos, o peso foi de 0.11.

Assim, Dutra (2007) conclui seu trabalho mostrando a palatalização das oclusivas alveolares como um fenômeno inovador na região fronteira e portador de uma carga negativa de prestígio, sendo mais utilizado por homens, jovens estudantes e comerciantes e de menor escolaridade e, conseqüentemente, sendo evitado pelas mulheres, pelos falantes com faixa etária mais avançada e com maiores níveis de escolaridade.

5.2 Sudeste

Neste capítulo, vou apresentar brevemente os resultados encontrados por Carvalho (2002) ao pesquisar o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ na região Sudeste do país, mas precisamente nas regiões Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro com falantes de comunidades pesqueiras.

5.2.1 Carvalho (2002)

Carvalho (2002) desenvolveu uma pesquisa em treze comunidades pesqueiras nas regiões Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro, a fim de investigar a palatalização das oclusivas alveolares em contexto regressivo diante da vogal anterior alta [i].

O autor realizou uma seleção de entrevistas de 76 informantes do Arquivo Sonoro do Projeto APERJ (Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro). Os dados foram estratificados entre as variáveis sociais idade e área geográfica, sendo a idade dividida em três faixas – de 18 a 35 anos; de 36 a 55 anos e acima de 56 anos. Quanto os fatores da variável área geográfica, Carvalho (2002) selecionou os colaboradores quanto aos traços interior [+rural], interior [-rural], litoral [+rural] e litoral [-rural].

Ao correlacionar as realizações palatalizadas dos falantes com a faixa etária, a pesquisa resultou em um favorecimento da regra pelos colaboradores mais jovens e uma inibição do processo quando os colaboradores são mais velhos.

Em relação à variável área geográfica, o fator que mais condicionou o processo de palatalização das oclusivas alveolares foi o interior [+rural], revelando que quanto mais afastados dos centros urbanos, maior a possibilidade de palatalização entre os colaboradores.

Para análise dos contextos linguísticos condicionadores do processo, Carvalho (2002) selecionou como variáveis internas o vozeamento da oclusiva, contexto precedente, contexto seguinte (subjacente ou não subjacente), tamanho do vocábulo, natureza da sílaba, intensidade, posição da sílaba, natureza do segmento subsequente quanto à nasalidade e classe do vocábulo.

Na variável vozeamento, como é de se esperar, a regra foi favorecida pela realização da consoante desvozeada como em “tipo” e desfavorecida quando a consoante tinha o traço sonoro vozeado, como em “dia”.

Quanto aos resultados do processo de palatalização e sua correlação com o tamanho do vocábulo, as análises estatísticas demonstram que as palavras até duas sílabas, como “gente” e “pente” são favorecedoras do processo, ao passo que as palavras maiores apresentam inibição da aplicação da regra.

Na análise do contexto seguinte, o fator que mais contribuiu com o processo de palatalização foi a presença de nasalização da vogal, como em palavras do tipo “dinheiro”.

Já em relação ao contexto precedente, houve bastante oscilação entre os fatores de condicionamento da regra, sendo os mais favorecedores, a presença da fricativa palatal [j] neste ambiente, como em palavras do tipo “plástico”, as fricativas velares [ɣ] e [χ], como em “sardinha” e “norte”, e a vogal alta posterior [u], em formas linguísticas como “miudinha”. Estes resultados sugerem que os traços fonológicos [+coronal] e [+altura] interferem no processo de palatalização, favorecendo a regra.

Quanto à variável natureza da sílaba, não houve nenhum fator categoricamente favorecedor da aplicação da regra de palatalização, estabelecendo-se a variante sílaba aberta – a sílaba mais simples CV – como nas palavras “gente” e “pente”, praticamente em um ponto neutro, ao passo que o fator linguístico sílaba fechada – as que contem nasalidade de ordem fonológica – se apresentaram como desfavorecedoras da palatalização, como em palavras do tipo “diz”.

Na análise da tonicidade e posição na sílaba, o contexto mais produtivo é o que tem o acento tônico em posição medial, como em formas linguísticas do tipo “ventinho”.

Assim, Carvalho (2002) chega ao final de sua pesquisa concluindo que a aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares nas comunidades pesqueiras das regiões Norte e Noroeste do Rio de Janeiro é mais produtiva com os falantes jovens das áreas rurais do interior.

E na estratificação fonológica, os contextos mais favorecedores da aplicação da regra são o traço [+alto] em contexto antecedente, seguido pelo desvozeamento da consoante oclusiva, do segmento subjacente /i/, as palavras com até duas sílabas, as sílabas tônicas e as tônicas médias.

5.3 Nordeste

Nesta seção, serão apresentados, resumidamente, os resultados de cinco pesquisas realizadas no Nordeste acerca da palatalização das oclusivas alveolares, começando com o trabalho de Hora (1990), que estudou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal /i/ na cidade de Alagoinhas, Bahia, ou seja, em seu contexto regressivo.

Ainda estudando a variação linguística no estado da Bahia, Mota; Rolemberg (1997) se propõe a investigar, na cidade de Salvador, a ocorrência das variantes africadas palatais surda [tʃ] e sonora [dʒ] em contextos progressivos como “muito”, “doido” – em oposição às ‘africadas regressivas, produzidas em formas como “vinte” e “tarde”.

Souza Neto (2014), por sua vez, investiga a palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico adjacente à vogal anterior alta /i/ na cidade de Aracaju, Sergipe, seja com a vogal em posição precedente ou seguinte às oclusivas, com o intuito de identificar as frequências de ocorrências dessas duas formas de palatalização e averiguar possível marca social de estigma ou prestígio nos usos dos falantes.

O trabalho de Henrique e Hora (2012), realizado em João Pessoa, na Paraíba, também estuda ambos os processos de realização da palatalização das oclusivas alveolares, considerando os dados coletados para o Projeto de Variação Linguística da Paraíba (VALPB), estratificados socialmente entre sexo, escolaridade e idade.

Já a pesquisa realizada por Santos (1996) se dispõe a investigar o processo de palatalização das oclusivas alveolares nas falas de mulheres maceioenses de classe social média e baixa, com o objetivo de averiguar a possível produtividade dessa palatalização diante de outras vogais que não apenas o /i/.

Assim, antes de entrar propriamente no detalhamento da pesquisa feita por mim, torna-se possível considerar os diversos contextos e particularidades dos trabalhos realizadas no Nordeste sobre os processos de palatalização das oclusivas alveolares, o que pode permitir comparações entre os dados e intuir sobre o comportamento desta variação na região.

5.3.1 Hora (1990)

A fim de estudar a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal /i/ realizadas em Alagoinhas, Bahia, Hora (1990) analisou as falas de 70 colaboradores, estratificados socialmente quanto a classe social: alta, média e baixa; estilo: leitura de lista de palavras, leitura de frases, questões abertas e inquérito fonético; faixa etária: de 15 a 25 anos, 26 a 36, 37 a 47 e acima de 48; além do sexo, masculino e feminino.

Hora (1990) investigou as circunstâncias em que ocorre a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e que tipo de falante favorece mais a aplicação dessa regra, bem como a relação dessa variante palatalizada com os valores sociais de prestígio; se o fenômeno está socialmente estabilizado ou caminhando para um processo de mudança linguística; e se a palatalização constitui um processo cognitivo consciente ou não.

Ao fazer a análise estatística dos 23.591 contextos investigados, Hora (1990) percebeu que mais de 14 mil dessas realizações, ou seja 62%, favoreciam a aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares. Sendo esta regra mais produtiva entre os membros de classe social mais alta, que apresentaram um peso relativo de 0.56, seguidos muito de perto pelos de classe média, que apresentaram 0.55 de peso relativo, e, por último, a classe baixa, que apresentou um peso relativo de 0.37. O que mostra claramente que a classe social está correlacionada aos usos das variantes palatalizadas de /t/ e /d/, ao indicar que quanto maior o nível social também será maior o uso das variantes palatalizadas.

Já ao contrapor os dados com o estrato escolaridade, o autor notou que a despalatalização é um processo inovador, pois apresentou um peso relativo de 0.53 para os falantes mais jovens, enquanto obteve peso de 0.43 para os colaboradores que tinham mais de 47 anos de idade. Entretanto, os dados não foram suficientes para afirmar que havia uma mudança em progresso devido à pouca diferença dos valores estatísticos apresentados no nível idade, o que leva Hora (1990) a defender uma situação típica de variação estável, sem perspectiva de mudança em curso.

Por outro lado, a variável sexo não apresentou distinções estatísticas pertinentes para sustentar a valorização ou a inibição de regra, pois teve resultados muito próximos, com uma leve maioria de preferência das mulheres pelas formas palatalizadas.

Quanto ao estilo, o estudo demonstrou que o estilo formal de leitura favorece a aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares, ao apresentar um peso relativo de 0.55, ao passo que o estilo informal e descontraído resultou em peso relativo de 0.45, o que vem ratificar o valor de prestígio social dessas variantes palatalizadas em Alagoinhas.

As variáveis linguísticas, por sua vez, revelaram valores muito próximos quanto ao favorecimento ou à inibição das regras de palatalização, sendo, dessas variáveis, a mais produtiva, o contexto fonológico seguinte, que apresentou a vogal anterior alta /i/, com um peso de 0.66 em favor da aplicação da regra; no contexto precedente, o destaque foi a presença da nasal, com peso relativo também de 0.66, favorecendo a regra de palatalização; e a presença de clítico fora dos limites da palavra gráfica também resultou em valores consideráveis, com peso de 0.67 em favor da palatalização.

Já ao correlacionar o processo de palatalização com os traços entoacionais, o autor descobriu que não há nenhuma relação neste sentido, a ponto de atrelar a palatalização à variação prosódica dessa região do Nordeste. O autor ainda notou que, na variável posição, o início de palavra foi o que demonstrou maior produtividade da regra de palatalização e que a oclusiva alveolar surda /t/ é predominantemente mais produtiva em relação à palatalização que a oclusiva vozeada /d/.

Hora (1996) conclui observando a clara noção de prestígio que está subjacente às variantes palatalizadas, já que os colaboradores têm consciência desse valor social que subjaz suas escolhas linguísticas. No entanto, Hora (1990) infere que o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em Alagoinhas possa estar ameaçado pela despalatalização, que, embora carregue um peso negativo de estigma, está, aos poucos, adentrando no seio da comunidade.

5.3.2 Mota e Rolemberg (1997)

Mota e Rolemberg (1997) propõem-se a analisar o desempenho linguístico soteropolitano quanto à ocorrência das variantes africadas palatais surda [tʃ] e sonora [dʒ] em formas linguísticas como “oito”, “muito”, “doido” e “cuidado”, as chamadas “africadas baianas”, em oposição às ditas “africadas cariocas”, produzidas em formas como “vinte” e “tarde”.

As autoras utilizam dados do projeto NURC/Salvador (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta em Salvador), cuja amostra consta de 32 inquéritos distribuídos igualmente por sexo e quatro faixas etárias, que vão de 25 a 35 anos, 36 a 45 anos, 46 a 55 anos e acima de 55 anos, e coletados sob dois contextos de estilo: elocuições em situações formais (EF), como em aula ou palestras; e diálogos entre informante e documentador (DID).

Para análise dos dados, foram desconsideradas as formas do tipo “feiticeiro”, que apresentam a vogal anterior alta /i/ em contexto fonológico antecedente e seguinte à oclusiva, porque “essa forma tanto poderia estar como variante de /t/ no decurso de /yt/ quanto de /t/ seguido de /i/” (MOTA; ROLEMBERG, 1997, p. 132). A variante sonora da fricativa alveolar [dʒ], em palavras do tipo “doido” e “cuida” não foi documentada nos dados analisados, de modo que as autoras descartam essa variável e limitam a análise às variantes surdas.

Como os dados de Mota e Rolemberg (1997) são oriundos do NURC/Salvador, é de se esperar que as formas linguísticas de menos prestígio social sejam evitadas, principalmente em contextos formais, o que é confirmado ao notar que, de um total de 961 ocorrências da variável /t/ antecedido pela vogal /i/, houve apenas nove realizações palatalizadas, o que resulta uma frequência de uso de apenas 0.94% no contexto formal. No contexto de diálogo, de 633 ocorrências, somente 15 utilizam a palatal africada surda, o que representa um percentual de 2,37% de ocorrências palatalizadas.

Ao analisar a correlação de ocorrências da africada palatal [tʃ] com o sexo dos colaboradores, Mota e Rolemberg (1997) constatam que somente nove dos 32 falantes investigados produzem em suas falas a variante palatalizada no contexto fonológico seguinte à vogal anterior alta /i/, sendo cinco mulheres e quatro homens, dos quais as mulheres produziram 16 ocorrências desse tipo e os homens, apenas 8 ocorrências.

Quanto à correlação com a faixa etária, observou-se que há uma predominância de uso da variante [tʃ] pelos colaboradores mais velhos, sendo que dos 9 falantes que empregam a forma palatalizada, 5 idade têm acima de 55 anos, 2 entre 46 e 55 anos, 1 com idade entre 36 e 45 anos e 1 entre 25 e 35 anos, o que demonstra, possivelmente, que a realização dessa variante está relacionada com a idade dos colaboradores, sendo mais produzida pelos mais velhos e evitada pelos mais jovens.

Já com relação ao contexto da coleta de dados, a situação mais informal de diálogo entre falante e documentador proporcionou 15 ocorrências da variante palatalizada, mas em situação de maior formalidade foram produzidas somente 9 palavras que apresentavam a africada palatalizada, conforme pode ser averiguado na tabela 6:

Tabela 6 – Relação da faixa etária com o estilo em Mota e Rollemberg (1997)

	EF		DID		TOTAIS
	M	F	M	F	
Faixa etária 1	–	03	–	–	03
Faixa etária 2	–		02	–	02
Faixa etária 3	01	02	–	–	03
Faixa etária 4	02	01	11	02	16
TOTAIS	03	06	13	02	24

Fonte: Mota; Rolemberg (1997, p. 136)

Também se observa na tabela 6 que, com relação ao contexto da coleta de dados e o sexo dos colaboradores, encontra-se uma maior quantidade de ocorrências da africada alveolar nos contextos de diálogo no grupo das mulheres, sendo destas, 13 das 24 ocorrências da variante africada; quanto à categoria do contexto de diálogo e à faixa etária, são 13 realizações, sendo 11 produzidas pelas mulheres e 2 pelos homens; já com o cruzamento da faixa etária com o sexo, os dados apontam para uma preferência das variantes palatalizadas pelas informantes do sexo feminino.

Os dados apresentados por Mota e Rolemberg (1997) permitem fazer algumas considerações conclusivas acerca da palatalização das oclusivas alveolares em Salvador e observar que, devido aos dados serem oriundos do NURC/Salvador, não é possível representar as particularidades linguísticas do ambiente rural, nem fazer algumas correlações diatópicas ou diastráticas, como, por exemplo, a contraposição de dados com a escolaridade, pois, como se sabe, os colaboradores do Projeto NURC são todos universitários.

As autoras também pontuam que o fato de haver nos dados uma ausência total da variante surda [d₃] em contexto fonológico seguinte à vogal alta [i], à baixíssima produtividade da variante [tj] e os principais colaboradores já estarem, entre os anos

1973 e 1978 (quando foram coletados os dados do NURC), acima dos 56 anos, revela indícios de possível desaparecimento dessas variantes em Salvador.

5.3.3 Souza Neto (2014)

Souza Neto (2014) investigou a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em contexto fonológico adjacente à vogal anterior alta /i/, seja em posição precedente ou seguinte, em Aracaju, Sergipe. Ele considerou como critério para seleção de colaboradores apenas sujeitos nascidos e vividos em Aracaju, que não tenham se afastado da cidade por mais de dois anos e sendo filhos de pais aracajuanos.

Ele entrevistou um total de 36 colaboradores divididos socialmente em classe social, idade e sexo. O autor considerou como critério de divisão de classe social os rendimentos salariais de cada colaborador, dividido entre: até dois PNS (Piso Nacional de Salários – termos do IBGE); de três a 10 PNS; e acima de 10 PNS. A idade foi estratificada em três faixas que foram de 8 a 21 anos; 22 a 49 anos; e acima de 50 anos. E ainda considerou os sexos masculino e feminino.

Além das variáveis sociais, foram analisadas as variáveis linguísticas: contexto fonológico seguinte; contexto fonológico precedente e tonicidade da sílaba; considerando como contexto seguinte a presença e a ausência da vogal alta [i]; como contexto precedente, o apagamento da vogal [i], a realização plena da vogal [i] e sua realização como aproximante [j]; e tonicidade de palavra, distinguida por sílaba átona e sílaba tônica.

A coleta de dados utilizou-se de entrevista livre a partir de um roteiro de perguntas e buscava a fala espontânea do colaborador. Ao todo foram 80 horas de áudios gravadas em diversos ambientes em que se encontravam os falantes (escola, trabalho, residência, etc.).

Souza Neto (2014), ao mensurar os dados de realização da palatalização das oclusivas alveolares, pôde notar que o percentual de utilização da variável não palatalizada /d/ é de 94%, enquanto a variável palatalizada teve apenas 6% de realizações.

Ao observar a correlação de uso da oclusiva alveolar /d/ quanto ao contexto precedente, Souza Neto (2014) notou que a ausência da vogal [i] ou da semivogal [j] favorecem a realização da oclusiva simples [d], com um peso relativo de 0.54,

enquanto que, inversamente, o preenchimento deste espaço pela vogal [i] ou semivogal [j] inibem essa regra. Para Souza Neto (2014, p. 82), isso acontece porque “a restrição do contexto fonológico se deve ao fato de a variante [d₃], no nosso sistema, resultar do processo de assimilação de traços da vogal /i/, de modo que é esperado que a ausência desses traços contribua para a realização da oclusiva simples, inibindo a presença da variante palatalizada [d₃].

Já no contexto seguinte, a presença da vogal [i], com um peso relativo de 0.53, favorece a regra de ocorrência da variante simples [d], enquanto sua ausência a inibe, apresentando estatisticamente um peso relativo de somente 0.06.

Considerando o contexto fonológico sílaba átona, o estudo demonstra que a sílaba átona com 0.53 de peso relativo favorece o surgimento da variante oclusiva simples [d], enquanto a sílaba tônica inibe essa variante. “Esses resultados equivalem a dizer que o processo de assimilação de traços que resulta na variante palatalizada ([d₃]) é menos recorrente em sílabas átonas e mais recorrente em sílabas tônicas”. (SOUZA NETO, 2014, p. 118)

Ao analisar a correlação existente entre a palatalização da oclusiva alveolar /d/ com o fator social idade, o estudo demonstra que o grupo etário que tem entre 22 e 49 anos é o grupo que mais utiliza a variante simples [d], apresentando um peso relativo de 0.71, enquanto a faixa etária que considera os colaboradores até 22 anos resultou em um peso de apenas 0.22, desfavorecendo a aplicação da regra, o que também aconteceu com o grupo com idade acima de 50 anos, que conservou um peso relativo neutro de 0.50.

Souza Neto (2014) ressalta que essa contribuição da segunda faixa etária como a mais produtiva para a realização da variante da oclusiva simples pode ser condicionada pelo fato de os colaboradores desse nível etário, em sua maioria, estarem inseridos no mercado de trabalho, o que não acontece na mesma proporção com os colaboradores das demais faixas etárias, favorecendo, de acordo com Mollica e Braga (2004), a opção pelas variantes linguísticas de prestígio, que neste caso será a variante oclusiva simples. Souza Neto (2014) também lembra que, embora não tenha estratificado as informações acerca de escolaridade, os colaboradores dessa faixa etária são os que têm o maior índice de instrução, o que também pode contribuir para o favorecimento da regra.

Quanto à renda familiar, Souza Neto (2014) destaca que o grupo que tem renda de até dois PNS é o que mais favorece a regra de aplicação da variante simples [d],

apresentando um peso relativo de 0.69, enquanto o grupo de renda familiar entre 3 e 10 PNS resulta em um peso de 0.58 e o grupo de renda familiar acima de 10 PNS concentra um peso relativo de somente 0.30. De modo que fica claro como os valores de rendimentos familiares estão correlacionados com a variação da oclusiva alveolar /d/, ao passo que quanto maior a renda menos é o favorecimento em função da regra de utilização da oclusiva simples [d].

Considerando todos esses resultados, o autor tenta apresentar algumas explicações para a realização desse fenômeno, principalmente pelo fato de em todos os contextos analisados o mais proeminente à aplicação da regra de favorecimento da variante não palatalizada de [d] ser a faixa etária e a renda familiar.

Diante disso, podemos inferir que a combinação dos fatores FE1 (*primeira faixa etária*) e RF3 (*renda familiar acima de 10 PNS*) favorece a ocorrência da variante palatalizada no ambiente fonológico com [i] seguinte. Parece haver uma correlação entre a variante [d₃] nesse ambiente fonológico, os aracajuanos mais jovens e os aracajuanos com renda superior a 10 PNS. Se essa correlação confirma uma de nossas hipóteses, talvez possamos então dizer que a realização [d₃], quando resultante do processo de assimilação dos traços do [i] seguinte, está associada a algum valor social positivo, por isso ela está sendo difundida pelas classes de renda acima de 10 PNS e reproduzida pelos mais jovens como forma inovadora. A variante [d₃], quando resultante do processo de assimilação dos traços do [i] seguinte, deve estar sendo implementada em Aracaju pelos mais favorecidos economicamente e pelos mais jovens. (SOUZA NETO, 2014, p. 126, inserções minhas)

Ao averiguar a influência da semivogal [j] no contexto precedente sobre a ocorrência da variante oclusiva simples, Souza Neto (2014) observa, mais uma vez, que a renda familiar e a idade do informante são relevantes para a aplicação da regra. A faixa etária 1, com idade até 21 anos, foi a que mais condicionou a variante em estudo, com peso relativo de 0.81 em relação a 0.47 do segundo grupo etário, com idades entre 22 e 49 anos, e 0.18 do grupo com idades acima de 50 anos, o que revela claramente que quanto menor a idade maior será a escolha pela variante oclusiva simples, ao passo que os mais velhos optam pela variante palatalizada no contexto da aproximante [j] em posição antecedente.

Ao considerar a renda familiar, foi descartado o nível 3, com renda acima de 10 PNS, porque houve nocaute (todos os colaboradores produziram a forma oclusiva da variável), de modo que foram analisados apenas dois níveis de renda familiar, tendo o grupo com renda de até 2 PNS, peso relativo de 0.75 para a realização da oclusiva simples; e o grupo com renda entre 3 e 10 PNS, peso relativo de 0.20. O que revela

claramente que, no contexto progressivo, os falantes mais novos e de maior renda optam genericamente pela variante oclusiva simples [d] em detrimento da variante palatalizada [d₃].

Para analisar as ocorrências das variantes [t] e [tʃ], o autor considerou as mesmas variáveis independentes que utilizou para investigar [d] e [d₃]. Na observância de qual das variantes é mais utilizada, foram encontrados os percentuais de 83% para a oclusiva simples [t] e 17% para a forma palatalizada [tʃ].

Observando a realização da oclusiva alveolar /t/ de acordo com o contexto precedente, foi observado que, com a ausência de /i/ nessa posição, houve uma produtividade da oclusiva simples de 91% com peso relativo de 0.66, o que evidencia a aplicação de uma regra: a ausência da vogal anterior alta favorece a utilização da variante não palatalizada [t]. Já ao se verificar o contexto anterior preenchido pela vogal [i] ou pela semivogal [j], obteve-se pesos relativos de 0.37 e 0.14, respectivamente, o que representa um gradual desfavorecimento da variante oclusiva simples [t].

Em relação ao contexto seguinte, a presença da vogal [i] apresentou um peso relativo de 0.59 em favor da oclusiva simples, enquanto a sua ausência resultou em um peso de apenas 0.18, o que mostra que a presença desta vogal favorece a realização da variante oclusiva de /t/, enquanto a sua ausência desfavorece essa regra. No entanto, vale ressaltar que a ausência de /i/ na posição seguinte implica a sua presença em posição precedente, indicando que a palatalização da oclusiva alveolar /t/ em contexto progressivo é mais produtiva nessa comunidade de fala.

Quanto à correlação do sexo com a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, o autor observou que esta variável externa apenas resultou em dados pertinentes quanto à variável /t/, apresentando peso relativo de 0.60 para o sexo feminino em função da realização da oclusiva simples e 0.44 para homens, revelando que a variante oclusiva de /t/ está condicionada pelo sexo feminino, acarretando, conseqüentemente, um menor uso por parte dos homens, que por sua vez preferem a variável palatalizada.

Com relação aos usos de /t/ e a variável idade, os resultados foram próximos daqueles apresentados quanto ao uso de /d/, com uma maior produtividade da oclusiva simples [t] pelos colaboradores de idade entre 22 e 50 anos, que apresentaram peso relativo de 0.80 em favor desta variante, enquanto os outros dois grupos tiveram, de modo amalgamado, um valor de 0.34 de peso relativo, o que

significa, inversamente, que a variante palatalizada está mais presente na fala dos colaboradores com idades entre 8 e 21 anos e acima de 50 anos.

Quanto à renda familiar, os dados estatísticos revelaram que o grupo de menor renda favorece a escolha da variante não palatalizada [t], apresentando um peso relativo de 0.59, à medida que os dados dos demais colaboradores de modo amalgamado resultaram em um peso de 0.46, desfavorecendo o uso dessa variante.

No entanto, esses valores só foram possíveis porque o autor não distinguiu o contexto progressivo do regressivo, pois, no momento que ele fez isso, os resultados extraídos foram outros, tendo 0.90 de peso relativo para a variante oclusiva simples em relação ao grupo de renda familiar de até 2 PNS; 0.56 para o grupo de falantes com renda familiar entre 3 e 10 PNS; e peso relativo de 0.17 para os colaboradores com renda familiar acima de 10 PNS. O que mostra claramente que a forma palatalizada [tʃ] em contexto seguinte está sendo utilizada em maior proporção pelos colaboradores das classes sociais mais altas, enquanto que a variante oclusiva simples [t] é mais comum entre os falantes de classes sociais mais baixas. Ou seja, o contexto seguinte ou precedente de realização da palatalização da oclusiva alveolar ranqueia diferentes valores sociais.

Já o contexto precedente de realização da oclusiva alveolar /t/ tem um peso relativo de 0.38 para os homens quanto à forma oclusiva simples e 0.61 para as mulheres, o que torna evidente que os homens utilizam em maior número a variante palatalizada, enquanto as mulheres preferem a oclusiva simples. Escolhas estas que estão diretamente relacionadas com os valores sociais das variantes. Afinal, a mulher geralmente tem optado pela forma de prestígio, que neste caso, é a oclusiva simples.

Ainda tratando da oclusiva /t/ em contexto precedente, a variante não palatalizada teve nos dados de Souza Neto (2014) uma produtividade de 0.75 de peso relativo em relação ao uso correlacionado com as faixas etárias amalgadas 1 e 2 que vão de 8 a 21 anos e de 22 e 49 anos, respectivamente; e 0.17 de peso relativo para a terceira faixa etária, com idades acima de 50 anos, o que revela que a variante é claramente mais popular entre os colaboradores mais novos e, inversamente, que a variante palatalizada [tʃ] é mais comum entre os falantes mais velhos.

O autor também investigou a realização da oclusiva alveolar /t/ em contexto progressivo com a semivogal [j] e, ao correlacionar com a variável renda familiar, notou que, com os grupos de menor renda, a importância estatística de realização da variante oclusiva simples foi de 0.31 de peso relativo, frente a 0.20 de peso relativo

dos colaboradores com renda familiar entre 3 e 10 PNS e de 0.77 com os colaboradores com renda familiar acima de 10 PNS, o que demonstra, obviamente, que há uma busca motivada pela classe e o status social pela variante oclusiva simples, ao passo que sua equivalente, a forma palatalizada, é a forma mais utilizada pelos colaboradores que tem uma renda familiar mais baixa.

Como se pode ver em Souza Neto (2014), os falantes de Aracaju, de uma forma geral, se comportam em gradiência em relação à escolha das variantes palatalizadas ou oclusivas simples de /t/ e /d/. Apresenta um maior prestígio a forma palatalizada regressiva, sendo mais utilizada pelas mulheres e pelas pessoas de maior poder aquisitivo.

A variante oclusiva simples apresentou-se, por outro lado, mais produtiva quando esteve em plena concorrência com a variante palatalizada em contexto progressivo e apresentou, por consequência, maior produtividade com as mulheres, com pessoas entre 22 e 49 anos e com aqueles que estão inseridos em um grupo social com renda superior a 10 PNS mensais.

Já as variantes palatalizadas [tʃ] e [dʒ] obtiveram, de um modo geral, uma probabilidade de realização bastante inferior a suas concorrentes oclusivas simples [t] e [d], mas, considerando essas realizações em contexto progressivo, evidenciando uma maior produtividade por parte dos homens, dos mais jovens e daqueles que têm renda familiar mais baixa, o que demonstra, com essa baixa produtividade, que essa variante padece de uma carga social negativa.

5.3.4 Henrique e Hora (2012)

Henrique e Hora (2012), com intuito de investigar os processos de realização da palatalização das oclusivas alveolares em João Pessoa, na Paraíba, consideram os dados coletados para o Projeto de Variação Linguística da Paraíba (VALPB), que conta com aproximadamente 60 horas de gravações de fala espontânea extraídas de 36 colaboradores estratificados de acordo com sexo, escolaridade e idade.

A fim de descobrir os padrões linguísticos de realização da palatalização, os autores consideram como variáveis linguísticas independentes os contextos fonológicos precedente e seguinte, a tonicidade da sílaba, a categoria gramatical do

elemento palatalizado, o tipo de consoante – se sonora ou surda – e o estilo casual ou formal da coleta de dados.

Para efeito de análise, foram consideradas 2.337 ocorrências das oclusivas alveolares em contexto fonético anterior e posterior à vogal anterior alta, o que configura a palatalização regressiva e progressiva, sendo destas, 2.088 realizadas em contexto anterior à vogal alta [i] e somente 249 em contextos seguintes, que foram analisadas separadamente.

De todos os 2.088 dados de contextos regressivos analisados, apenas 114 apresentaram a variante palatalizada, o que representa, de acordo com os autores, cerca de 10.5% do total de dados coletados. Destes 114 dados, 56 foram produzidos pelos homens e 58 pelas mulheres, o que representa 5,3% de 1056 realizações masculinas e 5,6% de 1032 formas produzidas pelas mulheres. Apesar dos números de realizações palatalizadas serem baixos, há um favorecimento da regra pelo público feminino, uma vez que apresentam peso relativo de 0.542, em contraste aos homens, que obtiveram peso relativo de 0.459.

Em relação à escolaridade, os falantes que não têm nenhum ano de escolarização favorecem a realização das variantes palatalizadas, pois obtiveram um peso relativo de 0.586, ao passo que os informantes com escolarização entre 5 e 8 anos não favorecem a aplicação da regra de palatalização e apresentam peso relativo de 0.437. O curioso é notar que os falantes com maior escolarização, acima de 11 anos, apresentam peso relativo menor que os falantes com até 8 anos de escolarização, o que significa que entre os falantes de João Pessoa:

O processo de palatalização tende a se expandir longe dos contextos sociais de normalização da língua. Como não há gradação de valores entre a frequência da variante e anos de escolarização, não podemos precisar um valor de prestígio da variante inovadora pelo contexto de sua realização. (HENRIQUE; HORA, 2012, 05)

De modo semelhante, não é possível estabelecer um comportamento proporcional do uso das variantes palatalizadas e a idade dos informantes, pois o que se vê, é que os dados oriundos de pessoas mais jovens obtiveram o menor peso relativo da rodada, não favorecendo a aplicação da regra de palatalização, sendo esta mais favorecida pelos colaboradores com idades entre 26 e 49 anos, com peso relativo de 0.555. Os falantes mais velhos também apresentaram um favorecimento à aplicação da regra, mas de modo um pouco mais tímido, com peso de 0.522.

Quanto ao contexto fonológico precedente, a presença de consoante coronal palatal sumariamente não favorece a palatalização das oclusivas alveolares, pelo contrário, a inibe, pois apresenta um peso relativo de somente 0.018; a presença de vogais, líquidas e nasais neste contexto favorece a regra com um peso de 0.550; de igual modo, a presença de glide em coda precedente, com peso relativo de 0.526; e o silêncio ou a pausa apresentam peso de 0.554 em favorecimento da regra de palatalização.

Em relação à tonicidade da sílaba e à produção da variante palatalizada, a posição tônica favorece a regra, com peso relativo de 0.643, bem como os monossílabos átonos, que tiveram peso de 0.642; inversamente, as posições pretônica e pós-tônica não favorecem a palatalização das oclusivas alveolares.

O número de sílabas só vai intervir na produtividade da palatalização das oclusivas alveolares, favorecendo a regra, quando se trata de monossílabos, pois neste contexto foi obtido peso relativo de 0.603; já nos demais casos, dissílabos, trissílabos ou polissílabos, não houve condicionamento favorável em função da aplicação da regra.

As categorias gramaticais que condicionam a produção da palatalização das oclusivas alveolares são os substantivos, os verbos e as preposições, com pesos relativos de 0.579, 0.516 e 0.545, respectivamente; os adjetivos inibem a aplicação do processo, com peso de 0.320, bem como outras categorias, que obtiveram peso de 0.442.

Já quanto à natureza de vozeamento da consoante no contexto anterior à vogal [i] ou ao glide [y], a consoante vozeada favorece o processo de palatalização, com peso relativo de 0.602 contra 0.375 da consoante desvozeada, que inibe este processo.

Ao tratar da palatalização das oclusivas alveolares em contextos não anteriores à vogal alta [i] ou ao glide [y], o que configura a palatalização progressiva, os valores estatísticos se mostram diferentes, sendo, por exemplo, mais produtivo com os colaboradores homens, conforme tabela 7:

Tabela 7 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em Henrique e Hora (2012)

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Masculino	31/141	25.0	0.518
Feminino	27/108	22.0	0.477
Input 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Henrique e Hora (2012, p. 08)

Como se vê, os homens favorecem os processos de palatalização e apresentam peso relativo de 0.518, enquanto as mulheres os inibem, com peso de 0.477. O que, de acordo com Henrique e Hora (2012), revela indícios que a palatalização progressiva goza de um aparente valor social negativo, enquanto que a palatalização regressiva tem maior aceitabilidade social.

Com relação à escolaridade, os colaboradores que tiveram maior tempo na escola são os que, curiosamente, apresentam o maior favorecimento da regra de palatalização em contexto não anterior à vogal [i] ou glide [y], com peso de 0.645, enquanto que os colaboradores que tiveram menos tempo de escolarização não favorecem esse processo, como pode ser verificado na tabela 8:

Tabela 8 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável escolarização em Henrique e Hora (2012)

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Nenhum ano	15/60	25.0	0.465
5 a 8 anos	32/109	29.0	0.41
+ de 11 anos	11/80	13.8	0.645
Input 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Henrique e Hora (2012, p. 08)

Neste contexto de palatalização, a variável idade condiciona a regra, sendo mais favoráveis os sujeitos de maior idade, com peso de 0.635, e menos favoráveis, os sujeitos entre 26 e 49 anos, que obtiveram peso de 0.394, segundo verifica-se na tabela 9:

Tabela 9 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em Henrique e Hora (2012)

	Apl./Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	17/75	30.1	0.498
26 a 49 anos	30/97	39.0	0.394
+ de 49 anos	11/77	30.9	0.635
Input 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Henrique e Hora (2012, p. 08)

Quanto ao contexto fonológico precedente, a presença de glide em posição de coda foi mais favorável à palatalização que a presença de consoante coronal palatal e apresentou peso relativo de 0.507 (valor muito próximo do ponto neutro) versus 0.232 da consoante, que se mostrou inibidora de aplicação desta regra.

O número de sílabas, por sua vez, se mostrou indiferente a este tipo de palatalização ao surgir com números muito próximos do ponto neutro, com peso relativo de 0.499 para as palavras dissílabas e 0.515 para as palavras trissílabas e polissílabas.

Já em relação à categoria gramatical, os adjetivos se mostraram mais produtivos e obtiveram peso relativo de 0.522; os substantivos tiveram peso de 0.477, não favorecendo a regra, e as outras categorias gramaticais tiveram peso de 0.485, valor bastante próximo do ponto neutro.

Quanto ao estilo, diferentemente do contexto anterior, este tipo de palatalização é mais produtivo nas situações casuais e apresenta peso relativo de 0.539 em função dessa regra; já o contexto formal teve peso de 0.452, desfavorecendo a palatalização em contexto progressivo.

Embora os autores afirmem que “os valores observados não são suficientes para elucidar questões de prestígio das variantes selecionadas” (HENRIQUE; HORA, 2012, p. 10), os dados estatísticos apontam para uma distinção de valor entre as diferentes modalidades de palatalização, sendo a de contexto regressivo mais utilizada por mulheres, por sujeitos entre 26 e 49 anos (idade de pertencimento ao mercado de trabalho) e em situações formais, ao passo que a palatalização progressiva se mostrou mais produtiva por homens – que são menos sensíveis às noções de prestígio linguístico –, pelos sujeitos mais novos e mais velhos, que possivelmente não têm

uma preocupação de inserção no mercado profissional, e em contexto de casualidade, que não necessita de cuidados formais.

O que apresenta evidências de que a palatalização regressiva das oclusivas dentais em João Pessoa vem ganhando aceitação social em direção a um processo de mudança em curso, ao passo que a palatalização em contexto progressivo goza de marca negativa de valor e tende ao desuso.

5.3.5 Santos (1996)

Santos (1996), ao perceber que todos os trabalhos realizados sobre a palatalização das oclusivas alveolares até então, como Hora (1990), Adant (1988), Bisol (1986) e outros partiam da informação categórica de que a realização palatalizada de /t/ e /d/ era previsível diante da vogal anterior alta /i/, propõe-se a investigar se, na fala maceioense, essas mesmas regras de realização das oclusivas alveolares se aplicavam e se era possível a presença palatalizada destas consoantes diante de outras vogais que não apenas o /i/.

Para tal pesquisa, Santos (1996) selecionou 20 colaboradores, todas mulheres e funcionárias de uma mesma escola, sendo 10 professoras e 10 faxineiras. Seu objetivo, portanto, era averiguar principalmente se havia algum condicionamento social do falante nas escolhas das variantes de /t/ e /d/.

O trabalho realizado por Santos (1996) permite notar a correlação existente entre dois níveis sociais e, também, escolares, ao considerar suas informantes como portadoras de baixa escolaridade, com o ensino fundamental – antigo primeiro grau – inconcluso, e, de outro lado, informantes com nível superior, – todas professoras – o que também reflete nas suas localizações sociais, tendo as professoras uma posição social maior que as outras.

Logo, ao analisar, inicialmente, o quantitativo estatístico dos dados, Santos (1996) percebeu que não houve produção palatalizada de /d/ em suas mais de 16 (dezesesseis) mil ocorrências linguísticas, o que acarretou o descarte dessa variável, restringindo o trabalho à análise somente das variantes de /t/.

Quanto à análise da variável /t/, a autora se dispõe a investigar os contextos fonológicos anterior e posterior à vogal anterior alta /i/, bem como a tonicidade da

sílaba, a fim de verificar quais desses ambientes fonológicos interferiam na produção da consoante oclusiva alveolar.

Ao tratar do grupo de fator contexto precedente, Santos (1996) considera quatro distintas realizações: com a vogal [i], em palavras como “sítio”; a semivogal [j], em formas como “muito” e “oito”; a consoante fricativa /S/ em palavras do tipo “gosto”; a pausa, que, na visão da autora, se refere ao espaço da palavra que apresenta a oclusiva alveolar e a anterior que se encerra com a vogal [i] ou com a semivogal [j], ou seja, a palatalização fora dos limites da palavra gráfica.

Considerando cada um desses fatores fonológicos e quantificando o percentual de distribuição dos dados, a autora observou que, diante da vogal anterior alta [i], houve uma produtividade de 25% da variante palatalizada frente à sua equivalente oclusiva; 43% diante da semivogal; 6% diante da fricativa /S/; e apenas 1% com a pausa. Esses dados mostram claramente que o contexto precedente é predominantemente preenchido pela variante oclusiva de [t] e que a variante palatalizada [tʃ] tornou-se mais presente no contexto fonológico precedente diante da semivogal [j], seguido pela vogal [i], que surgiu com o segundo maior percentual de realização, mas apresentou-se pouco produtivo diante da fricativa /S/ e menos ainda diante de pausa, que resultou somente 1% de realização palatalizada.

Ao tratar dos dados em contexto fonológico seguinte da oclusiva alveolar /t/, a autora considera os fatores: a vogal anterior baixa [a] e sua equivalente nasalizada [ã]; a vogal nasalizada [ẽ], a vogal anterior alta [i], a vogal média [o] e a vogal posterior [u].

A quantificação dos dados em relação a esses fatores linguísticos originou os seguintes resultados: de 99 realizações totais da oclusiva alveolar [t] em contexto fonológico seguinte à vogal baixa [a], 14% apresentaram a variante palatalizada; de 111 realizações totais de vogal nasal [ã], apenas 8% tiveram a variante palatalizada; com a vogal média [e], houve apenas 9 ocorrências, sendo 44% palatalizada; seguinte à vogal [i], houve 75 ocorrências de /t/, sendo 49% com a variante [tʃ]; com a vogal [o], houve um total de realização geral de apenas 5 ocorrências, dessas, 2 (ou 40%) tendo realizada a variante palatalizada [tʃ]; e por fim, seguinte à vogal anterior alta [u], de um total de 1302 realizações da consoante /t/, 36% foram com a forma palatalizada [tʃ].

Os dados mostram que a palatalização das oclusivas alveolares /t/ no contexto fonológico seguinte foi mais produtivo com as vogais altas /i/ e /u/. Embora as vogais

médias tenham apresentado uma considerável taxa percentual, a baixa frequência de realização, de 09 e 05 ocorrências para as vogais [ɛ] e [o], não permite confiabilidade estatística para se fazer afirmações categóricas. É visível, por outro lado, que a vogal baixa /a/, nasalizada ou não, desfavorece a regra de palatalização da oclusiva alveolar.

Quanto à tonicidade, Santos (1996) considera três fatores de investigação: a posição pretônica, a posição tônica e a posição pós-tônica. Na posição pretônica, a Santos (1996) encontrou de um quantitativo geral de 71 realizações, sendo apenas 3% de realizações da variante palatalizada, demonstrando claramente que esse contexto fonológico não favorece a regra de aplicação dessa variante, sendo predominantemente preenchida pela oclusiva simples.

Na posição tônica, o percentual de produção da variante palatalizada de /t/ foi de apenas 6%, de um total de 170 ocorrências da variável, o que também evidencia que este contexto fonológico não contribui para o surgimento da variante palatalizada.

Já a posição pós-tônica foi a única que se mostrou favorável ao surgimento de [tʃ], ao apresentar um percentual de 41% de realizações palatalizadas diante de um quantitativo geral de 1260 ocorrências. Assim, “o ambiente mais propício à palatalização é o da sílaba de menor intensidade, ou seja, aquele em que a sílaba é produzida com uma menor força da corrente de ar, as sílabas átonas”. (SANTOS, 1996, p. 59).

Observando o maior favorecimento à regra de palatalização pela posição fonológica postônica, Santos (1996) correlaciona esses dados com os contextos precedentes e seguintes, notando que de 1242 ocorrências totais da variável, 44% das realizações palatalizadas nesta posição fonológica são precedidas pela semivogal [j], ao passo que de 75 realizações preenchidas pela vogal [i] na posição seguinte, praticamente a metade, 49%, apresentaram a variante palatalizada.

A autora faz a ressalva para esses dados apresentados por notar que “as ocorrências de variação de /t/ diante de /i/ foram centralizadas em um exemplo ([ˈnojçi] noite), em que tanto o contexto precedente quanto o seguinte favorecem a palatalização”. (SANTOS, 1996, p. 61)

Santos (1996) também apresenta a estratificação dos dados em relação à escolaridade – que, nessa pesquisa, também pode ser confundida com classe social – em que considera os percentuais de realização das variáveis em relação às profissões de professora e faxineira. Nesta quantificação, ele nota que a hipótese

inicial de que as faxineiras produziram um maior quantitativo de variantes palatalizadas não se confirma, pois, os dados não mostram números relevantes que sustentem tal afirmação. A quantificação e a análise percentual dos dados mostraram que, de 880 realizações da variável /t/ pelas professoras, 32% apresentaram a forma palatalizada, enquanto que, de 721 realizações das faxineiras, houve 35% de ocorrências com a variante palatalizada, o que demonstrou, pela baixa diferença percentual desses dados apresentados, a irrelevância do fator escolaridade para palatalização da oclusiva alveolar.

Evidentemente, alguns fatores metodológicos devem ser considerados diante desses dados, como a indistinção da palatalização regressiva e progressiva, em que a primeira, por possivelmente carregar um maior valor de prestígio fosse mais esperada pelos membros mais escolarizados e de classe social mais alta, ao passo que na palatalização progressiva a expectativa é que sua produtividade fosse maior diante dos membros menos escolarizados e de classes sociais mais baixas. Então, a partir dos dados apresentados, pode-se naturalmente deduzir que cada grupo profissional esteja produzindo um diferente tipo de palatalização.

Santos (1996), diante dos dados encontrados, realiza alguns cruzamentos de variáveis com o intuito de averiguar se há um distinto comportamento linguístico entre os falantes de diferentes classes sociais em favor da palatalização da oclusiva alveolar em algum dos contextos fonológicos.

Ela cruzou o contexto fonológico precedente com a escolaridade e obteve os seguintes resultados: com a presença da vogal [i], em palavras como “sítio”, não houve palatalização por parte das faxineiras, apenas as professoras as realizaram; com a presença da semivogal [j], de 520 realizações gerais, houve uma produtividade percentual bastante próxima, de 53% para as professoras e 47% para as faxineiras, da variante palatalizada. Com a consoante /S/ houve poucas ocorrências, apenas 7 ao todo, sendo 4 realizadas pelas professoras, 57%, e 3 pelas faxineiras, 43%; com a pausa, do mesmo modo, houve somente 3 realizações, com duas produzidas pelos professores e uma pelas faxineiras.

Vendo esses dados, é possível notar que não há uma distinção clara das escolhas fonéticas das informantes, estando todos com dos dados numéricos muito próximos, e quando há uma distinção percentual maior há uma baixa quantidade de dados para garantir-lhe proporcionalidade em relação à comunidade investigada.

O mesmo acontece quando se considera o argumento escolaridade com o contexto fonológico seguinte, pois, das vogais analisadas, só apresentaram mais de 15 ocorrências da oclusiva alveolar palatalizada [tʃ] as vogais altas [i] e [u], tendo a primeira, 75 realizações, sendo praticamente a metade, 49% e 51%, produzidos pelos colaboradores professoras e faxineiras, respectivamente. Já com a vogal [u], de 465 realizações, 55,5% foram produzidas pelas professoras e 44,5% produzidas pelas faxineiras.

Santos (1996) também apresenta o cruzamento da escolaridade com a tonicidade e revela, como já fora visto antes, que a produtividade da palatalização da oclusiva alveolar /t/ está predominantemente condicionada pela posição postônica da sílaba e esta é levemente favorecida pelas professoras que realizam 53,5% das 512 ocorrências palatalizadas neste contexto, diante de 46,5% das realizações feitas pelas faxineiras. Na posição tônica, ao contrário, há um favorecimento suspeito das faxineiras para a realização da variante palatalizada de /t/, que produzem 65% dessas ocorrências, de um total de apenas 17 realizações; as professoras, por outro lado, têm 35% dessa produção fonética palatalizada. A posição pretônica apresenta números irrelevantes, com apenas duas realizações palatalizadas neste contexto, sendo uma produzida pelas faxineiras e outra pelas professoras.

Ao observar a palatalização da oclusiva alveolar em seus dados, de um modo geral, Santos (1996) constata que as professoras demonstram um maior número desse fenômeno que as faxineiras, bem como o contexto fonológico mais produtivo para a palatalização é a presença da vogal anterior alta [i] em posição precedente e da vogal alta [u] em posição seguinte.

Os dados da pesquisa realizada por Santos (1996) devem permitir uma contraposição, ao menos em relação a algumas variáveis, aos resultados da pesquisa retratados nesta tese, a fim de verificar se há alguns pontos semelhantes, o que pode sugerir uma estabilização das variantes em estudo, ou se há divergências significativas na apresentação dos dados que possam indicar, entre outras coisas, uma aceleração no processo de variação. Embora esta tese se utilize de um comportamento metodológico distinto daquele assumido por Santos (1996), o que com certeza deve apresentar interferência no resultado da pesquisa e nas suas interpretações, ver e comparar esses dados pode apontar direcionamentos a serem seguidos ao se tratar da palatalização das oclusivas alveolares em Maceió.

5.4 Sumário da Palatalização das oclusivas alveolares no Brasil

Apresento agora um sumário da palatalização das oclusivas alveolares no Brasil, destacando os pontos principais dos trabalhos revisados em todo capítulo 5, e que, de algum modo, podem trazer contribuições reflexivas sobre as variáveis internas e externas nos processos de palatalização.

A questão a ser pensada é até que ponto a palatalização das oclusivas alveolares, através dos vários trabalhos revisados, apresentam condicionamentos linguísticos e sociais semelhantes ou divergentes?

Um ponto a ser considerado, logo de início, é que a palatalização das oclusivas alveolares, dependendo da região geográfica estudada, pode se realizar como regressiva – em todos as pesquisas realizadas no Sul e Sudeste do Brasil e examinados nesta tese – ou progressiva, como constatou a maior parte dos trabalhos realizados no Nordeste (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014).

Como foi constatado até aqui, a palatalização progressiva, embora tenha uma produção marcante em território nordestino, não é uma exclusividade, sempre se mostrando coocorrente da palatalização regressiva, ao passo que na região Sul e Sudeste só há relatos, até o momento, da palatalização regressiva.

A palatalização progressiva das oclusivas alveolares é relatada há mais de cinco décadas no território nordestino e de acordo com Cardoso (1993 apud MOTA; ROLEMBERG, 1997, p. 132) apresenta uma expansão que atinge todo litoral nordestino:

Na Bahia, a africada se distribui, basicamente, pela zona litorânea, expandindo-se na direção Nordeste [...].
Os dados sobre Sergipe revelam a continuidade de ocorrência na faixa litorânea, com adentramento ao Norte, justamente seguindo a margem do Rio São Francisco.

Assim, é de esperar que a palatalização das oclusivas alveolares, em sua natureza progressiva, se realize em toda faixa litorânea do Nordeste, ao menos até a Paraíba, onde já há relatos de sua ocorrência (Cf. HENRIQUE; HORA, 2012), o que vem a contrastar com a palatalização regressiva comum das regiões Sul e Sudeste do Brasil e já bastante estudada.

Os trabalhos realizados com a palatalização regressiva (BISOL, 1991); (PAGOTTO, 2004); (BATTISTI et al, 2007); (HORA, 1990); (CARVALHO, 2002) e (DUTRA, 2007) tiveram como variáveis linguísticas estatisticamente significativas: tonicidade da sílaba, contexto anterior, contexto seguinte, vozeamento e natureza da vogal, além das variáveis externas idade, sexo, escolaridade, localidade geográfica e classe social.

No que se refere à variável tonicidade as posições tônica e pretônica se mostraram proeminentes em favor da palatalização seja em região de fronteira (DUTRA, 2007), em região metropolitana (BISOL, 1991); (SOUZA NETO, 2014), em áreas urbanas ou rurais (BATTISTI et al, 2007); ou em comunidades pesqueiras (CARVALHO, 2002).

Na Região de Florianópolis, o estudo de Pagotto (2004) demonstrou uma maior recorrência às formas palatalizadas com as sílabas postônicas, semelhantemente às comunidades italianas gaúchas investigadas por Bisol (1991).

Em comunidades bilíngues (BISOL, 1991), o comportamento foi distinto, uma vez que a palatalização foi mais recorrente nas sílabas postônicas em comunidades de colonização italiana, enquanto nas comunidades alemãs, a maior produtividade das formas palatalizadas ficou tanto nas sílabas pretônicas quanto nas postônicas.

Quanto à relação do contexto anterior da palatalização das oclusivas alveolares, a maior parte dos trabalhos realizados da Região Sul do país e aqui revisados (BISOL, 1991); (PAGOTTO, 2004); e (DUTRA, 2007) apontam para um favorecimento do processo quando se tem a presença da vogal anterior alta /i/, seja de natureza fonética ou fonológica, ou a presença de semivogal nesta posição anterior às oclusivas alveolares, revelando indícios que a presença do traço fonético [+coronal] é favorecedora do processo.

A presença da vibrante simples se mostrou produtiva em comunidade de colonização italiana (BISOL, 1991), enquanto a presença de vogais nasalizadas no contexto anterior demonstrou significância estatística em região fronteira (DUTRA, 2007) e na cidade de Alagoinhas – interior da Bahia – (HORA, 1990). No trabalho de Pagotto (2007), as vogais fechadas [u] e [o] e as fricativas alveolares /s/ e /z/ também demonstraram condicionamento no processo de palatalização das oclusivas alveolares na região de Florianópolis, de modo semelhante ao estudo realizado em região pesqueira no Rio de Janeiro (CARVALHO, 2002), onde a fricativa /R/ também demonstrou significância em contexto anterior.

Em relação ao contexto seguinte, houve uma grande diversidade de condicionamentos, sendo que a região de fronteira demonstrou maior produtividade da regra de palatalização diante de consoantes laterais (BISOL, 1991) e das fricativas /S/ e /f/ (DUTRA, 2007); as vogais nasais em posição seguinte às oclusivas alveolares foram favorecedoras do processo de palatalização na cidade de Porto Alegre, em Florianópolis e na região pesqueira do Rio de Janeiro, (BISOL, 1991); (PAGOTTO, 2004) e (CARVALHO, 2002). Em Florianópolis, a presença de ditongos em contexto seguinte também demonstrou favorecimento da regra. (PAGOTTO, 2004).

Quanto à interferência do vozeamento das oclusivas alveolares, todos os trabalhos que investigaram este grupo de fator em contexto regressivo, constataram que o desvozeamento da consoante favorece o processo de palatalização (PAGOTTO, 2004); (DUTRA, 2007); (CARVALHO, 2002) e (HORA, 1990), o que sugere que independente do dialeto falado, o fator [-voz] exerce um papel favorável à aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares.

Quanto à natureza da vogal anterior alta /i/, a sua realização fonológica em palavras como “time” se mostra mais produtiva que a vogal fonética de palavras do tipo “dente”, seja em região metropolitana ou de fronteira (BISOL, 1991), ou em área urbana ou rural (BATTISTI et al, 2007). O trabalho de Pagotto (2004) também revela que a presença da vogal alta /i/ como semivogal em palavras do tipo “sítio” ainda é mais produtiva. Assim, pode-se sugerir que a vogal de natureza não-derivada favorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares.

As variáveis sociais mais utilizadas nas pesquisas sobre o processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto regressivo foram a idade, o sexo, a escolaridade do colaborador e a região geográfica de habitação.

Não foi possível fazer um claro paralelo entre os trabalhos em relação à idade dos falantes, devido à falta de coincidência na estratificação social das diferentes pesquisas. Mas, mesmo assim, é possível constatar que a palatalização regressiva das oclusivas alveolares é inovadora nas regiões de fronteira (DUTRA, 2007); com falantes de comunidades de origem italiana e alemã (BISOL, 1991); nas comunidades pesqueiras do Rio de Janeiro (CARVALHO, 2002); nas áreas rurais (BATTISTI et al, 2007); e nos centros urbanos do Nordeste (SOUZA NETO, 2014) e (HENRIQUE; HORA, 2012) por apresentarem maior produtividade com os falantes mais jovens.

O comportamento das variantes palatalizadas em relação ao sexo do falante revela que há uma preferência destas formas linguísticas pelas mulheres nos estudos

realizados nos centros urbanos do Nordeste (SOUZA NETO, 2014); (MOTA; ROLEMBERG, 1997).

Na região Sul do país, apenas o estudo de Pagotto (2004) revelou que a palatalização das oclusivas alveolares era mais produtiva com os colaboradores do sexo feminino, mas apenas com as mulheres jovens.

O sexo não apresentou condicionamento do processo de palatalização das oclusivas alveolares no interior do Rio Grande do Sul, em Antônio Prado (BATTISTI et al, 2007) e na região de fronteira, (DUTRA, 2007) revelando que apesar da regra de palatalização ser inovadora na região, por ser mais produtiva com os informantes mais jovens, ela é evitada pelas pessoas do sexo feminino, o que sugere, de acordo com (DUTRA, 2007), que esta forma linguística seja portadora de negativa valoração social.

Estes dados podem levar a suposição de que a palatalização regressiva das consoantes oclusivas está em processo de assimilação de prestígio na região Nordeste, pois, conforme discussões realizadas pelos pesquisadores, as mulheres tendem a ocupar o espaço de vanguarda das variantes linguísticas quando estas gozam de prestígio social.

Em relação à variável escolaridade, as diversas pesquisas sobre a palatalização das oclusivas alveolares apresentam distintas estratificações, mas permitindo observá-las paralelamente, ao menos, quanto à distinção entre os colaboradores com maior e menor escolaridade.

A região fronteira, por exemplo, confirma a baixa valoração prestigiosa das variantes palatalizadas e se mostra como inibidora da regra, de modo que quanto maior a escolarização do falante, menor será o uso das formas palatalizadas nessa região (DUTRA, 2007).

Nos centros urbanos, o efeito da escolarização é inverso à região de fronteira, mostrando um favorecimento da regra pelos colaboradores com maior nível de escolaridade (PAGOTTO, 2004); (HENRIQUE; HORA, 2012).

Quanto à variável localidade geográfica, devido à grande diversidade de locais investigados, não é possível fazer uma análise linear, mas pode-se considerar os resultados dos grandes centros urbanos em relação às comunidades rurais ou não metropolitanas.

Há evidências que a palatalização das oclusivas alveolares embora seja realizado em maior escala nos grandes centros urbanos, ele se apresente como

inovador e em expansão nas localidades não metropolitanas (PAGOTTO, 2004); (BISOL, 1991) e (CARVALHO, 2002), sendo o estudo de Battisti et al (2007) o único que apresenta uma maior frequência de uso das variantes palatalizadas pelos moradores de área rural.

Quanto à classe social, apenas uma pesquisa investiga a correlação entre classe social e a palatalização das oclusivas alveolares (HORA, 1990), demonstrando que a palatalização regressiva é sensível à classe social do colaborador, no sentido de que quanto maior o nível social, maior o favorecimento da regra.

As pesquisas realizadas no Nordeste sobre a palatalização das oclusivas alveolares, com exceção de Hora (1990), atestam que a presença da semivogal [j] em posição anterior às consoantes oclusivas favorecem o processo e palatalização, caracterizando o processo progressivo e revelando evidências de como este fenômeno é produtivo na região.

Nenhum trabalho realizado no Nordeste e aqui revisado (MOTA; ROLEMBERG, 1997); (SOUZA NETO, 2014); (HENRIQUE; HORA, 2012) e (SANTOS, 1996) trata apenas da palatalização em contexto progressivo, embora também o contemple, evidenciando que, nessa região do país, a palatalização das oclusivas alveolares pode ocorrer tanto em contexto progressivo, quanto regressivo.

Nestas pesquisas, as variáveis linguísticas mais significativas foram: contexto seguinte, contexto anterior, tonicidade, estilo; além das variáveis externas: idade, sexo, escolaridade e classe social.

Ao verificar a relação do contexto seguinte com os processos de palatalização das oclusivas alveolares, nota-se que a presença da vogal anterior alta /i/, neste espaço, favorece o processo (SOUZA NETO, 2014); (SANTOS, 1996), sugerindo que a palatalização seja engatilhada pela presença do traço [+coronal], comum à esta vogal.

Quanto ao contexto anterior às oclusivas alveolares, a presença da semivogal [j] se mostrou mais produtiva e favorecedora deste processo de palatalização, confirmando a palatalização progressiva (SANTOS, 1996; (SOUZA NETO, 2014); e (HENRIQUE; HORA, 2012).

A variável tonicidade tem demonstrado condicionamento aos processos de palatalização progressiva nas Cidades de Aracaju e de João Pessoa, favorecendo a aplicação da regra quando a consoante está presente em sílaba tônica (SOUZA NETO, 2014) e (HENRIQUE; HORA, 2012).

Por outro lado, a pesquisa desenvolvida em Maceió por Santos (1996) sugere que o fator condicionante da palatalização seja a posição postônica, enquanto as demais posições se comportam inibindo o processo.

A variável estilo de entrevista também apresentou condicionamento aos processos de palatalização das oclusivas alveolares onde foi investigada, no sentido de que estilo mais informal favorece o surgimento das formas palatalizadas, ao passo que o estilo formal as inibe (HENRIQUE; HORA, 2012) e (MOTA; ROLEMBERG, 1997).

A relação do estilo com as realizações palatalizadas sugere que estas formas padecem de alguma marca social negativa, uma vez que são evitadas nos contextos mais formais.

Quanto à realização correlativa das formas palatalizadas com a variável idade não há como fazer uma apresentação grupal dos dados, uma vez que os recortes etários de cada pesquisa foram diferentes. De igual modo, não houve um comportamento linear dos dados, mas uma distância de resultados em cada pesquisa, sendo os colaboradores mais jovens (com até 22 anos) favorecedores da regra de palatalização em Aracaju (SOUZA NETO, 2014); os colaboradores mais velhos (com idade acima de 55 anos) os maiores favorecedores da regra em Salvador (MOTA; ROLEMBERG, 1997); enquanto em João Pessoa o público que mais favorece a regra é o pertencente a faixa etária entre 26 e 49 anos.

Assim, não há como criar uma hipótese de comportamento da regra de palatalização em relação a faixa etária do colaborador, uma vez que seu comportamento é muito esdrúxulo.

O sexo masculino tem apresentado favorecimento das variantes palatalizadas em contexto progressivo em Aracaju e em João Pessoa (SOUZA NETO, 2014) e (HENRIQUE; HORA, 2012).

Embora o trabalho de Mota e Rolemberg (1997) tenha demonstrado um favorecimento feminino em relação às variantes palatalizadas, as autoras não fazem uma distinção correlativa entre o sexo e a palatalização progressiva ou regressiva, podendo esta pesquisa ter obtido tal resultado devido à palatalização regressiva que aparentemente goza de maior prestígio social.

Quanto à variável escolaridade não há como fazer nenhuma afirmação segura sobre sua correlação com os processos de palatalização, pois dos trabalhos revisados, apenas dois consideraram tal variável. Em João Pessoa (HENRIQUE;

HORA, 2012), o maior tempo de escolaridade é o contexto que mais favorece a palatalização das oclusivas alveolares; já em Maceió (SANTOS, 1996) a escolaridade não apresentou significância.

Os resultados das pesquisas parecem apontar para a expansão da palatalização das oclusivas alveolares em contexto regressivo, mais comum na região Sul e Sudeste, ao passo que a palatalização progressiva, estudada até agora somente na região Nordeste, presumidamente padece de um valor negativo.

6. UMA IMAGEM A FOTOGRAFAR

Todo fotógrafo, antes de apertar o botão da câmera e fotografar, necessita escolher e delimitar o objeto de sua obtenção, afinal de contas a qualidade da fotografia também depende muito do que está sendo fotografado. É necessário ficar atento a cada detalhe do ambiente e focar mentalmente na cena que virá a ser criada com o *click*. Deve-se estar ciente de qual o objetivo da fotografia, se artística ou comercial, por exemplo, para assim poder controlar ou adequar a iluminação ao posicionamento da câmera e/ou dos modelos a serem fotografados, ao tipo de lente utilizada, à imagem de fundo e etc. Tudo interfere na qualidade e nas características intrínsecas da fotografia e deve ser visto com cuidado.

Assim, neste momento, fazendo um trabalho análogo ao de um fotógrafo na iminência de tirar o retrato, tendo cuidado com os detalhes ao meu redor, descrevo o lugar onde se realiza o fenômeno linguístico que me disponho a investigar – os processos de palatalização das oclusiva alveolares –, considerando seus aspectos históricos de origem e formação da cidade, suas características geográficas, que têm contribuído para seu desenvolvimento social e suas particularidades econômicas, que dão a Maceió uma identidade socioeconômica única.

Todos esses aspectos têm contribuído para a formação de uma identidade local e a construção e preservação de valores sociais que permitem à comunidade de fala de Maceió o estabelecimento de certas características homogeneizadoras.

6.1 Geografia de Maceió

De acordo com o Instituto Théo Brandão (1995), o nome da cidade Maceió seria de origem indígena Maçaió-k “tapa (ou represa) o alagadiço”, que se refere exatamente ao rio que nasce na região do Tabuleiro do Martins, formado pelos córregos Pitanga e Pau D’arco, e que depois de um percurso de seis quilômetros, atravessando as terras do vale do Reginaldo e irrompendo onde hoje está localizado o bairro do Poço, não seguia diretamente para o mar, mas apresentava uma curvatura à direita, indo desaguar próximo de onde é hoje o Clube Fênix Alagoana, fazendo em toda região um alagadiço que impressionaria os indígenas e motivaria o nome do lugar.

Um dado curioso da formação populacional de Maceió é que, embora tenha a maior população do estado de Alagoas, mais de um milhão de pessoas, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral – TSE –, o município tem apenas 531.711 eleitores (Cf. BRASIL, 2016), algo muito próximo da metade da população, o que significa que uma parcela considerável dos habitantes da capital alagoana é oriunda de outros lugares, possivelmente do interior do estado.

Maceió encontra-se instalada na planície litorânea do estado de Alagoas e seu bioma predominante é a Mata Atlântica, que mantém um clima tropical, com temperaturas variáveis entre 22° e 35°, e vegetação natural arbustiva e herbácea. Os municípios vizinhos à Maceió são: Marechal Deodoro, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte, Satuba, Rio Largo, Flexeiras, Barra de Santo Antônio e Paripueira.

Algumas características geográficas dão à Maceió um requinte único, devido ao grande número de praias que a ladeia e a presença das lagoas Mundaú e Manguaba, o que permite que ela possa ser chamada de Paraíso das Águas (Cf. INSTITUTO THÉO BRANDÃO, 1995). Sem dúvida, essas particularidades de Maceió têm lhe outorgado a alcunha de uma das cidades mais belas do Brasil e contribuído para o crescimento turístico nos últimos anos.

6.2 História de Maceió

Antes da chegada dos portugueses às terras brasileiras, o espaço em que hoje se localiza a cidade de Maceió, bem como todo o litoral alagoano, era habitada por povos indígenas Potiguaras, Tabajaras, Caetés, Umans, Chocós, Pipianos, Coropotões, entre outros.

Foram os índios caetés os responsabilizados pelo famoso caso de antropofagia que envolveu o bispo Sardinha e mais de 100 outras pessoas, náufragos da nau Nossa Senhora da Ajuda. A morte dessas pessoas motivou a coroa portuguesa a formar expedições durante cinco anos em toda região com o intuito de aniquilar todos os caetés, inclusive nas terras que hoje pertencem à Maceió.

É sob domínio do donatário Duarte Coelho Pereira que começa o povoamento do litoral que vai do norte de Pernambuco ao Sul de Alagoas, chegando até Penedo. Por alguns séculos, ao passo que as terras iam sendo desbravadas, eram doadas a pessoas notáveis e respeitadas do império, de modo que, em 1611, as terras que

atualmente compõem a cidade de Maceió pertenciam a Antônio de Barros Pimentel, Miguel Gonçalves Vieira e Manuel Antônio Duro (Cf. INSTITUTO THÉO BRANDÃO, 1995).

A cidade de Maceió se originou a partir da concentração de pessoas ao redor de um suposto engenho de açúcar que levava o nome Massayó, mas cuja propriedade ainda hoje é desconhecida. A especulação é que esse engenho de açúcar tenha sido originado de pessoas vindas de Santa Luzia do Norte, trazendo escravos, gado e demais riquezas e se instalado na localidade, que à época já mostrava uma estratégica localização para o escoamento de mercadorias.

Uma verdade, porém, é incontestável. A célula máter do povoado foi o engenho com sua ermida de São Gonçalo, que existiram na atual praça D. Pedro II. Aí vinham morrer os longos caminhos que serviam à fábrica – o que demandava a Lagoa do Norte e o vale do Mundaú e o que, marginando o litoral, conduzia à capital da capitania, por Porto Calvo e povoados circunvizinhos, que dela iam se emancipando. (INSTITUTO THÉO BRANDÃO, 1995, p. 34)

Nos meados do século XVIII, Maceió era apenas um povoado que talvez nem tivesse ruas propriamente ditas, mas na época, já havia uma capela, inicialmente dedicada a São Gonçalo do Amarante e posteriormente tendo como padroeira Nossa Senhora dos Prazeres. Então, é ao redor dessa igreja e do engenho de açúcar que se começa a delinear o que viria ser mais tarde a cidade de Maceió.

O porto do Jaraguá, sem dúvida, foi uma peça importante para o crescimento e a expansão da cidade, que já escoava algodão, madeira, açúcar e cereais para a Europa. “Assim, o antigo sítio Maceió perdia, aos poucos, sua fisionomia rural, para transformar-se em povoado próspero, tomando aspecto de núcleo urbano”. (Ibid., p. 35).

Em 1815, por alvará régio, Maceió passa a condição de vila, sendo desmembrada da antiga vila de Alagoas, sob a condição de que fossem construídos com recursos próprios o pelourinho, a cadeia, a Câmara Municipal e outras instalações necessárias, de modo que a população rapidamente agilizou em cumprir as exigências:

Antônio Firmiano de Macedo Braga, incubiu-se da construção do pelourinho; a casa para servir de cadeia, foi doada por José Elias Pereira, figura representativa da vila, que também cedeu o seu sobrado do pátio da capela – sobrado demolido em 1938, para a construção do edifício do Instituto dos Funcionários Públicos – para o funcionamento da câmara. (Ibid., 1995, p. 35)

Após a revolução pernambucana, quando Alagoas foi desmembrada, Maceió encontrava-se em pleno desenvolvimento, já sendo a cidade mais importante no novo estado, embora a capital oficial fosse Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul (atual Marechal Deodoro).

Maceió veio, porém, a adquirir maior importância econômica e política quando o primeiro governador do estado, Sebastião Francisco de Melo Póvoas, resolveu instalar residência nesta cidade, embora tivesse que despachar em Santa Maria Madalena. Aos poucos, o governador começou a transferir aos poucos as funções administrativas para Maceió, como a criação da Alfândega, a instalação da Junta de Administração e Arrecadação da Real Fazenda, a Inspeção de Açúcar e Algodão e a construção do Quartel Militar. Em seguida, desativou o porto do Francês para navegação comercial, o que alavancou a importância do porto do Jaraguá para a economia de todo o estado e, principalmente, de Maceió.

Somente em 1839 é que Maceió foi elevada à categoria de cidade e, conseqüentemente, tornou-se a capital da província, sendo o marco dessa transferência política a vinda do Tribunal do Tesouro Público e Nacional, o que despertou descontentamento dos habitantes de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, sendo necessária a presença de tropas do exército militar de Pernambuco e Bahia para garantir essa transferência.

A partir e então, a cidade teve seu desenvolvimento administrativo e político estabilizado, o que originou uma nova fase para o comércio e a indústria local, consolidando a cidade como a mais importante do estado.

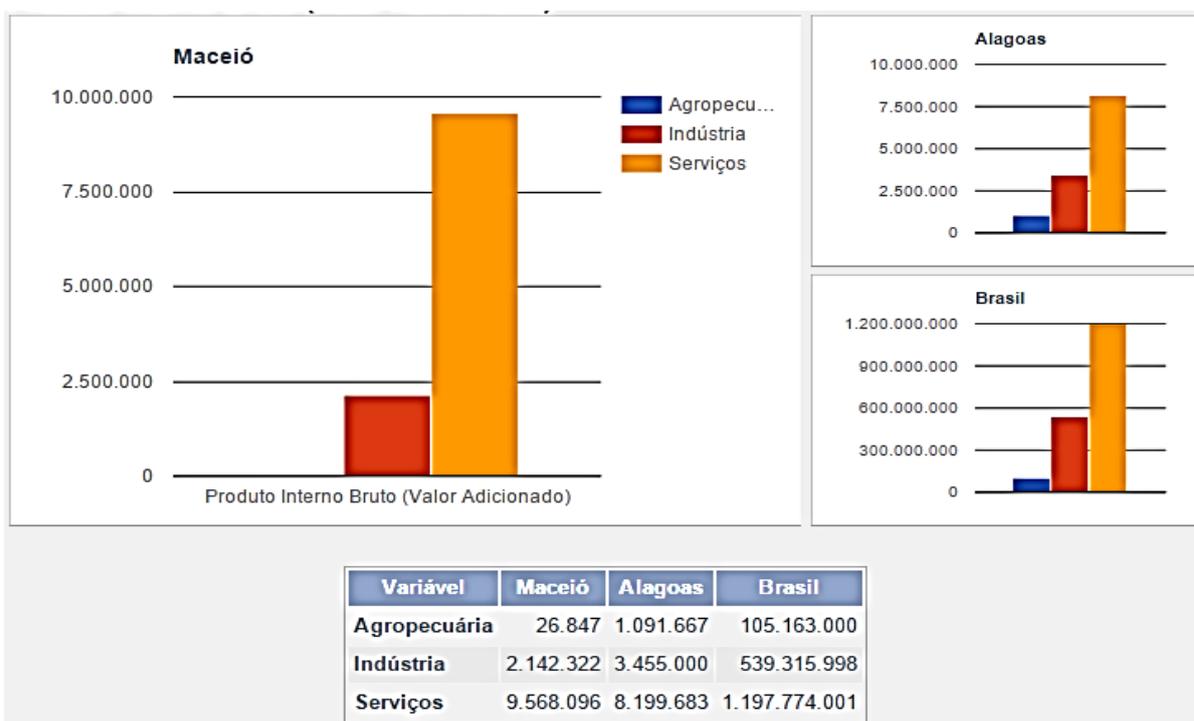
6.3 Economia de Maceió

Maceió está posicionada em 1266º no ranking do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2010) quanto ao índice de desenvolvimento humano dos municípios – IDHM –, com valor de 0.721, numa escala que vai de 0 a 1 e considera como base para o cálculo números relacionados à renda: 0.739; à longevidade: 0.799; e à escolaridade: 0.635.

Segundo dados do IBGE (2014), Maceió apresenta um índice de 58,37% de pobreza e um coeficiente de Gini – medida que calcula a desigualdade social e de distribuição de renda – de 0.57, sendo a cidade uma das mais pobres do estado e

com o maior indicativo de desigualdade social. Com PIB (Produto Interno Bruto) em torno de R\$ 12 bilhões, tem sua economia baseada, principalmente, na Indústria e nos Serviços, conforme pode ser verificado no gráfico 2:

Gráfico 2 – Produto Interno Bruto de Maceió (Valor Adicionado)



Fonte: IBGE (2014)

O PIB *per capita* anual é em torno de R\$ 14.300,00, o que coloca a capital alagoana entre as piores capitais do Nordeste em relação a essa medida, perdendo apenas para Teresina, no Piauí. De acordo com Silva (2013), ao passo que Teresina recebeu, em 2011, R\$ 1.292,00 por habitante por transferência de receita, Maceió recebeu apenas R\$1.024,00, o que acontece “não apenas em virtude de sua receita própria por habitante, mas principalmente por receber mais transferências que a capital alagoana” (SILVA, 2013, p. 33).

Silva (2013) ainda chama a atenção para o fato de que essas transferências de recursos dos governos Estadual e Federal não são maiores, exclusivamente, pela ausência de projetos de integração política da prefeitura com os programas e projetos do governo federal, que ainda é um dos principais mantenedores de recursos não só da capital, mas de todo o estado.

De acordo com o SEPLANDE (Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio, 2010), Maceió tem 12,01% da população ativa acima de 16 anos de idade desempregada e apresenta níveis de analfabetismo em torno de 15%.

Esses dados gerais permitem uma boa descrição dos aspectos econômicos e sociais da cidade de Maceió, o que é essencial para compreender a flutuação dos fenômenos linguísticos nessa comunidade, afinal toda escolha linguística carrega sua gama de valores sociais.

7. FOTOGRAFANDO

A primeira lição para o fotógrafo tirar uma boa fotografia é o controle da luz, afinal de contas, as cores, o claro e o escuro não são mais que diferentes reflexos da luz. Então, no momento que o fotógrafo se decide pelo alvo de sua fotografia, se uma paisagem, uma pessoa ou objeto para catálogo de revista, etc., ele deve observar se há alguma luz natural, de onde vem, como reflete no objeto de sua fotografia, como se posicionar em relação a esta, se há necessidade de luzes artificiais, com que intensidade e assim por diante.

Então posso dizer, de modo análogo, que toda essa preocupação que tem o fotógrafo para realizar seu ofício equivale aos cuidados metodológicos que o linguista deve ter para coletar os dados de sua pesquisa, pois, certamente, todos os detalhes deste momento podem interferir e refletir nos resultados da pesquisa, como quantas pessoas vão participar da pesquisa, quais os níveis de escolaridade, as classes sociais dos envolvidos, o tempo de gravação, o estilo da entrevista, o tipo de pergunta, etc.

7.1 Metodologia

A coleta dos dados para esta tese foi realizada de acordo com as orientações metodológicas da Sociolinguística Variacionista, tendo como precursor Labov (2008 [1972]) e sendo discutida por Campoy e Almeida (2005), Sankoff e Labov (1979), Sankoff (1988) e, no Brasil, por Tarallo (1997), Mollica e Braga (2003) e outros.

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistadas 48 pessoas estratificadas por sexo, masculino e feminino; idade, em três faixas que variam entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 e 80 anos; e escolaridade, em quatro níveis de educação, distribuídos como baixa escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Como critério para participar desta pesquisa, os colaboradores deveriam ser nascidos em Maceió, ou ter vindo para esta cidade com até cinco anos de idade e não ter morado mais de seis meses fora dela.

A preocupação em relacionar a idade dos colaboradores com as suas produções linguísticas está fundamentada no fato de que a postura inovadora ou não do indivíduo

é afetada diretamente, entre outras coisas, pelos ciclos de sua vida e, conseqüentemente, pelo estilo de vida que segue.

A organização do trabalho e da produção fora do seio familiar e a crescente incorporação das mulheres ao trabalho remunerado determinam que a pessoa ou casal geralmente possa escolher três modos de vida, apesar de estar envolvido, em maior ou menor grau, em um dos três: i) o consumidor, mais comum na adolescência e durante a formação profissional (universitária ou não) no início da idade adulta, com o qual se opta pela qualidade de vida e lazer; ii) o profissional, após a formação acadêmica profissional, que está sujeita a praticamente toda a promoção vertical, tempo e esforços dedicados a este fim; iii) o familiar, centrado na casa e no cuidado com os filhos⁴⁸. (CAMPOY; ALMEIDA 2005. p. 40)

Assim, o zelo em estratificar os colaboradores quanto à idade foi garantir esses três perfis sociais: consumista – que para mim seria mais correta a definição de estudantil –, profissional e familiar, que estão diretamente relacionadas com as diferentes gerações a que pertencem e podem fornecer informações sobre uso da língua nesses três momentos da vida.

Ao tratar a escolaridade, a ideia inicial era de uma estratificação dividida de modo a considerar os três níveis educacionais previstos pela lei LDB (BRASIL, 1996), ensino fundamental, ensino médio, ensino superior, bem como pessoas não alfabetizadas. No entanto, quando comecei a coleta de dados me deparei com uma grande dificuldade em encontrar pessoas nascidas e vividas em Maceió e que fossem analfabetas, dificuldade que era ainda maior quando tive que cruzar este estrato educacional com as faixas etárias menores, pois quando se trata de analfabetos acima de 50 anos de idade é mais fácil encontrar, mas tem se tornado rara a presença de pessoas com menos de 35 anos de idade analfabetas.

E esta definição ainda enfrenta o problema da aceitação do termo por parte dos colaboradores, pois também encontrei pessoas não escolarizadas, mas que sabiam escrever o nome e que não aceitavam se encaixar nesse grupo, o que é bastante delicado. O próprio IBGE (2015), que tem o conceito de analfabetismo atrelado ao fato de a pessoa não saber ler nem escrever um bilhete simples, utiliza como critério para

⁴⁸ No original: La organización del trabajo y la producción fuera del seno familiar y la creciente incorporación de la mujer al trabajo remunerado determinan que el individuo o la pareja normalmente pueda optar por tres modos de vida, si bien se participa, en mayor o menor grado, de los tres: i) el consumista, más habitual en la adolescencia y durante la formación profesional (universitaria o no) en adultez temprana, con el que se opta por la buena vida y el ocio; ii) el profesionalista, tras la formación académica profesional, con el que se supedita prácticamente todo a la promoción vertical, consagrando los esfuerzos y el tiempo a lograr este fin; iii) el familista, centrado en el hogar y el cuidado de los niños.

considerar alfabetizada ou não uma pessoa, a sua autodefinição. É o sujeito que diz se sabe ou não ler e, portanto, se é ou não analfabeto.

No caso da minha pesquisa, achei mais pertinente classificar os colaboradores – ao invés da categorização binária entre alfabetizados ou analfabetos – como pertencentes à faixa de baixa escolaridade, que deve incluir pessoas não escolarizadas e pessoas que estudaram os primeiros anos do ensino fundamental, ou seja, até o quinto ano do ensino fundamental; ensino fundamental, que vai dar conta dos colaboradores que estudaram até o nono ano; ensino médio, que trata de colaboradores que tenham estudado o ensino médio, chegando a concluí-lo ou não; e ensino superior, também concluído ou não⁴⁹.

Esta estratificação escolar que proponho também permite uma análise mais justa, porque apresenta cerca de três a cinco anos em cada faixa, não havendo uma distância tão grande entre o tempo de estudo entre elas. Ao se considerar todo o ensino fundamental, por exemplo, em relação ao ensino médio, temos um nível educacional com nove anos e outro como três anos, o que pode provocar disparidade nos dados. Como a intenção desta pesquisa quanto a esta estratificação é descobrir se há alguma relevância entre o nível de escolaridade dos colaboradores e as suas escolhas linguísticas, suponho que considerar blocos menores de permanência na escola seja mais pertinente.

7.1.1 Coleta de dados

A coleta de dados com 48 colaboradores se deu entre setembro de 2013 e dezembro de 2014. Todos os colaboradores foram voluntários e permitiram a gravação e a utilização dos dados assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁵⁰ – TCLE (ver anexo 1). Porém, como a minha pesquisa é em Sociolinguística e preciso de informações vernáculas sobre a língua, optei por não fornecer detalhes sobre a pesquisa no momento antes de fazer a entrevista, mas somente ao término desta, explicando aos colaboradores a necessidade de assinarem o TCLE, para que pudesse, então, utilizar dos dados.

⁴⁹ Os detalhes dessa escolha já foram expostos na seção 3.2.1.4.3 desta tese.

⁵⁰ O TCLE desta pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com o número de CAAE: 15231013.4.0000.5013

Para garantir a espontaneidade dos dados, decidi, então, correr o risco de após realizada a gravação o colaborador pudesse decidir pela não permissão de utilização dos dados e se recusasse a assinar o termo de consentimento. Embora tenha corrido este risco, nenhum dos voluntários da pesquisa tomou tal atitude.

Inicialmente, não revelava qual era realmente o objeto da pesquisa, mas informava que se tratava de uma pesquisa de opinião sobre o atual quadro político no país, principalmente acerca das manifestações de agosto de 2013 – tema que foi bastante produtivo com o público mais jovem e de escolaridade mais alta; sobre as experiências profissionais e acontecimentos do meio do trabalho; e, com alguns colaboradores que apresentaram estar mais à vontade, sobre problemas e casos familiares. Pois, como se trata de uma pesquisa que precisa de dados espontâneos da língua, o colaborador saber que estou investigando um processo linguístico antes da realização da entrevista poderia levá-lo a controlar os dados e interferir na pesquisa.

Por isso, busquei, em todo os momentos, deixar o colaborador livre de tensões para que pudesse falar espontaneamente suas opiniões ou narrativas de vida, conforme prega a metodologia sociolinguística: “um objetivo específico da metodologia variacionista é conseguir acesso ao que é referido como o ‘vernáculo⁵¹’”. (TAGLIAMONTE, 2006, p. 08)

Embora não tenha considerado como estratificação para a pesquisa a localidade, busquei não coletar dados de pessoas na mesma região de Maceió, de modo que entrevistei colaboradores residentes nos diversos bairros da cidade: Ponta Verde, Serraria, Farol, Tabuleiro, Benedito Bentes, Centro, Poço, etc.

Para a realização destas entrevistas, utilizei um gravador digital de áudio Coby CXR 190, que me permitiu gravar um total de 970 minutos de conversação com os 48 colaboradores, resultando uma média de 20’:23” (vinte minutos e vinte e três segundos) por pessoa entrevistada.

Embora as orientações metodológicas de Labov (2008 [1972]) e de Campoy & Almeida (2005) sejam no sentido de manter ao menos 6 colaboradores para cada célula de análise, devido à complexidade de lidar com um elevado número de áudios,

⁵¹ No original: A specific goal of variationist methodology is to gain access to what is referred to as the ‘vernacular’”

bem como seguindo uma prática comum na realização de pesquisas sociolinguísticas no Brasil, as 48 pessoas entrevistadas me garantiram dois colaboradores por célula.

7.1.2 Tratamento dos dados

Conforme foram sendo realizadas as coletas de áudios das entrevistas, providenciei as transcrições ortográficas das falas dos colaboradores, que foram feitas no Microsoft Word 2013, totalizando 431 páginas de transcrições ortográficas, resultando em uma média de 9 páginas por áudio ouvido. Em seguida, foram feitas, em forma de comentário lateral no Word, as transcrições fonéticas dos trechos que apresentaram alguma das variantes palatalizadas das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/.

Todo o material coletado, o que inclui os áudios e as transcrições ortográficas e fonéticas, está sob a minha guarda e fará parte do Banco de Dados do Projeto de Pesquisa **Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras**, coordenado pelo Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, da Universidade Federal de Alagoas.

Nesses dados, a palatalização das oclusivas alveolares mostrou-se realizável em diferentes contextos, seja com a vogal anterior alta /i/ em posição posterior às consoantes oclusivas alveolares, o que constitui o processo de palatalização regressiva; ou com a presença da fricativa alveolar /S/ ou da semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas alveolares – ambiente típico da palatalização progressiva; possibilitando, em limite de fronteira lexical ou não, formas linguísticas palatalizadas como “agos[tʃ]o”, “prefei[tʃ]o”, “democrá[tʃ]ico”, “mé[dʒ]ico”, “nasce [tʃ]orto”, entre outras.

Todos os 48 colaboradores, ao menos em um momento de suas falas, produziram alguma forma palatalizada, sendo que 45 deles produziram a palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo, evidenciando este processo como um fenômeno característico da fala maceioense.

Assim, o meu intuito com este trabalho é tentar descobrir quais os condicionantes sociais e fonológicos que atuam nos processos de palatalização das oclusivas alveolares, bem como descrevê-los a partir de regra generalizáveis que dê conta dessa carga de fenômenos.

7.1.3 Variáveis sociais

Após realizadas todas essas etapas de coleta e transcrições dos dados, comecei a observar os possíveis padrões de realização da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ que nos dados que coletei tornaram-se possíveis em contextos progressivos, antecidos pela semivogal [j] e pela fricativa alveolar /S/, gerando formas linguísticas como mui[tʃ]o, doi[dʒ]o e gos[tʃ]o, ou em contexto regressivo com a consoante oclusiva em posição anterior à vogal alta, em formas linguísticas como [tʃ]ia e [dʒ]ia.

O meu cuidado no decorrer da pesquisa foi em garantir o cruzamento das variáveis sociais escolaridade, idade e sexo com as variáveis linguísticas, com a forma palatalizada ou não das oclusivas alveolares em seus diferentes contextos de realização, a fim de notar se há ou não algum modo de condicionamento social às escolhas linguísticas dos falantes acerca dessas variantes linguísticas palatalizadas. Afinal, de acordo com Cristóvão Silva et al (2012, p. 69):

Podemos afirmar que o percurso que cada mudança linguística segue não é linear e depende de fatores diversos, inclusive os fatores sociais e pessoais. Uma vez que um determinado padrão esteja em mudança, várias forças de instabilidade podem interagir para que tal mudança siga caminhos não previsíveis. Assim, momentos de instabilidade e reorganização de padrões fonológicos de mudança podem ser observados.

A variação linguística está indubitavelmente atrelada às atividades sociais dos falantes, em toda sua esfera de valores, crenças, hábitos e atitudes, sendo talvez, a língua, o elemento social mais sensível às exteriorizações de comportamento do indivíduo. As marcas sociais de valores chegam à língua em toda sua dimensão natural, desde os aspectos externos da discursividade, aos fragmentos linguísticos tipicamente estruturais da sintaxe, da morfologia e da fonética-fonologia.

Os estudos em sociolinguística variacionista buscam investigar as correlações estruturais que conectam os processos de variação linguística aos aspectos sociais valorativos definidores da identidade subjetiva do falante. De acordo com Mendoza-Denton (2003), toda pesquisa que se enquadra sob o rótulo de sociolinguística tem buscado compreender como os processos variacionais da língua estão indexados à prática social:

A pesquisa sociolinguística, sob várias correntes teóricas (teoria da acomodação, atos de identidade, redes sociais e comunidades de prática, entre outros) tem delineado o *link* entre a variação linguística indexada e a prática social. São estes estudos que proporcionam o elo mais forte e mais produtivo entre a sociolinguística variacionista com sua ênfase nas variáveis linguísticas e a antropologia linguística, com foco nas configurações de fala e suas consequências sociais⁵². (p. 372. Itálico meu)

A sociolinguística variacionista tem permitido, em sua histórica, a investigação das relações entre as práticas sociais – em toda a amplitude que o termo possa permitir – às atitudes linguísticas dos falantes, observando, entre outras coisas, como a noção subjetiva de identidade – atrelada aos valores sociais distintivos – tem interferido na dinâmica linguística e direcionado os caminhos da variação e mudanças linguísticas, como pode ser verificado nos estudos na ilha de Martha's Vineyard (LABOV, 2008 [1972]), na cidade de Newfoundland, no Canadá (CLARKE, 1997), na ilha de British Isles, no Reino Unido (TRUDGILL, 1984), entre outros.

Assim, é de se esperar que em qualquer pesquisa sociolinguística os grupos de fatores sociais básicos como idade, sexo e escolaridade apresentem condicionamentos às escolhas linguísticas dos falantes, revelando que formas recebem mais marcas positivas e sobre as quais recaem os estigmas sociais.

7.1.3.1 Idade

Na investigação da variável idade, investigo a estratificação da faixa etária como variável contínua, considerando colaboradores com idades entre 18 e 80 anos, o que serve para demonstrar o comportamento da variável dependente em tempo aparente, dando pistas de como ela tem variado no decorrer do tempo e se está caminhando para a possível sobreposição de uma variante em relação a outra ou para a estabilização coocorrente entre as variantes linguísticas.

As diferenças através das gerações de falantes são interpretadas como evidência de mudança da língua de acordo com a hipótese de tempo aparente. Este princípio justifica que as pessoas de idades diferentes podem

⁵² No original: Sociolinguistic research under various theoretical frameworks (accommodation theory, acts of identity, social network, and communities of practice, among others) has delineated the link between indexical language variation and social practice. It is these studies that provide the strongest and most productive link between variationist sociolinguistics with its emphasis on linguistic variables, and linguistic anthropology, with its focus on speech settings and their social consequences.

ser tomadas como representantes de momentos diferentes. Assim, a fala de um alguém de 75 anos de idade de hoje representa a fala de um período mais anterior do que a fala de alguém de um período de 50 ou de 25 anos atrás. Comparando esses três falantes sincronicamente, o pesquisador pode realizar inferências diacrônicas sobre os acontecimentos linguísticos nos últimos 50 ou mais anos⁵³. (MILROY; GORDON, 2003, p. 35).

A variável idade tem demonstrado ser significativa em vários trabalhos sobre a palatalização das oclusivas alveolares (Cf. BISOL, 1996; DUTRA, 2007; BATISTA et al, 2007), condicionando a realização de variantes palatalizadas com a idade do colaborador. No caso da palatalização progressiva, pesquisas têm demonstrado que os colaboradores mais velhos apresentam uma preferência pelas formas palatalizadas em oposição aos colaboradores mais jovens (Cf. HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014).

Desse modo, a hipótese é que a palatalização das oclusivas alveolares na cidade de Maceió também seja sensível à variável idade, com os colaboradores de idades mais avançadas favorecendo o processo, ao passo que os colaboradores mais jovens o desfavoreça.

7.1.3.2 Sexo

Os estudos sociolinguísticos que têm contemplado a variável sexo⁵⁴ têm encontrado diferentes comportamentos linguísticos ao comparar as falas dos homens com as falas das mulheres. Essas diferenças geralmente apontam para uma procura feminina em relação às formas de maior prestígio social, ao passo que os homens aparentam um maior uso das formas inovadoras. Assim, a variável sexo é utilizada até hoje dentro das pesquisas sociolinguísticas com intuito de apontar indícios de valoração social das variáveis linguísticas investigadas, uma vez que há a tendência de crescimento de uso de uma variante se esta for mais utilizada pelas mulheres ou

⁵³ No original: Differences across generations of speakers are interpreted as evidence of language change in accordance with the apparent time hypothesis. This principle maintains that people of different ages can be taken as representative of different times. Thus, the speech of a 75-year-old of today represents the speech of an earlier period than does the speech of a 50-year-old or a 25-year-old. Comparing these three speakers synchronically allows the researcher to draw diachronic inferences about developments over the last 50 or so years.

⁵⁴ Embora haja importantes discussões teóricas sobre a categorização biológica e social acerca dos conceitos de sexo e gênero (Cf. ECKERT, 1989) utilizo, nesta tese, apenas a configuração biológica do indivíduo, o sexo.

de ser ameaçada de cair em desuso se tiver um maior uso pelos homens. De acordo com Labov (1991, p. 205),

Dois princípios gerais de diferenciação sexual emergem de estudos sociolinguísticos anteriores: que os homens usam uma frequência maior de formas não-padrão que mulheres em situações estáveis, e que as mulheres são geralmente inovadoras de mudanças linguísticas. Não está claro se essas duas tendências podem ser unificadas ou como as diferenças entre os sexos podem explicar os padrões observados de mudança linguística⁵⁵.

As pesquisas sobre a palatalização das oclusivas alveolares têm revelado diferentes resultados quanto à correlação da variável dependente com sexo do falante, havendo uma maior procura das formas palatalizadas pelas mulheres quando há o contexto regressivo (Cf. BATTISTI et al, 2007; DUTRA, 2007; BISOL, 1991) e um uso maior pelos membros masculinos quando se trata da palatalização progressiva (Cf. HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014).

Assim, a expectativa é que os processos de palatalização das oclusivas alveolares produzido em Maceió também revelem correlação significativa entre a variável dependente e o sexo dos colaboradores, no sentido que a hipótese é que palatalização regressiva seja mais produtiva por falantes mulheres e a palatalização progressiva por homens.

7.1.3.3 Escolaridade

As pesquisas que investigam o grupo de fator escolaridade, correlacionando-o à variação linguística, têm demonstrado que quanto maior o tempo de escolarização dos falantes maior será a busca pelas formas linguísticas prestigiadas, enquanto as formas socialmente estigmatizadas apontam maior frequência de realização com os falantes com menor tempo de escolarização.

Pois, em consonância com Votre (2004, p. 52):

⁵⁵ No original: Two general principles of sexual differentiation emerge from previous sociolinguistic studies: that men use a higher frequency of non standard forms than women in stable situations, and that women are generally the innovators in linguistic change. It is not clear whether these two tendencies can be unified, or how differences between the sexes can account for the observed patterns of linguistic change.

As formas socialmente prestigiadas são somente fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através do longo período escolar.

A escola, verdadeiramente, tem funcionado como uma das principais difusoras da norma culta⁵⁶ da língua ao assumir determinadas variantes como corretas e outras como erradas, o que contribui para desacelerar o processo natural de variação linguística. A consequência disto é que, ao se assumir determinada variante linguística como mais prestigiosa dentro da comunidade de fala, é natural que os falantes busquem mais esta forma que as outras. De modo que todas as escolhas linguísticas dos falantes estão condicionadas pelo valor social que é atribuído às variantes linguísticas (Cf. LABOV, 1972 [2008]; LABOV, 2001). E neste jogo de valer mais ou valer menos, a escola é uma das principais mantenedoras e difusoras das formas valorizadas, pertencentes à norma culta da língua.

Os trabalhos sobre a palatalização das oclusivas alveolares têm revelado que o condicionamento da variável escolaridade em relação às variáveis dependentes está subordinado ao tipo de palatalização das oclusivas alveolares, se regressivo ou progressivo. A palatalização regressiva surge com uma marca social de prestígio e tende a ser mais empregada gradualmente pelos falantes de maior tempo de escolarização (Cf. BATTISTI et al, 2007; DUTRA, 2007; BISOL, 1991; HORA, 1990), na inversa proporção que a palatalização progressiva tem indicado ser mais produtiva com os falantes de menor escolarização (Cf. SOUZA NETO, 2014; HENRIQUE; HORA, 2012).

7.1.4 Variáveis linguísticas

Para a realização de análise estatística que correlaciona os fatores internos da língua aos processos de palatalização das oclusivas alveolares, seleciono sete grupos de fatores linguísticos, além da variável dependente, que deve ser analisada matematicamente, por sua natureza binária, como palatalizada sim ou não.

⁵⁶ Embora haja distinções teóricas sobre os conceitos de Língua Culta e Língua Padrão, não entro no âmbito da questão, buscando apenas enfatizar que o ambiente educacional, de forma genérica, tem contribuído com a ampliação da ideia de forma correta e errada da língua.

As variáveis linguísticas a serem investigadas serão: contexto anterior à oclusiva, contexto seguinte, acento, tamanho da palavra em sílabas, fronteira lexical, vozeamento e contexto anterior ao gatilho.

7.1.4.1 Contexto anterior

A variável dependente será medida pela realização ou não das variantes palatalizadas das oclusivas alveolares seja em possível contexto fonológico progressivo, como nos segmentos linguísticos do tipo “muito”, “doido”, “desde”, “gosto”, ‘sai **daqui**”, “mas **também**”, “**justiça**” ou em contexto regressivo como “**tia**” e “**dia**”.

O contexto anterior à oclusiva visa investigar até que ponto o elemento sonoro que antecede a consoante oclusiva tem o poder de interferir nos processos de palatalização. Em se tratando do processo progressivo, este ambiente pode ser ocupado por dois elementos linguísticos, a fricativa alveopalatal /S/, como em palavras do tipo “**pasta**” e “**desde**” e a semivogal [j] que acompanha ditongos, em formas linguísticas do tipo “muito” e “doido”.

Quando o contexto é de realização regressiva, este ambiente também é produtivo, podendo ser preenchido por qualquer uma das cinco vogais e pela fricativa sibilantes /S/, como nas formas linguísticas: “**pátio**”, “**prédio**”, “**índio**”, “**ótimo**”, “**cutícula**” e “**peste**”, etc.

Trabalhos como o de Santos (1996), Souza Neto (2014) e Hora; Henrique (2012) têm demonstrado que a presença da semivogal [j] em contexto anterior à oclusiva tem condicionado este processo de palatalização.

A pesquisa de Hora; Henrique (2012) demonstrou que as consoantes coronais palatais, como as fricativas, no contexto anterior às oclusivas, têm inibido o a palatalização das oclusivas alveolares na Paraíba. No entanto, essa variação tem demonstrado ser bastante produtiva em Maceió, como já tinha revelado o trabalho de Santos (1996). Em Cristóvão Silva (2012), o contexto anterior tem se revelado produtivo no Ceará e no Rio Grande do Norte quando o espaço é preenchido pelas fricativas alveolares.

Assim, a hipótese que assumo é que a presença das consoantes fricativas alveolares em contexto anterior favorece, com maior probabilidade, o processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo.

7.1.4.2 Contexto seguinte

A análise do contexto seguinte busca investigar se a presença de uma das cinco vogais neste ambiente fonético traz interferências aos processos de palatalização das oclusivas alveolares. Esta variável se constitui de cinco fatores, como pode ser observado nos exemplos retirados das falas dos colaboradores:

- a) Vogal a – se**ita**, cuida**do**, gosa**ta**, dita**do**, vi**da**, vai **também**, sai **daqui**, depois **tá** solto, eles **dão** e outros;
- b) Vogal e – anoite**ce**, ide**ia**, minist**ério**, doide**ira**, foi **tempo**, pai **dela**, uns **tempos**, os **dela** e outros;
- c) Vogal i – no**ite**, adeno**ide**, just**iça**, desde**e**, pai **de** um rapaz, pai **tinha**, qu**ente**, **día** e outros;
- d) Vogal o – gosa**so**, desdo**bra**, foi **todo**, foi **dois**, mas **todo**, os **dois** e outros;
- e) Vogal u – mu**ito**, do**ido**, estuda**r**, desdo **início**, vai **tudo**, sai **do** nosso, fez **tudo**, nas **duas** e outros.

Hora (1990) e Santos (1996) investigaram esta variável e constataram que a presença da vogal anterior alta /i/ neste contexto facilita as realizações palatalizadas das oclusivas alveolares, sendo, portanto, esta a hipótese que levanto para esta pesquisa.

7.1.4.3 Acento

Na análise do acento, por sua vez, busco investigar se há alguma relação entre os processos de palatalização e a posição das consoantes oclusivas alveolares em relação à sílaba tônica. Se de algum modo, o fato da oclusiva se encontrar na sílaba tônica, pretônica ou postônica pode apresentar algum tipo de interferência, como nas formas linguísticas:

- a) Pretônica – estimula, estuda**r**, cuida**dora**, critica**do**, cida**dão**, etc.

- b) Tônica – endireitar, questão, coitado, cuidado, cidade, repetir, etc.
- c) Postônica – muito, doido, vista, desde, perdida, político, etc.

Essa variável foi investigada por Dutra (2007) e Hora e Henrique (2012), sendo a sílaba tônica o fator mais significativo para a realização da palatalização de /t/ e /d/, ao passo que a posição postônica tem se mostrado a mais irrelevante, seja com a palatalização regressiva ou progressiva. Assim, assumo como hipótese que a sílaba tônica favorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió.

7.1.4.4 Tamanho da palavra

Quanto ao tamanho da palavra, a hipótese é que a quantidade de sílabas interfere nos processos de palatalização, no sentido de que se tem uma, duas, três, quatro, ou mais sílabas na palavra possa haver algum tipo de favorecimento ou inibição das variantes palatalizadas.

- a) Uma sílaba – **de**, **tia**, tem que **tá**, eles **tão**, etc.
- b) Duas sílabas – muito, **doido**, **estão**, **desde**, quase **todo**, sai **daqui**, etc.
- c) Três sílabas – **direito**, **estudar**, mais **difícil**, se ele **tivesse**, etc.
- d) Quatro sílabas – **estudando**, **político**, **endireitar**, etc.
- e) Cinco sílabas ou mais – **manifestação**, **continuidade**, **proveitadores**, etc.

Em Hora e Henrique (2012), o tamanho da palavra tem interferido somente no processo de palatalização regressiva, demonstrando que as palavras monossílabas favorecem as realizações palatalizadas, enquanto os demais contextos se apresentaram como irrelevantes. Em contexto progressivo, a minha hipótese é que o tamanho da palavra influencia o processo no sentido que quanto maior a palavra, maior a possibilidade de haver palatalização.

7.1.4.5 Fronteira lexical

Na fronteira das palavras, devo investigar se há condicionamento do limite das palavras lexicais nos processos de palatalização ou se a expansão da barreira lexical

para formação de palavras fonológicas favorece este processo. Afinal, as realizações fora dos limites das palavras tem demonstrado plausibilidade, em construções do tipo “sai daqui”, “nasce torto” e “faz tempo”.

Em nenhum trabalho realizado até agora, o contexto de fronteira lexical tem se mostrado mais produtivo em relação aos processos de palatalização das oclusivas alveolares que o ambiente de não fronteira, mas em vários deles (Cf. PAGOTTO, 2004; SOUZA NETO, 2014) o contexto de fronteira tem demonstrado ser um ambiente possível de palatalização. Assim, pretendo averiguar o comportamento dos processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió diante dessa variável. Para tanto, tenho como hipótese que o contexto de fronteira lexical favorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares.

7.1.4.6 Vozeamento

Também busco saber se o vozeamento da consoante oclusiva interfere nos processos de palatalização, se por algum motivo, as consoantes vozeada /d/ ou desvozeada /t/ favorecem ou inibem o surgimento das variantes palatalizadas.

Trabalhos como o de Pires (2003), Battisti et al (2007), Hora; Henrique (2012) e Mota; Rolemberg (1997) entre outros têm demonstrado que a presença da variante vozeada inibe os processos de palatalização, enquanto este se apresenta como amplamente produtivo diante da consoante desvozeada /t/. A hipótese é que a consoante oclusiva alveolar desvozeada favorece o processo de palatalização, ao passo que a consoante vozeada a inibe.

8. REVELANDO AS FOTOGRAFIAS

Todas as expectativas acerca do trabalho do fotógrafo são direcionadas à revelação de suas imagens, ao contraste que se firmará entre as cores, a forma como será vista a luminosidade, a profundidade, à qualidade do papel fotográfico, etc., o que vai resultar diretamente na qualidade da foto. Essas características estéticas perceptíveis mesmo ao olhar leigo são sensíveis aos procedimentos técnicos da revelação, que inicialmente já podem ser alterados pela escolha do processamento de revelação, se preto e branco ou colorido, por exemplo, se a partir de reação química a filme de prata ou impressão digital, e assim por diante. Mas, é neste momento também que se alcança o clímax da produção fotográfica, em que toda sensibilidade artística ou precisão objetiva do fotógrafo vem à tona e revela suas características e particularidades na materialidade fotográfica.

É justamente neste momento, semelhantemente ao processo de revelação de fotografias, que todo o trabalho e o preparo metodológico adquirem a superfície da pesquisa científica – neste caso particular da pesquisa sociolinguística – e faz revelar as nuances variacionistas do objeto investigado, suas características fonológicas e lexicais, sua relação com as variáveis sociais e os condicionamentos de realização. Assim, pois, pretendo revelar os resultados obtidos com esta pesquisa acerca dos processos de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em Maceió.

8.1 A fala de Maceió

A variação linguística do Português Brasileiro falado em Maceió apresenta algumas particularidades em relação às demais variantes do português, o que é esperado em uma região de uma cultura particular e pertencente a um país com dimensões continentais. Sem dúvidas, a delimitação de comunidade de fala reservará o corte abstrato de uma aparente homogeneidade linguística em relação às demais comunidades. O que me cabe aqui é descrever essas idiosincrasias linguísticas próprias do português falado em Maceió.

A palatalização das oclusivas alveolares nesta comunidade de fala indiscutivelmente apresenta características dissonantes em relação à forma como este fenômeno se realiza no Sul e Sudeste do país, onde é produtiva a palatalização

regressiva (Cf. DUTRA, 2007; PAULA, 2006; PAGOTO, 2004; BISOL, 1991). Esse fenômeno de palatalização em Maceió é tão característico que se tornou uma espécie de marca registrada dos maceioenses e é facilmente reconhecida pelos falantes não nativos, corroborando a relevância de uma pesquisa sobre os processos de palatalização nesta comunidade de fala.

8.1.1 Análise acústica

Neste capítulo, apresento a categorização acústica da palatalização das oclusivas alveolares produzida na cidade de Maceió - AL, seja diante da consoante oclusiva alveolar vozeada ou da oclusiva alveolar desvozeada, no interior da palavra lexical ou nos limites de palavras fonológicas. Para tanto, será utilizado o software Praat⁵⁷. Os dados foram coletados com o gravador Coby CXR 190 em formato wave, utilizando os aspectos metodológicos e estruturais descritos no 7º capítulo desta tese.

Em português, o processo de palatalização das oclusivas alveolares produz o surgimento de fones africados, que fonologicamente ainda não se caracterizam como fonemas, uma vez que a língua ainda não apresenta alterações semânticas baseadas nestas distinções fonéticas, mas são bastante produtivos como alofones em diversas comunidades de fala no Brasil (Cf. BISOL, 1991; PAGOTTO, 2004; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HORA, 1990; e outros).

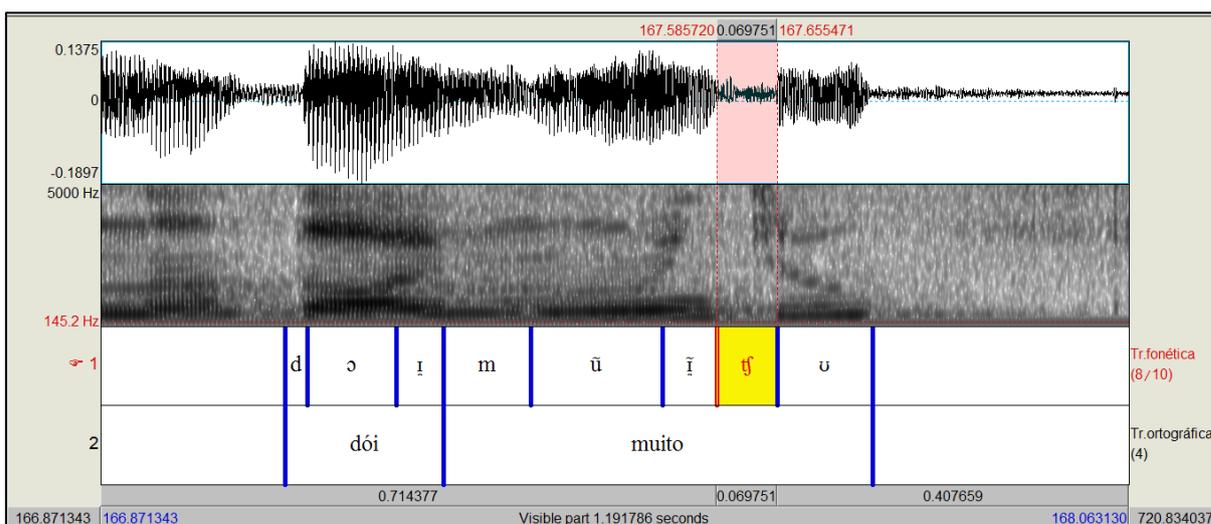
Assim, vou descrever as realizações fonéticas das variantes palatalizadas das oclusivas alveolares /t/ e /d/, em seus contextos mais produtivos na cidade de Maceió, que são os antecidos pela fricativa alveopalatal /S/ e pela semivogal [j] em contexto de fronteira lexical ou não.

O processo de palatalização das oclusivas alveolares acarreta a realização de fones africados, que tem como particularidade um comportamento inicial de uma oclusiva, embora terminem como sons fricativos, “portanto, os eventos acústicos contemplados na sua segmentação compreendem a sequência de silêncio ou barra de sonoridade no caso dos vozeados, ruído transiente e ruído contínuo”. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 176)

⁵⁷ Disponível gratuitamente para download em < <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/> >

Para ilustrar as variantes palatalizadas das oclusivas alveolares produzidas na cidade de Maceió, trago, inicialmente, a representação acústica de um segmento vocálico produzido por um colaborador do sexo feminino, com baixa escolaridade e pertencente à primeira faixa etária:

Figura 16 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “dói muito” do colaborador 1BAF.



Fonte: Autor (2017)

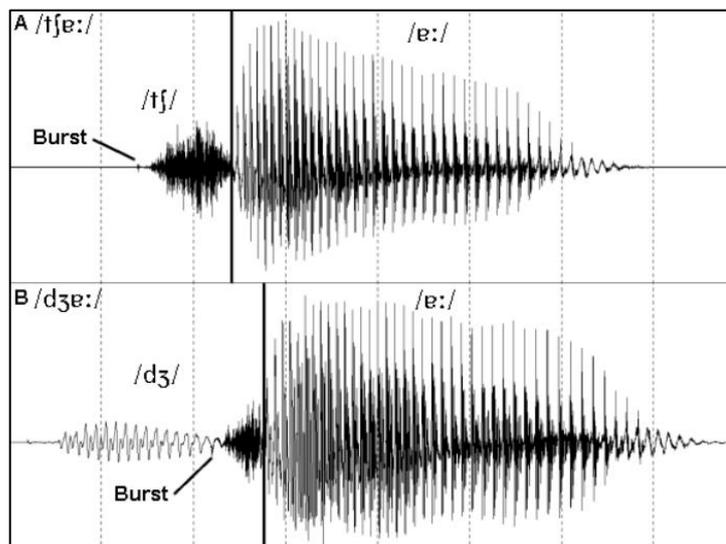
O espectrograma da figura 16 deixa evidente – na área destacada – como se realiza a consoante oclusiva alveolar desvozeada de modo africado. A região de [tʃ] surge com uma área mais esbranquiçada – um espaço de silêncio, típico dos sons oclusivos – seguida por um escurecimento na área superior dos formantes, com consideráveis espessuras, algo comum nos sons fricativos.

Como as oclusivas, as africadas são produzidas com um período de completa obstrução do trato vocal. Como as fricativas, as africadas são associadas com um período de fricção. O intervalo de fricção para as africadas tende a ser mais curto do que para as fricativas. Basicamente, então, a descrição acústica das africadas implica uma descrição da parte oclusiva e uma descrição da parte de ruído. (KENT; READ, 2015, p. 277)

Além dos espectrogramas, os oscilogramas também dão pistas da segmentação acústica dos sons nos softwares de análises, apresentando como principais características distintivas a expansão da fricção após um breve silêncio com as consoantes desvozeadas e encurtamento da faixa de fricção que sucede uma

vibração típica dos sons vozeados como as consoantes [d₃] e [t₃], conforme pode ser visto em seguida:

Figura 17 – Oscilograma das consoantes africadas palato-alveolares [t₃] e [d₃].



Fonte: Mannel (2008, p. 18)

Como é visível na representação acústica da figura 17, o falante claramente produziu uma forma africada como alofone da oclusiva alveolar desvozeada, o que vem representar uma marca comum nos falares maceioenses.

A fricativa desvozeada [tʃ] tem uma explosão fraca seguido de uma aspiração muito forte antes do início da vogal. A aspiração aumenta em intensidade em uma faixa muito maior para as fricativas vozeadas. Este aumento mais rápido na intensidade também ajuda a reforçar a percepção das características oclusivas destas africadas⁵⁸. (MANNELL, 2008, p. 18)

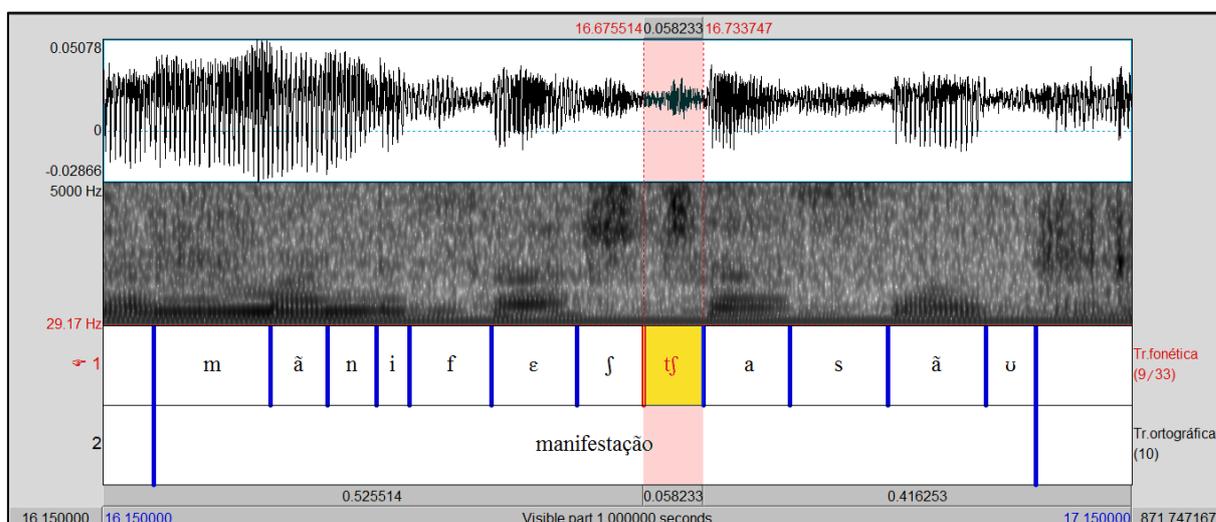
Esta particularidade dos sons africados de se iniciarem como oclusivas e findarem como fricativas é seu traço acústico mais proeminente e pode ser facilmente identificado ao se observar as suas realizações conjuntamente no oscilograma e no espectrograma. Para ver esse processo com mais detalhes, trago outro fragmento acústico de um colaborador do sexo feminino, com ensino médio e pertencente à terceira faixa etária:

⁵⁸ No original: The voiceless affricate [tʃ] has a weak burst a very strong aspiration before the onset of voicing. The aspiration increases in intensity at a much greater rate that for the voiceless fricatives. This more rapid increase in intensity also helps to reinforce the perception of the stop characteristics of this affricate.

De acordo com Mannell (2008), a aspiração da corrente de ar é maior quando se tem a produção fonética de uma africada vozeada, deixando as representações do oscilograma e do espectrograma mais marcadas, conforme pode ser verificado no exemplo de fala da figura 19. É notável nessa imagem como há uma maior aspiração da corrente de ar, visível na área mais escurecida do espectrograma, bem como no aumento da intensidade do oscilograma, quando se tem a realização da oclusiva alveolar vozeada [d₃].

As realizações de alofones africados de fonemas oclusivos alveolares na cidade de Maceió demonstram ser produtivas tanto em contexto fonético que antecede a consoante de um ditongo, quanto no contexto em que este espaço é ocupado pela fricativa alveopalatal [ʃ], conforme pode ser verificado no espectrograma da figura 20:

Figura 20 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “manifestação” do colaborador 1BAF

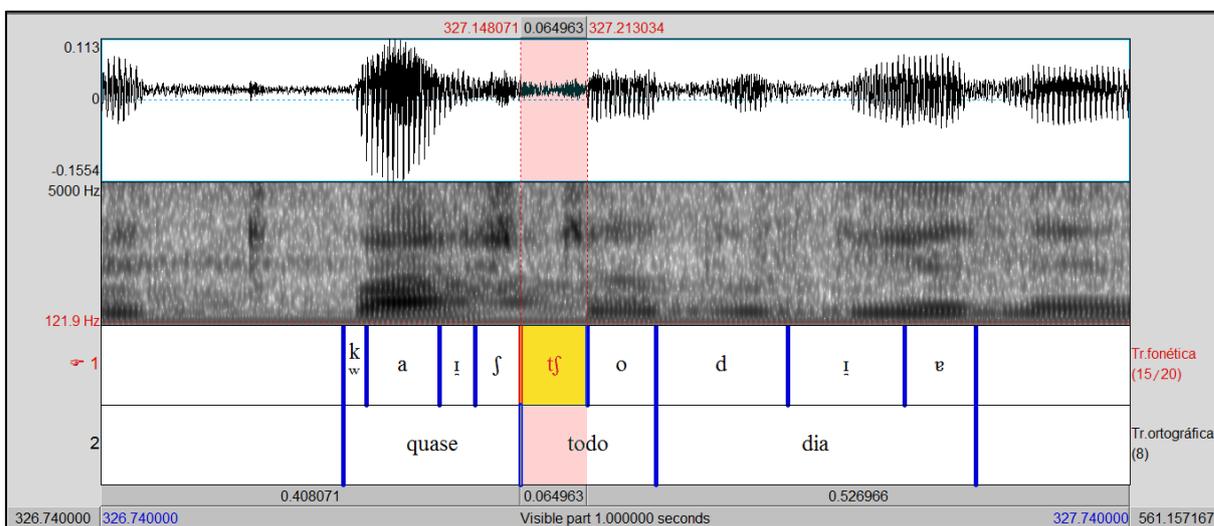


Fonte: Autor (2017)

No espectrograma da Figura 20, há claramente uma distinção entre um fone fricativo e um som africado, revelando que a área de turbulência da fricativa [ʃ] é bem maior que da africada [tʃ] que sempre vem seguida por pequeno espaço de silêncio. O processo de palatalização das oclusivas alveolares que transforma os fones oclusivas em fones africados pode se realizar não apenas no interior da palavra lexical, como também nos limites de palavras fonológicas, o que extrapola as

fronteiras lexicais, como pode ser verificado na fala desta mesma colaboradora em outro momento da gravação:

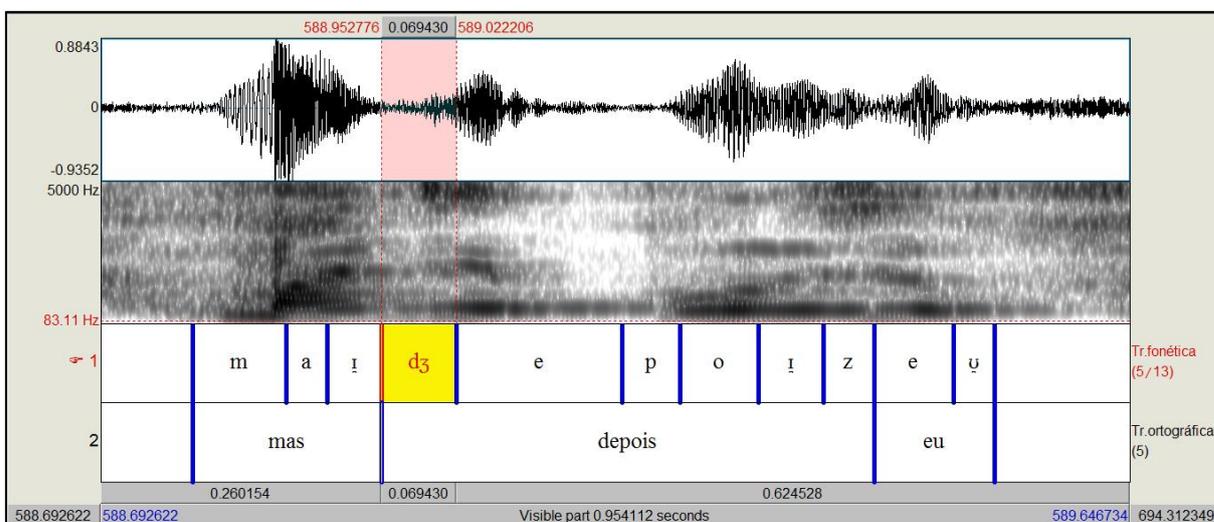
Figura 21 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “quase todo dia” do colaborador 1BEAF



Fonte: Autor (2017)

De igual modo, a possibilidade de realizações africadas em contexto de fronteira não se limita aos sons desvozeados, mas também são admissíveis diante das consoantes vozeadas, como no exemplo de fala do colaborador 1FCM:

Figura 22 – Oscilograma e espectrograma do segmento linguístico “mas depois eu” do colaborador 1FCM



Fonte: Autor (2017)

Busquei, deste modo, ilustrar através de representações acústicas dos áudios coletados na cidade de Maceió, como os processos de palatalização das oclusivas alveolares permitem a transformação fonética de sons originalmente oclusivos em fones africados em seus diversos contextos de realização.

8.1.2 Análise estatística dos dados

A Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]) também é conhecida como sociolinguística quantitativa por utilizar modelos matemáticos estatísticos, a fim de correlacionar as variáveis linguísticas – internas – com fatores sociais – externos – , geralmente condicionantes das realizações linguísticas, como sexo, escolaridade, profissão, idade, classe social e etc.

Com este intuito foram coletados, sob uma orientação metodológica já descrita no 7º capítulo, 10380 (dez mil, trezentos e oitenta) dados de fala espontânea em ambiente fonológico de realização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, antecedidas pela fricativa alveopalatal /S/ e por ditongos em [j] – o que caracteriza um ambiente fonológico de palatalização progressiva – ou sucedidas pela vogal anterior alta /i/ – típico ambiente de palatalização regressiva⁵⁹ – em situações de fronteira e não fronteira lexical, obtendo realizações linguísticas como as visíveis na tabela 10.

Os dados demonstram o quadro geral de palatalização das oclusivas alveolares produzidas em Maceió, seja em contexto progressivo ou regressivo. No entanto, quando fiz a análise percentual do tipo de palatalização produzida na comunidade de fala maceioense, ficou evidente que esses dois tipos de realização palatalizada são possíveis, embora haja uma produtividade muito maior da palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo que regressivo em Maceió.

Tabela 10 – Contextos palatalizáveis investigados em Maceió (continua)

Sequência linguística	Transcrição fonética	Colaborador
No dia treze de agosto	[nu diɐ 'tre.zi di a.'goʃ.tʃu]	1BCM ⁶⁰
Desde pequeno	[deʒ.di pe.'ke.nu]	1MBF

⁵⁹ Como as palavras do tipo “peste” e “leite” se encaixam, ao mesmo tempo, em contexto progressivo e regressivo, houve uma repetição desses dados sempre que ocorreram.

⁶⁰ O código apresenta informações sobre escolaridade, idade e sexo do colaborador.

Tabela 10 – Contextos palatalizáveis investigados em Maceió (conclusão)

Foi quando engravidei	[foj 'kwa.nʊ ʔi.gra.vi.'dʒej]	2MCF
Aquele ditado	[a.'ke.li di.'ta.dʊ]	1BAM
A mudança de prefeito	[a mu.'dã.sɐ di pre.fej.tʃʊ]	1BCF
Ter mais cuidado	[te majʃ kuj.'dʒa.dʊ]	1MBF
Movimento democrático	[mʊ.vi.'mẽ.tʊ de.mo.'kra.tʃi.kʊ]	2SAM
A demanda de médicos	[a de.'mã.dɐ di 'mɛ.dʒi.kus]	1BAM
Uns tempo	[ʔis.tʃẽ.pʊ]	1BAF
Os dois é bom	[ʊʒ.dʒʊ.'zɛ bõ]	1BBM
Salário que tá pouco	[sa.'la.riw ki tʃa.'po.kʊ]	1BCM
Daqui doze horas	[da.'ki 'do.zi 'ɔ.ras]	2FCM
Foi tudo flores	[foj.tʃu.dʊ 'flo.ris]	1BBM
Já sai daqui	[ʒa saʒ.dʒa.'ki]	1BAF

Fonte: Autor (2017)

Embora se tenha um quantitativo de apenas 1047 realizações palatalizadas em um universo de mais de 10 mil dados, quando se considera os contextos progressivo e regressivo é possível obter um resultado mais expressivo que mostra como a aparente baixa produtividade das regras de palatalização das oclusivas alveolares se dá principalmente em relação ao contexto de palatalização regressiva, como é possível observar na tabela 11:

Tabela 11 – Palatalização progressiva e regressiva

Variante	Realizações	Percentual
Regressiva	5210/33	0,63
Progressiva	5170/1014	19,61
Total	10380/1047	10,08

Fonte: Autor (2017)

A palatalização regressiva em Maceió não é produtiva, embora realizável, pois, de um total de 5210 ocorrências em contexto de produção regressiva, como as palavras do tipo “médico” e “democrático”, houve apenas 33 realizações de oclusivas alveolares palatalizadas neste contexto, totalizando um percentual de produção palatalizada de apenas 0,63%.

Por outro lado, a palatalização progressiva demonstra significância estatística com um percentual de quase 20% das 5170 ocorrências neste contexto, o que representa 1014 realizações palatalizadas.

Deste modo, adoto daqui por diante o tratamento exclusivo da palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo – em que o gatilho do processo se encontra em contexto fonológico anterior às consoantes oclusivas alveolares –, que tem uma taxa geral de palatalização de 19,61% e descarto os dados em contexto da palatalização regressiva, uma vez que não há relevância estatística nos dados desse tipo de palatalização, demonstrando, claramente, que este processo de palatalização é pouco produtivo na cidade de Maceió.

8.1.2.1 Programa R

A fim de estabelecer a relação entre as variáveis sociais e linguísticas e notar os condicionamentos externos dos fenômenos linguísticos é feita a codificação dos dados e sua conseqüente análise estatística. Para a realização da análise estatística dos dados desta pesquisa foi utilizado o pacote de programa R⁶¹, em sua versão 3.3.1, desenvolvido para Microsoft Windows XP ou versão mais recente, no meu caso, Windows 10.

O R possui uma enorme quantidade de procedimentos estatísticos em milhares de pacotes livremente disponíveis na internet e que podem ser carregados opcionalmente. [...] Existem dezenas de interfaces para o R. Algumas exigem a memorização de numerosos comandos; outras oferecem uma interface com vários botões e itens de menu clicáveis (AQUINO, 2013, p. 03)

No caso desta pesquisa, foi utilizada a interface do RStudio⁶², que é um dos vários ambientes de desenvolvimento integrado (IDE) do R e funciona a partir da execução de scripts computacionais, apresentando funções para distribuição de probabilidade, testes estatísticos e geração de gráficos (Cf. GRIES, 2013).

O programa R, a partir de sua interface RStudio, permite a realização de uma série de cálculos matemáticos e estatísticos, sendo um dos mais importantes instrumentos computacionais utilizados pelos profissionais das ciências exatas. Em

⁶¹ Disponível em: <http://cran.at.r-project.org/>.

⁶² Disponível em: <http://www.rstudio.org/>.

se tratando de análises estatísticas, há a possibilidade de realização de modelos de Regressão Logística, Regressão Multinível, Regressão Multinomial, Regressão Linear, entre outros.

Por ser um programa para uso profissional e possibilitar uma grande quantidade de cálculos, o R acaba por ofertar um amplo encarte de possibilidades de análise, que, dependendo das particularidades dos dados e dos objetivos do pesquisador, pode utilizar quaisquer de seus modelos.

8.1.2.2 Modelo de Regressão Logística

Uma análise de regressão necessariamente tem a intenção de relacionar uma determinada variável (variável resposta) a covariáveis (variáveis explicativas). Esta covariação obedece a seguinte fórmula matemática:

$$Y = f(X_1, X_2, \dots, X_p),$$

onde, a variável Y é igual a função de f , que a princípio pode ser qualquer uma, e X que representa as variáveis dependentes covariáveis.

Nesta tese, utilizo o modelo de Regressão Logística, que permite, entre outras possibilidades, a contraposição de dados categóricos da pesquisa, como as principais variáveis linguísticas, a fatores numéricos ou contínuos, como as variáveis sociais idade e escolaridade. Os modelos convencionais de análise estatística baseados na regressão logística – mais comuns no processamento de dados sociolinguísticos – trabalham com grupos categóricos de fatores. Isto se dá devido às particularidades da natureza linguística e metodológica da coleta de dados, pois a maior parte das variáveis dependentes analisadas por uma perspectiva sociolinguística se organizam binariamente, como é o caso desta pesquisa, cuja variação dá-se entre as formas palatalizada ou não palatalizada das oclusivas alveolares.

As variáveis linguísticas geralmente são categóricas e não permitem uma análise numérica ou contínua, nem mesmo uma gradação de realização – salvo algumas exceções, como os trabalhos que lidam com frequência fundamental, ou altura de fonemas. Outra particularidade dos estudos estatísticos em linguística é que diferentemente das pesquisas em outras áreas, em que cada dado resulta de um colaborador, aqui se tem milhares de informações oriundas de uma pequena quantidade de falantes.

A regressão logística tem como característica básica, o tratamento binário das variáveis dependentes; a possibilidade de tratamento de variáveis categóricas ou contínuas; e o uso de frequências como variáveis dependentes (Cf. GRIES, 2013).

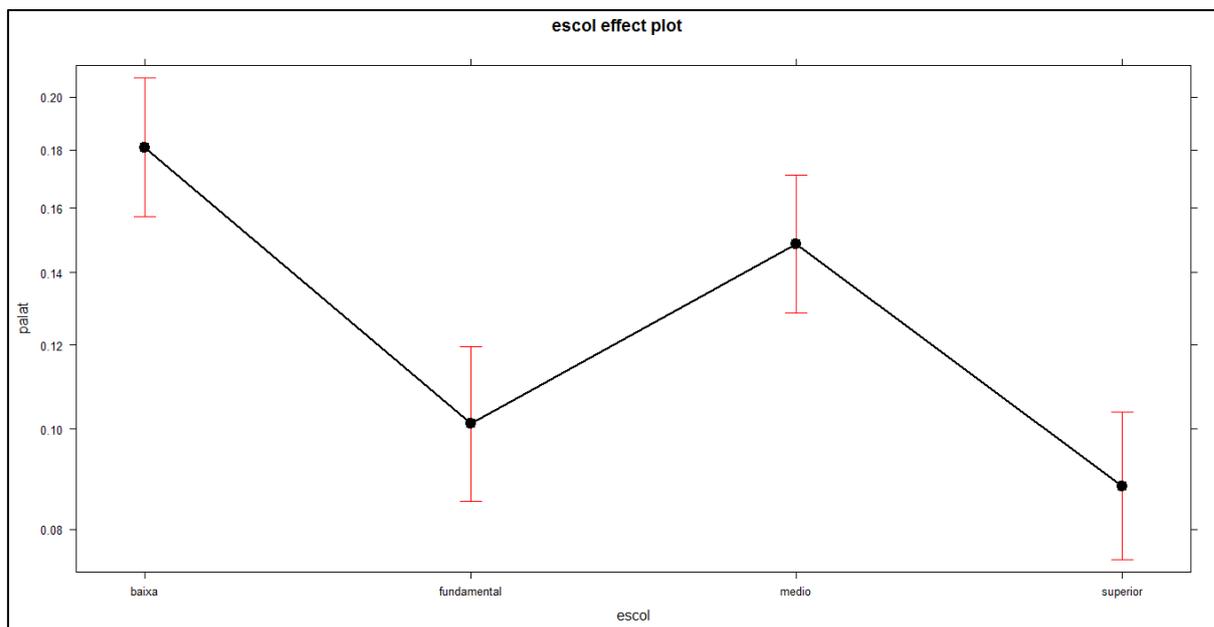
Os preços vão subir ou cair? Quem vai ganhar o jogo, a equipe A ou a equipe B? A regressão logística é útil para modelar essas situações. No verdadeiro espírito da estatística, não cabe simplesmente uma resposta "polegares para cima" ou "polegares para baixo"; Em vez disso calcula uma probabilidade para cada um dos dois resultados possíveis⁶³. (TEETOR, 2011, p. 235)

Justamente, por sua possibilidade de respostas exatas, categóricas, o modelo de regressão logística é o mais utilizado pelos softwares de tratamento de dados linguísticos, inclusive o Varbrul, mais famoso programa estatístico entre os sociolinguistas. No entanto, uma das vantagens em se fazer a análise quantitativa no R, é que além de permitir a utilização do mesmo modelo estatístico dos programas convencionais, o que garante, conseqüentemente a mesma fidedignidade dos dados, é possível analisar variáveis contínuas ou numéricas, possibilidade que o Varbrul não permite, por tratar apenas de dados categóricos.

Ao considerar, assim, os dados de escolaridade desta pesquisa, obtém-se uma ampla oscilação, resultante da natureza categórica da variável que agrupa todos os dados nos quatro fatores variáveis. Isso produz uma disposição de dados que impossibilita uma visão linear das realizações palatalizadas das oclusivas alveolares em relação à escolaridade, pois, conforme pode ser visto no gráfico 3, há uma instabilidade na distribuição dos dados, o que inviabiliza uma percepção linear das ocorrências linguísticas em relação aos níveis de escolaridade dos colaboradores:

⁶³ No original: Will prices rise or fall? Who will win the game, team A or team B? Logistic regression is useful for modeling these situations. In the true spirit of statistics, it does not simply give a "thumbs up" or "thumbs down" answer; rather, it computes a probability for each of the two possible outcomes.

Gráfico 3 – Distribuição das variantes palatalizadas pelos níveis de escolaridade em um modelo de variação categórica

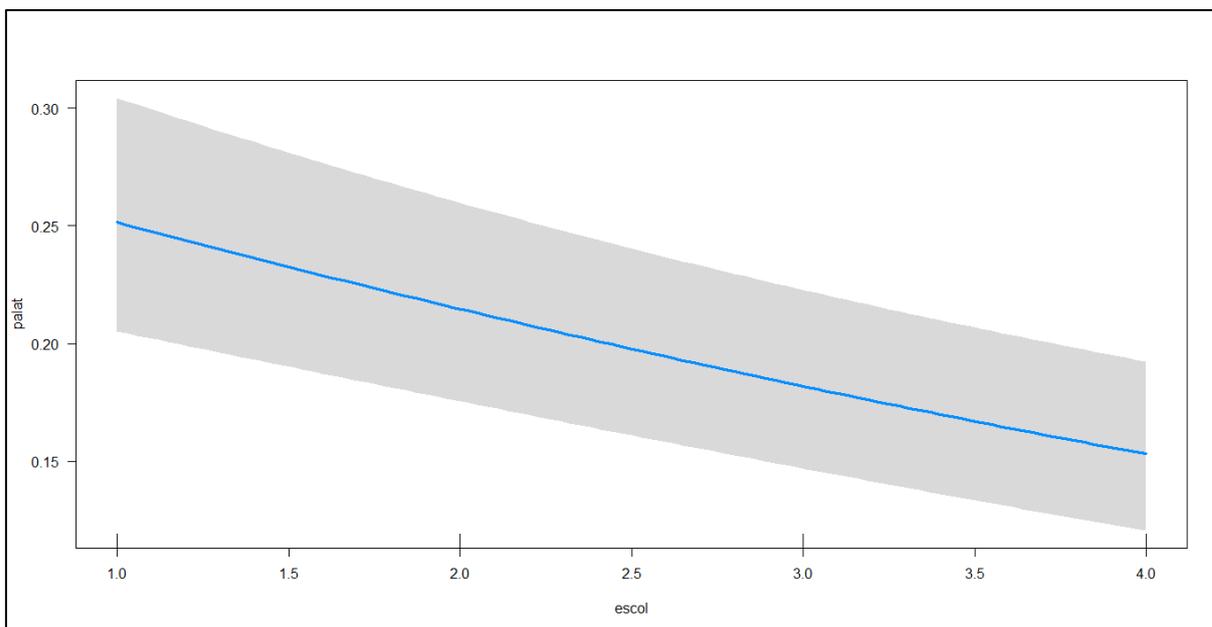


Fonte: Autor (2017)

Já em um programa que permita analisar além das variáveis categóricas, algumas variáveis contínuas, a disposição dos dados não se dá categoricamente de acordo com os fatores de cada grupo de análise, mas são originalmente organizados em níveis de dispersão quanto às suas realizações, o que permite a produção de gráficos de dispersão, bem como análises lineares e evidenciam um ponto de origem e um ponto de chegada.

No gráfico 4, vê-se, na área cinzenta, a dispersão dos dados palatalizados em relação à escolaridade dos colaboradores. No nível de baixa escolaridade – nível 1 – e no nível de maior escolaridade – nível 4 – tem-se uma dispersão maior de dados que nos níveis 2 e 3, mas mesmo com uma faixa expressiva de dispersão, é clara a linearidade dos dados que é representada pela linha azul, resultante das médias de ocorrências.

Gráfico 4 – Distribuição das variantes palatalizadas pela escolaridade em modelo de variação linear



Fonte: Autor (2017)

A principal diferença entre uma análise de variáveis categóricas e uma análise de variáveis contínuas é que no primeiro, os valores são categóricos o que não permite uma análise de suas médias. A vantagem, assim, em se analisar dados contínuos, é que o cálculo estatístico é feito a partir de suas médias de realização e não sobre seus valores categóricos, o que permite equilibrar a proporção da distribuição dos dados. “Esta relação funcional pode ser visualizada por meio de uma linha desenhada através da dispersão de pontos de dados de tal forma que a linha deve estar o mais próximo possível de cada um destes pontos de dados”⁶⁴. (BAAYEN, 2008, p. 85)

Outro ponto positivo na escolha do R como programa de análise estatística a ser utilizado nos dados desta tese é a possibilidade de verificar se há cruzamento ou não de variáveis sociais. O R permite verificar através do teste Anova se um modelo com interação entre as variáveis é estatisticamente mais significativo ou não que um modelo sem interação.

Comparar os valores de grupos é uma tarefa comum. A execução da ANOVA unidirecional compara e calcula a probabilidade de serem estatisticamente

⁶⁴ No original: This functional relation can be visualized by means of a line drawn through the scatter of data points in such a way that the line is as close as possible to each of these data points.

idênticos. Um pequeno p-valor indica que dois ou mais grupos provavelmente têm valores diferentes⁶⁵. (TEETOR, 2011, p. 302)

Seguindo o raciocínio de Teetor (2011), na comparação entre dois modelos, um com interação e outro sem interação, obter um pequeno p-valor significa que os modelos são diferentes, logo o modelo mais complexo deve permanecer, no caso, o modelo com interação. Quando o p-valor resultante da comparação é alto, significa que os modelos não são diferentes, logo, deve permanecer aquele que for mais simples.

Nos dados desta pesquisa, em vários momentos houve interação entre fatores variáveis, que em outro modelo de análise poderia passar despercebida ou interferir nos resultados, sem ser verificada. Ao considerar, por exemplo, um modelo com todas as variáveis da pesquisa e compará-lo com um modelo com as mesmas variáveis, testando apenas a interação entre sexo e idade, observei como o modelo com interação era mais significativo.

```
# Modelo com todas as variáveis

Modelo1 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+contseg+acent+cont+front+td+tam,
family=binomial, data=bd2)

modelosi <- glm(formula = palat ~
sexo*idade+escol+contseg+acent+cont+front+td+tam, family=binomial, data=bd2)

anova(modelo1, modelosi, test='Chisq') # tem interação ente sexo e idade

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + cont + front +
##      td + tam
## Model 2: palat ~ sexo * idade + escol + contseg + acent + front + cont +
##      td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      5156      4217.3
## 2      5155      4213.4  1   3.9582  0.04664 *
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

Ao fazer o teste Anova com um modelo com interação entre as variáveis sexo e idade com outro modelo sem interação, o R retornou com um p-valor 0.04664, o que

⁶⁵ No original: Comparing the means of groups is a common task. One-way ANOVA performs that comparison and computes the probability that they are statistically identical. A small p-value indicates that two or more groups likely have different means.

significa um valor baixo, uma vez que a convenção matemática – para estudos sociolinguísticos entre outros – considera como valores confiáveis para afirmar que um modelo é significativamente diferente de outro quando se tem um número inferior à 0.05. Pois, quando se tem um p-valor de 0.05 significa que a probabilidade dos modelos serem idênticos é 5%, logo quanto mais próximo de zero for este número maior a diferença entre os modelos e a significância do modelo mais complexo.

Assim, o modelo com interação entre sexo e idade, utilizado, como exemplo, apresentou uma probabilidade significativa de realização, demonstrando que os dados desta pesquisa contêm interações que poderiam passar despercebidas se analisadas por outro programa computacional.

Então, por estes motivos, assumo, como software de análise estatística dos dados da minha pesquisa, o R, em sua interface do RStudio, por considerá-lo um recurso com mais ferramentas que os programas convencionais e que pode me auxiliar na compreensão de determinados processos de palatalização das oclusivas alveolares.

8.1.2.3 Descrição e Análise dos resultados

Para a realização da análise estatística dos dados pelo R, crio um banco de dados no Excel com extensão .csv com 5170 realizações linguísticas em contexto de palatalização progressiva. Neste arquivo, cada coluna representa uma variável investigada e cada linha horizontal, a disposição das variantes de cada variável.

Foram elencados como grupo de fatores a serem investigados, a variável linguística dependente, a palatalização, notada como palatalizada ou não palatalizada; a variável escolaridade, investigada em quatro níveis, baixa escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior; idade, observada em três faixas, 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 a 80 anos; sexo, masculino e feminino; contexto, que se refere ao elemento fonético anterior à oclusiva alveolares: semivogal ou fricativa; contexto seguinte, que trata da vogal seguinte às oclusivas alveolares; acento, a observância da palatalização quanto à tonicidade da palavra, se pretônica, tônica ou postônica; tamanho, com o intuito de verificar se o tamanho da palavra, em quantidade de sílabas, interfere nos processos de palatalização; fronteira, que observa se as oclusivas alveolares estão no interior da palavra ou no início – em posição de fronteira

lexical; vozeamento, a fim de observar se o fato da oclusiva alveolar ser vozeada ou desvozeada interfere no processo; e anterior ao gatilho, que nota quais os fonemas antecedem o gatilho.

Inicialmente, carrego o banco de dados no R e dou o comando para transformar cada coluna da tabela em um fator categórico. Em seguida, ao pedir um *summary* do banco de dados, o R retorna com uma síntese dos dados:

```
# Ler banco de dados 'dados.csv'
bd <- read.csv2 ("bd3.csv", header=T)

# Transformando as variáveis em fator e alterando o rótulo dos fatores
bd$palat <- factor(bd$palat, labels=c("não palatalizada", "palatalizada"))
bd$sexo <- factor(bd$sexo, labels=c("feminino", "masculino"))
bd$cont <- factor(bd$cont, labels=c("fricativa", "semivogal"))
bd$contseg <- factor(bd$contseg, labels=c("A", "E", "I", "O", "U"))
bd$acent <- factor(bd$acent, labels=c("pretônica", "postônica", "tonica"))
bd$front <- factor(bd$front, labels=c("não", "sim"))
bd$td <- factor(bd$td, labels=c("vozeada", "desvozeada"))
summary(bd)

##          palat          escol          idade          sexo
## não palatalizada:4156  Min.   :1.000  Min.   :1.000  feminino :2643
## palatalizada      :1014  1st Qu.:2.000  1st Qu.:1.000  masculino:2527
##                                     Median :3.000  Median :2.000
##                                     Mean   :2.595  Mean   :1.844
##                                     3rd Qu.:4.000  3rd Qu.:3.000
##                                     Max.   :4.000  Max.   :3.000
##          cont      contseg      acent          tam          front
## fricativa:3123  A:1553  pretônica: 799  Min.   :1.000  não:3657
## semivogal:2047  E: 549  postônica:2039  1st Qu.:2.000  sim:1513
##                                     I:1009  tonica   :2332  Median :2.000
##                                     O: 257                                     Mean   :2.364
##                                     U:1802                                     3rd Qu.:3.000
##                                     Max.   :5.000
##          td
## vozeada      :1105
## desvozeada:4065
##
```

É de se observar que na transformação das variáveis da tabela em fatores no R, não há a fatoração das variáveis idade, escolaridade e tamanho da palavra, e que, conseqüentemente, ao se requerer o *summary* não se tem uma quantificação dos dados nessas variáveis, mas uma distribuição linear com valores mínimos, médios e máximos. Isso acontece justamente, porque ao criar os fatores de análise em modelo de regressão logística, estou informando ao programa que se tratam de variáveis categóricas, mas as variáveis não fatoradas serão tidas como variáveis contínuas, o que de fato o são.

Assim, seguindo as orientações Baayen (2008), estou analisando os dados da pesquisa com modelo de regressão logística ordinal, já que algumas variáveis serão observadas enquanto suas ordenações lineares e outras em disposição categórica.

O primeiro passo, neste sentido, é descobrir qual o melhor modelo de variáveis para a análise, ou seja, o que tem as variáveis mais significativas. Para tanto, crio um modelo com todas as variáveis investigadas e solicito um *summary* do mesmo para observar quais os grupos de fatores apresentam maior significância estatística:

```
# Modelo de regressão com todas as variáveis
```

```
modelo1 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+contseg+acent+cont+front+td+tam,
family=binomial, data=bd)
summary(modelo1)
```

```
##
## Call:
## glm(formula = palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent +
##     cont + front + td + tam, family = binomial, data = bd)
##
## Deviance Residuals:
##     Min       1Q   Median       3Q      Max
## -1.8123  -0.6924  -0.4682  -0.1173   3.3373
##
## Coefficients:
##             Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
## (Intercept) -3.20871    0.21727 -14.768 < 2e-16 ***
## sexo1       -0.16423    0.03895  -4.216 2.49e-05 ***
## idade        0.22955    0.04810   4.773 1.82e-06 ***
## escol       -0.20664    0.03467  -5.961 2.51e-09 ***
## contseg1    -0.49420    0.08758  -5.643 1.67e-08 ***
## contseg2   -0.58032    0.17138  -3.386 0.000709 ***
## contseg3    1.23850    0.09443  13.116 < 2e-16 ***
## contseg4   -0.21010    0.16998  -1.236 0.216451
## acent1     -0.33834    0.09429  -3.588 0.000333 ***
## acent2      0.46218    0.07996   5.780 7.46e-09 ***
## cont1       0.17003    0.05086   3.343 0.000828 ***
## front1     0.65864    0.10364   6.355 2.09e-10 ***
## td1        -0.91624    0.12414  -7.380 1.58e-13 ***
## tam        0.18131    0.06028   3.008 0.002632 **
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
##
## (Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)
##
##     Null deviance: 5118.2  on 5169  degrees of freedom
## Residual deviance: 4217.3  on 5156  degrees of freedom
## AIC: 4245.3
##
## Number of Fisher Scoring iterations: 6
```

Como se ver, a variável que obteve os maiores números em p-valor, foi a variável tamanho da palavra. Neste caso, o passo seguinte, é montar um modelo com todas as variáveis, com exceção do “tamanho” e realizar o teste Anova, para verificar qual dos modelos é mais significativo na correlação com a variável dependente.

```
# Modelo de regressão sem tam
modelo2 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+contseg+acent+cont+front+td, family=binomial, data=bd)

anova(modelo2, modelo1, test='Chisq') #tam deve permanecer

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + cont + front +
##      td
## Model 2: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + cont + front +
##      td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      5157      4226.3
## 2      5156      4217.3  1    8.9481 0.002778 **
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

Como se observa na comparação do modelo 1 – que tem todas as variáveis do estudo – com o modelo 2 – que não tem a variável tamanho da palavra – no teste Anova, o p-valor foi de 0.002778, abaixo de 0.05, que é o valor mínimo para se aceitar a diferença significativa dos modelos, de modo que com o p-valor obtido, posso negar a hipótese nula de que os modelos são iguais. Havendo comprovação estatística de que os modelos com e sem a variável tamanho da palavra são significativamente diferentes, mantenho o modelo mais complexo, com a variável tamanho da palavra e continuo a análise com o modelo de variáveis mais significativo, o modelo 1.

Agora, crio modelos com interações entre as variáveis sociais, a fim de aferir se há significância estatística que justifique a entrada dessas possíveis interações no modelo final da análise.

```
# Modelo com interação entre sexo e idade
modelosi <- glm(formula = palat ~ sexo*idade+escol+contseg+acent+cont+front+td+tam, family=binomial, data=bd2)

anova(modelo1, modelosi, test='Chisq') # tem interação ente sexo e idade

## Analysis of Deviance Table
##
```

```

## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + cont + front +
##   td + tam
## Model 2: palat ~ sexo * idade + escol + contseg + acent + front + cont +
##   td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      5156      4217.3
## 2      5155      4213.4  1   3.9582  0.04664 *
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

```

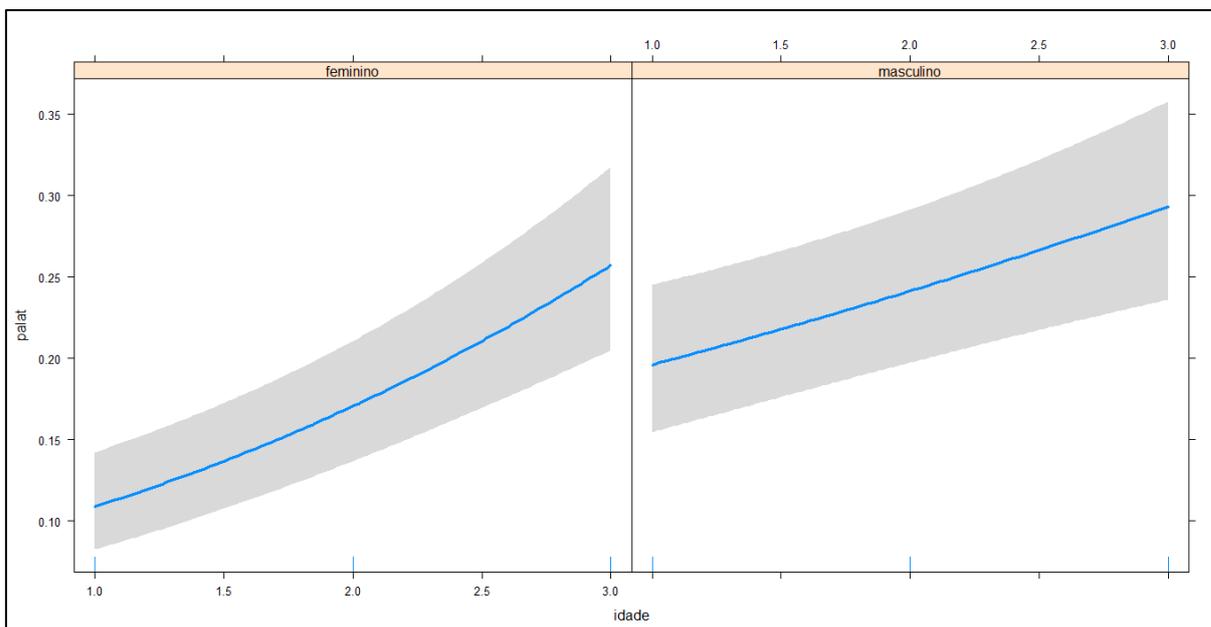
Como se vê nos resultados do teste Anova que trouxe um p-valor de 0.04664, há significância estatística que me permite negar a hipótese nula de que os modelos são iguais e manter o modelo com interação entre sexo e idade no modelo final da análise.

Dizer que há interação entre as variáveis sociais sexo e idade, implica considerar que a interferência dessas variáveis nos processos de palatalização das oclusivas alveolares não se dá isoladamente, mas que os colaboradores com idades e sexos diferentes se comportam distintamente diante das variantes linguísticas.

A interação resulta da interferência em uma variável independente provocada por outra variável independente, o que pode provocar significativas alterações dos efeitos de cada variante na variável dependente. “Mesmo quando os dados apresentam uma distribuição uniforme nos contextos, não podemos mesmo assim confiar totalmente na análise dos totais” (SANKOFF, 1988, p. 07). Pois, é comum que haja interação entre as variáveis externas em pesquisas sociolinguísticas.

Para Sankoff (1988, p. 29), ao serem detectadas as interações por meio de checagem dos contextos, a “interação deve ser testada e incorporada ao modelo usando-se grupos de fatores interacionais”, o que não representa problema algum para a efetivação da análise. Assim, ao identificar a interação entre as variáveis independentes sexo e idade as mantenho no modelo final de análise e solicito um gráfico de dispersão que ilustre o nível de interação entre as variáveis:

Gráfico 5 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre as variáveis sociais sexo e idade



Fonte: Autor (2017)

No gráfico 5, observo que apesar da grande dispersão dos dados, representados pela parte cinzenta, há um comportamento linguístico diferenciado para o público mais jovem, uma vez que o público feminino jovem mantém uma probabilidade média de produzir uma variante palatalizada por volta de 0.11, enquanto os representantes masculinos do grupo jovem apresentam probabilidade em torno de 0.20 em função da forma palatalizada das oclusivas alveolares.

Há uma considerável alteração de comportamento linguístico com o público mais velho, uma vez que a distância probabilística de realização da palatalização das oclusivas alveolares é de 0.26 para as mulheres e 0.29 para os homens, mostrando um aumento visível nas produções palatalizadas conforme aumenta a idade dos colaboradores.

De modo geral, o comportamento linguístico dos colaboradores foi dissonante dependendo do sexo e da idade, pois apesar do sexo feminino ser menos propagador dos processos de palatalização, as representantes mais jovens ainda produzem menos em relação aos seus equivalentes masculinos, se afastando da regra de palatalização das oclusivas alveolares.

Agora, testo outras possíveis interações entre as variáveis externas, dessa vez, entre sexo e escolaridade.

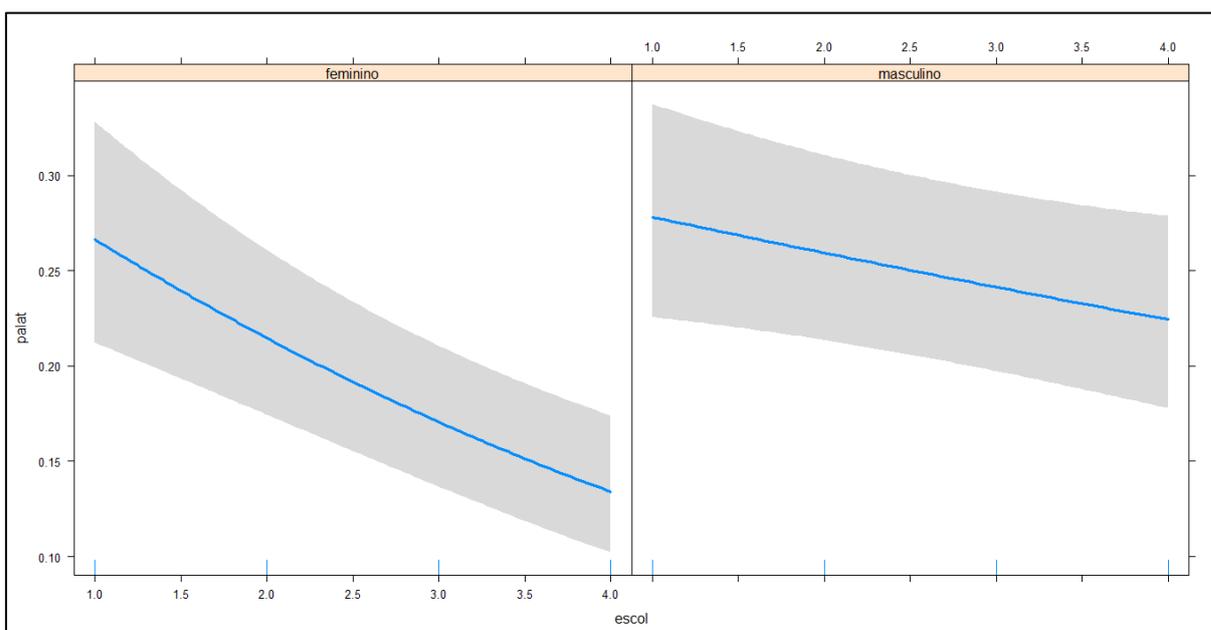
```

# Modelo com interação entre sexo e escolaridade
## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + cont + front +
##   td + tam
## Model 2: palat ~ sexo * escol + idade + contseg + acent + front + cont +
##   td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      5156      4217.3
## 2      5155      4212.0  1   5.3284  0.02098 *
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

```

Ao realizar o teste de Anova para verificar qual dos modelos é estatisticamente mais significativo – o modelo que mantém todas as variáveis significativas ou modelo com interação entre as variáveis externas sexo e escolaridade – surgiu com um p-valor de 0.02098, conforme se verifica no destaque, o que permite descartar a hipótese nula de que os modelos são equivalentes e assumir que o modelo com interação entre as variáveis tem uma maior significância estatística e deve, portanto, permanecer no modelo final. Para verificar e ilustrar os efeitos da interação entre as variáveis sexo e escolaridade obtendo o gráfico 6:

Gráfico 6 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre as variáveis sociais sexo e escolaridade



Fonte: Autor (2017)

Conforme pode-se observar em todos em relação à escolaridade, a sensibilidade feminina é maior à escolarização no sentido de evitar às formas palatalizadas. Embora haja linhas claras que demonstram que quanto maior a escolarização do colaborador, menor será sua escolha por uma variante palatalizada, os membros femininos desenvolvem uma resistência maior à palatalização conforme aumentam o tempo de instrução educacional.

Com os colaboradores de baixa escolaridade, há uma pequena diferença de uso das variantes palatalizadas ao se comparar o sexo, uma vez que as mulheres apresentam uma probabilidade de cerca de 0.26 e os homens, também com baixa escolaridade apresentam índice probabilístico de 0.27, o que sugere a não existência de diferente comportamento linguístico entre esses dois grupos.

Por outro lado, ao se reparar as probabilidades de uso das variantes palatalizadas pelos colaboradores com ensino superior, tem-se, com os homens, uma redução de quatro pontos de probabilidade, rebaixando de 0.27, com os colaboradores de baixa escolaridade para 0.23, com os colaboradores que possuem alguma graduação. Com os dados do público feminino essa redução tem uma proporção bem mais expressiva, caindo de 0.26 com as mulheres de baixa escolaridade para cerca de 0.14 com as colaboradoras que têm ensino superior, o que traz indícios de uma maior sensibilidade feminina aos efeitos da escolarização sobre as escolhas linguísticas.

Para continuar a análise de possíveis interações entre as variáveis sociais, investigo se as variáveis idade e escolaridade apresentam algum nível de interferência, uma sobre a outra, capaz de gerar efeitos na variável dependente, a palatalização das oclusivas alveolares.

```
# Modelo com interação entre idade e escolaridade
modeloie <- glm(formula = palat ~ sexo+idade*escol+contseg+acent+cont+front+td+tam,
family=binomial, data=bd2)

anova(modelo1, modeloie, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + cont + front +
##      td + tam
## Model 2: palat ~ sexo + idade * escol + contseg + acent + front + cont +
##      td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
```

```
## 1      5156      4217.3
## 2      5155      4180.2  1  37.178 1.078e-09 ***
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

Conforme, verifico nos resultados do teste Anova, a interação entre as variáveis sociais idade e escolaridade foi a mais significativa de todas, ao apresentar um p-valor 1.078e e-09 (com nove casas decimais depois da vírgula com zero), sendo o mais próximo do valor absoluto de zero, o que permite afirmar seguramente que a probabilidade dos modelos serem iguais é muito baixa, logo posso negar a hipótese nula e aceitar a hipótese alternativa de que o modelo com interação entre idade e escolaridade tem uma significativa probabilidade estatística.

A fim de observar como a interação atua na dispersão dos dados das variáveis, solicito ao R o seguinte gráfico:

Gráfico 7 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre as variáveis sociais idade e escolaridade (continua)

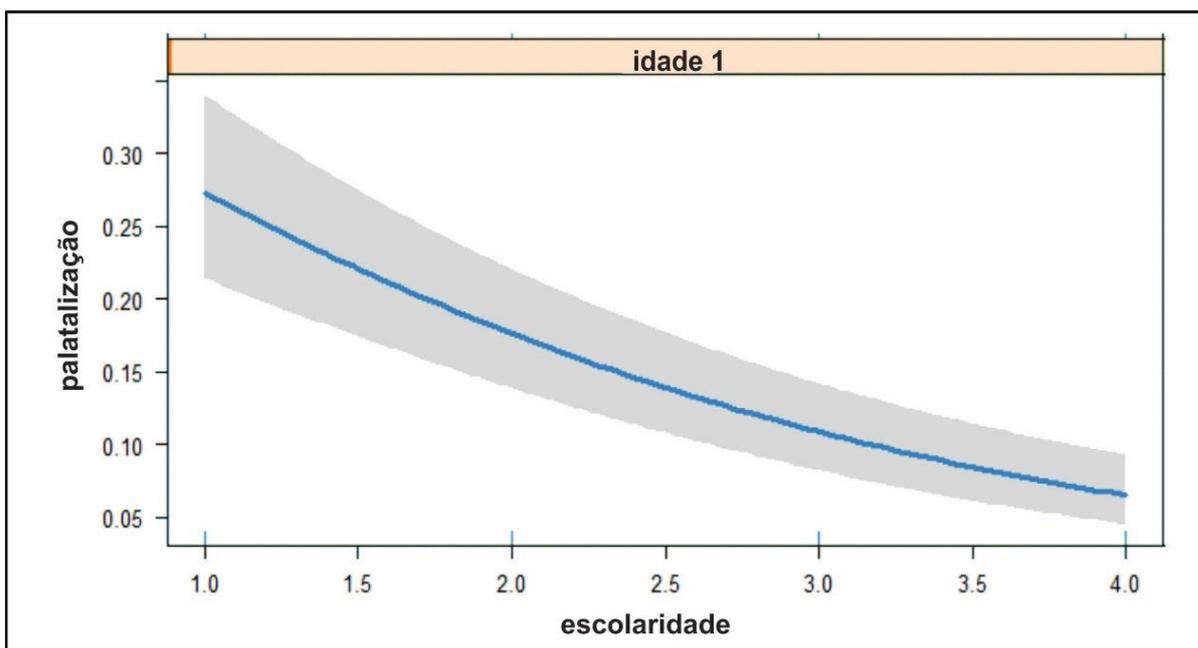
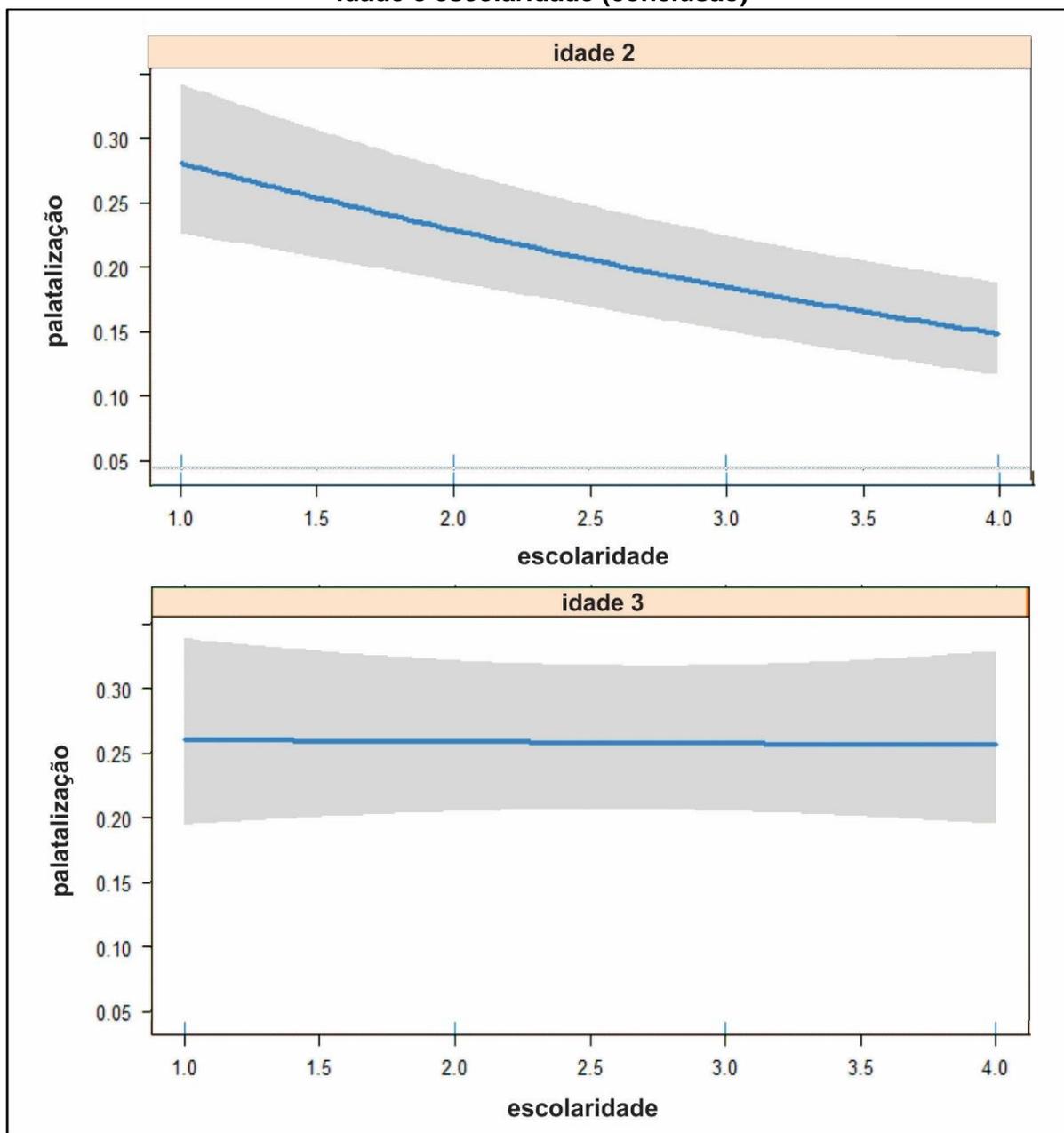


Gráfico 7 – Paralização das oclusivas alveolares e interação entre as variáveis sociais idade e escolaridade (conclusão)



Fonte: Autor (2017)

A interação entre as variáveis externas idade e escolaridade revela como a sensibilidade à escolaridade é diferente dependendo da idade do colaborador, pois como se vê na primeira parte do gráfico 7, que descreve o comportamento dos falantes jovens quanto ao uso das variantes palatalizadas das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em relação aos níveis de escolaridade, há o maior nível de probabilidade de realização das variantes palatalizadas, com índice inicial por volta de 0.27, para os falantes jovens de baixa escolaridade, idade 1. No mesmo nível de escolaridade, há um

aumento no índice probabilístico de 0.26 para os colaboradores da segunda faixa etária e 0.26 para o público da terceira faixa, com idades entre 56 e 80 anos, revelando que para os colaboradores de baixa escolaridade não houve interferência de sua idade. Porém, o dado mais curioso revelado pela interação entre essas variáveis é que público jovem, embora apresente os maiores números de probabilidades de uso de uma variante palatalizada, também apresentam os menores índices de probabilidade quando se tem um maior nível de escolaridade, por volta 0.06, em detrimento aos 0.13 mantidos pelos colaboradores da segunda faixa etária e 0.25, apresentados pelos falantes mais velhos.

Embora a escolaridade condicione os processos de palatalização das oclusivas alveolares, a sua interferência na variável dependente atua distintamente, dependendo da idade dos colaboradores, pois, ao passo de quanto maior a escolaridade dos colaboradores mais jovens, menores serão os usos das variantes palatalizadas; o que não acontecerá com os colaboradores mais velhos, que revelam uma aparente estabilidade da palatalização, conforme se aumenta o tempo de escolarização, saindo de um índice de probabilidade estatística de realização das variantes palatalizadas de 0.27 para os falantes de baixa escolaridade e chegando em 0.26, com os colaboradores de ensino superior.

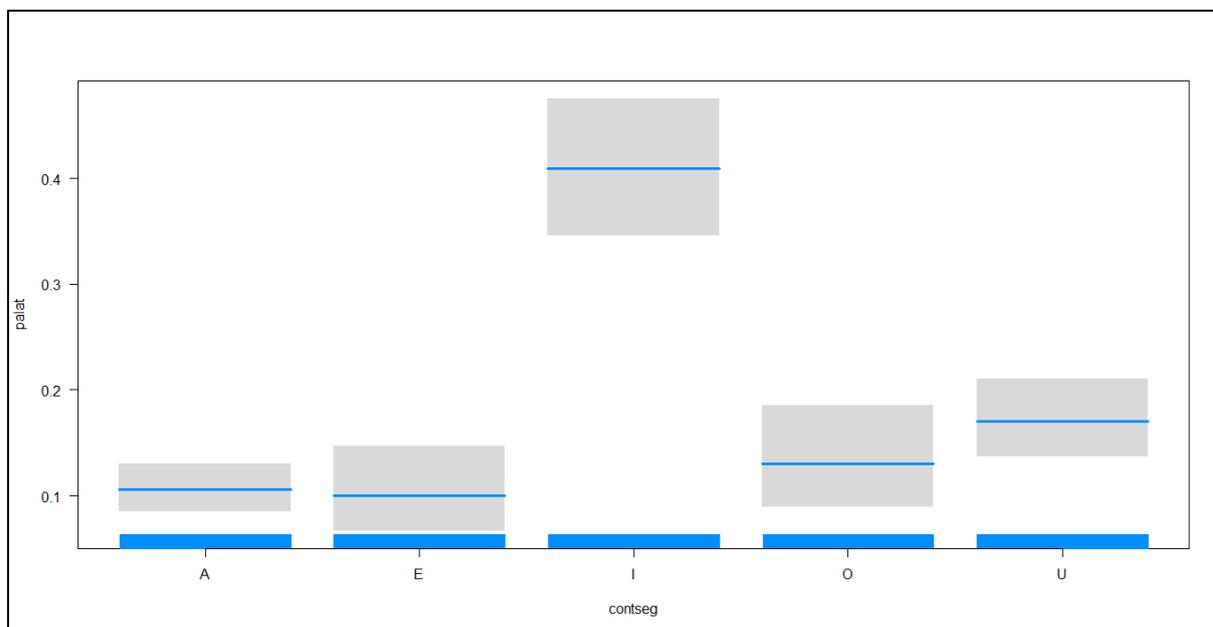
A variável sexo sempre foi utilizada nos estudos variacionais da sociolinguística para revelar a sutileza dos valores linguísticos nas comunidades de fala, pois teoricamente (Cf. LABOV, 2008 [1972]) as mulheres apresentam um comportamento pró-norma, optando pelas variantes de melhor prestígio e evitando formas estigmatizadas.

Assim, há indícios que o processo progressivo de palatalização das oclusivas alveolares esteja adquirindo marcas de estigma, uma vez que as variantes palatalizadas vêm sendo evitadas por falantes com níveis altos de escolaridade, desde que jovens. Ou seja, aparentemente, há o surgimento de marcas negativas de estigma nas variantes palatalizadas das oclusivas alveolares, o que está afetando diretamente o público mais jovem da população maceioense, condicionando o público feminino e os falantes mais escolarizados a evitarem essas variantes.

Após verificar as correlações das variáveis externas sexo, idade e escolaridade, em suas interações com a variável linguística dependente, surge a necessidade de investigar se há condicionamentos fonéticos interferindo nos processos de palatalização. Para tanto, trago os gráficos de dispersão de cada uma das variáveis

linguísticas investigadas a fim de observar seu comportamento de correlação com a variável dependente.

Gráfico 8 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística contexto seguinte



Fonte: Autor (2017)

As vogais do contexto seguinte à oclusiva, como é visível no gráfico 8, se comportaram relativamente do mesmo modo em relação aos processos de palatalização, com exceção da vogal /i/ que apresentou uma probabilidade de condicionamento das variantes palatalizadas muito maior que suas equivalentes, apesar da margem de dispersão.

A presença da vogal /i/ em posição contextual posterior às oclusivas alveolares proporciona uma maior realização das variantes palatalizadas, ao passo que as demais vogais se comportam negativamente quanto aos processos de palatalização apresentando índices de probabilidade muito próximos. Resta saber se há uma diferença estatística entre cada um dos fatores da variável contexto seguinte ou se são todos equivalentes, para isso, realizo o teste de Tukey:

```
# Testar a significância entre fatores da variável 'contseg' no 'modelofinal'
sig1<-glht(modelofinal, mcp(contseg="Tukey"))
summary(sig1)
```

```

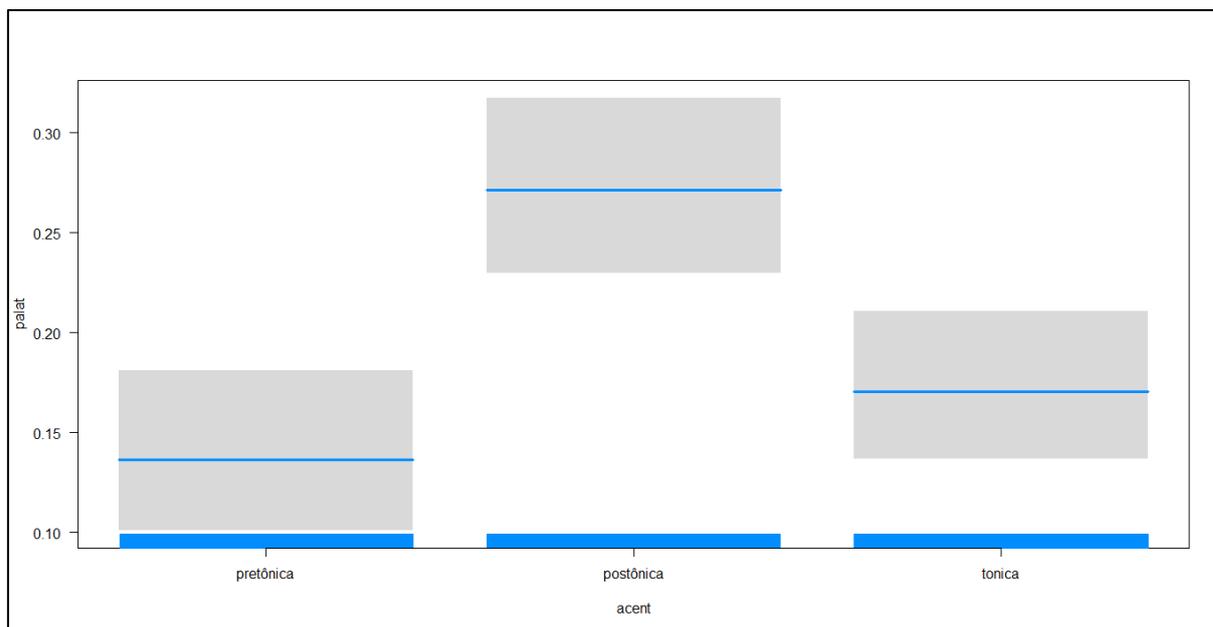
##
## Simultaneous Tests for General Linear Hypotheses
##
## Multiple Comparisons of Means: Tukey Contrasts
##
##
## Fit: glm(formula = palat ~ sexo + idade + escol + idade + sexo + escol +
## contseg + acent + cont + front + td + tam, family = binomial,
## data = bd)
##
## Linear Hypotheses:
##           Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
## E - A == 0 -0.08612  0.22104  -0.390  0.9946
## I - A == 0  1.73269  0.11890  14.572 <0.001 ***
## O - A == 0  0.28410  0.21841   1.301  0.6703
## U - A == 0  0.54031  0.10471   5.160 <0.001 ***
## I - E == 0  1.81881  0.22306   8.154 <0.001 ***
## O - E == 0  0.37022  0.28442   1.302  0.6698
## U - E == 0  0.62643  0.22507   2.783  0.0379 *
## O - I == 0 -1.44859  0.22267  -6.506 <0.001 ***
## U - I == 0 -1.19238  0.12007  -9.931 <0.001 ***
## U - O == 0  0.25621  0.22270   1.150  0.7630
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
## (Adjusted p values reported -- single-step method)

```

O teste de Tukey retorna com comparações entre cada um dos fatores da variável, trazendo o p-valor que representa a probabilidade de assumir os fatores como estatisticamente equivalentes ou não. No teste realizado no contexto seguinte – conforme destaque – é notório como somente a vogal /i/ se apresenta com um valor de probabilidade baixo o suficiente para se distinguir das demais vogais, que, por sua vez, não apresentam p-valores que possam negar a hipótese de equivalência entre as variantes, logo, posso afirmar que os fonemas do contexto seguinte à oclusiva /a/, /e/, /o/ e /u/ não são diferentes e não interferem na palatalização das oclusivas alveolares. Como nesse contexto apenas a vogal /i/ apresentou índices estatísticos significativos no condicionamento das variantes palatalizadas da variável dependente, sou levado a supor que o fator fonológico atuante neste processo de palatalização seja o traço segmental +coronal, o que vou explicar com mais detalhes em capítulos posteriores.

Continuando com a investigação acerca do comportamento das variáveis internas em relação à variável dependente, apresento o gráfico de dispersão da variável acento, na qual tento averiguar se a distribuição das oclusivas alveolares /t/ ou /d/ na palavra de acordo com a tonicidade interfere nos processos de palatalização.

Gráfico 9 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística acento

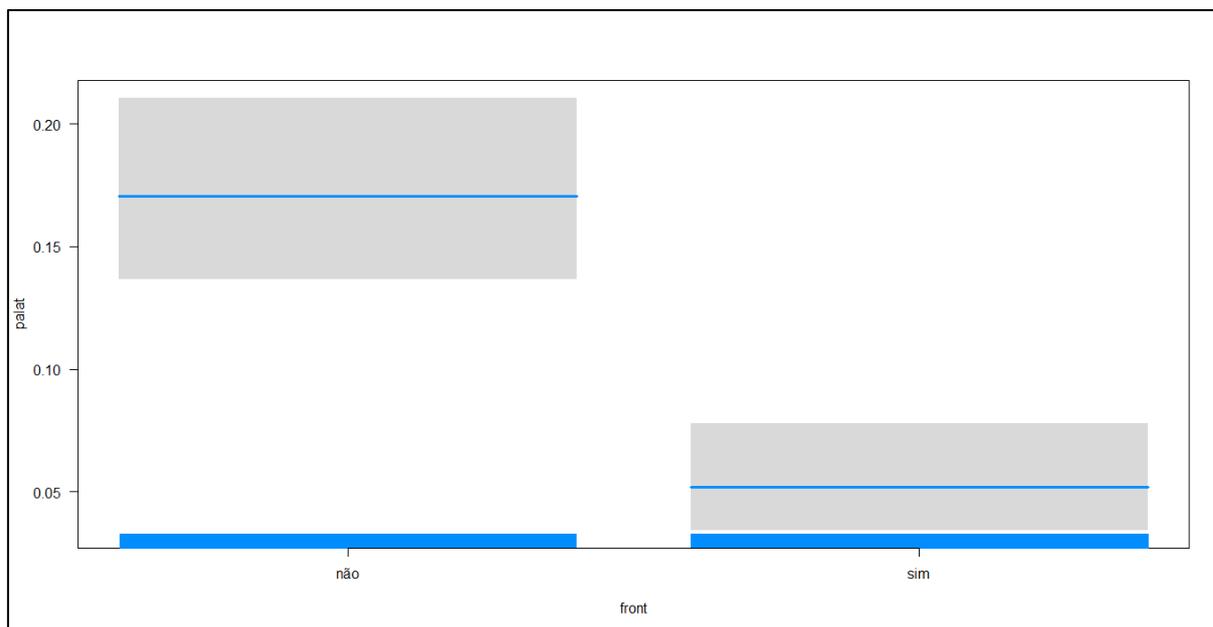


Fonte: Autor (2017)

Ao ver a disposição dos fatores linguísticos da variável acento no gráfico de dispersão, torna-se evidente, como a presença das oclusivas alveolares em sílaba postônica proporciona uma maior realização de suas variantes palatalizadas, enquanto as disposições silábicas tônica e pretônica apresentam um baixo índice de probabilidade de condicionamento da palatalização.

A fim de aferir se os limites da palavra fonológica interferem condicionando ou não neste processo de palatalização das oclusivas alveolares, trago o gráfico de dispersão que apresenta a distribuição dos dados em posição de fronteira lexical, formando palavras fonológicas, em formas como “eles tão fazendo o certo”, em oposição às palavras puramente lexicais, como “muito” e “gosto”.

Gráfico 10 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística fronteira lexical

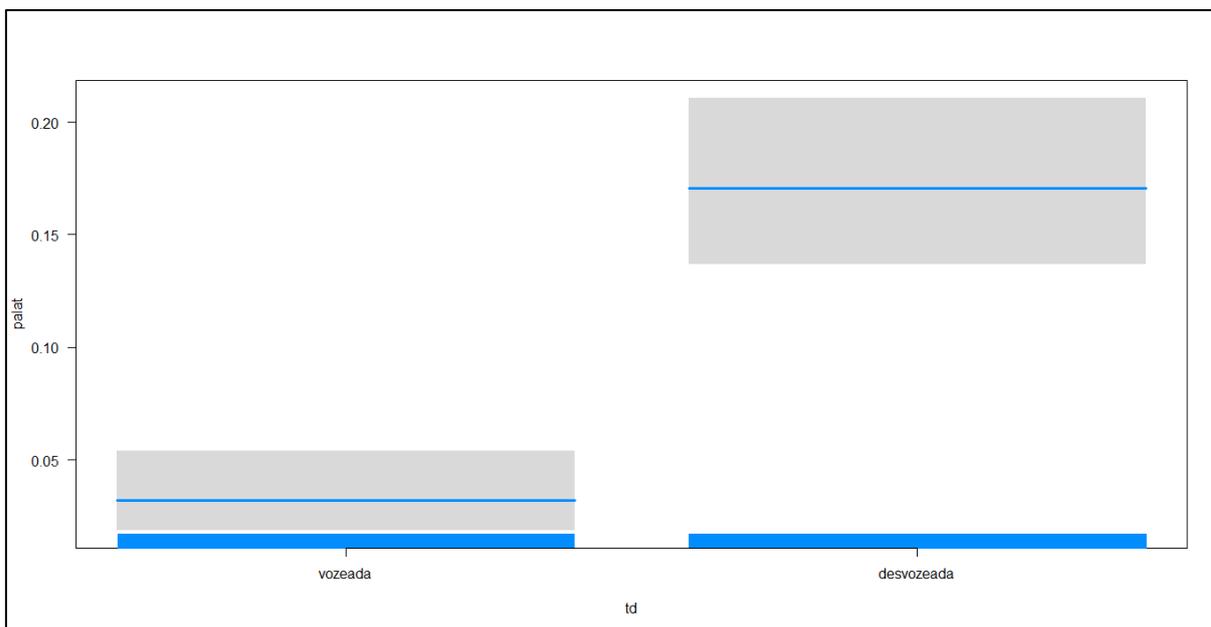


Fonte: Autor (2017)

O gráfico 10 ilustra claramente como a posição de fronteira lexical interfere na palatalização das oclusivas alveolares, revelando que ao se tratar de palavras fonológicas, em que as oclusivas aparecem no início das palavras lexicais, há um desfavorecimento da regra de palatalização, já quando não se tem esse tipo de fronteira e as oclusivas se encontram no interior das palavras lexicais, este processo de palatalização das oclusivas alveolares é favorecido.

Em seguida, investigo se o vozeamento das oclusivas alveolares /t/ e /d/ apresenta alguma interferência nos processos de palatalização das consoantes e solicito, portanto, um gráfico de dispersão para verificar como os dados da pesquisa se organizam diante da relação de vozeamento e palatalização das oclusivas alveolares.

Gráfico 11 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística vozeamento



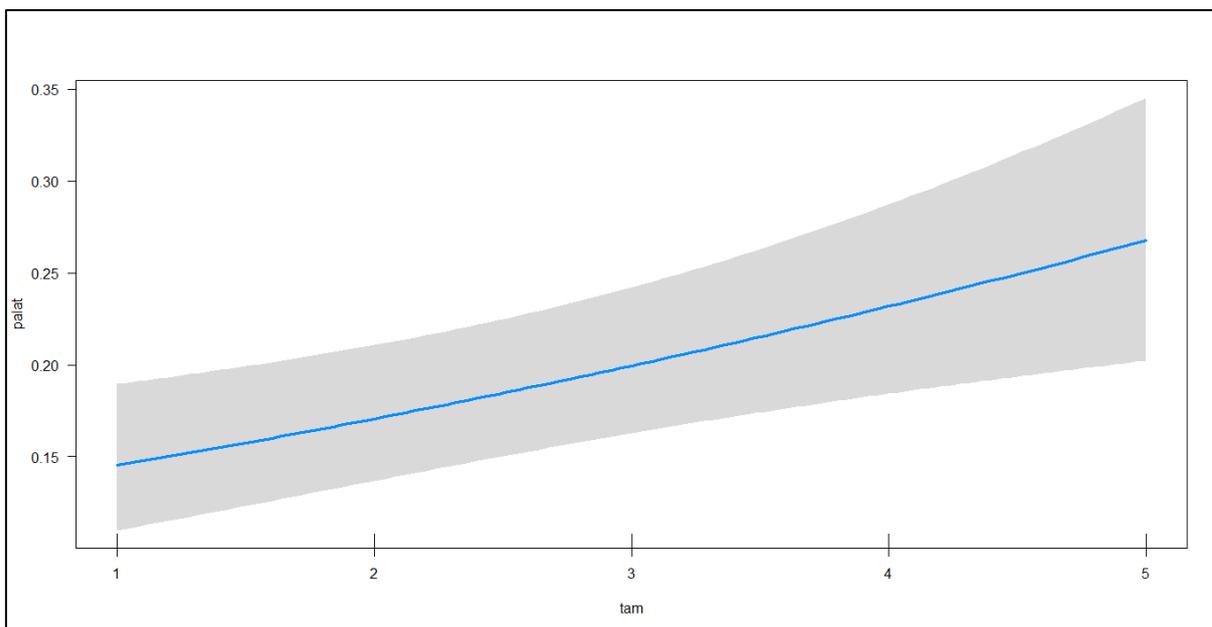
Fonte: Autor (2017)

O gráfico 11 mostra que há um evidente antagonismo na relação da palatalização das oclusivas alveolares com seu o vozeamento, uma vez que a consoante oclusiva alveolar vozeada /d/ desfavorece o surgimento da variante palatalizada [dʒ], com um p-valor abaixo de 0.03. Por outro lado, a ocorrência da consoante desvozeada /t/ favorece a palatalização, com um valor probabilístico de 0.17, fazendo surgir a variante palatalizada [tʃ].

É notório como a presença do vozeamento na consoante limita a possibilidade de realização da variante palatalizada em seus diversos contextos de análise. Além de haver um repertório lexical menor de palavras que apresentem a oclusiva alveolar /d/ conforme os contextos fonológicos descritos, estas tendem a facilitar menos a variante palatalizada da oclusiva alveolar que sua equivalente desvozeada.

Uma das variáveis que também investigo é o tamanho da palavra, com o objetivo de aferir se a quantidade de sílabas presentes na palavra lexical interfere nos processos de palatalização. Codifico os dados de acordo com a quantidade de sílabas, agrupando todas as palavras com cinco ou mais sílabas em um único bloco (5) devido à baixa quantidade de elementos lexicais em Língua Portuguesa que apresentem mais de cinco sílabas. Apresento no gráfico 12 a disposição das variantes palatalizadas em relação ao tamanho da palavra:

Gráfico 12 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística tamanho da palavra

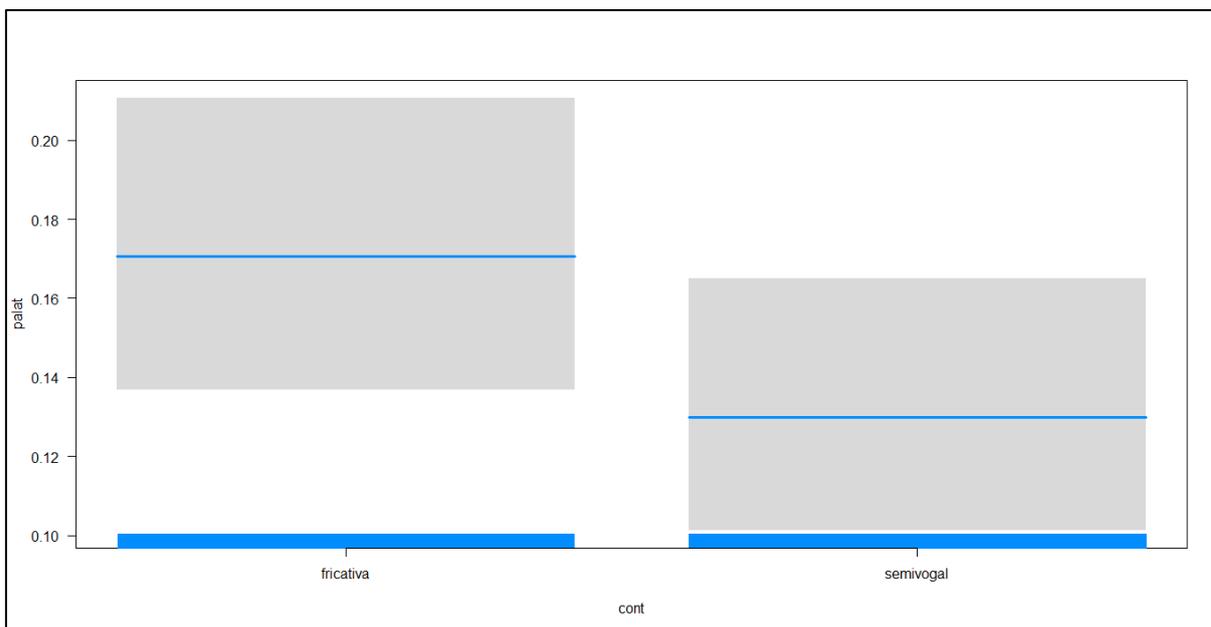


Fonte: Autor (2017)

O gráfico 12 traz uma clara organização linear da palatalização das oclusivas alveolares em relação ao tamanho da palavra, uma vez que quanto maior a palavra, maior a probabilidade dela apresentar uma variante palatalizada, com um índice probabilístico de 0.26, e quanto menor for o item lexical, também menor será a possibilidade estatística dela favorecer os processos de palatalização, chegando ao índice de 0.14 para as palavras monossílabas. É interessante destacar que nos valores referentes às palavras com duas e três sílabas representadas no gráfico 12, há uma faixa de dispersão mais suave, justamente porque a maior parte das palavras investigadas se encontram nesta configuração.

Resta agora observar se o contexto exatamente anterior às oclusivas alveolares apresenta algum tipo de interferência no efeito da palatalização, se o fato de se ter uma semivogal ou uma fricativa nesta posição modifica o processo de realização das variantes palatalizadas.

Gráfico 13 – Palatalização das oclusivas alveolares em relação à variável linguística contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

Como se vê no gráfico 13, os processos de palatalização das oclusivas alveolares são sensíveis ao tipo de fonema que antecede às consoantes /t/ e /d/ – elemento fonético que ocupa o espaço de gatilho do processo –, já que se trata de palatalização progressiva. Quando se tem uma fricativa alveopalatal /S/ o índice médio da probabilidade de realização da palatalização das oclusivas é de 0.17. Já no momento que se tem uma das consoantes oclusivas /t/ ou /d/ antecidas por ditongo, o que põe a semivogal [j] no contexto anterior, tem-se uma probabilidade estatística com valor de 0.13 de ocorrer palatalização.

Então, diante desses dados e observando como os processos de palatalização das oclusivas alveolares se comportam diferentemente dependendo de qual será o fonema a ocupar o contexto anterior à oclusiva, decido por fazer novas análises, dessa vez considerando somente as realizações de cada um dos contextos, seja com a fricativa /S/ ou com a semivogal [j].

Há, assim evidências estatísticas de que os processos de palatalização das oclusivas alveolares ocorram de modo particular em cada tipo de contexto anterior às oclusivas e que os elementos linguísticos e sociais que interferem nestes processos, quando se tem uma fricativa alveolar na posição de gatilho, não são os mesmos que ocorrem quando este espaço está ocupado pela semivogal [j].

De modo que para evitar equívocos matemáticos e generalizações que não representam a realidade dos dados, farei uma análise do processo de palatalização das oclusivas alveolares quando antecedidas da fricativa /S/ e outra análise quando as oclusivas alveolares forem antecedidas pela semivogal [j].

8.1.2.4 Análise dos dados com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas

A análise dos dados com a fricativa alveopalatal /S/ em contexto anterior às consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ – ambiente de palatalização progressiva – conta com um banco de dados com 3123 ocorrências e deve ser investigado quanto às variáveis sociais idade, sexo e escolaridade e quanto às variáveis linguísticas: contexto seguinte, acento, tamanho, vozeamento e fronteira.

`summary(bf)`

```
##          palat          escol          idade          sexo
## não palatalizada:2527  Min.   :1.00  Min.   :1.000  feminino :1502
## palatalizada      : 596  1st Qu.:2.00  1st Qu.:1.000  masculino:1621
##                                     Median :3.00  Median :2.000
##                                     Mean   :2.63  Mean   :1.826
##                                     3rd Qu.:4.00  3rd Qu.:2.000
##                                     Max.   :4.00  Max.   :3.000
##
##          cont    contseg          acent          tam          front
## vogal      :  0  A:1093 anterior : 664  Min.   :1.000  não:2008
## fricativa:3123  E: 381 posterior: 563  1st Qu.:2.000  sim:1115
## semivogal:  0  I: 803 tonica   :1896  Median :2.000
##                                     O: 213          Mean   :2.497
##                                     U: 633          3rd Qu.:3.000
##                                     Max.   :5.000
##
##          td
## vozeada   : 789
## desvozeada:2334
```

Segundo pode se notar no *summary* do banco de dados, as variáveis idade, escolaridade e tamanho da palavra, por se trataram de grupos de fatores contínuos ou numéricos, não estão quantificadas, de modo que o R apresenta somente seus valores de realização média.

Observando o nível percentual de realizações palatalizadas no contexto de fricativa em contexto anterior, percebe-se que de 3123 ocorrências, há 596 formas palatalizadas, o que resulta em 19,1% de produções palatalizadas, um número

bastante alto ao se comparar com outras pesquisas que tratam do processo de palatalização progressiva, como a desenvolvida por Mota e Rolemberg (1997) em Salvador, que obteve o percentual de palatalização de 2,4% e a realizada por Henrique e Hora (2012), em João Pessoa, que resultou em um percentual de palatalização de 10,5%.

Seguindo a rotina de análise do R, construo um modelo com todas as variáveis investigadas e um *summary* a fim de observar se todas as variáveis são estatisticamente significativas ou se alguma delas pode ser retirada sem causar prejuízos significativos para a análise.

```
# Modelo de regressão com todas as variáveis
modelo0 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+contseg+acent+front+td+tam+ant,
family=binomial, data=bf)
summary(modelo0)

##
## Call:
## glm(formula = palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent +
##     front + td + tam + ant, family = binomial, data = bf)
##
## Deviance Residuals:
##      Min       1Q   Median       3Q      Max
## -2.0237  -0.6036  -0.3902  -0.0934   3.3369
##
## Coefficients:
##              Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
## (Intercept) -2.51893    0.27329  -9.217 < 2e-16 ***
## sexo1       -0.10255    0.05355  -1.915  0.05549 .
## idade        0.08648    0.06713   1.288  0.19770
## escol       -0.26315    0.04768  -5.519 3.40e-08 ***
## contseg1    -0.44420    0.10170  -4.368 1.26e-05 ***
## contseg2    -0.55763    0.19617  -2.843  0.00448 **
## contseg3     1.55889    0.11284  13.815 < 2e-16 ***
## contseg4    -0.19167    0.18490  -1.037  0.29991
## acent1      -0.20389    0.11000  -1.853  0.06382 .
## acent2       0.46480    0.09413   4.938 7.90e-07 ***
## front1       0.67138    0.11706   5.735 9.73e-09 ***
## td1         -1.24312    0.14720  -8.445 < 2e-16 ***
## tam          0.09620    0.07515   1.280  0.20053
##
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
##
## (Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)
##
##      Null deviance: 3041.2  on 3121  degrees of freedom
## Residual deviance: 2307.8  on 3105  degrees of freedom
## AIC: 2341.8
##
## Number of Fisher Scoring iterations: 6
```

A variável tamanho da palavra, conforme visível no destaque, obteve o maior p-valor na correlação das variáveis, um valor acima de 0,05, que não me permite descartar a hipótese nula que afirma que todas as variáveis são iguais, logo não havendo a possibilidade estatística de assumir que o tamanho da palavra é uma variável com distinção significativa das demais, crio um modelo sem esta variável e volto a testar a significância, desta vez do modelo como um todo, com o intuito de observar qual deles tem maior significância estatística.

```
# Modelo de regressão sem tam
modelo1 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+contseg+acent+front+td+ant, family=binomial, data=bf)

anova(modelo0, modelo1, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + front + td +
##      tam
## Model 2: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + front + td
##
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      3105      2307.8
## 2      3106      2309.4 -1  -1.6293  0.2018
```

O teste Anova realizado entre o modelo completo (com todas as variáveis) e o modelo sem a variável tamanho da palavra resulta em um p-valor de 0.2018, o que significa dizer que não há comprovação matemática confiável de que os modelos com ou sem a variável tamanho sejam diferentes em relação ao processo de palatalização das oclusivas alveolares, logo, assumo o modelo mais simples. Pois se segundo Baayen (2008, p.69),

Nas ciências sociais, onde é muitas vezes difícil, se não totalmente impossível, obter um controle experimental completo dos diversos fatores que desempenham um papel potencial em um experimento, um p-valor de 0,05 pode, sensatamente, ser considerado como estatisticamente significativo⁶⁶.

⁶⁶ No original: In the social sciences, where it is often difficult if not outright impossible to obtain full experimental control of the very diverse factors that play a potential role in an experiment, a p-value of 0.05 can sensibly count as statistically significant.

Por isso, mantenho o modelo com todas as variáveis significativas e realizo novos testes para verificar se há interação entre as variáveis sociais:

```
# Modelo de regressão com interação entre as variáveis sexo e idade
modelosi <- glm(formula = palat ~ sexo*idade+escol+contseg+acent+front+td+ant, fa
mily=binomial, data=bf)

anova(modelo1, modelosi, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + front + td
##
## Model 2: palat ~ sexo * idade + escol + contseg + acent + front + td
##
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      3106      2309.4
## 2      3105      2308.8  1  0.55291  0.4571
```

O teste Anova realizado para aferir se há ou não interação entre as variáveis externas sexo e idade retorna com um p-valor de 0.4571, o que não permite afirmar que há significância estatística na diferença dos modelos com ou sem interação, logo, isso é um indicatário que o modelo mais simples deve permanecer e o modelo com interação deve ser descartado.

Continuando com o teste de significância de interação com as variáveis externas, faço o exame entre as variáveis idade e escolaridade e obtenho os seguintes resultados:

```
modeloie <- glm(formula = palat ~ sexo+idade*escol+contseg+acent+front+td+ant, fa
mily=binomial, data=bf)

anova(modelo1, modeloie, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + front + td
##
## Model 2: palat ~ sexo + idade * escol + contseg + acent + front + td
##
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      3106      2309.4
## 2      3105      2304.5  1  4.8987  0.02688 *
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

O teste Anova mostra que há uma significativa interação entre as variáveis externas idade e escolaridade e apresenta um p-valor de 0.02688, o que revela que a probabilidade de se assumir que os modelos com e sem interação são diferentes é extremamente pequena, de modo que o modelo com a interação entre idade e escolaridade deve permanecer no modelo final.

O gráfico 14 ilustra claramente como a interação entre as variáveis idade e escolaridade está interferindo no processo de palatalização das oclusivas alveolares produzidas por falantes de Maceió.

Gráfico 14 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre idade e escolaridade no modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas (continua)

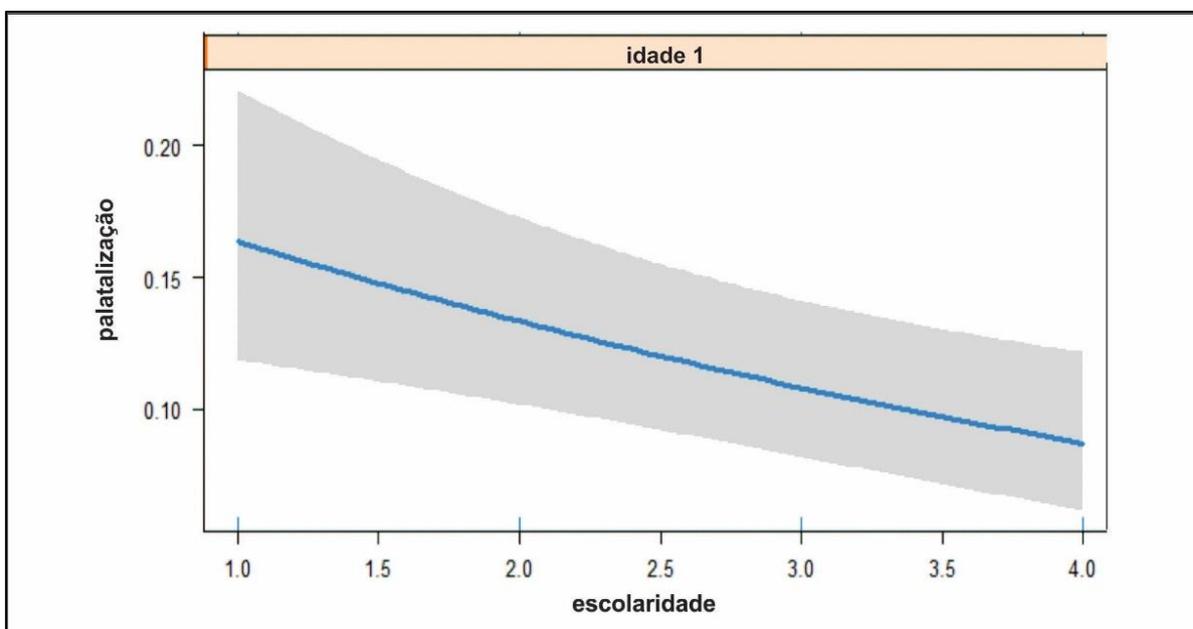
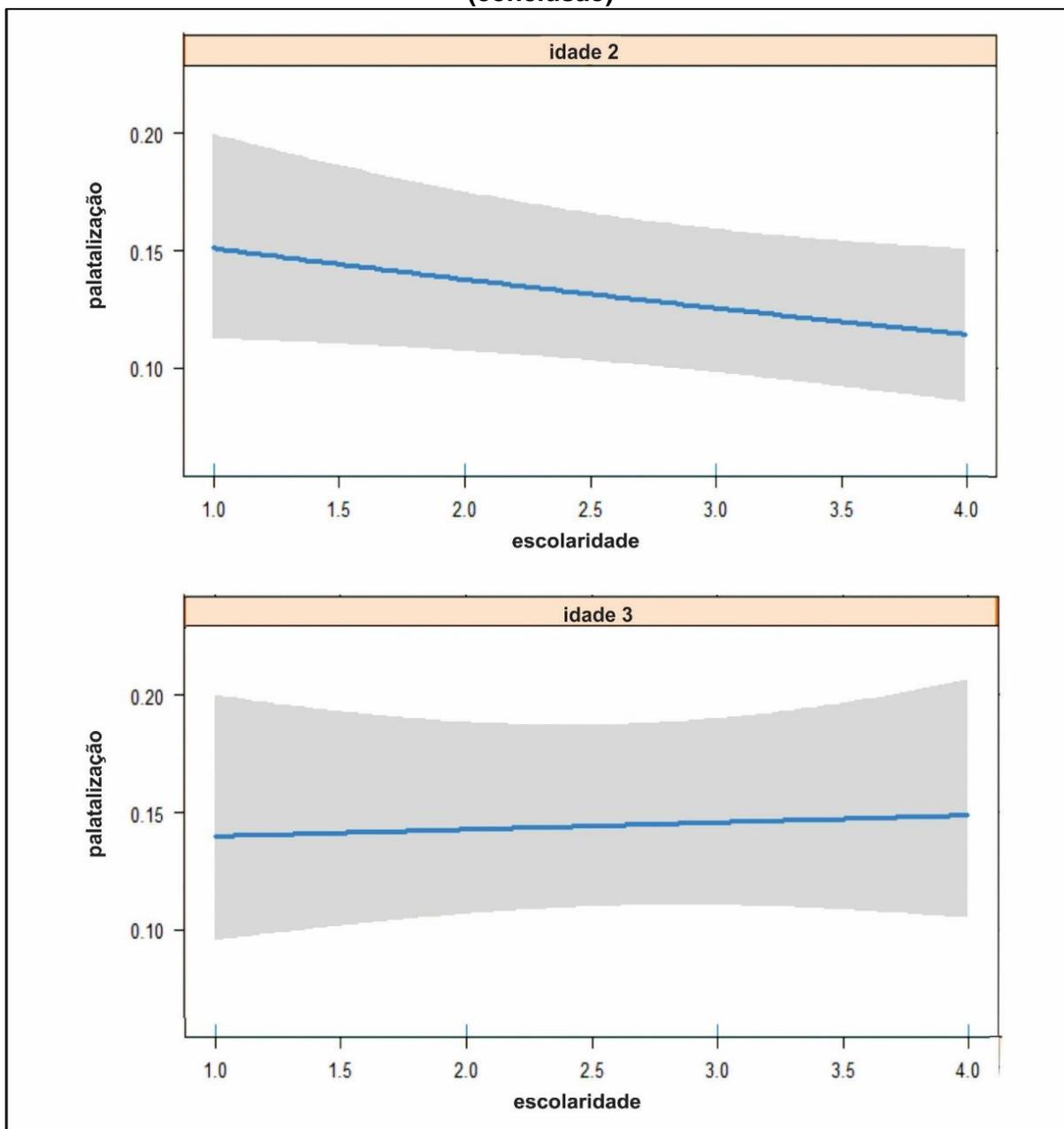


Gráfico 14 – Palatalização das oclusivas alveolares e interação entre idade e escolaridade no modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas (conclusão)



Fonte: Autor (2017)

O gráfico 14 ilustra como a interação entre a idade e escolaridade interfere nos efeitos da palatalização das oclusivas alveolares, revelando que dependendo da idade do falante, sua sensibilidade é alterada em relação à escolaridade, pois como se vê, os jovens, no primeiro nível etário, apresentam probabilidade de realização de uma forma palatalizada em cerca 0.17 se tiverem baixa escolaridade, sendo os maiores produtores de formas palatalizadas neste nível de escolaridade; mas também

apresentam os menores índices de condicionamento da variante palatalizada se têm ensino superior, contrapondo uma probabilidade de realização de 0.08, contra 0.12 para colaboradores da segunda faixa etária (36 a 55 anos) e 0.15 para os colaboradores mais velhos.

O mais curioso é que há uma leve inversão de comportamento linguístico correlacionada à interação entre escolaridade, uma vez que enquanto os jovens, com idade entre 18 e 35 anos, também expressam uma maior resistência de uso da variante palatalizada, apresentando os maiores e os menores índices de realização palatalizada (contrapondo os colaboradores com baixa escolaridade e com ensino superior); conforme os colaboradores vão se tornando mais velhos a curva descendente se atenua em relação à escolaridade, revelando que quanto maior a idade do falante, menor será o efeito da escolaridade sobre sua produção palatalizada.

Apresento, em seguida, o teste de Anova para verificar se há interação expressiva entre as variáveis externas sexo e escolaridade:

```
# Modelo de regressão com interação entre as variáveis sexo e escolaridade
modelose <- glm(formula = palat ~ sexo*escol+idade+contseg+acent+front+ant+td, family=binomial, data=bf)

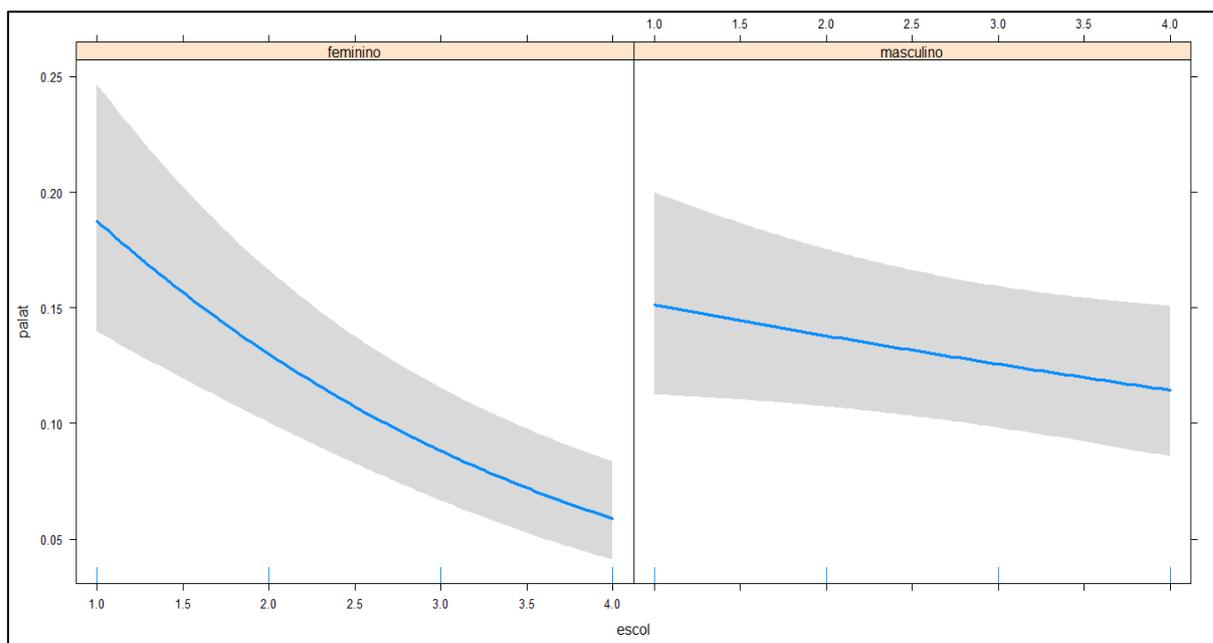
anova(modelo1, modelose, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + front + td
##
## Model 2: palat ~ idade + sexo * escol + contseg + acent + front + td
##
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      3106      2309.4
## 2      3105      2298.0  1    11.38 0.0007424 ***
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

O teste apresenta significância estatística no modelo que tem interação, resultando um p-valor de 0.0007424, o que não permite considerar a hipótese inicial de que os modelos são iguais, mas dá evidências de que a interação entre sexo e escolaridade atua no efeito de produção da variante palatalizada, sendo mais produtiva que a correlação isolada de cada uma das variáveis.

Para ilustrar como a interação entre as variáveis externas sexo e escolaridade interferem nos efeitos de produção do processo de palatalização das oclusivas alveolares nos falantes da cidade de Maceió, exponho o gráfico de dispersão com os seguintes resultados:

Gráfico 15 – Palatalização das oclusivas alveolares e a interação entre sexo e escolaridade no modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

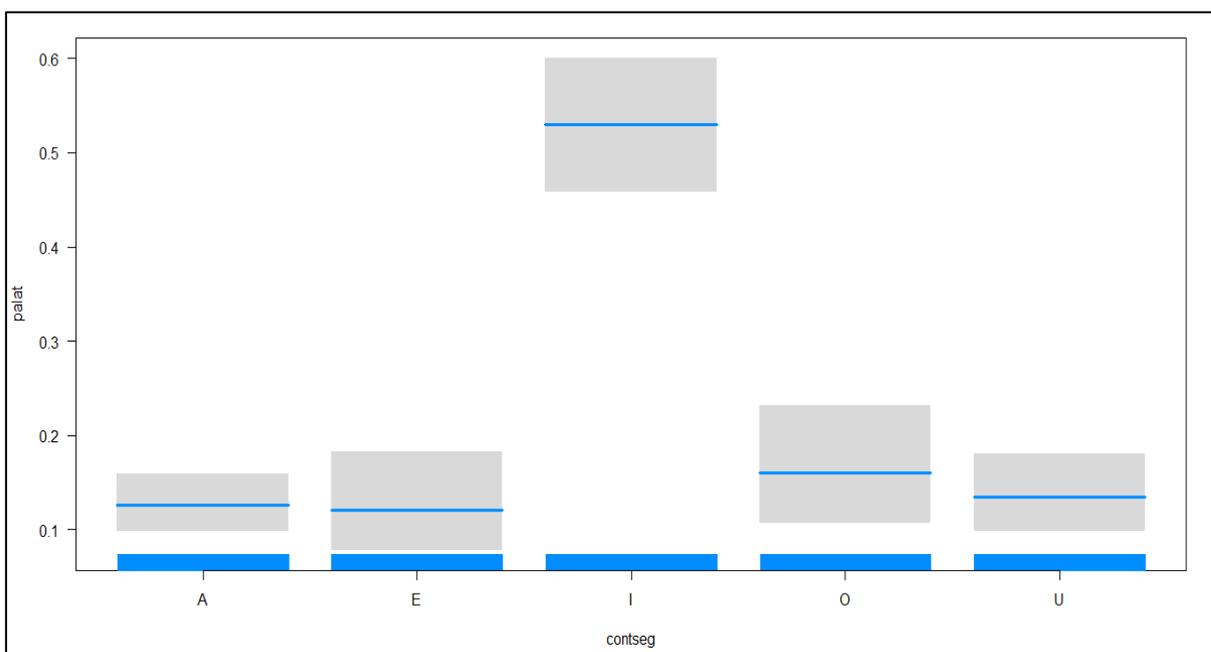
É notório, neste caso, como a escolaridade interfere distintamente no comportamento linguístico do falante dependendo do seu sexo, pois embora as mulheres com baixa escolaridade apresentem os maiores índices de probabilidade de ocorrência de uma variante palatalizada, com um valor de 0.18, em oposição ao valor probabilístico de 0.15 para os membros masculinos do mesmo nível de escolaridade, elas também aparecem com os menores valores de probabilidade de produção de uma variante palatalizada quando têm ensino superior, 0.07, enquanto os homens que também têm nível superior aparecem com um favorecimento à palatalização em 0.17 de valor probabilístico, revelando mais que o dobro de possibilidades de ocorrência de uma variante palatalizada no ensino superior, se o falante for do sexo masculino.

Isto indica que embora a escolaridade esteja interferindo no processo de palatalização das oclusivas alveolares – no sentido de que quanto maior a escolarização do colaborador, a sua produção da variante palatalizada da oclusiva

alveolar será menor – esta interferência se dá de modo diferenciado se o falante for do sexo masculino ou feminino, uma vez que as mulheres apresentam uma maior rejeição da variante conforme aumentam o nível de escolaridade. Sugerindo que escolarização está contribuindo com a valoração negativa das variantes palatalizadas na comunidade de fala investigada.

Passo, agora, a investigar como os contextos fonéticos interferem no processo de palatalização das oclusivas alveolares quando se tem a fricativa alveolar /S/ na posição de gatilho. Iniciando pelo contexto seguinte, trago o gráfico de dispersão que ilustra como as vogais posteriores às oclusivas alveolares se realizam em função do processo de palatalização.

Gráfico 16 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto seguinte em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

Como se vê, a vogal /i/ apresenta um alto índice de significância probabilística completamente desproporcional em relação às demais vogais da variável, apontando uma probabilidade média maior que 0.5 de ocorrência da palatalização das oclusivas alveolares, enquanto todas as outras não chegam à 0.2, caracterizando-se como desfavoráveis do processo.

Ao medir se há diferença significativa entre as médias de cada um dos fatores analisados, através do teste de Tukey, observei que a variante /i/ apresenta p-valores extremamente baixos, conforme visto nos destaques, distinguindo completamente o efeito dessa variante no processo de palatalização das oclusivas alveolares do efeito oriundo das demais vogais, que, por apresentarem probabilidade de interferência no processo de palatalização muito baixa e com valores bastante próximos, não demonstraram distinção significativa em suas médias de realização, não favorecendo, portanto, o processo de palatalização das oclusivas alveolares.

```
# Verificar se há diferença estatisticamente significativa entre os fatores da variável 'contseg'
# Teste de Tukey (H0: B1-B2=0)
sigcontseg<-glht(modelox, mcp(contseg="Tukey"))
summary(sigcontseg)

##
## Simultaneous Tests for General Linear Hypotheses
##
## Multiple Comparisons of Means: Tukey Contrasts
##
##
## Fit: glm(formula = palat ~ sexo * escol + escol * idade + contseg +
##      acent + front + td + ant, family = binomial, data = bf)
##
## Linear Hypotheses:
##      Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
## E - A == 0 -0.08288    0.25322  -0.327  0.997
## I - A == 0  2.02730    0.14154  14.323 <1e-04 ***
## O - A == 0  0.24932    0.23702   1.052  0.820
## U - A == 0  0.07977    0.15251   0.523  0.984
## I - E == 0  2.11018    0.25615   8.238 <1e-04 ***
## O - E == 0  0.33220    0.31861   1.043  0.825
## U - E == 0  0.16264    0.27013   0.602  0.973
## O - I == 0 -1.77798    0.24574  -7.235 <1e-04 ***
## U - I == 0 -1.94753    0.16843 -11.563 <1e-04 ***
## U - O == 0 -0.16955    0.25694  -0.660  0.962
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
## (Adjusted p values reported -- single-step method)
```

A fim de confirmar o que já se vê no gráfico 16, bem como no teste de Tukey, apresento a tabela 12 com os números totais de realização, os percentuais de produção e os pesos relativos, que atestam como as vogais do contexto seguinte às oclusivas estão relacionadas ao processo de palatalização das oclusivas alveolares:

Tabela 12 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto fonético seguinte em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas

Contexto seguinte	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
A	1093/162	14,8	0.38	0.000
E	381/23	6,0	0.37	0.007
I	803/264	32,9	0.83	0.000
O	213/27	12,7	0.45	0.285
U	633/120	19,0	0.41	0.002
Total	3123/596	19,1		

Fonte: Autor (2017)

De acordo com os valores demonstrados na tabela 12, fica evidente como a presença da vogal /i/ no contexto seguinte à oclusiva favorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares, ao passo que as demais vogais nesta posição inibem tal processo.

É possível que a vogal /i/ seja tão produtiva no contexto seguinte à oclusiva devido à sua natureza fonética que lhe caracteriza com o traço +coronal (Cf. CLEMENTS; HUME 1996). Inclusive esta é a única vogal a possuir esse traço articulatorio que tem demonstrado ser tão importante no processo de palatalização das oclusivas alveolares.

Vale lembrar que o peso relativo, importante índice estatístico, utilizado, principalmente nas pesquisas sociolinguísticas, resulta de alguns cálculos realizados a partir do valor de chance, que significa a quantidade de chances de uma forma se realizar em relação a outra, por isso é de esperar que os valores dos pesos relativos confirmem o que já indica a probabilidade, pois

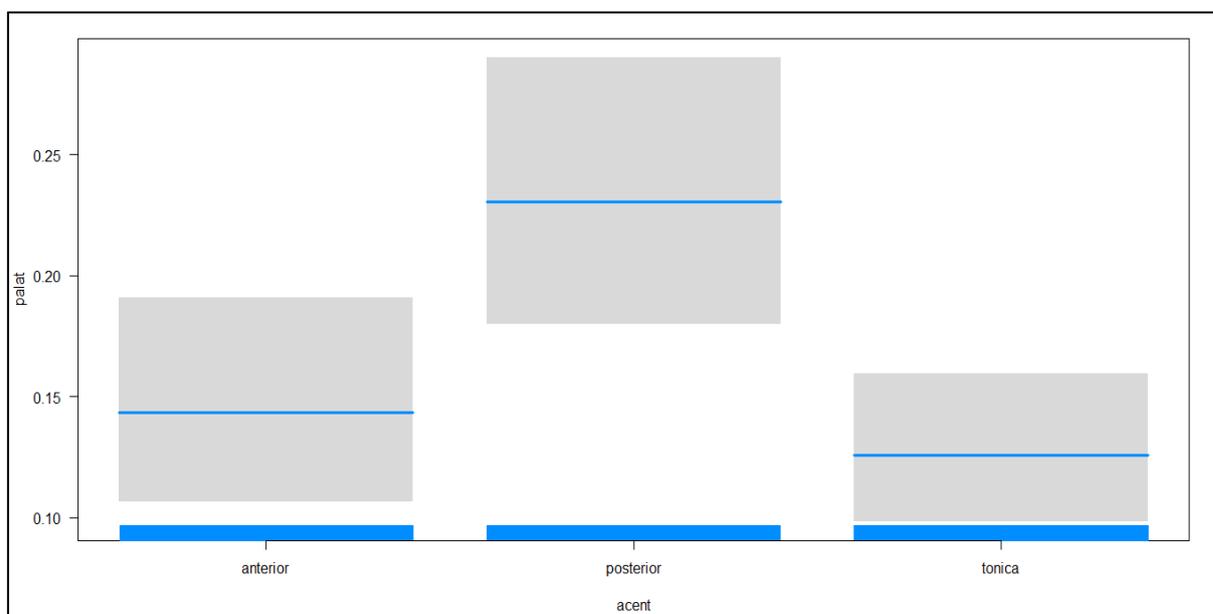
De acordo com Morrison (2005), o peso relativo é dado por $OR/(1+OR)$, ou seja, o peso relativo é uma medida calculada a partir da razão de chances, calculada pelo método desvio da média. Como a razão de chances é um número entre 0 e infinito, o peso relativo será sempre um número entre 0 e 1. (OLIVEIRA, 2009, p. 109)

A razão de chance, fator matemático básico para a obtenção do peso relativo, é obtido pela divisão dos valores de um fator pelos demais fatores da variável, revelando de quantas vezes é a chance de uma variante ocorrer sobre as demais. Sendo, a partir deste valor, realizado o cálculo para peso relativo.

De modo que a vogal /i/ alcançar um peso relativo de 0.83 em posição de contexto seguinte, ao passo que todas as demais vogais deste contexto obtiveram valores de peso relativo inferior à 0.45, assevera sua natureza condicionadora de realização das consoantes palatalizadas [dʒ] e [tʃ], enquanto as outras vogais se confirmam como inibidoras do processo.

Para dar continuidade às análises dos dados e com intuito de investigar se o acento tônico interfere no processo de palatalização das oclusivas alveolares, solicito ao R um gráfico de dispersão que disponha as variantes palatalizadas de acordo com a tonicidade da sílaba em que se encontra a consoante oclusiva.

Gráfico 17 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável acento em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

A posição da sílaba em que se encontra a consoante oclusiva /t/ ou /d/ em relação ao acento tônico da palavra demonstra ser relevante a este processo de palatalização, principalmente se vier em contexto fonético posterior ao acento, como nas palavras “*direito*” e “*muito*”, apresentando um índice de probabilidade de realização palatalizada de 0.23, favorecendo, portando, a aplicação da regra de palatalização. Em contrapartida, o contexto de sílaba tônica apresenta valor probabilístico de realização da variante palatalizada de 0.08, inibindo a regra de palatalização. Já o ambiente fonético anterior à sílaba tônica tem uma probabilidade

de favorecer a palatalização das oclusivas alveolares em 0.14, o que, pela disposição dos demais valores, significa não interferir no processo.

Tabela 13 – Palatalização das oclusivas alveolares e variável acento em um modelo com a fricativa /S/ em posição de gatilho

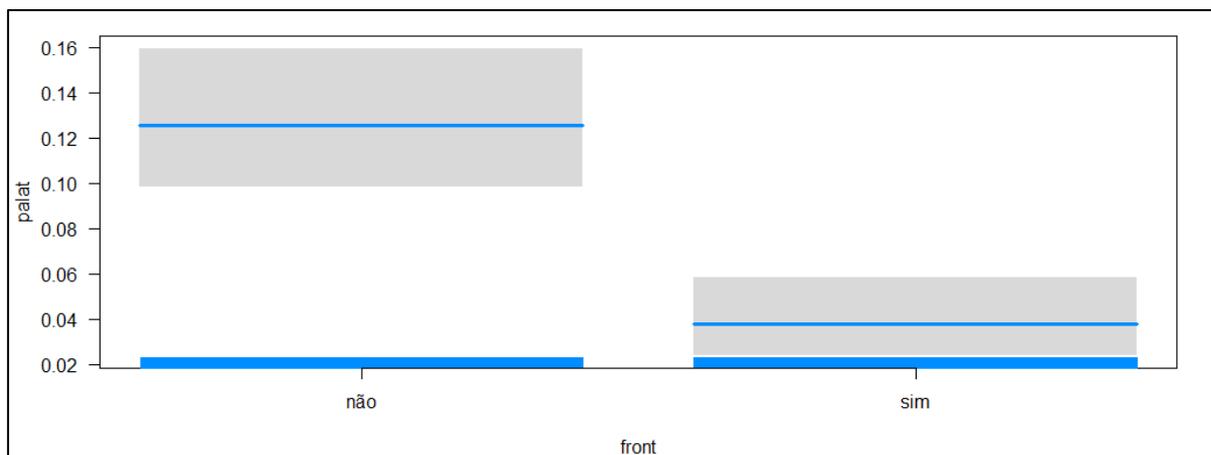
Acento	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
pretônico	664/115	17,3	0.46	0.115
postônico	563/209	37,1	0.61	0.000
tônico	1896/271	14,3	0.43	0.000
Total	3123/596	19,1		

Fonte: Autor (2017)

Os valores da tabela 13 confirmam o favorecimento da sílaba postônica ao processo de palatalização das oclusivas alveolares, que apresenta além de um percentual mais elevado, um peso relativo de 0.61. A sílaba tônica por outro lado, se apresenta como inibidora desse processo e aparece com um peso relativo de 0.43. E a posição pretônica apesar de apresentar um peso relativo de 0.46, o que desfavorece levemente o processo de palatalização, tem a entrada de um p-valor de 0.115, o que indica que o peso relativo apresentado não é plenamente distinto do ponto neutro de 0.5, revelando que a significância estatística do valor do peso relativo não é confiável, logo, posso assumir que há uma intercessão da posição do acento no processo de palatalização das oclusivas alveolares, no sentido que a sílaba tônica desfavorece a realização do fenômeno, a posição postônica favorece e a pretônica se encontra em uma posição próxima do ponto neutro.

Passo a averiguar como o limite de fronteira lexical se comporta em relação ao processo de palatalização, uma vez que é investigada na pesquisa não apenas as palavras lexicais, mas também as palavras fonológicas que extrapolam os limites de fronteira lexical, em cujo contexto há realizações de variantes palatalizadas, em formas do tipo “um rapaz [tʃ]entou assaltar” (1MBF) ou “esses [dʒ]ois” (1BAF).

Gráfico 18 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

Embora seja possível a realização de formas palatalizadas fora dos limites da palavra lexical, este não é contexto condicionador do processo, mas ao contrário, é inibidor. Pois, na proporção em que se tem uma média de probabilidade de ocorrência de uma variante palatalizada em torno de 0.12 quando não se trata de contexto de fronteira, tem-se em 0.04 o valor probabilístico de ocorrer a palatalização quando se dispõe de um contexto de fronteira.

Fica ainda mais clara a relação da fronteira lexical com o processo de palatalização quando se vê a disposição percentual e os valores de pesos relativos, conforme dispostos na seguinte tabela 14:

Tabela 14 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em um modelo com a fricativa /S/ em posição de gatilho

Fronteira	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
sim	1115/44	3,9	0.34	0.000
não	2007/552	27,5	0.66	0.000
Total	3123/596	19,1		

Fonte: Autor (2017)

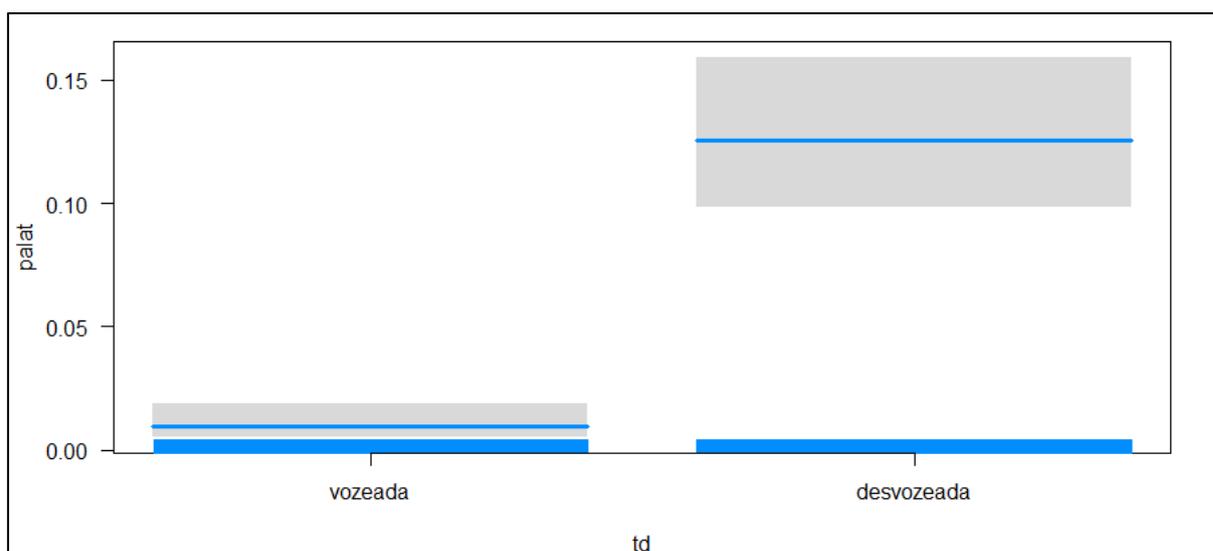
Conforme se verifica na tabela 14, a realização de variantes palatalizadas é consideravelmente distinta quando se tem o contexto de fronteira, com taxa percentual menor que 5% quando se trata de uma fronteira lexical, e 27,5% quando o contexto é

de não fronteira. Tal distorção de proporção reflete no peso relativo, cujos valores revelam que a posição de fronteira lexical inibe o processo de palatalização com 0.34 e a não fronteira favorece o processo, com valor de 0.66.

Já quando se trata do vozeamento das oclusivas alveolares, o objetivo é descobrir se o fato da consoante ser vozeada ou desvozeada – /d/ ou /t/, respectivamente – interfere no processo de palatalização.

O gráfico 19 mostra claramente como vozeamento da consoante oclusiva /d/ se manifesta desfavorecendo o processo de palatalização, apresentando um valor de probabilidade de realização palatalizada de cerca de 0.01 – um valor extremamente baixo. Por outro lado, quando se tem a variante desvozeada /t/, a probabilidade de favorecimento do processo de palatalização é de cerca de 0.13.

Gráfico 19 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a fricativa /S/ em posição de gatilho



Fonte: Autor (2017)

A disposição dos dados quanto à correlação do vozeamento das consoantes oclusivas alveolares com o processo de palatalização pode ser visto com mais detalhes na seguinte tabela 15:

Tabela 15 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas

Vozeamento	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
vozeada	789/18	2,3	0.22	0.000
desvozeada	2334/578	24,8	0.78	0.000
Total	3122/595	19,1		

Fonte: Autor (2017)

Com uma quantidade de apenas 19 realizações palatalizadas em um contexto de vozeamento, de um total de 801 ocorrências de palavras com a consoante /d/, fica bastante visível como a presença da consoante vozeada inibe o processo de palatalização das oclusivas alveolares, resultando em um percentual de 2,3% e um peso relativo de 0.22. Por outro lado, quando se trata da consoante desvozeada /t/, há um amplo favorecimento do processo, com uma taxa percentual de 24,8% e um peso relativo de 0.78, comprovando o condicionamento do processo ao desvozeamento da consoante oclusiva alveolar.

É possível que isto aconteça devido as características articatórias empregadas no processo de palatalização das oclusivas alveolares, uma vez que toda sua energia articulatória é concentrada na região anterior da cavidade bucal, que é o mesmo ponto de realização das consoantes alveolares desvozeadas, ao passo que as consoantes vozeadas acrescentam de mais um movimento articulatório, a vibração das pregas vocálicas localizadas na laringe, sendo este um ponto distante da cavidade bucal anterior. (Cf. BATISTTI; ROSA, 2012). Dessa forma, a aproximação do ponto de articulação da consoante desvozeada /t/ com os demais segmentos fonéticos empregados na palatalização a faz favorecer o processo.

8.1.2.5 Análise dos dados com a semivogal [j] no contexto anterior às oclusivas

A partir deste momento, passo a apresentar as análises das variáveis externas e internas em um ambiente linguístico no qual a semivogal [j] se encontra em posição de contexto anterior às oclusivas alveolares /t/ e /d/. Mantendo a hipótese de que a palatalização das oclusivas alveolares se dá em processo distinto se o contexto anterior à oclusiva é de fricativa ou de semivogal, começo por construir um modelo

com todas as variáveis, para depois testar a significância da retirada de algumas delas.

Inicialmente, crio um subgrupo de dados contendo apenas dados de semivogal em contexto anterior às oclusivas, sendo 2047 realizações linguísticas, das quais 418 apresentam palatalização das oclusivas alveolares. Estes dados estão estratificados, conforme descrito na metodologia desta pesquisa, quanto às variáveis sociais escolaridade, idade, sexo e as variáveis linguísticas contexto seguinte, acento, tamanho da palavra, fronteira lexical e vozeamento, conforme pode ser verificado no banco de dados:

```
# Banco de dados com semivogal

summary(bs)

##          palat          escol          idade          sexo
## não palatalizada:1629  Min.   :1.000  Min.   :1.00  feminino :1141
## palatalizada      : 418  1st Qu.:2.000  1st Qu.:1.00  masculino: 906
##                                     Median :3.000  Median :2.00
##                                     Mean   :2.543  Mean   :1.87
##                                     3rd Qu.:4.000  3rd Qu.:3.00
##                                     Max.   :4.000  Max.   :3.00
##
##          cont      contseg          acent          tam          front
## vogal      : 0      A: 460      pretônica : 141      Min.   :1.000      não:1649
## fricativa: 0      E: 169      postônica :1469      1st Qu.:2.000      sim: 398
## semivogal:2047    I: 206      tônica    : 437      Median :2.000
##                                     O: 44
##                                     U:1169
##                                     Mean   :2.162
##                                     3rd Qu.:2.000
##                                     Max.   :5.000
##
##          td
## vozeada    : 316
## desvozeada:1731
```

Para realizar a análise estatística dos dados e aferir a significância estatística das variáveis supracitadas, crio no R, um modelo com todos os grupos de fatores e solicito um *summary*:

```
# Modelo de regressão com todas as variáveis
modelo1 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+contseg+acent+front+td+tam, family=binomial, data=bs)
summary(modelo1)

##
## Call:
## glm(formula = palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent +
```

```

## front + td + tam, family = binomial, data = bs)
##
## Deviance Residuals:
##   Min       1Q   Median       3Q      Max
## -1.2167 -0.7377 -0.5243 -0.1015  3.4103
##
## Coefficients:
##              Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
## (Intercept) -4.12743    0.44360  -9.304 < 2e-16 ***
## sexo1       -0.20617    0.05900  -3.494 0.000476 ***
## idade        0.42575    0.07352   5.791 6.98e-09 ***
## escol       -0.17020    0.05382  -3.162 0.001566 **
## contseg1    -0.34184    0.21251  -1.609 0.107710
## contseg2    -0.40047    0.40413  -0.991 0.321720
## contseg3     0.26067    0.24943   1.045 0.295995
## contseg4     0.04616    0.48655   0.095 0.924419
## acent1      -0.35498    0.27268  -1.302 0.192976
## acent2       0.37331    0.19790   1.886 0.059253 .
## front1       1.22307    0.30161   4.055 5.01e-05 ***
## td1         -0.30633    0.20411  -1.501 0.013341 .
## tam          0.24605    0.12457   1.975 0.048245 *
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
##
## (Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)
##
## Null deviance: 2072.3 on 2046 degrees of freedom
## Residual deviance: 1796.6 on 2034 degrees of freedom
## AIC: 1822.6
##
## Number of Fisher Scoring iterations: 7

```

O resultado do *summary* do modelo completo traz os maiores p-valores para a variável contexto seguinte, como é visível na área destacada, o que permite a interpretação de que essa variável pode não ter peso estatístico significativo em relação às demais variáveis do modelo, de modo que a etapa seguinte é criar um modelo sem a variável contexto seguinte e realizar o teste de anova para comparar a significância dos modelos.

```

# Modelo de regressão sem contseg
modelo3 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+front+td+tam, family=binomial, data=bs)
anova(modelo3, modelo1, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + front + td + tam
## Model 2: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + front + td +
## tam
## Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      2040      1831.7
## 2      2034      1796.5  6   35.147 4.037e-06 ***

```

```
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

O teste de Anova que comparou o modelo com todas as variáveis ao modelo sem a variável contexto seguinte trouxe o p-valor de 4.037e-06, atestando a significância estatística deste modelo ao informar que a probabilidade dos dois modelos serem iguais é muito inferior ao zero, o que induz ao descarte da hipótese inicial e à assunção da hipótese alternativa de que os modelos são distintos, mantendo, portanto, a variável contexto seguinte no modelo final.

A fim de continuar com os testes de significância das variáveis, examino agora a variável acento, que no *summary* do modelo completo também apresentou altos p-valores, o que pode indicar a não significância da variável para o processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal.

```
anova(modelo1, modelo2, test='Chisq') #acent deve sair

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + acent + front + td +
##      tam
## Model 2: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + front + td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      2034      1796.5
## 2      2036      1800.5 -2    -3.899    0.1423
```

O teste de anova, ao comparar o modelo completo – com todas as variáveis da pesquisa – com o modelo sem a variável acento, traz o valor de probabilidade em 0.1423, acima do valor convencional de 0.05, o que não permite descartar a hipótese nula de os modelos serem iguais. Não havendo comprovação estatística de que os modelos são distintos, permaneço com o modelo mais simples, neste caso o que não tem a variável acento.

Identificadas as variáveis internas significativas (no contexto de semivogal, apenas a variável acento foi descartada), passo a testar a possibilidade de interação entre as variáveis externas sexo, idade e escolaridade. A princípio, realizo o teste de Anova para verificar se há interação entre as variáveis externas sexo e idade.

```

# Modelo com todas as variáveis linguísticas significativa
modelo4 <- glm(formula = palat ~ sexo+idade+escol+contseg+front+td+tam,
family=binomial, data=bs)

# Modelo com interação entre sexo e idade
modelosi <- glm(formula = palat ~ sexo*idade+escol+contseg+front+td+tam, family=b
inomial, data=bs)
anova(modelo4, modelosi, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + front + td + tam
## Model 2: palat ~ sexo * idade + escol + contseg + front + td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      2036      1800.5
## 2      2035      1798.2  1    2.2399    0.1345

```

A comparação entre os modelos com interação e sem interação, através do teste matemático de Anova traz uma probabilidade estatística de 0.1345 dos modelos serem iguais. Como a convenção matemática é que p-valores acima de 0.05 não são confiáveis para o descarte da hipótese nula – os modelos são iguais –, não tenho como afirmar que haja significativa diferença entre estes modelos e mantenho aquele mais simples, sem a interação entre sexo e idade.

Com o intuito de continuar a análise de interação entre variáveis sociais, realizo novo teste de Anova, desta vez com as variáveis externas sexo e idade, conforme se vê:

```

# Modelo com interação ente sexo e escolaridade
modelose <- glm(formula = palat ~ sexo*escol+idade+contseg+front+td+tam, family=b
inomial, data=bs)

anova(modelo4, modelose, test='Chisq')

## Analysis of Deviance Table
##
## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + front + td + tam
## Model 2: palat ~ sexo * escol + idade + contseg + front + td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      2036      1800.5
## 2      2035      1800.0  1    0.44715    0.5037

```

O teste de Anova resultou em um p-valor de 0.5037, inviabilizando a afirmação categórica de que os modelos com interação e sem interação são distintos, devido à sua falta de significância probabilística. De modo que sou levado a manter o modelo

mais simples e descartar aquele que apresenta interação entre as variáveis sociais sexo e idade.

A seguir, faço o teste de interação entre as variáveis sociais idade e escolaridade para saber qual modelo apresenta maior índice probabilístico de interferir no processo de palatalização, o que tem ou não interação entre as variáveis.

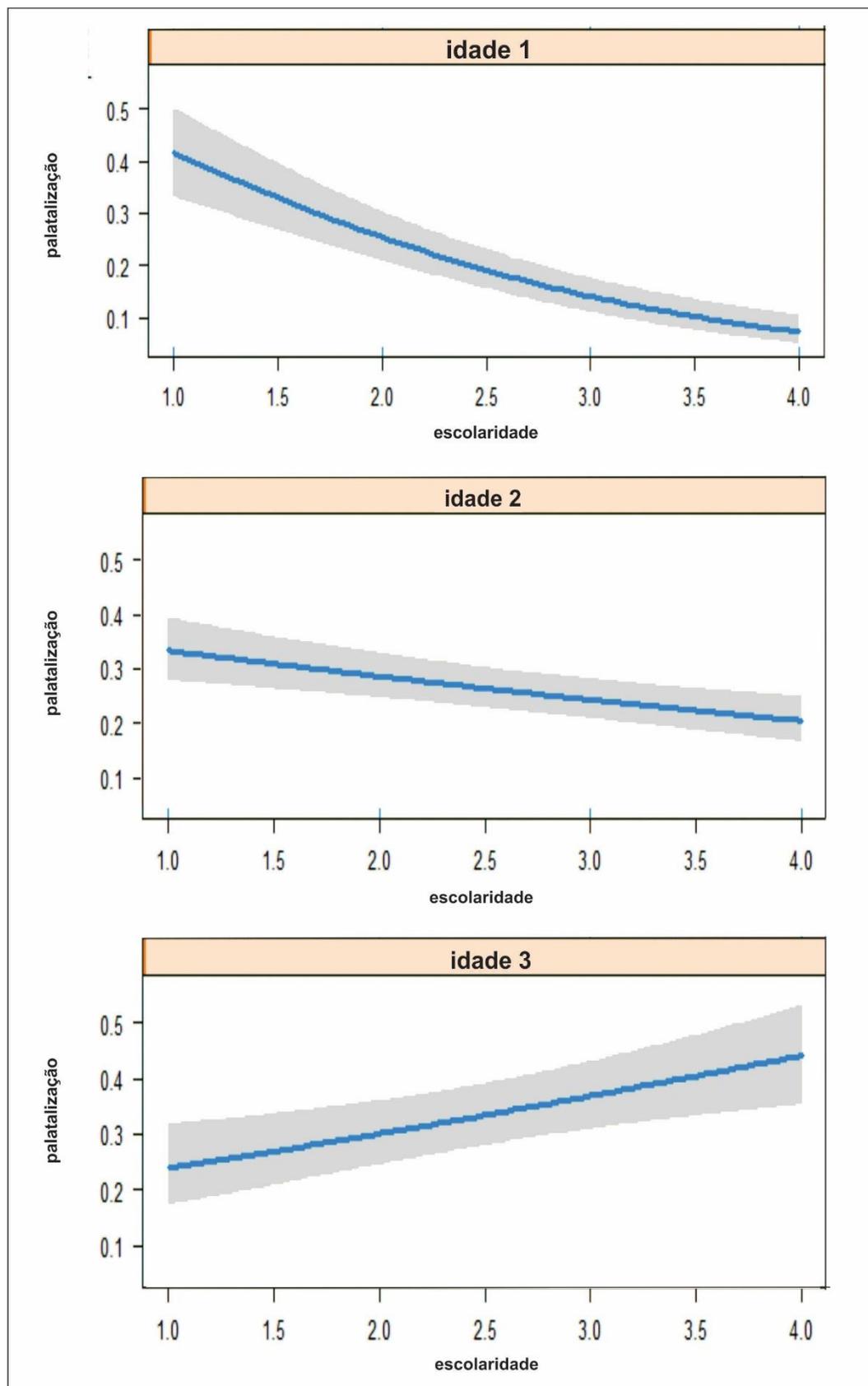
```
# Modelo com interação entre idade e escolaridade
modeloie <- glm(formula = palat ~ sexo+idade*escol+contseg+front+td+tam, family=binomial, data=bs)
anova(modelo4, modeloie, test='Chisq') ## Analysis of Deviance Table

## Model 1: palat ~ sexo + idade + escol + contseg + front + td + tam
## Model 2: palat ~ sexo + idade * escol + contseg + front + td + tam
##   Resid. Df Resid. Dev Df Deviance Pr(>Chi)
## 1      2036      1800.5
## 2      2035      1759.8  1    40.69 1.784e-10 ***
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

O teste traz o resultado de p-valor de 1.784e-10, autorizando a leitura de que a probabilidade de assumir os dois modelos, com interação e sem interação, como estatisticamente idênticos é extremamente baixa, conduzindo ao descarte da hipótese nula e à admissão da hipótese alternativa de que os modelos não têm o mesmo peso significativo, de modo que para estas variáveis sociais é possível afirmar que a interação é produtiva e provoca efeitos na variável dependente.

A interação entre as variáveis idade e escolaridade em relação ao processo de palatalização das oclusivas alveolares no contexto de semivogal fica mais perceptível quando se analisa o gráfico de dispersão:

Gráfico 20 – Palatalização das oclusivas alveolares e a interação entre idade e escolaridade em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

O gráfico ilustra 20 como o processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal na cidade de Maceió é determinado pela interação entre idade e escolaridade, revelando que o comportamento do falante enquanto ao seu nível de escolaridade depende, outrossim, da sua faixa etária, uma vez que os colaboradores mais jovens demonstram uma maior sensibilidade aos efeitos da escolarização. Ao se observar a probabilidade estatística dos mais jovens (idades entre 18 e 35 anos) produzirem as variantes palatalizadas de /t/ e /d/, tem-se um valor próximo de 0.4, para o nível de baixa escolaridade – o maior valor de probabilidade para este nível de escolaridade – que apresenta leve distinção em relação às outras faixas etárias.

Em contrapartida, ao considerar os dados dos colaboradores dos demais níveis etários vê-se uma progressão linear inversa, uma vez que enquanto os mais jovens, com idade entre 18 e 35 anos, com ensino superior apresentam uma probabilidade inferior à 0.1 de favorecer o processo de palatalização; a segunda faixa etária, com idade entre 36 e 55 anos, apresenta uma suave alteração em desfavor do processo – conforme aumenta a escolaridade do colaborador – ficando entre 0.3 e 0.2 a probabilidade de realizações palatalizadas das oclusivas alveolares, respectivamente; e o com a idade acima de 55 anos, tem-se um caminho inverso dos jovens, com uma progressão de favorecimento deste processo de palatalização, saindo de cerca de 0.3 para os colaboradores de baixa escolaridade e chegando à quase 0.5 quando o falante tem ensino superior.

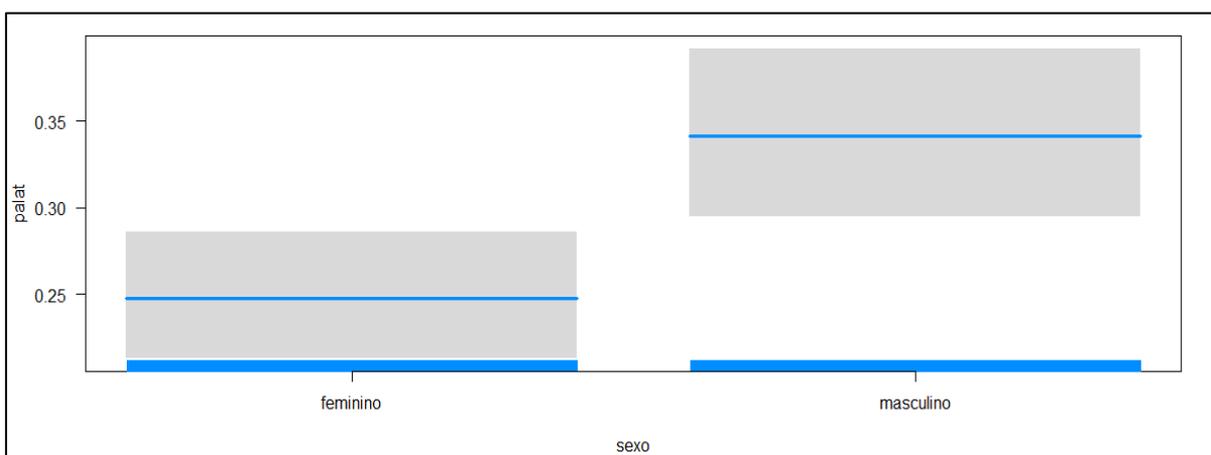
Isto revela que a reação do falante à interferência da escolaridade depende da sua faixa etária, sendo uma evidência que este processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió está adquirindo uma marca social negativa e que a escola está exercendo a eficiente função de propagar as formas linguísticas de prestígio.

Os dados dos colaboradores da primeira faixa etária, com idade entre 18 e 35 anos, revelam evidências de uma maior sensibilidade dessa faixa etária às marcas sociais da escolarização, uma vez que há favorecimento da aplicação da regra de palatalização quando os dados são de jovens com maior nível de escolaridade. Em oposição, os dados de colaboradores mais velhos com os níveis mais baixos de escolarização demonstram clara inibição ao favorecimento da regra de palatalização das oclusivas alveolares.

Assim, fica claro que a interferência da escolaridade no processo de palatalização das oclusivas alveolares é inversamente proporcional em relação à idade do falante, que quanto mais velho, menos sensibilidade demonstra à estigmatização escolar das variantes palatalizadas e quanto menor a idade, mais sensível será à influência da escolarização.

Com o modelo final de variáveis completo, passo a analisar as suas interferências no processo de palatalização, apresentando gráficos, percentuais e pesos relativos. Primeiramente, apresento os dados da variável social sexo correlacionada com a palatalização das oclusivas alveolares:

Gráfico 21 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

O sexo claramente interfere no processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal, de modo que os membros do sexo feminino se mostram inibidores do processo, enquanto os falantes masculinos demonstram favorecimento das variantes palatalizadas ao apresentarem um índice de probabilidade de realização do processo de palatalização em 0.34, em contraposição à 0.25, do sexo feminino.

Essa interferência da variável sexo no processo de palatalização das oclusivas alveolares fica ainda mais clara ao observar a disposição do percentual, do peso relativo e do p-valor, conforme se verifica a tabela 16:

Tabela 16 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas

Sexo	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
masculino	906/213	23,5	0.55	0.000
feminino	1141/205	18,0	0.45	0.000
Total	2047/417	20,4		

Fonte: Autor (2017)

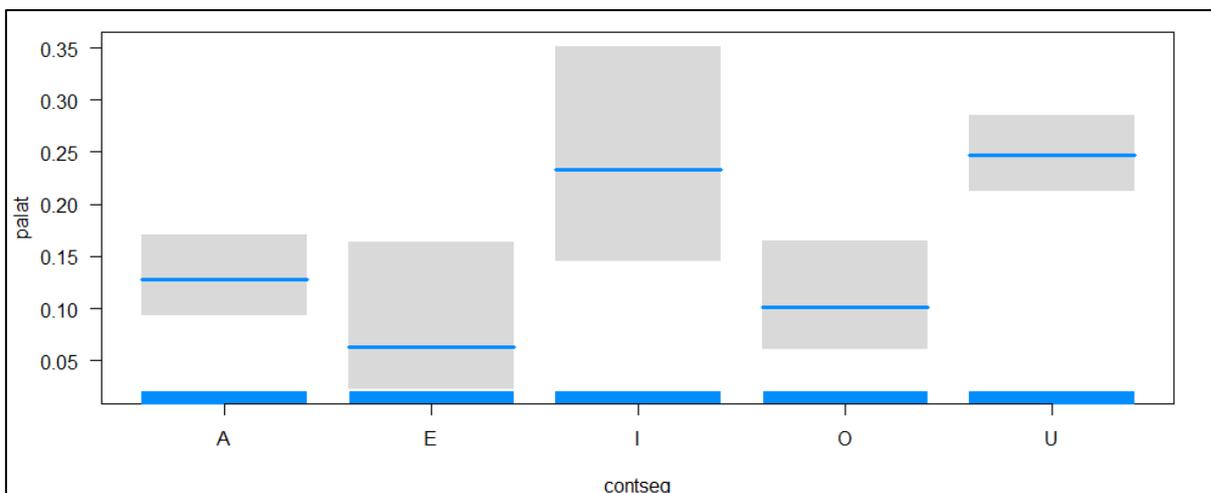
Conforme se verifica na tabela 16, os homens aparecem como favorecedores do processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto de vogal com peso relativo de 0.55, enquanto as mulheres demonstram um comportamento inibidor das variantes palatalizadas e surgem com um peso relativo de 0.45. Esses dados numéricos são evidências de que as variantes palatalizadas das oclusivas alveolares em contexto de semivogal, como em palavras do tipo “mui[tʃ]o” e “doi[dʒ]o” possuem alguma marca social negativa ao serem evitadas pelas mulheres e terem uma maior produção com os colaboradores do sexo masculino, corroborando o pensamento de Labov (1991) sobre como as escolhas linguísticas dos falantes podem ser afetadas pelo sexo:

A diferenciação estabelecida entre os sexos pode refletir-se no uso das formas de acordo com o sexo do ouvinte, bem como do falante. Estes informes qualitativos geralmente representam um dimorfismo sexual que é reconhecido por todos os membros da comunidade, está disponível para a uso e é abertamente ensinado às crianças pelos adultos⁶⁷. (LABOV, 1991, p. 210)

Para iniciar a análise das variáveis linguísticas, quanto a possíveis condicionamentos no processo de palatalização das oclusivas alveolares apresento o gráfico 22 que ilustra a disposição das vogais do contexto seguinte às oclusivas alveolares em relação à variável dependente.

⁶⁷ No original: Institutionalized differentiation of the sexes may be reflected in adjustment of forms according to the sex of the hearer as well as the speaker. These qualitative reports usually represent a sexual dimorphism that is recognized by all members of the community, is available for quotation, and is overtly taught to children by care takers.

Gráfico 22 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto seguinte em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

Destacam-se, quanto ao condicionamento da palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal, as vogais altas /i/ e /u/, com índices de probabilidade de ocorrência das variantes palatalizadas entre 0.23 e 0.25, respectivamente. A vogal média /e/ apresentou a menor probabilidade de favorecimento das variantes palatalizadas com índice de 0.07. A vogal média /o/ e a vogal baixa /a/ apresentaram valores de probabilidade em favor das formas palatalizadas das oclusivas alveolares entre 0.13 e 0.1, inibindo, dessa forma o processo. A interpretação dos dados numéricos da variável contexto seguinte fica mais detalhada ao ter a distribuição total dos dados, o percentual, o peso relativo e o p-valor, conforme pode ser verificado na tabela 17:

Tabela 17 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável contexto seguinte em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas

Contexto seguinte	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
A	460/53	11,5	0.47	0.586
E	168/6	3,6	0.29	0.038
I	206/27	13,1	0.65	0.009
O	44/4	9,1	0.41	0.143
U	1169/328	28,1	0.67	0.000
Total	2047/418	20,4		

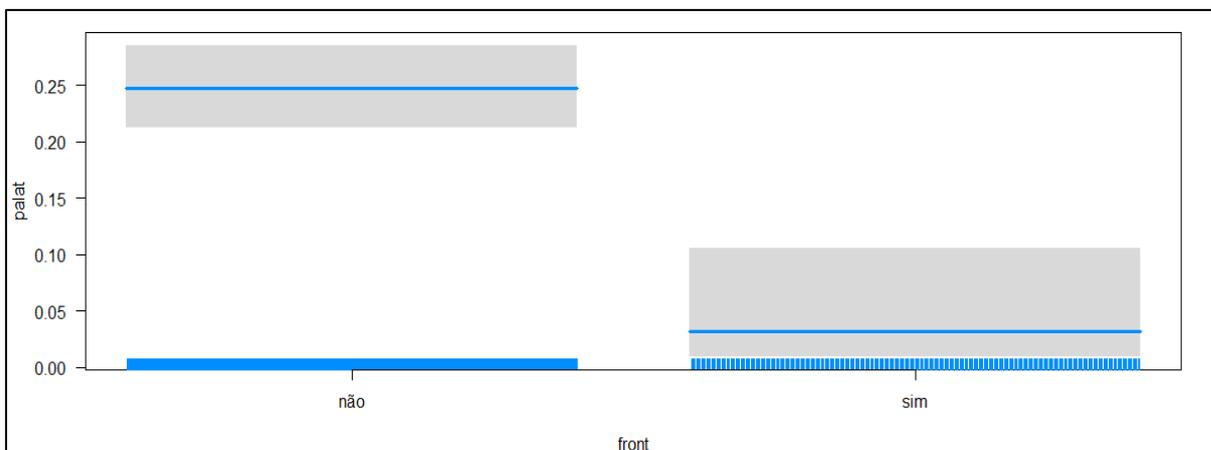
Fonte: Autor (2017)

Conforme se verifica na tabela 17, as vogais /i/ e /u/ apresentam os maiores valores de pesos relativos, confirmando um favorecimento à regra de palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal. A vogal /e/, por outro lado, é a que apresenta o menor valor de peso relativo, com 0.29, desfavorecendo este processo de palatalização. As vogais /a/ e /o/ também apresentam um peso relativo abaixo do ponto neutro de 0.5, o que pode sugerir um desfavorecimento do processo de palatalização, mas como são acompanhadas de altos índices de p-valor – acima de 0,05 – pode-se dizer que isto evidencia a não significância distintiva das variantes em relação ao ponto neutro, de modo que não há como atestar seguramente que esses fatores fonéticos estejam inibindo o processo de palatalização.

O ponto interessante do comportamento dessas variantes em relação à variável dependente, é que as vogais altas /i/ e /u/ se mostraram claramente favorecedoras do processo, enquanto as demais não, de modo que posso assumir que, no contexto de semivogal, o processo de palatalização é favorecido se houver uma das vogais altas localizada após a consoante oclusiva.

Quanto à análise da fronteira lexical no processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal fica evidente que o contexto de não fronteira favorece o processo de palatalização, ao passo que o contexto de fronteira o desfavorece, como ilustra o gráfico 23:

Gráfico 23 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

Como está disposto do gráfico 23, a probabilidade estatística de ocorrer a palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal quando não se tem fronteira lexical é de 0.25, claramente favorecendo o processo de palatalização. Por outro lado, em ambiente de limite de palavra lexical, o valor probabilístico de ocorrência de variantes palatalizadas é 0.03, inibindo o processo.

Tabela 18 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável fronteira lexical em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas

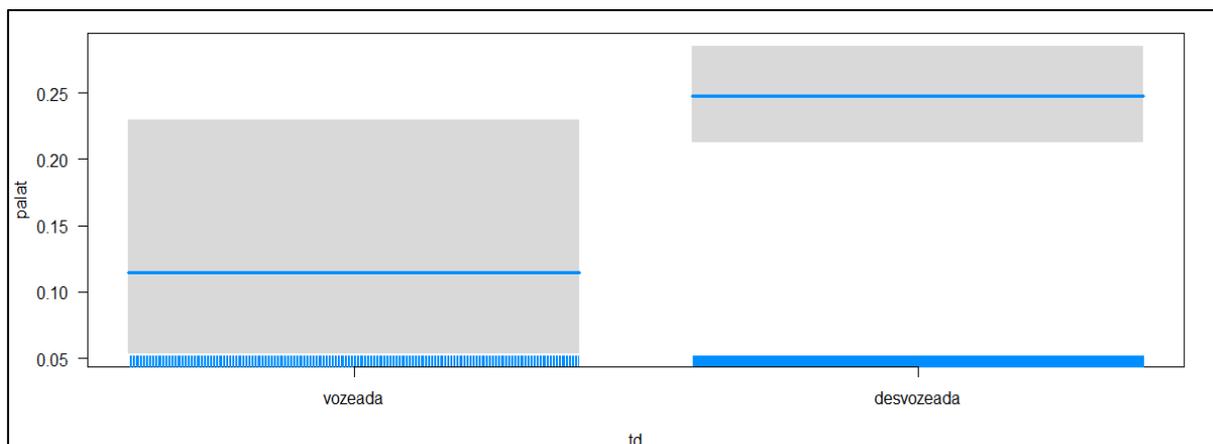
Fronteira	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
sim	398/4	1,0	0.20	0,000
não	1649/414	25,1	0.80	0,000
Total	2047/418	20,4		

Fonte: Autor (2017)

Os valores dispostos na tabela 18 revelam que, embora o ambiente de fronteira lexical permita a ocorrência de formas palatalizadas, não é favorável ao processo, mas se comporta como seu inibidor ao apresentar peso relativo de 0.2. O contexto de não fronteira, por outro lado, configura-se claramente como favorecedor do processo e surge com peso relativo de 0.8.

A análise do vozeamento das consoantes oclusivas alveolares também revela, sem dúvidas, que a sonoridade da consoante atua no processo de palatalização, favorecendo as variantes palatalizadas quando se tem a consoante desvozeada, enquanto que a presença da consoante vozeada se mostra inibidora do processo, consoante pode ser verificado no gráfico 24:

Gráfico 24 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

Observando a disposição dos dados no gráfico 24, é notável como a consoante vozeada /d/ dificulta o processo de palatalização ao apresentar uma probabilidade de ocorrência de variantes palatalizadas de 0.12, à medida que a consoante desvozeada promove o processo de palatalização com um valor probabilístico de 0.25.

Tabela 19 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável vozeamento em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas

Vozeamento	Apl./Total	%	Peso relativo	p-valor
vozeada	316/9	2,8	0.39	0,034
desvozeada	1731/409	23,6	0.61	0,034
Total	2047/417	20,4		

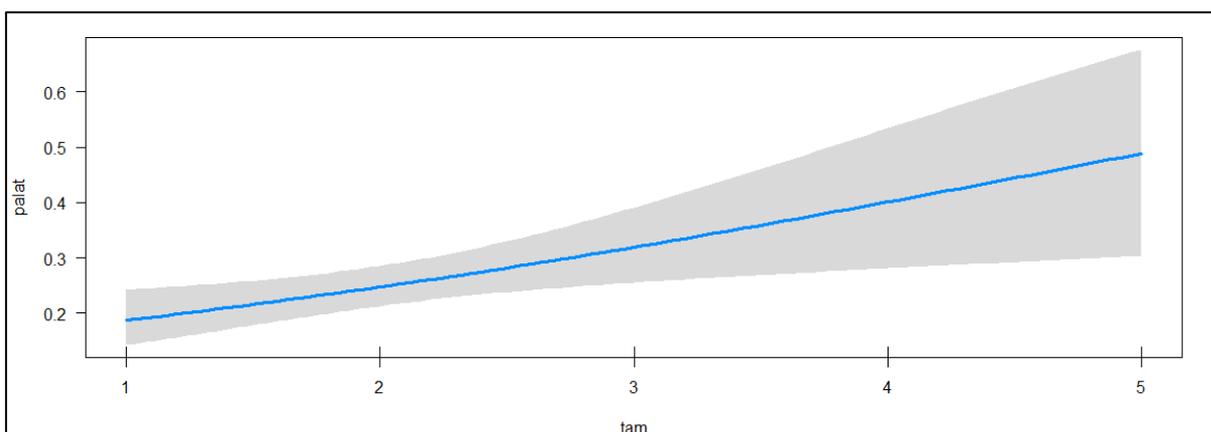
Fonte: Autor (2017)

Os valores probabilísticos do gráfico 25 são confirmados na tabela 19 ao trazerem tamanha desproporção percentual na realização das variantes palatalizadas de 2,8%, quando se tem a consoante vozeada, contra 23,6%, quando se trata da consoante desvozeada. Tamanha desproporção acaba por resultar no peso relativo, que tem valores de 0.39 e 0.61 para as variantes vozeada e desvozeada, respectivamente, confirmando que na proporção que a consoante desvozeada propicia o processo de palatalização, a presença da consoante vozeada o inibe.

De modo semelhante à palatalização com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas alveolares, houve aqui um favorecimento da consoante desvozeada [t] no processo de palatalização, provavelmente por motivações articatórias, uma vez que esta consoante tem todos os seus segmentos realizados na região anterior da cavidade bucal, o que não acontece com sua equivalente vozeada [d].

Ao observar a relação entre o tamanho da palavra, em quantidade de sílabas, e o processo de palatalização das oclusivas alveolares, fica evidente como a quantidade de sílabas na palavra interfere no processo, no sentido de que quanto maior a palavra, maior a possibilidade de realizações palatalizadas. Para concretização dessa pesquisa, considerei as palavras de uma a até quatro sílabas e todas que tinham cinco ou mais, de modo que o número 5 nos dados do gráfico 25 representa as palavras acima de quatro sílabas.

Gráfico 25 – Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tamanho de palavra em um modelo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas



Fonte: Autor (2017)

Apesar da alta faixa de dispersão, representada no gráfico 25 pela área acinzentada, há uma clara progressão linear no favorecimento do processo de palatalização conforme aumenta o tamanho da palavra, iniciando com as palavras monossílabas com um índice probabilístico de 0.2 e chegando a 0.49 com as palavras maiores, acima de quatro sílabas.

Como o tamanho da palavra trata-se de uma variável contínua, significa esperar que sua distribuição seja sempre linear, em favor ou não do processo investigado. Por este motivo, o cálculo de peso relativo dá-se de modo diferente, surgindo não com

valores que favoreçam ou inibam a aplicação da regra a partir de um ponto neutro de 0.5, mas resulta em expressões numéricas que representam uma progressão a cada fator da variável contínua.

Neste caso, em se tratando da interferência do tamanho da palavra na regra de palatalização das oclusivas alveolares, o peso relativo foi de 0,09, o que acarreta um valor progressivo a ser acrescido à cada sílaba que aumenta no tamanho da palavra, ou seja, às palavras monossílabas caberia um peso relativo 0.09, expressando claramente uma inibição ao processo; às palavras de dissílabas, o peso relativo seria de 0.18; às palavras de trissílabas, 0.27; às palavras de 4 sílabas, 0.36; e às palavras acima de 4 sílabas, o peso relativo seria de 0.45, demonstrando um visível desfavorecimento do processo de palatalização conforme diminui o tamanho da palavra.

8.1.2.6 Contrastes entre os modelos com a fricativa alveolar /S/ e a semivogal [j] em contexto anterior às consoantes oclusivas alveolares

Após verificar como se realiza o processo de palatalização das oclusivas alveolares nos contextos de fricativa alveolar /S/ ou da semivogal [j] em posição de gatilho – anterior à consoante oclusiva –, apresento dados comparativos que mostram claramente como o processo de palatalização que acontece em um contexto é distinto do outro.

Para tanto, devo considerar os valores de probabilidade de realização de variantes palatalizadas gerados pelo R, a partir dos modelos de análise mais significativos em cada contexto.

Para o contexto de fricativa em posição de gatilho, o R selecionou como grupos de fatores estatisticamente significativos, a interação entre as variáveis sociais: sexo-escolaridade e escolaridade-idade; e as variáveis linguísticas: contexto seguinte, acento, fronteira lexical, vozeamento e contexto anterior ao gatilho.

Já o grupo de fatores mais significativo no modelo de semivogal na posição de contexto anterior à consoante comporta a interação entre as variáveis sociais idade-escolaridade e as variáveis sexo, contexto seguinte, fronteira, vozeamento, tamanho da palavra e contexto anterior ao gatilho.

Como em ambos os modelos há a seleção da interação entre idade e escolaridade, vou começar por apresentar o contraste de interferência dessa interação no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió.

Os efeitos da interação entre idade e escolaridade é mais intenso no contexto no qual aparece a semivogal em posição de contexto anterior, que quando esta posição é ocupada pela fricativa. No gráfico 26, no qual aparece a interação entre a idade e a escolaridade nos três contextos de gatilho, a probabilidade de ocorrer a palatalização se mostra estatisticamente mais significativa em contexto de semivogal, apresentando índices que variam entre 0.28 e 0.48, ao passo que para o contexto de fricativa, os valores de probabilidade se alternam sempre – em menor escala – entre 0.12 e 0.18:

Gráfico 26 – Comparação da interação entre idade e escolaridade nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho (continua)

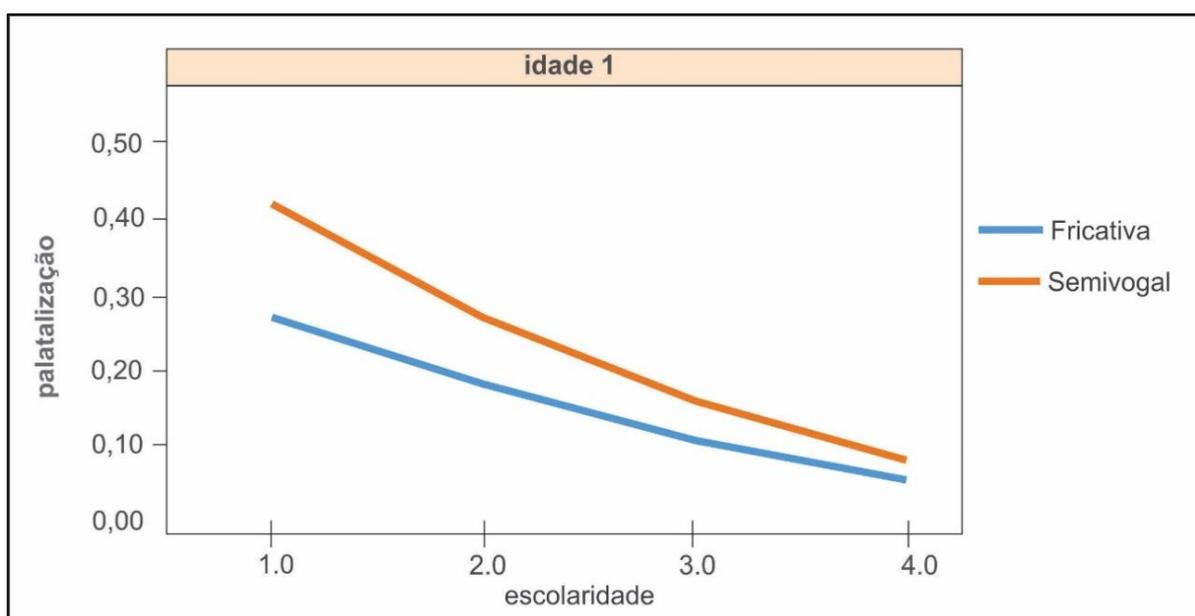
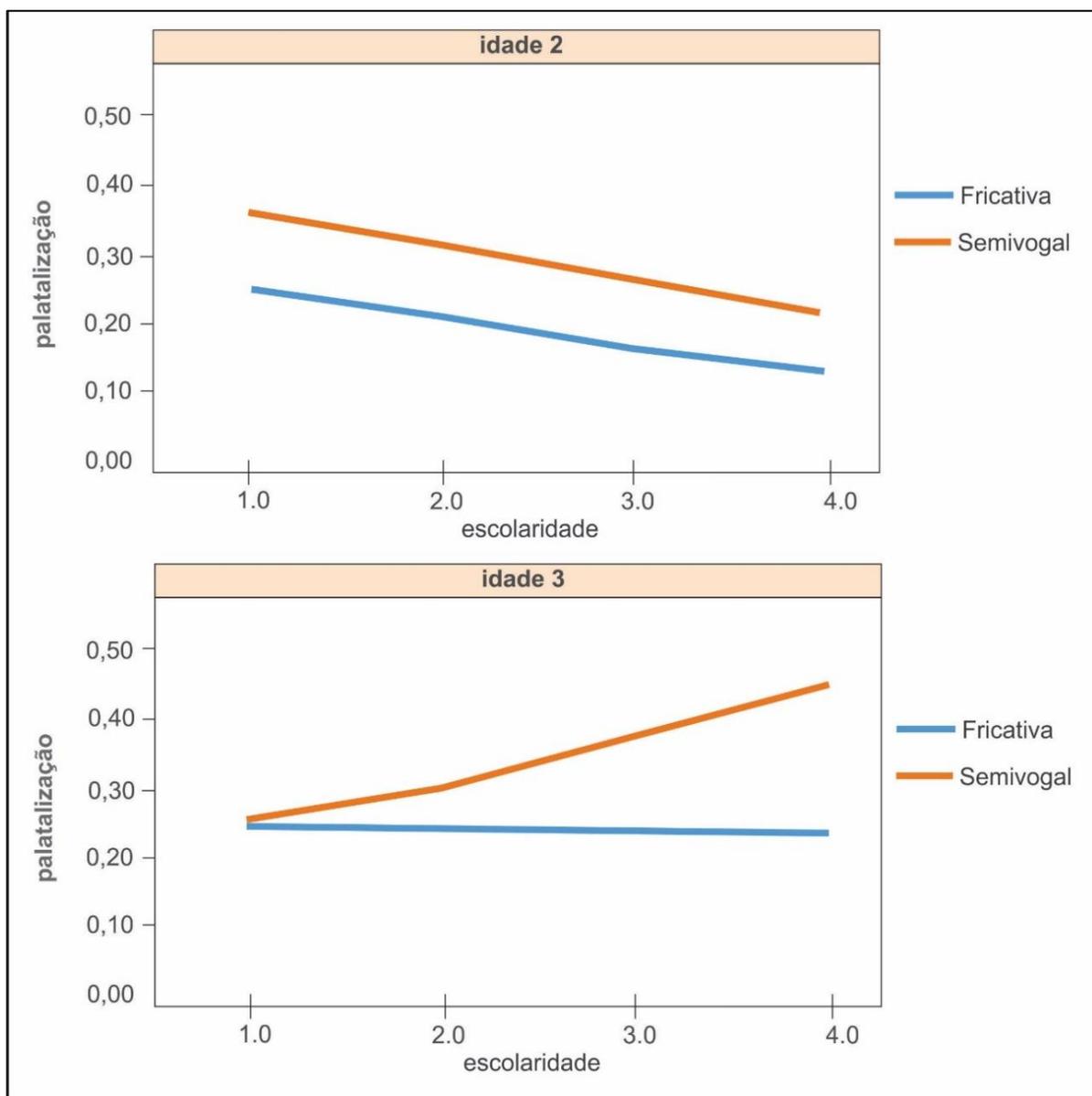


Gráfico 28 – Comparação da interação entre idade e escolaridade nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho (conclusão)



Fonte: Autor (2017)

Considerando a interferência da escolaridade no processo de palatalização na primeira faixa etária (entre 18 e 35 anos), fica visível como embora em ambos os contextos haja um desfavorecimento das variáveis palatalizadas conforme aumenta o nível de escolaridade do falante, esse aumento da rejeição é muito maior quando se tem a oclusiva alveolar antecedido por ditongos em [j], caindo de uma probabilidade de realização inicial de 0.42 – quando se tem falantes com baixa escolaridade – para 0,08, com falantes de ensino superior. Já quando se tem o contexto de fricativa, há

uma queda bem mais suave de 0,18 para 0,08, quando se compara a produção de variantes palatalizadas por colaboradores de baixa escolaridade com produção de falantes que cursam ou cursaram o ensino superior.

Na segunda faixa etária, que também apresenta uma redução de produções palatalizadas quando se aumenta a escolaridade do colaborador, a redução é de 0.35 com falantes com baixa escolaridade, para 0.20 com colaboradores de ensino superior, quando o contexto é de semivogal. Já em contexto de fricativa, a redução é de 0.16 para 0.12, nessa linearidade que vai da baixa escolaridade ao ensino superior.

Em contrapartida, com o público da terceira faixa etária, acima de 55 anos, a interferência da escolaridade é inversa, apresentando um leve aumento da produção das variantes palatalizadas, com probabilidade de ocorrência em 0.14 com os colaboradores de baixa escolaridade para 0.16 quando se tem o ensino superior. O crescimento na frequência de uso das variantes palatalizadas é bem mais expressivo quando se tem contexto de semivogal, saindo de um valor probabilístico inicial com falantes de baixa escolaridade de 0.27 e chegando a 0.48 com os colaboradores com ensino superior.

A reação do falante à escolaridade, no contexto de produção da palatalização das oclusivas alveolares, é inversamente proporcional à sua idade, ficando claro que quanto mais jovem ele for, mais apresentará resistência às variantes palatalizadas conforme aumente o seu nível de escolaridade. Com os colaboradores mais velhos, a reação é ao contrário, o uso será maior por falantes que já cursaram o ensino superior, revelando evidências que o processo de palatalização das oclusivas alveolares está adquirindo marcas negativas de estigma e que a escola é uma das propagadoras desse valor social que se estabelece gradativamente às variantes palatalizadas.

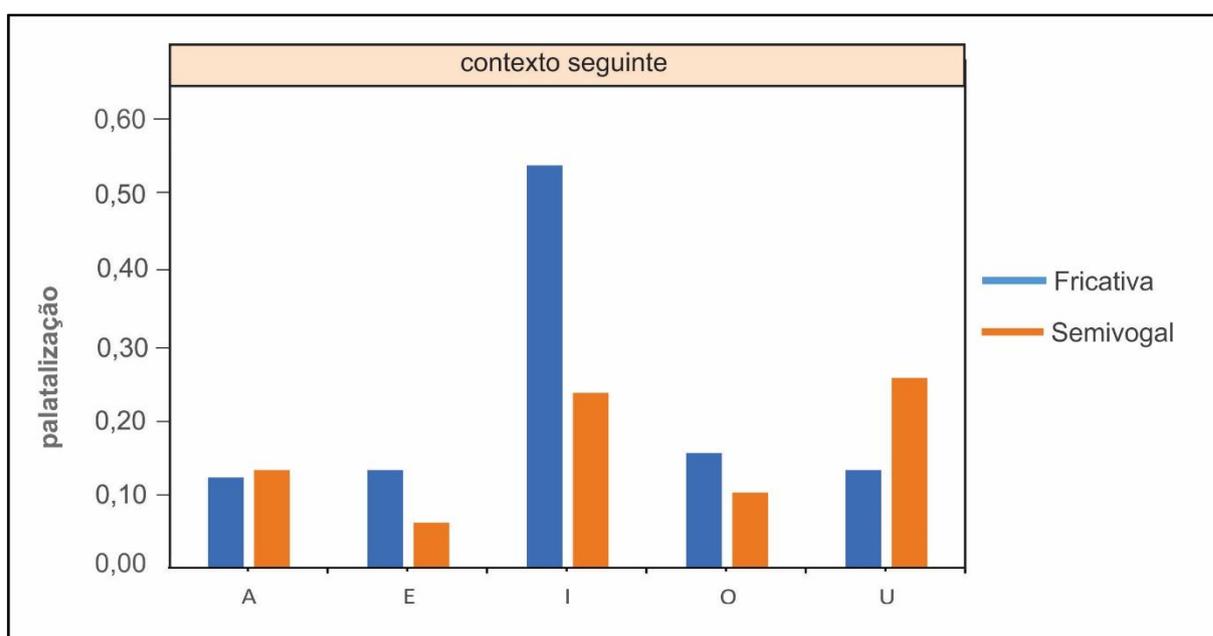
Cada faixa etária está mostrando um diferente comportamento diante das valorações sociais estabelecidas às variantes linguísticas por meio da escolarização, o que pode sugerir que essa sensibilidade seja uma marca de cada geração de falantes e que uma vez adquirida, o falante a carregue por toda sua vida, indicando uma possível mudança geracional (Cf. SANKOFF, 2006).

Nos dados da interação entre idade e escolaridade também há indícios que a marca negativa que se agrega às variantes palatalizadas é distinta quando se tem contextos diferentes, uma vez que a reação dos falantes às formas com ditongo crescente – em palavras como “muito” e “doido” –, no sentido de evitá-las, ficou mais notória do que quando o contexto é de fricativa. Assim, revelando evidências que as

formas palatalizadas em contexto de semivogal são mais marcadas que as formas palatalizadas em contexto da fricativa /S/, como em palavras do tipo “gosto”.

Passo, agora, a analisar como o contexto seguinte às oclusivas alveolares interfere no processo de palatalização nos contextos de fricativa e semivogal em posição de gatilho.

Gráfico 27 – Comparação do contexto seguinte nos modelos com a fricativa /S/ e a semivogal [j] em posição de gatilho



Fonte: Autor (2017)

A distribuição de dados de palatalização em relação ao contexto seguinte mostra como as variáveis se comportam em ambos os contextos, revelando que no contexto de fricativa, a vogal /i/ é categoricamente mais significativa que as demais vogais. Assim, palavras como “justiça”, “assistir” e “desde” têm uma probabilidade de apresentar o processo de palatalização expressivamente maior que as demais vogais, com índice probabilístico acima de 0,5.

Este alto índice poderia sugerir que essa palatalização seria resultado de um processo regressivo, cujo gatilho seria a vogal e não a consoante fricativa, porém conforme já fora visto, dos 5210 dados de contexto regressivo – como em palavras do tipo “dia” e “tia” –, só houve palatalizações em apenas 33 ocorrências, o que revela um percentual de realização de apenas 0,63%, mostrando claramente que o processo

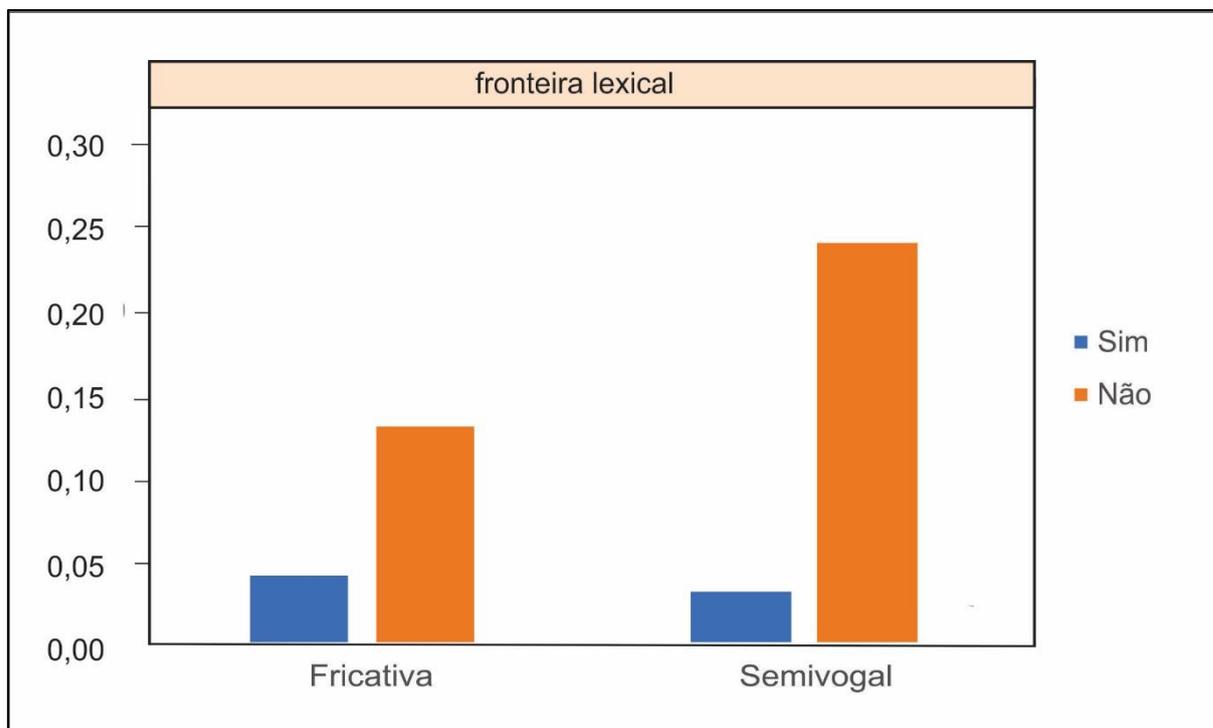
de palatalização regressivo não é produtivo em Maceió, logo, a palatalização de palavras com “justiça”, “assistir” e “desde” sofre um condicionamento da vogal seguinte à oclusiva, mas sem indícios que esta seja o gatilho que dispara o processo de palatalização, embora o propicie.

Em contexto de semivogal, as variantes /i/ e /u/ se mostram as maiores contribuintes do processo de palatalização com índice de probabilidade acima de 0,20, opondo-se às demais vogais que apresentam probabilidade de favorecer o processo inferior à 0,12. Estes dados indicam que a altura da vogal do contexto seguinte interfere no processo de palatalização, uma vez que as vogais altas favorecem a realização das variantes palatalizadas.

Assim, os indícios apontam que em caso da semivogal [j] em posição de gatilho do processo, o aspecto fonético de altura condiciona o processo de palatalização das oclusivas alveolares. Já em contexto de fricativa, o que sugere interferir no processo é o traço fonético +coronal da vogal, que também está presente na fricativa anterior.

Quanto à variável fronteira lexical, é evidente que os contextos de fricativa e de semivogal em posição de gatilho inibem o processo de palatalização, embora se comportem de modo diferente.

Gráfico 28 – Comparação da fronteira lexical nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho.

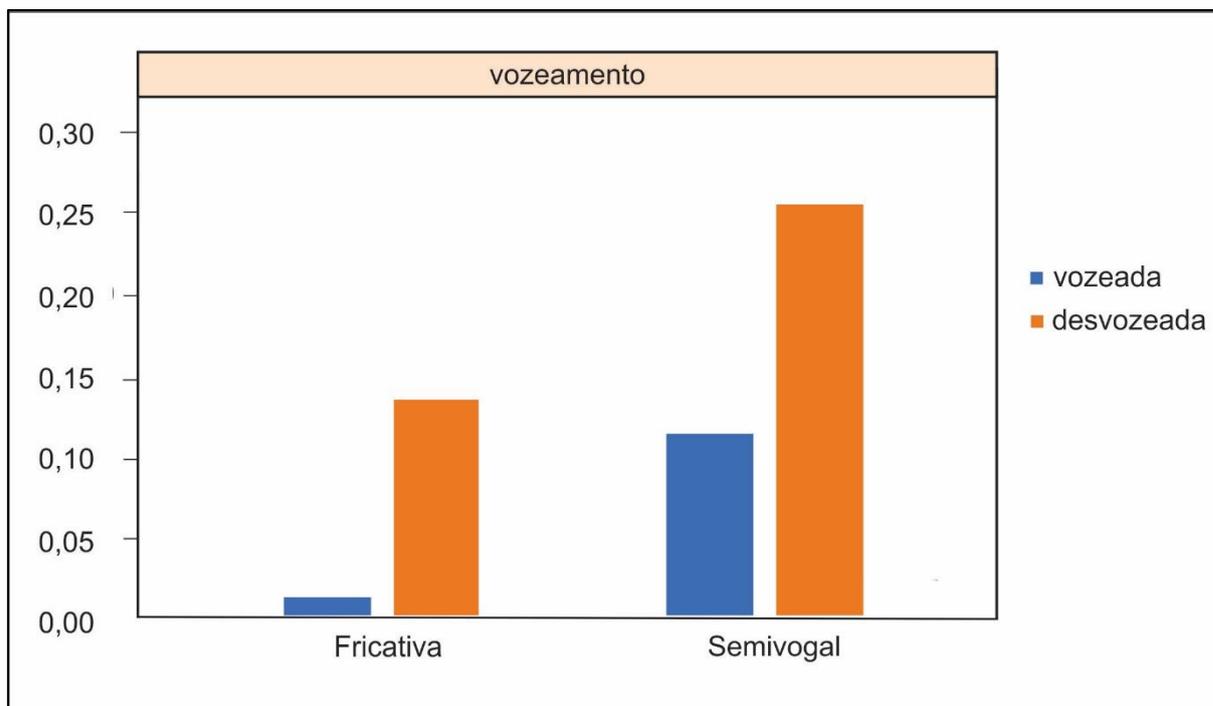


Fonte: Autor (2017)

Como se vê no gráfico 28, a distância probabilística de ocorrer palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal é bem maior que em contexto de fricativa, pois neste caso enquanto a posição de fronteira tem um índice de probabilidade de favorecer o processo em 0,03, o ambiente de não fronteira apresenta favorecimento das variantes palatalizadas em 0,24. Já em contexto de fricativa, a distância probabilística é menor, de 0,04 e 0,12, para os ambientes de fronteira e não fronteira, respectivamente. Ou seja, há uma maior possibilidade de ocorrer palatalização em ambiente de fronteira se em contexto de gatilho vier a fricativa alveolar /S/, como em formas linguísticas do tipo “eles [t]ão fazendo o certo” e “mas [dʒ]epois eu fui entender”.

O vozeamento das consoantes oclusivas também demonstra se comportar diferentemente quando se tem o contexto de semivogal ou de fricativa na posição de gatilho do processo.

Gráfico 29 – Comparação do vozeamento nos modelos com a fricativa /S/ e a com a semivogal [j] em posição de gatilho.



Fonte: Autor (2017)

Em ambos os contextos, o vozeamento da consoante inibe o processo de palatalização, mas enquanto no contexto de fricativa, a probabilidade de ocorrência de uma variante palatalizada é apenas 0,01, esse valor é expressivamente maior em contexto de semivogal, com índice probabilístico de 0,11. Desse modo, é provável que formas linguísticas como “ter mais cui[d₃]ado” sejam mais realizáveis que formas do tipo “trabalha os [d₃]ois horários”.

Assim, fica claro que são distintos os processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió quando se tem a fricativa alveolar /S/ ou a semivogal [j] em posição de gatilho, uma vez que reagiram de modo dissemelhante em relação às variáveis sociais e linguísticas. Inclusive, havendo indícios que o processo de palatalização das oclusivas alveolares em posição seguida à semivogal [j] carrega uma marca mais evidente de estigma social que em contexto de fricativa nesta posição.

9. COMO INTERPRETAR ESSAS FOTOGRAFIAS

Embora a fotografia resulte do congelamento de uma imagem, esta por si só não é suficiente para representar a realidade, mas necessita sempre de uma leitura interpretativa dessa imagem capturada. O aparente corte na esfera do tempo permite à fotografia uma fantástica estabilidade imagética, o que, sem dúvidas, fascina aqueles mais atenciosos aos encantos da imagem. Todavia, a fotografia sem o olhar do observador não representa muita coisa, mesmo as fotografias jornalísticas, por exemplo, que têm uma maior preocupação com a veracidade e a objetividade dos fatos, padecem de um olhar atencioso que lhes dê sentido.

De igual modo, os dados sociolinguísticos extraídos da coleta de dados e analisados estatisticamente representam uma quantificação da realidade por via de amostragem, mas que apenas por seus números não satisfazem a compreensão plena dos dados, sendo sempre passíveis de interpretação, igualmente a interpretação que o observador faz de uma fotografia.

Assim, me proponho a descrever o que estou vendo na imagem resultante da quantificação dos dados, em seus aspectos fonético/fonológico. Para tanto, devo empregar como referencial teórico a perspectiva autosegmental da geometria dos traços fonológicos de Clements e Hume (1996) e Clements (1999 [1985]), a partir da qual me disponho a apresentar uma proposta lógica de análise da palatalização realizada nessa comunidade de fala.

A perspectiva autosegmental se constitui como um modelo abstrato que busca representar os processos fonológicos ocorrentes em qualquer língua, como nasalização, assimilação, palatalização, entre outros. Supõe-se, deste modo, que os traços fonológicos distintivos se organizam em uma hierarquia passível de representação arbórea que obedecem a critérios específicos de constrição. Esses traços se organizam em camadas e se agrupam em nós que representam as classes naturais, o que facilita a geração e a aplicação de regras fonológicas de modo mais econômico. Assim, defendo a hipótese de que alguns traços fonológicos podem funcionar como gatilhos deste processo, autorizando a palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico progressivo.

9.1 Implicações fonológicas dos dados

A mais bem-sucedida tentativa de formalização de traços sonoros linguísticos generalizáveis se dá com Chomsky e Halle (1991 [1968]), no *Sound Pattern of English* (SPE), a partir da conceitualização binária de traços fonéticos, o que permite a aplicação de regras a classes de sons e não apenas a fonemas isolados. Embora nem todos os fenômenos fonéticos pudessem ser explicados a partir da lógica de uma matriz binária de traços, este modelo abriu caminho para outras reflexões generalizáveis não lineares, como a Fonologia Autossegmental.

A inovação da Fonologia Autossegmental está na percepção de que não há uma relação bijectiva entre os segmentos fonológicos e os traços que o caracterizam, de modo que estes podem ir além de um segmento e, conseqüentemente, o apagamento de segmento não implica o apagamento de todos os seus traços. Para a Fonologia Autossegmental, os segmentos apresentam uma estrutura interna hierárquica, permitindo considerar que os traços funcionem isoladamente ou como conjunto solidário. De acordo com Bisol (2014, p. 46), “essa representação deve ser capaz de mostrar quais os traços que podem ser manipulados isoladamente ou em conjunto, facilitando a expressão de classes naturais”.

Assim, os segmentos são analisados em *tiers*, permitindo uma divisão das partes dos sons e, conseqüentemente, seu tratamento independente. Isso implica a possibilidade de geração de regras atuantes em apenas um *tier*, ou seja, a elaboração de uma regra que se dê no *tier* nasal, contínuo ou coronal, por exemplo.

Na visão da geometria de traços fonológicos, defendida por Clements e Hume (1996), são adjacentes os segmentos que estão no mesmo morfema, o que permite uma representação abstrata tridimensional dos *tiers* em uma configuração hierarquicamente ordenada em nós terminais – traços fonológicos – e nós intermediários – traços de classes.

Esse modelo fonológico apresenta algumas inovações teóricas em relação a modelos anteriores. Clements (1996) e Hume, por exemplo, ao descrever as classes naturais de vogais e consoantes, preveem o traço coronal como traço característico das vogais frontais, ou anteriores, opondo-se ao SPE de Chomsky (1968), para o qual todas as vogais apresentariam a marca negativa do traço coronal:

[labial]: consoantes labiais; vocóides arredondadas ou labializadas
 [coronal]: consoantes coronais; vocóides anteriores
 [dorsal]: consoantes dorsais; vocóides posteriores⁶⁸ (CLEMENTS; HUME, 1996, p. 25)

Esta conceituação de Clements e Hume (1996) permite considerar como fonemas da mesma categoria a vogal anterior alta /i/ – realizada como vogal plena [i] ou como semivogal [j] – as fricativas anteriores [s], [z] e as fricativas não anteriores [ʃ] e [ʒ], pois todos esses fonemas compartilham entre si o traço coronal, o que permite pensar a existência de determinadas regras fonológicas a partir deste traço em comum.

A interação de consoantes coronais e vogais anteriores é coberta pelas pesquisas [...] em muitas línguas, consoantes velares e/ou labiais se tornam coronais, e coronais anteriores tornam-se posteriores, antes de vogais anteriores. Este processo, às vezes denominado palatalização, pode ser melhor nomeado de coronalização uma vez que o som resultante, embora coronal, não é necessariamente palatal ou palatalizado⁶⁹ (CLEMENTS; HUME, 1996, p. 202).

Assim, Clements e Hume (1996) já preveem como o traço coronal, existente nos vocóides anteriores, comporta a explicação de alguns processos fonológicos comuns em algumas línguas, como a palatalização, o que permite assumir, de entrada, a importância do traço coronal.

A geometria de traços aceita expressar os processos fonológicos de todas as línguas do mundo como fato natural que obedece apenas uma regra, seja o desligamento de uma linha de associação na representação arbórea, o que significa o apagamento de segmentos ou de traços, ou o espraiamento de traços, que se refere à assimilação de traços de um fonema por outros.

9.2 Uma proposta de análise

⁶⁸ No original: [labial]: labial Consonants; rounded or labialized vocoids
 [coronal]: coronal consonants; front vocoids
 [dorsal]: dorsal consonants; back vocoids

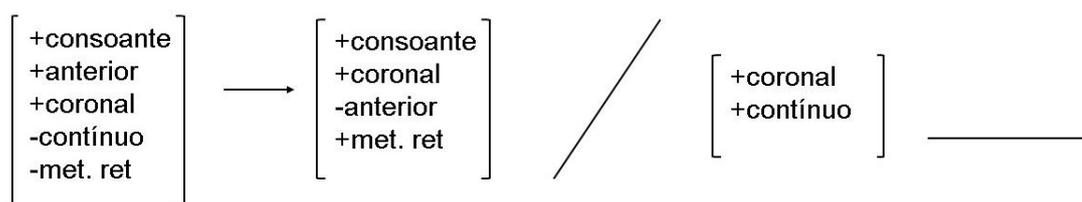
⁶⁹ No original: The interaction of coronal consonants and front vowels is covered by the surveys [...] in many languages, velar and/or labial consonants become coronal, and anterior coronals become posterior, before front vowels. This process, sometimes termed palatalization, may be better termed coronalization since the resulting sound, though coronal, is not necessarily either palatal or palatalized.

De acordo com Clements e Hume (1996), a assimilação pode se dar ao menos de três modos: completa ou total, quando todos os traços do um segmento são espraçados para outro – geralmente originando uma sequência geminada; parcial ou incompleta, quando alguns traços participam do processo de espraçamento, mas não todos; e a assimilação de traço único, em que há apenas o espraçamento de traço terminal.

Uma distinção depende da natureza do segmento afetado. Se a regra se espraça somente a traço(s) que ainda não foram especificados no momento, aplica-se um modo de traço de enchimento. Este padrão comum pode ser considerado como modo não-marcado (ou falho) de assimilação. Se a regra se aplica aos segmentos já especificados para o espraçamento de traço(s), substituindo seus valores originais, a regra se aplica em modo de mudança de traço⁷⁰ (CLEMENTS; HUME, 1996, p. 10).

Seguindo esses preceitos teóricos de Clements e Hume (1996), é sugestivo que o espraçamento dos traços coronal e contínuo se deem de modo não marcado, ou falho, no processo de palatalização das oclusivas alveolares, uma vez que não há uma completa substituição dos traços em seu destino, mas uma modificação de suas características originais.

No caso de palatalização das oclusivas alveolares, acredito haver o espraçamento dos traços coronal e contínuo, comuns à vogal anterior alta /i/ e às fricativas alveolares /S/, que na variável maceioense do português podem se comportar como gatilho do processo, possibilitando a aplicação da seguinte regra fonológica:



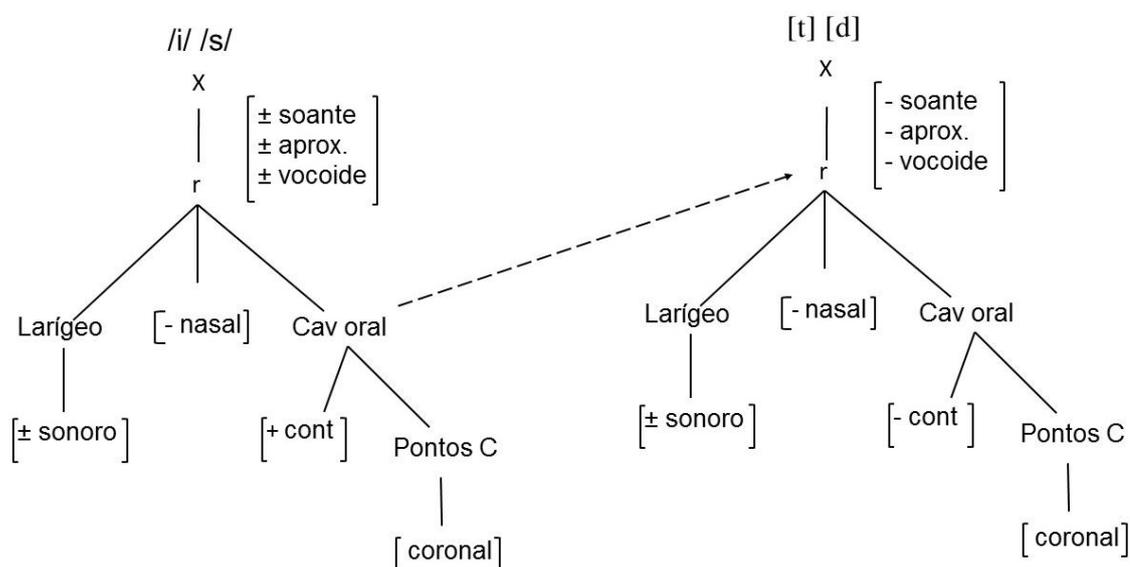
⁷⁰ No original: One distinction depends on the nature of the affected segment. If the rule spreads only feature(s) that are not already specified in the target, it applies in a feature-filling mode. This common pattern can be regarded as the unmarked (or default) mode of assimilation. If the rule applies to segments already specified for the spreading feature(s), replacing their original values, the rule applies in a feature-changing mode.

A regra mostra claramente como um conjunto de classes naturais que envolve as oclusivas alveolares /t/ e /d/ são transformadas em consoantes africadas quando estão em um contexto fonológico seguinte a fonemas que carreguem os traços +coronal e +contínuo, descrição que envolve além da vogal anterior alta /i/, gatilho comum do processo de palatalização das oclusivas alveolares, a fricativa /s/, bastante produtiva na palatalização progressiva realizada na cidade de Maceió.

A partir da Geometria de traços proposta por Clements (1999 [1985]) e Clements e Hume (1996), pode-se representar em forma de árvore os processos hierárquicos pelos quais passam os segmentos fonológicos envolvidos no processo de palatalização das oclusivas alveolares. Pode ser visto, naturalmente, como as informações contidas no nó Cavidade oral – no segmento anterior à oclusiva alveolar – disparam o processo de assimilação, espalhando as informações dos seus traços às oclusivas, provocando a palatalização dessas consoantes.

É necessário observar o que há em comum e diferente entre essas duas classes de fonemas, para se compreender como se dá esse processo fonológico. No primeiro grupo fonêmico, tem-se no nó cavidade oral os traços +contínuo – pois trata-se de fricativas e uma vogal – e o traço coronal. Na árvore que representa as oclusivas alveolares, tem-se o traço coronal, o que permite ratificar, mais uma vez, a importância deste traço no processo, mas também, a diferente realização do traço contínuo, pois como trata-se de oclusivas, sem dúvida, o traço contínuo será negativo.

Figura 23 – Processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo

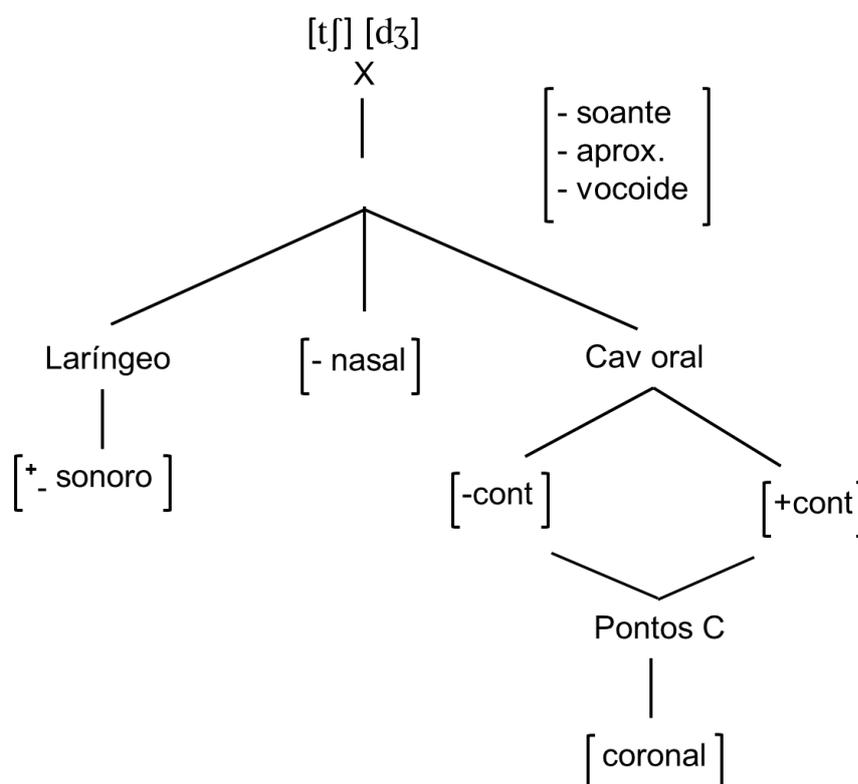


Fonte: Autor (2017)

Como se pode ver na figura 23, a representação arbórea descreve o processo pelo qual ocorre a palatalização das oclusivas alveolares no português falado em Maceió, revelando a importância do traço coronal, que por ser comum a ambos os sons permite a transposição e hibridização do traço contínuo, dando origem a um segmento de contorno com traço contínuo opoitor com marca positiva e negativa, processo que não acontece com outro conjunto de sons do português.

A junção desses diferentes traços fonológicos – contínuo e não contínuo – relacionados à saída do ar pela cavidade oral dá origem a um som inicialmente, obstruente, mas seguido imediatamente de uma rápida escapada de ar. O resultado deste processo pode ser visto na árvore 24:

Figura 24 – Resultado do processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo



Fonte: Autor (2017)

Caracterizando um típico segmento de contorno, ao apresentar a oposição binária de marcas positiva e negativa do traço contínuo, o processo de palatalização das oclusivas alveolares admite, a partir de um espriamento não marcado, a hibridização de traços, principiando uma metástase retardada em um ambiente fonológico tradicionalmente preenchido por oclusivas. Deste modo, defendo que o traço coronal participa ativamente do processo de engatilhamento da palatalização progressiva das oclusivas alveolares, ao favorecer a assimilação do traço +contínuo pelas oclusivas /t/ e /d/.

A palatalização progressiva das oclusivas alveolares realizadas no Português Brasileiro falado em Maceió apresenta como gatilho do processo os traços articulatórios coronal e contínuo, que autorizam, em atuação conjunta, a transposição do traço +contínuo, comum ao fone engatilhador, às oclusivas alveolares /t/ e /d/, outorgando a realização do fenômeno e permitindo que um som originalmente simples se apresente de forma africada.

Assumo, portanto, que este processo de palatalização das oclusivas alveolares apresenta como gatilho de realização não apenas um traço fonológico simples, mas

há uma atuação em conjunto dos traços +coronal e +contínuo, levando em consideração que somente em contextos em que ambos os traços aparecem em comunhão é possível a concretização do processo de palatalização.

É a presença desses traços no fone que antecede às oclusivas alveolares que abre a possibilidade de espriamento não marcado para a consoante, funcionando como gatilho do processo e autorizando a palatalização, o que acarreta a transmutação de um fone oclusivo para um fone africado, caracterizando o processo progressivo de palatalização das oclusivas alveolares.

Assim, vejo a palatalização das oclusivas alveolares em sua realização progressiva, forma mais comum na cidade de Maceió, como um processo fonológico resultante da comunhão de traços fonéticos que, ao atuarem em conjunto, afetam o contexto no qual estão inseridos e permitem a realização de um novo traço, o que acarreta a realização de um novo fone nesse contexto, ou seja, uma consoante africada.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta tese foi apresentar uma análise variacionista dos processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió, com o intuito de investigar e descobrir as correlações linguísticas e sociais condicionantes do processo, bem como apresentar um modelo fonológico que explique a realização de tal fenômeno linguístico.

Uma vez investigados os processos de palatalização em contexto regressivo e progressivo, ficou patente que a palatalização regressiva em Maceió não tem realização estatisticamente significativa, não alcançando nem 1% de produções palatalizadas, ao passo que a palatalização progressiva demonstrou expressiva significância seja com a fricativa /S/ ou com a semivogal [j] em posição de gatilho.

A partir dos contrastes estatísticos de realização, os diferentes ambientes fonológicos demonstram comportamento distinto em relação às variáveis linguísticas e sociais, apresentando particularidades de condicionamento da regra para cada contexto e apontando indícios de que o processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo diante da fricativa /S/ em posição de gatilho não tem o mesmo comportamento de realização que o processo de palatalização quando tem a semivogal [j] nesta mesma posição.

Apresento, assim, as conclusões, neste espaço, para cada uma das análises realizadas, primeiro com a fricativa /S/, depois com a semivogal [j] em posição de gatilho e, por fim, os resultados da análise fonológica dos processos de palatalização.

Considerando a correlação resultante da análise estatística dos dados entre o processo de palatalização das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ em posição de gatilho com as variáveis linguísticas e sociais, posso salientar que:

- A variável tamanho da palavra não exerce influência no processo;
- A posição postônica favorece o processo;
- No contexto seguinte às oclusivas, a presença da vogal anterior alta /i/ é a mais produtiva;
- Há um favorecimento ao processo de palatalização, no contexto anterior ao gatilho, com a vogal /u/ e uma inibição com a vogal /i/;
- Há interação entre escolaridade e idade, demonstrando que quanto mais jovem, maior a sensibilidade do falante aos efeitos normativos da escola;

- A interação entre sexo e escolaridade é significativa, revelando que os efeitos da escolaridade são mais perceptíveis com o público feminino.

Por outro lado, ao considerar os resultados das análises estatísticas no contexto com a semivogal [j] em posição de gatilho, as ilações podem ser as seguintes:

- O tamanho da palavra interfere no processo de palatalização, no sentido que quanto maior for, maior também será a possibilidade de haver palatalização;
- A variável acento não apresenta interferência no processo de palatalização;
- Na posição de contexto seguinte às oclusivas, as vogais altas /i/ e /u/ são favorecedores do processo;
- No contexto anterior ao gatilho, há uma clara inibição ao processo de palatalização com a vogal /a/ e um favorecimento à realização da regra com as vogais /o/ e /u/;
- A interação entre idade e escolaridade é acentuada, demonstrando que o público mais jovem é bem mais sensível à interferência da escolarização na escolha das variantes linguísticas;
- O público feminino desfavorece a realização das variantes palatalizadas.

Observando contrastivamente os resultados, é nítido que dependendo do contexto do gatilho, se a fricativa /S/ ou a semivogal [j], como há uma distinta correlação das variáveis internas e externas quanto ao processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió.

O tamanho da palavra, por exemplo, mostrou significativa correlação estatística com o processo de palatalização apenas em contexto de semivogal [j] em posição de gatilho, no sentido que quanto menor a palavra neste contexto, menor também a possibilidade de realização palatalizada.

A tonicidade da palavra investigada em contexto da semivogal [j] em posição de gatilho demonstrou, em consonância com outros estudos sobre a palatalização progressiva (SANTOS, 1996 e SOUZA NETO, 2014), o não condicionamento das variantes, sendo irrelevante para o processo de palatalização a tonicidade da posição silábica da consoante oclusiva.

Por outro lado, o processo de palatalização em contexto da fricativa /S/ apresentou favorecimento da variante palatalizada quando localizada em posição postônica, evidenciando, mais uma vez, que ambos os processos de palatalização das oclusivas alveolares são distintos e, portanto, condicionados por fatores linguísticos e sociais diferentes.

Quanto a correlação do contexto seguinte com o processo de palatalização, o contexto com a fricativa /S/ em posição de gatilho se mostrou favorecido com a presença da vogal anterior alta /i/ localizada após a oclusiva, revelando consonância com outras pesquisas sobre a palatalização, como Bisol (1991); Santos (1996); Carvalho (2002), Pagotto (2004) e Souza Neto (2014). É importante lembrar que embora a presença do vogal alta /i/ em contexto seguinte possa suscitar a ideia de um gatilho regressivo para o processo de palatalização, essa hipótese é descartada, tendo como argumento o fato de que dos 5.210 dados investigados na análise, houve uma produtividade de variantes palatalizadas em torno de apenas 0,6%, o que mostra claramente que a palatalização regressiva não é significativamente produtiva na comunidade de fala de Maceió, logo não é a presença da vogal /i/ no contexto seguinte que dispara o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió, apesar de favorecê-lo.

Possivelmente, esse contexto é favorecedor do processo de palatalização por apresentar fones portadores do traço +coronal em posição anterior (gatilho) e posterior à oclusiva. Como há uma ordenação em conjunto dos traços dos fonemas, é de se esperar que a presença do traço +coronal em três fones consecutivos favoreça o espraiamento do traço +contínuo à consoante oclusiva, favorecendo sua realização africada.

Há uma aparente inovação ao processo de palatalização das oclusivas alveolares quanto ao contexto seguinte quando se tem a semivogal [j] em posição de gatilho, pois neste caso não apenas a vogal /i/ mostrou-se favorecedora das variantes palatalizadas, mas também a vogal /u/, o que revela que o traço +altura da vogal seguinte também está afetando o processo de palatalização.

A variável contexto anterior ao gatilho trouxe diferentes resultados de correlação com as variantes palatalizadas de acordo com o gatilho, se fricativa /S/ ou semivogal [j]. Ao ter a fricativa /S/ em posição de gatilho, o seu contexto anterior mostrou-se mais produtivo com a vogal /u/ e apresentou inibição do processo com a vogal /i/. Em contexto de semivogal [j] em posição de gatilho, a realização da vogal /a/ em contexto

anterior se apresentou como inibidora do processo e as vogais /o/ e /u/ favorecedoras. Embora seja difícil apontar uma explicação generalizável dos resultados, em ambos os casos, há uma aparente interferência do ponto labial da vogal em favor do processo de palatalização.

A variável linguística vozeamento se comporta do mesmo modo independente do contexto anterior à oclusiva, revelando que a consoante desvozeada /t/, como esperado, favorece, em ambos os casos, o processo de palatalização, ao passo que a consoante vozeada /d/ o restringe.

De igual modo, a variável fronteira lexical revelou, em ambos os contextos de palatalização das oclusivas alveolares, seja com a fricativa /S/ ou com a semivogal [j], que embora seja possível a palatalização das consoantes oclusivas em palavras fonológicas que extrapolem os limites das palavras lexicais, sua realização é bastante limitada e sua produtividade é estatisticamente não significativa. Sendo, conseqüentemente, o fator de não fronteira mais significativo em ambos os contextos de investigação.

Os dados da pesquisa também sugerem que a interferência dos fatores sociais se dá com diferente intensidade, dependente do contexto, revelando, por exemplo, que o efeito da escolaridade sobre a idade é mais acentuado quando há a semivogal [j] anterior às oclusivas alveolares e que somente há significativa interação social entre sexo e escolaridade com contexto de fricativa /S/ em posição de gatilho.

A interação entre as variáveis sociais sexo e escolaridade no contexto da fricativa /S/ em posição de gatilho revelam que as mulheres apresentam uma maior sensibilidade aos efeitos de valoração da escolarização às variantes linguísticas, no sentido de que quanto maior for a escolaridade da colaboradora também será maior sua resistência à realização às formas palatalizadas das consoantes. Tal reação social aponta a presença de uma marca social negativa nas variantes linguísticas palatalizadas na cidade de Maceió, já que são evitadas pelos falantes com maior nível de escolarização e ainda mais quando são mulheres.

Em ambos os contextos de realização do processo de palatalização das oclusivas alveolares, seja com a fricativa /S/ ou com a semivogal [j] em posição de gatilho, houve interação entre as variáveis externas idade e escolaridade. Essa interação tem apontado que os efeitos da escolaridade sobre as escolhas das variantes linguísticas pelos falantes são mais intensos com colaboradores mais jovens, com idade entre 18 e 35 anos, condicionando-os a evitarem as formas

palatalizadas e produzirem as formas oclusivas. Isso revela que as formas palatalizadas sofrem de certo estigma social e que o ambiente escolar vem se tornando o grande fomentador deste valor social negativo, sendo, portanto, maior sua influência entre os falantes mais jovens que frequentam ambientes educacionais.

Assim, é possível afirmar, com base nos dados analisados, que o processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares em Maceió padece de um valor socialmente negativo, embora o efeito desta marca afete diferentemente o processo, sendo mais evidente quando o contexto da consoante é antecedido por um ditongo em [j].

Comparando os dados desta tese com os resultados de Santos (1996), que também investigou o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió, historicamente, a palatalização em contexto anterior de semivogal [j] obteve uma considerável redução de produção, caindo de 43% para 20,6%, ao passo que em contexto da fricativa /S/ houve um aumento de 6% para 19,1%, sugerindo que a estigmatização do processo de palatalização tem se tornado mais expressiva em contexto de semivogal.

Os dados sociais apontam, de uma forma geral, para o enfraquecimento das variantes palatalizadas, uma vez que genericamente as pessoas mais jovens, mais escolarizadas e do sexo feminino tendem a evitar essas formas e preferirem os fones oclusivos. Ou seja, embora aparentemente tenha havido um crescimento de uso das formas palatalizadas em contexto da fricativa /S/ na posição de gatilho nos últimos vinte anos, não é possível afirmar que esta forma esteja em expansão, mas apenas que porta uma marca social de estigma mais sutil, sendo menos evitada que a palatalização diante da semivogal [j].

A proposta fonológica para explicar o processo de palatalização das oclusivas alveolares é que há interferência dos traços [+coronal] e [+contínuo] – presentes no elemento fonológico anterior às oclusivas – na realização da consoante. A percepção é que ambos os traços, presentes neste contexto, funcionam em conjunto, como gatilho do processo, alterando o traço [-contínuo] da consoante seguinte, que afetada pela positividade do traço contínuo apresenta um comportamento misto, dando origem a uma metástase retardada, característica dos sons africados.

Portanto, através de um processo de contorno fonológico, as consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/, que possuem o traço [-contínuo], sofrem a assimilação do traço [+contínuo] do segmento anterior – quando há o compartilhamento do traço

[+coronal] – e se transformam em consoantes africadas, caracterizando o processo de palatalização das oclusivas alveolares.

Foi meu objetivo, com esta tese, mostrar o desenvolvimento progressivo de uma pesquisa em sociolinguística, começando pelos recortes teóricos, pela seleção do objeto de investigação, seu comportamento histórico, sua particular realização na comunidade de fala investigada, os resultados matemáticos e as interpretações para os números obtidos. Talvez, de modo ousado, comparei cada etapa da pesquisa com o ofício do fotógrafo, levando em consideração que não há uma realização puramente objetiva em ambas atividades, mas é sempre um processo e que assim como a materialidade da fotografia resultada de toda subjetividade de quem segura a câmera, no caso da pesquisa em sociolinguística, os resultados também são afetados pelo olhar do pesquisador.

Tenho clareza que a mesma pesquisa poderia resultar em um trabalho completamente diferente caso tivesse sido executada por outro profissional e que as minhas verdades aqui apresentadas não são axiomas que encerram as discussões sobre a palatalização das oclusivas alveolares, dispondo somente de breves lampejos que tentam trazer mais um tom de luz a esse fenômeno para que possa ser melhor visualizado e compreendido.

Sabendo que a discussão não está encerrada e que novos trabalhos se tornam necessários para retratar novos ângulos de observação para essa imagem, esta tese tem a pretensão de se tornar uma ferramenta para futuras pesquisas sobre o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares, em especial sobre a palatalização progressiva.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Jakson Alves. **R para cientistas sociais**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2014.
- ARAGÃO, Maria Socorro. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. In: **Revista Graphos**. João Pessoa: UFPB. Vol. 12, N. 2, Dez./2010. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/10907/6112>. Acesso em: 07/01/2016 às 7h25min.
- ASSIS, Maria Cristina. História da Língua Portuguesa. In: **Revista Letras**, 2011. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf>. Acesso em: 08/09/2015 às 10h54min.
- BAAYEN, Harald. **Analyzing linguistic data: a practical introduction to statistics using R**. New York, Cambridge: 2008.
- BARBOSA, Plínio.; MADUREIRA, Sandra. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do Português**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto; Palatalização das oclusivas alveolares em uma comunidade ítalo-brasileira: variação linguística como prática social. In: MARÇALO, João.; et al. **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora: Universidade de Évora, 2010.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto; PIRES LUCAS, João Inácio.; BOVO, Nírive. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos colaboradores. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.
- BATTISTI, Elisa; ROSA, Renan Silveiro. Variação e mudança linguística: análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do rio grande do Sul. **Web-Revista Sociodialeto**. Vol. 2, n. 2, novembro de 2012. Disponível em <www.sociodialeto.com.br>. Acessado em 13 de janeiro de 2016.
- BISOL, Leda. (Org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, Leda. Fonologia: uma entrevista com Leda Bisol. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acessado em 10 de outubro de 2014 às 11h54min.
- BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. In: **International Journal of Sociology of Language**, Mouton, n. 89, p. 107-124, 1991.
- BLOOMFIELD. Leonard. **Language**. London: George Allen and Unwin LTD, 1956.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. **Acórdão**. Recurso Eleitoral nº 2286/PR. Responsabilidade Civil do Estado. Indeferimento. Candidatura. Relator Manoel Caetano Ferreira Filho. TER-PR, Curitiba, 6 de agosto de 2004.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Estatística do Eleitorado**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br>>. Acessado em 22 de dezembro de 2016 às 8h50min.

BUSSE, Sanimar. Investigações geossociolinguísticas: considerações para uma descrição dos fenômenos da variação. **Revista Letras e Línguas**. Vol. 13, Nº 24, p. 89-116, jan./jun. 2012.

CALLOU, Dinah.; LEITE, Yvone. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. **História da linguística**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARVALHO, Sérgio. **A palatalização das plosivas dentais na fala de pescadores no norte e noroeste do Rio de Janeiro**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino. (Orgs.). **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**: Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. I, Elocuções Formais, 1986.

CHESHIRE, Jenny. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.) **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, 2003. Blackwell Reference Online. 31 December 2007 <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405116923_chunk_g978140511692324> Acessado em 11 de outubro de 2014 às 12h50min.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The patterns sounds of English**. New York: Haper and Row, 1991.

CLARKE, Sandra. **Language in Newfoundland and Labrador**: past, present and future. Journal of the Canadian Association of Applied Linguistics. V. 19, 11–34, 1997.

CLEMENTS, George Nick. The geometry of phonology features (1985). In: GOLDSMITH, Jonh. (Org.) **Phonological Theory**: the essential readings. Massachusetts: Blackwell, 1999.

CLEMENTS, George Nick.; HUME, Elizabeth. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GLODSMITH, Jonh. **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell Publishing, 1996. Blackwell Reference Online. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631201267_chunk_g97806312012679> Acessado em 20 de maio de 2015 às 13h10min.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. Col. Os pensadores. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Victor Civita, 1978.

CREGAN, Aine. **Sociolinguistic Perspectives on the Context of Schooling in Ireland**. Vol. II: parent perceptions. Combat Poverty Agency. Working Paper Series 08/04. August, 2008. Disponível em: <<http://www.combatpoverty.ie/publications>>. Acessado 28 de novembro de 2016 às 9h30min.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís et al. Revisitando a palatalização no português brasileiro. In: **Revista de estudos linguísticos**. V. 20, n. 2, Belo Horizonte. p. 59-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/>>. Acessado em 10 de novembro de 2016 às 13h30min.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português**. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2001.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Trad. Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DUTRA, Eduardo de Oliveira. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município de Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2007.

ECKERT, Penelope. **The meaning of style**. Texas Linguistic Forum, 47, 2004, p. 41-53. Disponível em <<http://studentorgs.utexas.edu/salsa/proceedings/2003/eckert.htm>>. Acessado em 10 de outubro de 2014 às 14h30min.

ECKERT, Penelope. The whole woman: Sex and gender differences in variation. In: **Language Variation and Change**. Vol. 1. Cambridge: University Press, 1989, p 245-268.

FISHMAN, Joshua. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968.

GOLDSMITH, John. Phonological Theory. In: GOLDSMITH, John. **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell Publishing, 1996. Blackwell Reference Online. 31 December 2007. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631201267_chunk_g97806312012673>. Acessado em 20 de maio de 2015 às 13h10min.

GRIES, Stefan. **Statistics for Linguistics with R: A Practical Introduction**. 2 Ed. Berlin, 2013.

HENRIQUE, Pedro; HORA, Demerval. **Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense**. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal-RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012.

HORA, Demerval da. **A palatalização das oclusivas dentais**: variação e representação não-linear. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, PUC-RS, Porto Alegre, 1990.

HYMAN, Larry. **Phonology**: theory and analysis. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

HYMES, Dell. Foreword. In: FISHMAN, Joshua. **The Sociology of language**: An interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, MA: Newbury House, 1972.

IBGE. **Cidades**. 2014. Disponível em < <http://cod.ibge.gov.br/ZGY>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3 Ed. São Paulo: Ática, 1999.

INSTITUTO THÉO INSTITUTO THÉO BRANDÃO. **Maceió**: 180 anos de história. Maceió: Grafitex, 1995.

KAY, Paul; McDANIEL, Chad. On the logic of variable rules. In: **Language in Society**, v. 8, n. 2, 1979. p. 151-187.

KENT, Ray; READ, Charles. **Análise acústica da fala**. Trad. Alexsandro Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

KOERNER, Ernst. **Toward a History of American Linguistics**. New York: Routledge, 2002.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Vol. I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Vol. II: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: LABOV, William. **Language Variation and Change**. V. 2. Cambridge: University Press, 205-254, 1991.

LADEFOGED, Peter. **A Course in Phonetics**. New York: Harcourt, Brace & Jovanovich, 1975

LADEIRA, Wânia Terezinha. **Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional**. Revista de C. Humanas, Vol. 7, Nº 1, p. 43-56, Jan./Jun. 2007

LUCCHESI, Dante. **A variação da concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

MANNELL, Robert. **Speech Acoustics: Speech Waveforms**. Sidney: Macquarie University, 2008. Disponível em: <<http://clas.mq.edu.au/speech/acoustics/waveforms/index.html>>. Acessado em 09 de novembro de 2016 às 16h40min.

MATTOSO CÂMARA JR. Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAYBIN, Janet. Language and education. In: LLAMAS, Carme; MULLANY, Louise; Stockwell, Peter. (Orgs.) **The routledge companion to sociolinguistics**. New York: Routledge, 2007.

MENDOZA-DENTON, Norma. Language and identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds). **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing. 363-381. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/book?id=g9781405116923_9781405116923>. Acessado em 12 de maio de 2016 às 15h40min.

MEYERHOFF, Mirian. **Introducing Sociolinguistics**. New York: Routledge, 2006.

MILROY, Lesley.; GORDON, Mathew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell Publish, 2003.

MOTA, Jacira; ROLEMBERG, Vera. (Orgs.). **A Linguagem Falada Culta na Cidade de Salvador**. Materiais para seu estudo. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, vol. I, Diálogos entre Colaborador e Documentador. 1994.

MOTA, Jacira; ROLEMBERG, Vera. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, Demerval da. (Org.) **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131 - 140.

NARO, Anthony Julius; SCHERE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NEUSCHRANK, Aline.; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. A palatalização na diacronia do PB: o surgimento dos segmentos palatais à luz de teoria fonológica. In: **Linguística**. Montevidéo, vol. 27. p. 18 - 46, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X201200020003> Acesso em 14 jan. 2014 às 9h30min.

OLIVEIRA, Alan Jardel. Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. In: Rev. **Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 93 -119, jul./dez. 2009.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variação e (') identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAULA, Alice Telles de. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilingues de Taquara e Panambi – RS: Análise quantitativa**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). UFRS, Porto Alegre, 2006.

PAVEAU, Marie-Anne.; SARFATI, Georges-Elia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Trad. M.R. Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006.

PIRES, Lisiane Buchholz. A palatalização das oclusivas dentais em São Borja. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Edição especial n. 1, 2007. Disponível em <www.revel.inf.br> Acesso em 04 jun. 2012 às 11h00min.

RIBEIRO, Joaquim. **História da romanização da América**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. In: **Ciência e Cultura**, [on-line] v. 57, n. 02. p. 35 - 38, 2005. Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>> Acesso em 23 de janeiro de 2017, às 8h20min.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário**, n. 36, p. 45-56, 1. sem. 2008.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DTTMAR, Norbert & MATTEIR, Klaus J. (eds.) **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998. (Tradução caseira de Maria Marta Pereira Scherre. Brasília, 1992: revista em 1993, incorporando sugestões detalhadas de Ivone Isidoro Pinto (UFRJ), Maria Thereza Gomes Fioretti (UFRJ) e Maria Clara Álvares Correa Dias (UnB).

SANKOFF, Gillian. Age: Apparent time and real time. In: BROWN, Keith. (Ed.). **Encyclopedia of Language and Linguistics**, 2 Ed., Oxford: Elsevier, 2006, p. 100-115.

SANTOS, Lúcia de Fátima. **Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL-UFAL, Maceió, 1996.

SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana. Teoria da variação e mudança linguística. In: COSTA, Januacele Francisca; SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana. (Orgs.) **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011, p. 14-28.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO – SEMPLA. **Planejamento urbano**. Desenvolvido pela Prefeitura de Maceió. Disponível em: <<http://www.sempla.maceio.al.gov.br/planejamentourbano.htm>> Acesso em 10 de setembro de 2015 às 15h45min.

SEVERO, Cristine. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Voz das Letras**, Revista da Universidade do Contestado, número 9, p. 1-17, 2008.

SILVA NETO, Serafim da. Um traço da pronúncia caipira. In: SILVA NETO, Serafim da. **Língua, cultura e civilização**. Rio de Janeiro: Acadêmica. p. 67 - 90, 1960.

SILVA, Alexandre Manuel. **Economia de Maceió**: diagnóstico e propostas para construção de uma nova realidade. Maceió: Edufal, 2013.

SOUZA NETO, Antônio Félix. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014.

TAGLIAMONTE, Sali. A. **Analyzing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TEETOR, Paul. **Cookbook**. Sebastopol: O'Reilly Media, 2011.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TRUBETSKOY, Nicolai. **Principles of phonology**. University of California Press. Berkeley, 1969.

TRUDGILL, Peter. **Language in the British Isles**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VASCONCELOS, José Leite de. Origem e evolução da Língua Portuguesa. In: BECHARA, Evanildo. (Org.) **Estudo da Língua Portuguesa**: textos de apoio. Brasília: Funag, 2010.

VITÓRIO, Elyne. Sobre ter e haver existenciais na norma culta alagoana. In: COSTA, Januacele; SANTOS, Renata; VITÓRIO, Elyne. (Org.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51- 58.

WAGNER, Suzanne Evans. Age Grading in Sociolinguistic Theory. In: **Language and Linguistics Compass**. New Jersey, Blackwell Publishing Ltd. 6/6 (2012). p. 371-382, 2012.

WANG, William. **Vowel features, paired variables and the English vowel shift**. Language, Baltimore, MD, n. 44, p. 695-708, 1968.

WARDHAUGH, Ronald. **An introduction to sociolinguistics**. 6. Ed. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

WATT, Dominic. Variation and the variable. In: LLAMAS, Carmen; MULLANY, Louise.; STOCKWELL, Peter. (Eds). **The Routledge companion to sociolinguistics**. New York: Routledge, 2007.

WIENREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

WILLIAMS, Edwin. **Do latim ao português**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntári(o,a) da pesquisa e pelo responsável.

Assinatura de todos os pesquisadores na última página e rubrica nas demais)

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa." (Resolução. Nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu,, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo *Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió* recebi do Sr. Prof. Ms. Almir Almeida de Oliveira, doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras Linguística da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina à identificação e análise de uma variante linguística;
- Que a importância deste estudo é a de explicar a realização fonética/fonológica dos elementos linguísticos em análise;
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: a presença/ausência do fenômeno linguístico em análise;
- Que esse estudo começará em junho de 2013 e terminará em setembro de 2014;
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: análise sociolinguística dos dados de áudio coletados;
- Que eu participarei das seguintes etapas: da gravação do áudio de fala;
- Que os outros meios conhecidos para se obter os mesmos resultados são as seguintes: não há.
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: serão apenas os do ato da gravação;
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são mínimos;
- Que deverei contar com a seguinte assistência: não há, sendo responsável(is) por ela: não há;
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: a análise do áudio coletado possibilitará o resultado da pesquisa;
- Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: unicamente a partir da disponibilidade dos dados de áudio gravados;
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais

estudiosos do assunto;

- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o sujeito da pesquisa;
- Que eu serei indenizado por qualquer dano físico, psíquico, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual que venha a sofrer com a participação na pesquisa;

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência: Sr(a).

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Endereço d(os,as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Av. Maceió, 397

Bloco: /Nº: /Complemento: Bl. 07, Ap. 303

Bairro: /CEP/Cidade: Tabuleiro, 57061-110, Maceió-AL

Telefones p/contato: (82) 9629-4668

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas:

Prédio da Reitoria, sala do C.O.C., Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041

Maceió,

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal - Rubricar as demais folhas)	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

